

Sabrina Mara Sant'Anna



**SOBRE O MEIO DO ALTAR:
os sacrários produzidos na região centro-sul
das Minas Gerais setecentistas**



Belo Horizonte
2015

Sabrina Mara Sant'Anna

**SOBRE O MEIO DO ALTAR:
os sacrários produzidos na região centro-sul
das Minas Gerais setecentistas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em História.

Área de concentração: História Social da Cultura
Orientadora: Adalgisa Arantes Campos
Universidade Federal de Minas Gerais
Coorientador: Francisco de Assis Costa Taborda, SJ
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PÓSGRADUAÇÃO
históriaufmg

Tese defendida pela aluna **Sabrina Mara Sant 'Anna** em **30 de Junho de 2015** e **aprovada**, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Adalgisa Arantes Campos – Orientadora
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Francisco de Assis Costa Taborda – Coorientador
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Profa. Dra. Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rodrigo Almeida Bastos
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. André Luis Pereira Miatello
Universidade Federal de Minas Gerais

Para El Shamah



Em homenagem a:
Irene Alves Sant'Anna
Dilermando José de Sant'Anna
Manoel Hygino dos Santos e
Hênio Tavares (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Dra. Adalgisa Arantes Campos a sugestão do tema desta tese, os conselhos e orientações científicas, a indicação de fontes documentais e referências bibliográficas, a cessão de algumas transcrições de manuscritos, o empréstimo de sua residência ouro-pretana na época das pesquisas de campo e a correção de meus textos.

Agradeço ao professor Dr. Francisco Taborda, SJ, a indicação de referências bibliográficas e fontes eclesiais importantes para a compreensão da história da casa do Santíssimo, a tradução de documentos seiscentistas e setecentistas redigidos em latim, as “aulas particulares” sobre assuntos da teologia pré e pós-tridentina, em especial a doutrina da presença real e o desenvolvimento do culto e dos ritos eucarísticos, a indicação de passagens bíblicas imprescindíveis para o entendimento da iconografia cristã, as orientações científicas e a correção de meus textos.

Agradeço ao amigo Juninho Motta as várias fotografias que generosamente fez para esta tese, às autoridades eclesiais (Cônego Pe. Nedson Pereira de Assis - Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Mariana; Pe. Marcelo Moreira Santiago - Basílica de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto; Cônego Pe. Luiz Carlos César Ferreira Carneiro - Santuário de Nossa Senhora da Conceição, Ouro Preto; Pe. João Carlos da Silva - Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sabará; Pe. Geraldo Magela - Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei; Pe. Ademir Sebastião Longatti - Matriz de Santo Antônio, Tiradentes) e à Dra. Mônica Eustáquio Fonseca (coordenadora do Inventário do Patrimônio Cultural da Arquidiocese de Belo Horizonte) por permitirem a realização do serviço fotográfico.

Agradeço ao amigo João Henrique Grossi Sad Jr. e à minha irmã Samantha Úrsula Sant’Anna a elaboração dos desenhos em planta dos seis sacrários eucarísticos selecionados para estudo e a interlocução sobre a forma e o artifício construtivo empregado em cada um deles.

Agradeço aos amigos Denise Aparecida Sousa Duarte, Wesley Fernandes Rodrigues, Valquíria Ferreira da Silva, Herinaldo Oliveira Alves, Alex Fernandes Bohrer, João Henrique Grossi Sad Jr., Menderson Correia Bulcão, José Pereira Brito Júnior e Hélia Regina Mesquita de Jesus o diálogo, a indicação de referências bibliográficas e a transcrição de algumas fontes manuscritas analisadas neste estudo.

RESUMO

Esta tese versa sobre a casa do Santíssimo Sacramento, sendo seu objeto de estudo o sacrário fixo sobre o meio do altar. A pesquisa privilegiou a análise da composição artística (iconografia, simbolismo e forma) dos tabernáculos eucarísticos de seis importantes sedes paroquiais erigidas na região centro-sul das Minas Gerais setecentistas, a saber: Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, atual município de Sabará), Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Vila do Ribeirão do Carmo / Catedral de Nossa Senhora da Assunção e cidade de Mariana a partir de 1745), Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Vila Rica, Ouro Preto), Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Vila Rica, Ouro Preto), Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Vila de São João d'El Rey, São João del-Rei) e Matriz de Santo Antônio (Vila de São José d'El Rey, Tiradentes). Ressalta-se que os exemplares selecionados para estudo foram concebidos como parte integrante de retábulos edificadas em estilo nacional-português e joanino entre os anos 1710 e 1768 por entalhadores lusitanos. A pesquisa demonstrou que o cerne das diretrizes do décimo terceiro capítulo dos *Instructionum Fabricae Ecclesiasticae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo*, código publicado em 1577 pelo bispo de Milão, Carlos Borromeu, e o simbolismo numérico ensinado pelos padres desde a antiguidade cristã foram respeitados e aplicados na arte dos sacrários eucarísticos analisados. No que diz respeito aos tabernáculos fixos sobre os altares confrariais localizados na nave dos templos, a investigação apontou dois tipos: os decorativos (fabricados com portinhola falsa, isto é, sem dobradiças e fechadura) e os funcionais (que serviam como casa provisória do Santíssimo e como cofre de relíquias sagradas).

Palavras-chave: sacrário, tabernáculo, casa do Santíssimo, iconografia cristã, simbolismo numérico, cofre de relíquias sagradas.

ABSTRACT

The present thesis deals with the Holy Sacrament's house, being its subject the sacrarium fixed on the middle of the altar. The research has considered mainly the artistic composition (iconography, symbolism and form) of the eucharistic tabernacles of six important 18th century parochial seats, raised on Minas Gerais South Midlands, as follows: Mother Church of Nossa Senhora da Conceição (Vila Real de Nossa Senhora do Sabará, nowadays the city of Sabará); Mother Church of Nossa Senhora da Conceição (Vila do Ribeirão do Carmo / Cathedral of Nossa Senhora da Assunção and city of Mariana from 1745 onwards); Mother Church of Nossa Senhora do Pilar (Vila Rica, Ouro Preto); Mother Church of Nossa Senhora da Conceição (Vila Rica, Ouro Preto); Mother Church of Nossa Senhora do Pilar (Vila de São João d'El Rey, São João del-Rei) and Mother Church of Santo Antônio (Vila de São Jose d'El Rey, Tiradentes). Noteworthy is the fact that the cases selected for study were conceived as constituent parts of retables erected in portuguese-national and joanine style between 1710 and 1768 by Portuguese carvers. The research has demonstrated that the guideline's kernel of the 13th chapter of *Instructionum Fabricae Ecclesiasticae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo* (a code published in 1577 by Carlos Borromeu, bishop of Milan), and the numerical symbolism taught by the clergy long since Christian antiquity, were respected and applied to the features of the Eucharistic sacraria analysed here. As for those tabernacles fixed on brotherhood altars, placed on the nave of the temples, investigation has pointed out two patterns: *decorative* (conceived with a false door, i. e., without hinges and lock) and *functional* (serving as a temporary house for the Holy Sacrament and safe for relics).

Keywords: sacrarium, tabernacle, Holy Sacrament's house, christian iconography, numerical symbolism, relics safe.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa com a localização das vilas selecionadas para estudo	23
Figura 1 – Pombas Eucarísticas (Walters Art Museum, Baltimore)	34
Figura 2 – Pombas Eucarísticas (Museum of Fine Arts, Boston)	34
Figura 3 – Haste ornamental em forma de báculo com pomba eucarística suspensa e coberta pelo conopeu (ilustração do dicionário de VIOLLET-LE-DUC)	35
Figura 4 – Tabernáculo mural (Basilica de São Clemente, Roma, Itália)	36
Figura 5 – Edícula Eucarística (Igreja de São Lourenço, Nuremberg, Alemanha)	38
Figura 6 – Edícula Eucarística (Igreja de St. Martin, <u>Kortrijk</u> , Bélgica)	39
Figura 7 – Sacrário Eucarístico (Catedral do Funchal, Ilha da Madeira, Portugal)	46
Figura 8 – Altar-retábulo com sacrário fixo ao centro (Catedral do Funchal, Ilha da Madeira, Portugal)	47
Figura 9 – Capela-mor sem sacrário fixo sobre o altar-retábulo (Catedral de Coimbra, Portugal)	49
Figura 10 – Capela do Santíssimo Sacramento (Catedral de Coimbra, Portugal)	50
Figura 11 – Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito)	58
Figura 12 – Sacrário do altar-mor da Matriz de Bom Jesus do Monte Furquim (Furquim)	59
Figura 13 – Sacrário do altar da Capela do Santíssimo da Matriz de Santo Antônio (Santa Bárbara)	59
Figura 14 – Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Sabará)	66

Figura 15 – Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Mariana)	68
Figura 16 – Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto)	69
Figura 17 – Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto)	72
Figura 18 – Detalhe da cena representada na portinhola do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto)	73
Figura 19 – Detalhe do arremate fixado sobre o sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto)	73
Figura 20 – Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei)	76
Figura 21 – Detalhe do arremate do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei)	77
Figura 22 – Detalhe dos símbolos de João (águia) e Mateus (homem alado) representados no sacrário do altar-mor da matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei)	77
Figura 23 – Detalhe dos símbolos de Marcos (leão) e Lucas (boi) representados no sacrário do altar-mor da matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei)	78
Figura 24 – Sacrário do altar-mor da Matriz de Santo Antônio (Tiradentes)	80
Figura 25 – Portinhola do sacrário da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Sabará)	88
Figura 26 – Portinhola do sacrário da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Mariana)	89
Figura 27 – Portinhola do sacrário da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto)	90
Figura 28 – Portinhola do sacrário da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto)	94
Figura 29 – Portinhola do sacrário da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei)	96
Figura 30 – Portinhola do sacrário da Matriz de Santo Antônio (Tiradentes)	97

Figura 31 - Planta do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto)	100
Figura 32 – Face frontal do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto)	101
Figura 33 – Face lateral e posterior do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto)	101
Figura 34 – Retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto) depois das modificações feitas por José Coelho de Noronha (Ilustração de João Henrique Grossi Sad Jr.)	102
Figura 35 – Retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto)	103
Figura 36 – Planta do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei)	107
Figura 37 – Face frontal do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei)	108
Figura 38 – Face lateral do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei)	108
Figura 39 – Capela-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del Rei)	109
Figura 40 – Repositório das partículas eucarísticas do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei)	110
Figura 41 – Vista superior do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei)	111
Figura 42 – Face lateral do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (São João del-Rei)	112
Figura 43 – Planta do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Sabará)	113
Figura 44 – Face frontal do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Sabará)	114
Figura 45 – Retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Sabará)	114

Figura 46 – Planta do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Mariana)	115
Figura 47 – Sacrário semiesférico do altar-mor da matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Mariana)	115
Figura 48 – Retábulo-mor da matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Mariana)	116
FIGURA 49 – Face frontal do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto)	119
FIGURA 50 – Detalhe dos anjos que ornamentam o sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto)	119
FIGURA 51 – Planta do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto)	120
FIGURA 52 – Retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto)	121
FIGURA 53 – Retábulo-mor da Matriz de Santo Antônio (Tiradentes)	122
FIGURA 54 – Face frontal do sacrário do altar-mor da Matriz de Santo Antônio (Tiradentes)	123
FIGURA 55 – Face lateral do sacrário do altar-mor da Matriz de Santo Antônio (Tiradentes)	124
FIGURA 56 – Capela do Santíssimo Sacramento da Catedral de Nossa Senhora da Assunção (Mariana)	133
FIGURA 57 – Altar da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Catedral de Nossa Senhora da Assunção (Mariana)	134
FIGURA 58 – Detalhe do emblema no coroamento do altar próximo ao arco do cruzeiro, lado do evangelho, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Sabará)	140
FIGURA 59 - Sacrário do altar próximo ao arco do cruzeiro, lado do evangelho, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Sabará)	141
FIGURA 60 – Altar da capela próxima ao arco do cruzeiro, lado do evangelho, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Sabará)	142

- FIGURA 61 – Esquema da parede lateral da capela próxima ao arco do cruzeiro, lado do evangelho, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Sabará) 143
- FIGURA 62 – Sacrário do altar da Irmandade do Senhor dos Passos, nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto) 146
- FIGURA 63 – Interior do sacrário do altar da Irmandade do Senhor dos Passos, nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto) 147
- FIGURA 64 – Sacrário do altar da Irmandade do Senhor dos Passos, nave da Matriz de Santo Antônio (Tiradentes) 148
- FIGURA 65 – Sacrário do altar da Irmandade de Santo Antônio, nave da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto) 149
- FIGURA 66: Sacrário do altar da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto) 150
- FIGURA 67: Sacrário do altar da Irmandade de Santo Antônio (atualmente sem o espelho de prata no interior), nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto) 152

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As matrizes selecionadas para estudo	22
Quadro 2 – A iconografia dos sacrários eucarísticos	60
Quadro 3 – A iconografia, a forma das portinholas e dos sacrários eucarísticos	86
Quadro 4 – Os sacrários fixos sobre os altares confrariais da nave	126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEAM – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (Mariana)

AEDSJDR – Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del-Rei

AEPNSC – Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto)

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino

APNSP – Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto)

APT – Arquivo Paroquial de Tiradentes (Tiradentes)

APM – Arquivo Público Mineiro (Belo Horizonte)

CC/CECO - Casa dos Contos/Centro de Estudos do Ciclo do Ouro (Ouro Preto)

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
PARTE I	
A HISTÓRIA DA CASA DO SANTÍSSIMO	29
CAPÍTULO 1	
DO <i>CONDITORIUM</i> AO SACRÁRIO FIXO SOBRE O ALTAR	30
1.1 Formas e localizações do sacrário no templo: da antiguidade cristã ao século XIV	30
1.2 Fixo sobre o altar: o sacrário que se tornou convenção na era tridentina	40
PARTE II	
OS SACRÁRIOS DAS IGREJAS MATRIZES ERIGIDAS NAS PRINCIPAIS VILAS DA REGIÃO CENTRO SUL DAS MINAS GERAIS SETECENTISTAS	55
CAPÍTULO 2	
O REPERTÓRIO ICONOGRÁFICO DOS SACRÁRIOS EUCARÍSTICOS	56
2.1 Cachos de uva	64
2.2 O triunfo de Cristo sobre a morte	67
2.3 O batismo de Cristo	70
2.4 O Cordeiro sobre o Livro dos Sete Selos	74
2.5 O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo	79
CAPÍTULO 3	
A FORMA DAS PORTINHOLAS E DOS SACRÁRIOS EUCARÍSTICOS	82
3.1 As Instruções de Carlos Borromeu, a tradição do simbolismo numérico e as formas usadas na composição nos sacrários eucarísticos produzidos nas Minas Gerais setecentistas	82
3.2 A correlação entre a forma das portinholas e as mensagens expressas pelas iconografias nelas representadas	87
3.2.1 As portinholas com forma associada ao número oito	87
3.2.2 A portinhola com forma associada ao número seis	92

3.2.3 As portinholas com forma associada ao número doze	95
3.3 A forma dos sacrários eucarísticos	98
3.3.1 A forma documentada	99
3.3.2 As formas classificadas e as não identificadas	106

CAPÍTULO 4

A FUNÇÃO DOS SACRÁRIOS FIXOS SOBRE OS ALTARES CONFRARIAIS DA NAVE 126

4.1 A conservação da reserva eucarística em sacrário diferente daquele fixo sobre o altar-mor	128
4.1.1 O Santíssimo em casa provisória na Catedral de Mariana	129
4.1.2 O Santíssimo em casa provisória na Matriz do Arraial do Ribeirão de Santa Bárbara e na sede paroquial das Congonhas do Campo	135
4.1.3 Uma hipótese sobre a função do único sacrário localizado na nave da Matriz da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará	139
4.2 A guarda de relíquias sagradas nos sacrários da nave	145

CONSIDERAÇÕES FINAIS 154

REFERÊNCIAS 157

ANEXO 1 174

INSTRUCTIONUM FABRICAE ECCLESIASTICAE ET SUPPLEMENTILIS ECCLESIASTICAE LIBRI II. CAROLI S. R. E. Cardinalis tituli s. Praxedis, Archiepiscopi iussu, ex provinciali Decreto editi ad provinciae Mediolanensis usum. MEDIOLANI, Apud Pacificum Pontium, Typographu[m] Illustriss. Cardinalis S. Praxedis Archiepiscopi 1577. (CAPUT XIII.)

ANEXO 2 180

Breve histórico do processo de construção e ornamentação interna das matrizes da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, da Vila de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo, da Vila Rica, da Vila de São João d'El Rey e da Vila de São José d'El Rey durante o século XVIII

ANEXO 3

202

MISSALE ROMANUM EX DECRETO SACROSANCTI CONCILII TRIDENTINI RESTITUTUM. PII V. PONT. MAX. IUSSU EDITUM, ET CLEMENTIS VIII. PRIMUM, NUNC DENVO URBANI PAPAE OCTAVI AUCTORITATE RECOGNITUM... PARISIIS, Impensis Societatis Typographicae librorum Officii Ecclesiastici iussu Regis constitutae. M.DC.XXXVI. Cum Privilegijs Pont. Max. & Franc. Regis Christianissimi. p. 189. (A página digitalizada apresenta a cerimônia de transladação do Santíssimo Sacramento para o sepulcro após a celebração da missa na quinta-feira da Semana Santa. A tradução (latim-português) registrada em seguida foi feita pelo teólogo Francisco Tabroda, SJ)

ANEXO 4

205

AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 114, Doc: 8. Requerimento do Provedor e mais oficiais da Irmandade do Santíssimo Sacramento da freguesia e catedral de Mariana, pedindo que seja construída, às expensas da Fazenda, uma capela na referida catedral, dedicada ao dito Santo. (Cópia digitalizada do documento)

INTRODUÇÃO

Sacrário e Tabernáculo – do latim, *Sacrarium*, *Tabernaculum* – são termos usados para designar o lugar onde se guarda a reserva eucarística (= hóstias consagradas destinadas à comunhão dos enfermos e adoração com culto de latria).¹ De acordo com o Vocabulário *Portuguez e Latino* escrito pelo padre Raphael Bluteau, cujos oito volumes foram publicados em Portugal durante os anos 1712 e 1728: “Entre nós Sacrario he sobre o meyo do Altar, a cazinha com sua porta, onde está o Santíssimo Sacramento no vaso das Partículas, ou na Custódia.”² Conforme o *Diccionario manual de pintura, escultura, arquitectura y grabado* de Francisco Martínez, obra publicada em Madri no ano de 1788, tabernáculo

era entre os Israelitas una capilla portátil de madera que llevaban consigo en el desierto para colocar allí el Arca de la alianza quando acampaban. Hoy se dá este nombre á un pequeño Templo que se pone en el altar para encerrar el Sacramento.³

¹ “Latria é adoração devida sómente a Deos nosso Senhor, e é um acto de Religião radicando na alma, com o qual devemos reconhecer sua Divina excellencia, prostando-nos de joelho em terra com a cabeça descuberta, e mãos juntas, e levantadas, batendo nos peitos, e fazendo outros actos exteriores de veneração, que correspondão ao culto interior de nossos corações, reconhecendo-o por Deos, e supremo Senhor. E com a mesma adoração de Latria, com que se adora a Santíssima Trindade, se deve adorar a Christo Redemptor nosso, por ser Unigenito Filho de Deos verdadeiro: **e ao Santíssimo Sacramento da Eucharistia**, porque nelle está realmente o mesmo Deos” (...) Cf. CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA feitas, e ordenadas pelo illustrissimo, e reverendissimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, 5º Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade: propostas, e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. Impressas em Lisboa no anno de 1719, e em Coimbra em 1720 com todas as licenças necessarias, e ora reimpressas nesta Capital. São Paulo. Na Typographia de Antonio Louzada Antunes. 2 de Dezembro. 1853. Livro 1, Título VII, nº 19. (A grafia original foi mantida. Grifos meus.).

² cf. o verbete SACRARIO. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal D. João V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular, doutor na Sagrada Theologia, prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, e calificador no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. (A grafia original foi mantida). Obra disponível para consulta online em: <<http://www.brasiliana.usp.br/en/diccionario/edicao/1>>.

³ cf. O verbete TABERNACULO. MARTÍNEZ, Francisco. *Introducción al conocimiento de las Bellas Artes, ó Diccionario manual de pintura, escultura, arquitectura, grabado, etc.* Con la descripción de sus más principales asuntos: Dispuesto y recogido de varios Autores, así Nacionales como Extranjeros, para uso de la juventud Española. Por el Doctor Don Francisco Martínez, Presbítero, Dignidad de la Santa Iglesia de Pamplona. Madrid, Imprenta de la Viuda de Escribano, 1788. Edição facsímile com introdução de Manuel Alvar Esquerria em Málaga, Real Academia España e Colegio de Aparejadores y Arquitectos Técnicos, 1989. p. 380. (A grafia original foi mantida).

Ressalta-se que a forma e a localização descrita por Raphael Bluteau – “cazinha com sua porta” “sobre o meyo do Altar” – e por Francisco Martínez – “pequeno Templo” “en el altar” – só se tornou convenção amplamente praticada na Igreja a partir do século XVII. Antes desse período, os sacrários tiveram aspectos e posicionamentos diversos no templo cristão.

O primeiro capítulo da tese apresenta um panorama geral da história da casa do Santíssimo Sacramento (nomenclatura cunhada a partir da definição registrada no dicionário do padre Raphal Bluteau), considerando o desenvolvimento do culto eucarístico e o zelo da Igreja para com a segurança, o decoro⁴ e a ornamentação dos tabernáculos durante a Idade Média e Época Moderna. Seguindo os estudos de Jules Corblet, Donatien Duret, Mario Righetti, Benedetta Montevecchi e Sandra Vasco Rocca⁵ esquadrinhou-se os principais sistemas de conservação da reserva eucarística usados nos templos cristãos entre os séculos III e XVIII, a saber: *conditorium* (armário situado na sacristia), *propitiatorium* (cofre móvel colocado sobre o altar-mor), tabernáculo suspenso (repositório em forma de torre, taça, cofre ou pomba içado sobre o altar-mor, ou sobre a credência, por um sistema de correntes, ou cordas, e roldanas), tabernáculo mural (pequeno armário incrustado em parede, ou pilar, localizada próxima ao altar-mor), edícula eucarística (torre monumental localizada nos arredores do altar-mor) e tabernáculo fixo sobre o meio do altar (seja do principal ou da capela do Santíssimo). Este último modelo, que já vinha sendo usado desde a baixa Idade Média, ao menos na região da Toscana, foi se consolidando gradativamente no século XVI em decorrência do desenvolvimento do culto ao Santíssimo Sacramento, da preocupação com a segurança da reserva eucarística e das críticas protestantes à doutrina da presença real.

⁴ “O que he digno de qualquer pessoa, & do lugar que tem, & tão proporcionado com o seu estado, que nem exeda as suas forças, nem seja inferior á sua calidade. Cf. o verbete DECORO. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...op. cit.*, v. 3, p. 29.

⁵ CORBLET, Jules. *Histoire dogmatique, liturgique et archéologique du sacrement de l'Eucharistie*. Tome Premier. Paris: Société Générale de Librairie Catholique, 1885. DURET, Donatien. *Mobilier: Vases, objects et vêtements liturgiques: Étude historique*. Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1932. RIGHETTI, Mario. *Manuale di Storia Liturgica*. Volume I: Introduzione generale. 3ª ed. Milano: Ancora, 1964. (2ª edição anastática, 2005). MONTEVECCHI, Benedetta; ROCCA, Sandra Vasco. (Dir.). *Dizionario terminologici Suppellettile ecclesiastica I*. Firenze: Centro Di, 1988. Agradeço ao amigo Menderson Correia Bulcão pela indicação das obras de Corblet, Duret, Montevecchi e Rocca. Ao teólogo Franciso Taborda, SJ, agradeço a indicação da obra de Righetti.

Dentre as autoridades eclesiásticas que isoladamente (ou individualmente, pois o Concílio de Trento não se pronunciou a respeito da localização do tabernáculo) determinaram a fixação do sacrário eucarístico sobre o altar-mor das igrejas de suas dioceses durante o cinquecento destaca-se o bispo de Milão, Carlos Borromeu. Este prelado é importante na história da casa do Santíssimo por causa da elaboração e publicação do *Instructionum Fabricae Ecclesiasticae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo*⁶ em 1577. Neste código de arquitetura, arte e mobiliário sacro – redigido em princípio somente para as igrejas de Milão – Borromeu dispôs uma série de diretrizes concernentes à composição artística e decorosa do tabernáculo fixo sobre o altar, tais como: materiais convenientes para a sua fatura (prata, bronze dourado, mármore ou madeira), formas autorizadas para a concepção de seu corpo (octogonal, hexagonal, quadrada ou redonda), temas iconográficos adequados para a sua ornamentação (Cristo crucificado, ressuscitado, mostrando o peito ferido ou outra piedosa efígie), dentre outras. Esclarece-se que embora o objetivo do bispo milanês tenha sido localista, o *Instructionum Fabricae* foi sucessivamente publicado em outros territórios eclesiásticos desde o fim do século XVI. A circulação desta obra ímpar entre o clero contrarreformado corroborou o costume de se fixar o sacrário sobre o meio do altar e difundiu um padrão formal e decorativo que se consolidou na arte cristã pós-tridentina.

Com o objetivo de verificar se o padrão estabelecido no tratado de Carlos Borromeu foi aplicado nos sacrários eucarísticos de igrejas matrizes erigidas nas Minas Gerais setecentistas, selecionou-se para estudo seis exemplares concebidos entre os anos 1710 e 1768 por entalhadores lusitanos atuantes na região centro-sul. Como o objeto de estudo e a abordagem proposta neste trabalho são novidades na historiografia da arte e da cultura luso-brasileira,⁷ optou-se por fazer uma análise

⁶ “INSTRUCTIONUM FABRICAE ECCLESIASTICAE ET SUPELLECTILIS ECCLESIASTICAE LIBRI II. CAROLI S. R. E. Cardinalis tituli s. Praxedis, Archiepiscopi iussu, ex provinciali Decreto editi ad provinciae Mediolanensis usum. MEDIOLANI, Apud Pacificum Pontium, Typographu[m] Illustriss. Cardinalis S. Praxedis Archiepiscopi 1577.” p. 20b-22b. (CAP. XIII DE TABERNACULO SANTISSIMAE EUCHARISTIAE). Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B9F1kc-gjRH0cDRfLWxvR2JZU3M/edit>>. Acesso em: 26/11/2013.

⁷ De maneira geral, os estudiosos portugueses e brasileiros da talha retabílica fabricada nos séculos XVI, XVII e XVIII citam o sacrário como um dos elementos constitutivos do altar-retábulo destacando a sua função litúrgica e, em alguns casos, também a iconografia representada em sua portinhola. Em Portugal, alguns artigos publicados apresentam o sacrário como objeto de estudo, entretanto, seus autores também privilegiaram a análise dos temas iconográficos em detrimento da forma. A dissertação de mestrado defendida na Universidade do Algarve sob o título “Contributo para

verticalizada da composição artística – considerando os aspectos iconográficos, simbólicos e formais – dos tabernáculos fixos sobre os altares-mores das sedes paroquiais edificadas nos núcleos urbanos mais destacados (do ponto de vista político-administrativo, econômico e eclesiástico) das antigas comarcas do Rio das Velhas, de Vila Rica e do Rio das Mortes.⁸

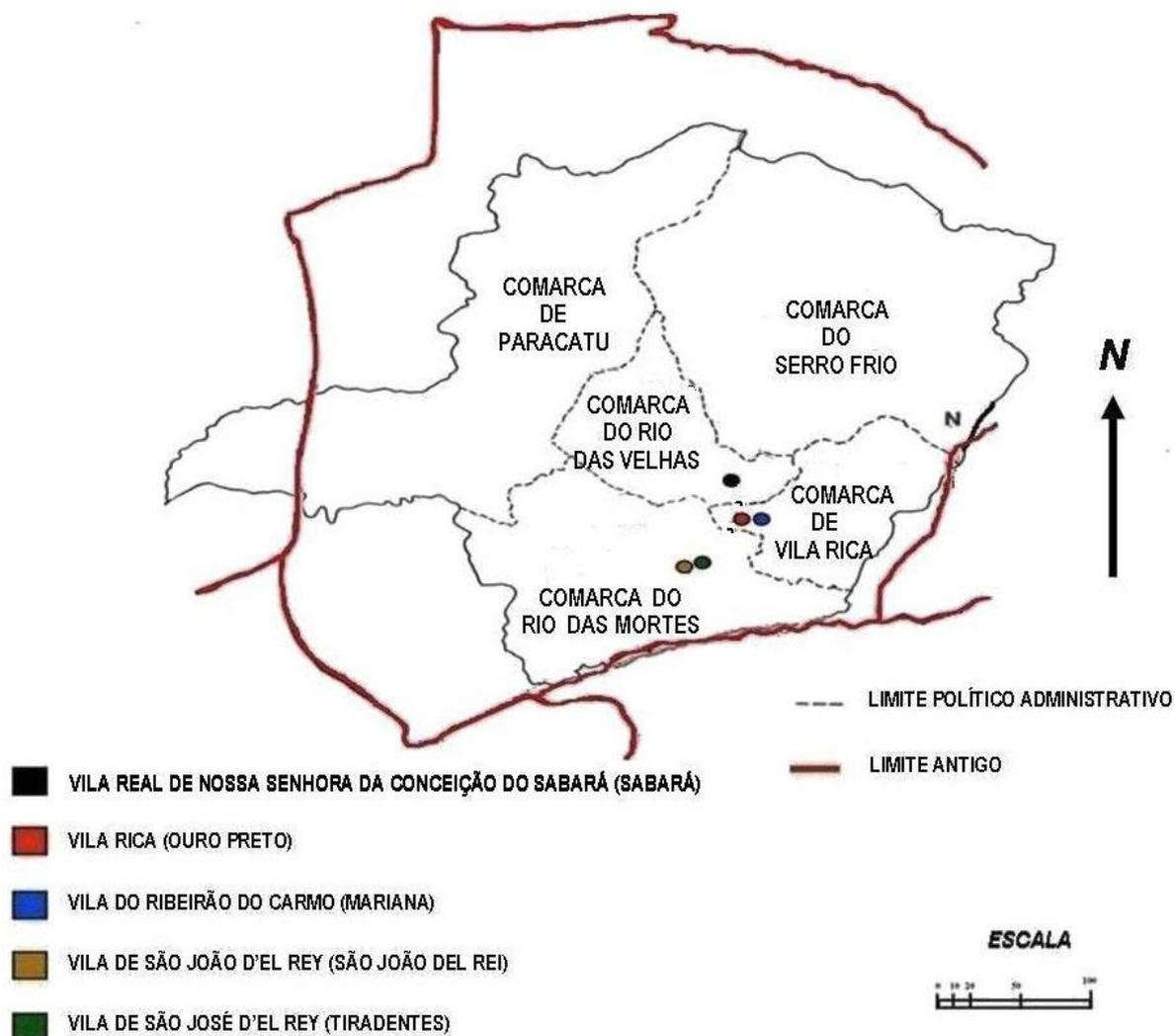
Quadro 1 – As matrizes selecionadas para estudo

Orago do templo	Comarca	Vila	Município atual
Nossa Senhora da Conceição	Rio das Velhas	Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará	Sabará
Nossa Senhora da Conceição	Vila Rica	Vila de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo	Mariana
Nossa Senhora do Pilar	Vila Rica	Vila Rica	Ouro Preto
Nossa Senhora da Conceição	Vila Rica	Vila Rica	Ouro Preto
Nossa Senhora do Pilar	Rio das Mortes	Vila de São João d'El Rey	São João Del Rei
Santo Antônio	Rio das Mortes	Vila de São José d'El Rey	Tiradentes

o estudo dos sacrários barrocos em Portugal” objetivou a elaboração de um inventário nacional sublinhando a iconografia recorrente em exemplares fabricados nos séculos XVII e XVIII e estabelecendo uma inadequada classificação morfológica (pois pautou-se na metodologia e na terminologia aplicada à estrutura arquitetônica dos retábulos) que culminou na identificação dos seguintes tipos: sacrários com corpo único e três tramos, dois corpos e três tramos, sem estrutura arquitetônica definida, três corpos e três tramos, corpo único e um só tramo, semiesférico e ímpares (sendo um octogonal – composto por oito faces – e outro com formato de pelicano). cf. SANTOS, Cristina Isabel Passos Ribeiro Fé. *Contributo para o estudo dos sacrários Barrocos em Portugal*. Faro: Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2012. (História da Arte, Dissertação de Mestrado). MARTINS, Fausto Sanches. Estudo iconográfico do retábulo-sacrário da capela do Santíssimo Sacramento da igreja Matriz de Caminha. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Universidade do Porto, 1998. IIª série, vol. V, p. 337-364. MARTINS, Fausto Sanches. *Speculum Humanae Salvationis: Estudo iconográfico e iconológico do sacrário de prata da Sé do Porto*. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Patrimônio*. Porto: Universidade do Porto, 2002. I série, vol. 1, p. 173-202. EUSÉBIO, Maria de Fátima. A iconografia do sacrário da Capela da Via-Sacra de Viseu. *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*. Porto: DCTP-FLUP, 2003. p. 491-499.

⁸ Esclarece-se que as localidades selecionadas para estudo eram cabeça de comarca, com exceção da Vila de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo (elevada à condição de cidade e sede episcopal a partir de 1745) e da Vila de São José d'El Rey (cuja matriz foi selecionada para estudo porque seu retábulo-mor e sacrário eucarístico apresentam características ímpares e sem precedentes nas Minas Gerais setecentistas). Sobre a importância político-administrativa, econômica e eclesiástica das vilas selecionadas consulte: FONSECA, Cláudia Damasceno. *Arraiais e Vilas D'El Rei: espaço e poder nas Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Esclarece-se, portanto, que o leitor não encontrará nos capítulos 2, 3 e 4 deste trabalho um inventário de sacrários produzidos no vasto território das Minas Gerais setecentistas, nem mesmo da região centro-sul como um todo, pois a pesquisa pautou-se em uma análise qualitativa e não quantitativa. (O mapa abaixo apresenta a localização das vilas selecionadas para estudo).⁹



Cabe dizer que no início do século XVIII a região das Minas Gerais – território americano-português colonizado a partir do último quartel do seiscentos – estava em franco processo de povoamento, formação de arraiais, instituição de irmandades e

⁹ Ilustração do web designer Ramon José de Sant'Anna com base no estudo cartográfico de CASTRO, José Flávio Morais. Organização Espacial da Capitania de Minas Gerais no século XVIII. *IV Simpósio Luso Brasileiro de Cartografia Histórica*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nov. 2011. p. 2-20. Disponível em: <<http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/8.pdf>> Acesso em: 10/01/2015.

construção de templos religiosos para o ofício do culto divino.¹⁰ Nesta região, diferentemente do que ocorreu em outras partes da colônia americana portuguesa – Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Belém, por exemplo –, a instalação de ordens regulares foi proibida por determinação régia. Em virtude disto, seu quadro eclesiástico foi composto majoritariamente pelo clero secular, sendo as igrejas construídas e ornamentadas pelo esforço conjunto de leigos devotos que se agremiaram em irmandades.¹¹ Segundo o estudioso Caio César Boschi:

Nas Minas Gerais, ao se constituírem e se organizarem, extrapolando suas funções espirituais, as irmandades tornaram-se responsáveis diretas pelas diretrizes da nova ordem social que se instalava e, a exemplo dos templos e capelas que construíram, elas espelharam o contexto social de que participavam. Nesse sentido, precederam ao Estado e à própria Igreja, enquanto instituições. Quanto ao primeiro, quando a máquina administrativa chegou, de há muito as irmandades floresciam. Quando as primeiras vilas foram criadas por Antônio de Albuquerque em 1711, a presença e a atuação delas já eram incontestáveis. À época, Sabará possuía pelo menos três irmandades: a de Santa Quitéria, a de Santo Antônio do Bom Retiro e a do Santíssimo Sacramento. São João del-Rei, as de Nossa Senhora do Rosário e do Santíssimo Sacramento. Mariana e Vila Rica, a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Por seu turno, a Igreja não teve tempo e nem condições para se impor, como instituição, no novo território. Nos primeiros tempos, sua ação foi desconhecida, individualizada. Quando poderia se estabelecer, o Estado a impediu, através de toda uma legislação restritiva. Assim, não restou à Igreja outro recurso senão o de atrelar-se às associações leigas, mais para a prática de seus ofícios do que para uma política evangelizadora. Até mesmo a construção dos templos não ficou sob sua responsabilidade. Foi também obra de leigos.¹²

¹⁰ FONSECA, Cláudia Damasceno. A conversão dos sertões: a ocupação do território e a instalação das estruturas do poder eclesiástico. In: _____. *Arraiais e Vilas D'El Rei... op. cit.*, p. 82-130.

¹¹ Sobre a organização e a atuação das irmandades leigas nas Minas Gerais leia: SALLES, Fritz Teixeira de. *Associações Religiosas no Ciclo do Ouro: introdução ao estudo do comportamento social das irmandades de Minas no século XVIII*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2007. MENEZES, Joaquim Furtado de. *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Publicações do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1975. BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o Poder: Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986. CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As Irmandades de São Miguel e as Almas do Purgatório: culto e iconografia no setecentos mineiro*. Belo Horizonte: c\Arte, 2013. AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Negras Minas Gerais: uma história da diáspora africana no Brasil Colonial*. São Paulo: Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1999. (História, Tese de doutorado). SANT'ANNA, Sabrina Mara. *A Boa Morte e o Bem Morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721-1822)*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006. (História, Dissertação de Mestrado).

¹² BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o Poder... op. cit.*, p. 23.

Entre 1711 e 1718 foram criadas as primeiras oito vilas da capitania,¹³ a saber: Vila de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo (Mariana), Vila Rica (Ouro Preto), Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará (Sabará), Vila de São João d'el Rey (São João Del Rei), Vila Nova da Rainha de Caeté (Caeté), Vila do Príncipe (Serro), Vila de Nossa Senhora da Piedade (Pitangui) e Vila de São José d'el Rey (Tiradentes).¹⁴ Em 1724 o rei Dom João V institui as primeiras vinte freguesias colativas:¹⁵ a da Vila do Ribeirão do Carmo, a da Vila de São João d'el Rey, a da Vila de São José d'el Rey, a da Vila Nova da Rainha, a de Catas Altas, a da Vila do Príncipe, a da Cachoeira do Campo, a da Vila de Nossa Senhora da Piedade de Pitanguy, a de Guarapiranga, a de Bom Jesus do Furquim, a de Ouro Branco, a do Rio das Pedras, a da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, a de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, a de Nossa Senhora da Conceição do sitio de Antônio Dias, a de São Sebastião, a de Santa Bárbara, a de São Bartholomeu, a de Raposos e a do Bom Retiro da Roça Grande. É notório, portanto, que a maioria das vilas e paróquias coladas foram instituídas no eixo centro-sul das Minas Gerais setecentistas; região onde se concentravam as

¹³ A Capitania de São Paulo e Minas do Ouro foi criada em 1709. Este território político-administrativo foi desmembrado em 1720, dando origem, então, a duas capitanias: a das *Minas Gerais* e a de *São Paulo*.

¹⁴ Para uma síntese sobre cada uma das vilas criadas entre 1711 e 1718 consulte: BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995. p. 64-66; 195-197; 230-232; 256-258; 291-292; 317-319; 340-341; 350-351. Salienta-se que durante o século XVIII foram instituídas ao todo quatorze vilas no território das Gerais. Em 1730 instituiu-se a nona sob a denominação de Vila do Bom Sucesso de Minas Novas (Minas Novas). Entre 1789 e 1798 foram criadas as Vilas de São Bento do Tamanduá (Itapeçerica), de Queluz (Conselheiro Lafaiete), de Barbacena (Barbacena), da Campanha da Princesa (Campanha) e de Paracatu do Príncipe (Paracatu). cf. BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais... op. cit.*, p. 204-205, 163-164, 96-97, 42-43, 70-71, 236-238. OLIVEIRA, Pablo Menezes e. *Cartas, Pedras, Tintas e Coração: as casas de câmara e a prática política em Minas Gerais (1711-1798)*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013. (História, Tese de Doutorado).

¹⁵ Paróquias que tinham vigários colados, ou seja, “padres perpétuos” nomeados pelo rei e que tinham direito à cômputa (benefício eclesiástico pago pela Coroa aos curas ou párocos). cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. Archidiocese de Mariana: subsídios para a sua história. São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1928. 1º vol, p.35-36. TRINDADE, Cônego Raimundo. Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana. Rio de Janeiro: Publicações do SPHAN, 1945. nº 13, p.11-12; 45-46; 65-71; 91-92; 114; 117-118; 138-145; 213-214; 222-228; 245; 248; 253-258; 260-262; 266-267; 282; 291; 299; 317-319. Ressalta-se que no século XVIII os termos paróquia e freguesia designavam “o templo – a igreja matriz –, bem como a povoação que a continha (o arraial), o conjunto dos fregueses, e, por fim, o território paroquial, que incluía a povoação sede, áreas rurais e, por vezes, sertões residuais.” FONSECA, Cláudia Damasceno. *Arraiais e Vilas D’El Rei... op. cit.*, p. 85-86.

principais áreas auríferas e zonas de povoamento, isto é, nos arredores do Rio das Velhas, do Ribeirão do Carmo, do Ouro Preto e do Rio das Mortes.

Em 1745 a Vila do Ribeirão do Carmo foi elevada à categoria de cidade (rebatizada Mariana em homenagem a esposa de Dom João V) tornando-se sede de Bispado.¹⁶ A antiga Matriz de Nossa Senhora da Conceição foi escolhida para ser a Catedral, sendo sua invocação mudada para Nossa Senhora da Assunção. Nela, o primeiro bispo de Mariana, Dom Frei Manuel da Cruz, tomou posse do trono episcopal em 1748. Neste contexto as primitivas igrejas que abrigavam as sedes paroquiais selecionadas para estudo – incluindo a que se tornou catedral – já haviam sido substituídas por faustosas edificações, embora ainda estivessem em processo de ornamentação interna, reformas e ampliações (leia o ANEXO 2). Ressalta-se que a talha da capela-mor de cada um dos novos edifícios matriciais – também construídos e decorados às expensas das irmandades leigas, sobretudo daquelas vocacionadas ao Santíssimo Sacramento, e com alguma mercê da coroa portuguesa – foi riscada e executada por entalhadores lusitanos que imigraram para o território aurífero, sendo a maioria deles provenientes de Lisboa e Braga.¹⁷

Sabendo-se que o quadro de membros das irmandades do Santíssimo Sacramento era composto principalmente por portugueses pertencentes à elite local

¹⁶ O Bispado de Mariana, desmembrando do Bispado do Rio de Janeiro, foi instituído pelo Rei D. João V e pelo Papa Bento XIV em 15 de dezembro de 1745 (com bula datada de 6 de dezembro de 1746, beneplácito régio e mandado de execução por alvará de 2 de maio de 1747). cf. MATOS, Raimundo Jose da Cunha. *Corografia histórica da Província de Minas Gerais* (1837). v.2. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1981. Antes de Mariana haviam cinco dioceses na América Portuguesa: Bahia (1555), Rio de Janeiro (1676), Olinda (1676), Maranhão (1677) e Pará (1719).

¹⁷ Embora não se conheça o nome dos oficiais responsáveis pela invenção dos retábulos-mores e dos sacrários eucarísticos da matriz da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará e da matriz da Vila do Ribeirão do Carmo, sabe-se que eles são oriundos do reino, posto que conceberam retábulos em estilo nacional português. Contudo, nestes dois casos, não há indícios documentais para se considerar que a terra natal dos oficiais seja Lisboa ou Braga. Por outro lado, apesar da inexistência de fontes que atestem a origem do entalhador João Ferreira Sampayo, arrematante do serviço de talha da capela-mor da matriz da Vila de São José d'El Rey, os estudiosos Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira e Olinto Rodrigues dos Santos Filho consideram que ele seja oriundo do norte de Portugal por causa das características de seu trabalho de talha que inegavelmente segue a tradição da “talha gorda” do Minho. Além disso, no Conselho de Braga há uma freguesia denominada São Payo da Parada e João Ferreira Sampayo, como era de costume, pode ter adotado o nome de sua localidade de origem. Por fim, em virtude da conservação de documentos coevos, sabe-se que os entalhadores que fabricaram os altares-mores e as respectivas casas do Santíssimo das duas matrizes de Vila Rica e da Vila de São João d'El Rey são provenientes de Lisboa e Braga. Sobre a hipótese de Joao Ferreira Sampayo ter vindo de Braga cf. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João del-Rei e Tiradentes*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010. 2 vols, p. 95. SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes*. Brasília: IPHAN, 2011. p. 95-96.

(camaristas e demais dignatários “limpos de sangue”, comerciantes abastados, proprietários de terras e lavras auríferas, intelectuais e expoentes da camada mais elevada da população)¹⁸ e que os oficiais contratados para riscar e executar a talha dos retábulos-mores das sedes paroquiais selecionadas para estudo também eram cristãos (isto é, batizados e iniciados na doutrina católica) e conhecedores da tradição iconográfica, do simbolismo numérico ensinado pelos padres, das regras estéticas e dos modismos estilísticos vigentes no reino (onde aprenderam o ofício), procedeu-se à análise da composição artística dos sacrários eucarísticos. A pesquisa, portanto, levou em conta as exigências da Mesa administrativa das confrarias devotadas ao Santíssimo e a cultura artística/religiosa em voga no período.

No segundo capítulo, aplicando a metodologia sistematizada por Erwin Panofsky¹⁹ e tendo como referência textos bíblicos, dicionários especializados e os estudos de Louis Réau,²⁰ realizou-se a identificação e a decodificação simbólica dos temas iconográficos representados nas portinholas dos tabernáculos eucarísticos das matrizes listadas no Quadro 1, a saber: cachos de uva (elemento fitomorfo alusivo a Eucaristia), Ressurreição de Cristo, Batismo de Cristo, Cordeiro sobre o Livro dos Sete Selos e Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

No terceiro capítulo, partindo dos estudos de Emile Mâle²¹ e do artigo de Fausto Sanches Martins²² sobre o conteúdo e a publicação dos *Commentarii*

¹⁸ OLIVEIRA, Monalisa Pavonne. *Devoção e poder: a Irmandade do Santíssimo Sacramento do Ouro Preto (Vila Rica, 1732-1800)*. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2010. (História, Dissertação de Mestrado). SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. *A vila em ricas festas: celebrações promovidas pela câmara de Vila Rica (1711-1744)*. Belo Horizonte: C/Arte, 2003. ARAÚJO, Marta Maria Lobo de. *A Confraria do Santíssimo Sacramento de Pico de Regalados (1731-1780)*. Coimbra: ATAHCA, 2001. SANTOS, Danilo José dos. *A Procissão de Corpus Christ na Vila de Santo Antonio do Recife no Século XVIII como Espaço de Devoção, Status e Manutenção do Prestígio Régio na América Portuguesa*. *Mneme – Revista de Humanidades*. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008.

¹⁹ PANOFSKY, Erwin. *Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença*. In: _____. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 47-87.

²⁰ RÉAU, Louis. *Iconografía del arte Cristiano: Iconografía de La Biblia – Antíguo testamento*. 2ª ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1999. Tomo 1, vol. 1.; _____. *Iconografía del arte Cristiano: Iconografía de la Biblia – Nuevo Testamento*. 3ª ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008. Tomo 1, vol. 2. _____. *Iconografía del arte Cristiano: Iconografía de los santos*. 2ª ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2000. Tomo 2, vol. 3, 4 e 5.

²¹ MÂLE, Émile. *L'art religieux du XIII^e siècle en France: étude sur l'iconographie du moyen age et sur ses sources d'inspiration*. Paris: Ernest Leroux, 1898.

Exegetici in Apocalypsim do eborense padre Brás Viegas, SJ, no início do século XVII – tendo esta obra exegética influenciado também o *Commentariorum in Apocalypsim B. Joannis Apostoli* do carmelita Frei João da Silveira (publicado pela primeira vez no final do seiscentos e sucessivamente até 1728) – defendeu-se que o simbolismo numérico ensinado pelos padres desde os tempos antigos do cristianismo, e, indiscutivelmente assimilado pela arte cristã medieval, não foi desautorizado pelo Concílio de Trento, estando esta tradição, inclusive, na base das determinações prescritas no tratado de Carlos Borromeu. Assim, levando-se em conta esta premissa, esquadrinhou-se a forma das portinholas e dos sacrários propriamente ditos. A análise do exemplar da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica (o único da série cuja forma foi definida em documento coevo), a observação empírica e a elaboração de desenhos em planta foram procedimentos imprescindíveis para a identificação das figuras (em especial, a semi-hexagonal e a semiocogonal) artificialmente construídas pelos entalhadores. Salienta-se que dois dos seis tabernáculos analisados não puderam ser classificados segundo os parâmetros adotados nesta pesquisa, pois o rebuscamento da forma de um e a profusão da talha ornamental de outro dificultaram a legibilidade da intenção dos entalhadores e/ou das confrarias encomendantes.

No quarto e último capítulo, a partir da leitura de relatórios de visitas pastorais, correspondências do bispo Dom frei Manuel da Cruz, livros de receita e despesa de confrarias e observação da decoração interna e externa de sacrários fixos sobre altares-retábulos localizados na nave dos templos, demonstrou-se que estes não eram apenas elementos de composição como havia suposto Jules Corblet. Alguns exemplares – conforme atesta a documentação consultada – cumpriram a função de casa provisória da Santíssimo Sacramento e de cofre de relíquias sagradas. Esclarece-se que o recorte temporal 1710-1768 delimitado conforme o período de produção dos retábulos-mores e, conseqüentemente dos tabernáculos eucarísticos analisados nos capítulos 2 e 3, foi alargado no capítulo 4, pois a última fonte documental estudada data de 1801. Por esta razão, o título da tese apresenta a frase generalista: “os sacrários produzidos na região centro-sul das Minas Gerais setecentistas”.

²² MARTINS, Fausto Sanches. A simbologia numérica nos *Commentarii Exegetici in Apocalypsim* do Padre Brás Viegas, S. J. *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, n.06, 1999. p.65-90.



PARTE I
A HISTÓRIA DA CASA DO SANTÍSSIMO



1. DO CONDITORIUM AO SACRÁRIO FIXO SOBRE O MEIO DO ALTAR

1.1 Formas e localizações do sacrário no templo: da antiguidade cristã ao século XIV

O armazenamento de partículas eucarísticas é um costume antigo na Igreja Católica. O I Concílio de Niceia, ocorrido no ano 325, evocou a longevidade dessa prática em seu décimo terceiro cânon: “No que diz respeito aos moribundos observe-se também a *lei antiga e canônica*, pela qual não seja privado do último e indispensável viático²³ quem estiver saindo desta vida”.²⁴ Ora, para que a eucaristia fosse solenemente ministrada na iminência da morte de um cristão e, portanto, em caráter de urgência, era necessário que houvesse uma reserva eucarística e um honrado lugar para o seu armazenamento. Afinal, o que se guardava não era simples pão e vinho, mas o pão e o vinho eucaristizados.²⁵

²³ A palavra viático (do latim *viaticum* = farnel de viagem) é usada pela Igreja desde os tempos antigos para designar a comunhão eucarística administrada aos moribundos. Segundo o Catecismo Romano: a Eucaristia recebe o nome de viático “por ser o alimento espiritual que não só nos sustenta na peregrinação desta vida, como também nos prepara o caminho para a eterna glória e felicidade. Por esta razão, vemos a Igreja Católica observar o antigo preceito, que nenhum dos fiéis deve morrer, sem a recepção deste Sacramento.” CATECISMO ROMANO. Tradução de Frei Leopoldo Pires Martins, O, F, M. Petrópolis: Editora Vozes, 1951. p. 271. Título original: *Catechismus ex decreto Concilii Tridentini ad Parochos Pii Quinti Pont. Max. iussu editus ad editionem Romae A. D. MDLXVI publici iuris factam accuratissime expressus*.

²⁴ DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica*. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann, por José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2006. n° 129, p. 53. (Grifos meus).

²⁵ A fé na presença real de Cristo na eucaristia já estava presente na Igreja antiga. No século XII, em decorrência das disputas doutrinárias surgidas a partir da nona centúria, criou-se na Igreja latina o termo *transubstanciação*, cujo sentido expressa que após a consagração o pão e o vinho são mudados substancialmente. Isso significa que, sob a aparência das espécies, ou acidentes, as substâncias do corpo e do sangue de Cristo se fazem presentes e, por concomitância, o mesmo Cristo glorioso (corpo, sangue, alma e divindade). Cf. DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica...*, *op. cit.*, n° 1636, 1639 e 1640, p. 420-421. No CATECISMO ROMANO... *op. cit.*, p. 273 está escrito: “(...) na Eucaristia, o que antes da consagração era simples pão e vinho, é verdadeira substância do Corpo e Sangue de Nosso Senhor, desde que se efetuou a Consagração.” *Ibidem*, p. 292: “É com justeza e propriedade, observa o Concílio de Trento, que a Santa Igreja Católica chama de “transubstanciação” essa portentosa conversão. Assim como a geração natural pode, adequadamente, chamar-se “transformação”, porque nela se efetua uma mudança de forma; assim também foi com muito acerto que nossos maiores inventaram o termo “transubstanciação”; porquanto no Sacramento da Eucaristia, a substância total de uma coisa se converte na substância de outra coisa.”

Sabe-se, por testemunhos históricos e arqueológicos, que até o século VIII a reserva eucarística foi comumente armazenada em residências particulares para a comunhão diária dos fiéis e em igrejas para o provimento do viático.²⁶ O pão consagrado era envolto em um pedaço de linho branco ou guardado em uma pequena caixa (*capsa*) denominada arca ou árcula. Nos templos cristãos essa caixa era depositada e trancada pelos diáconos em um armário chamado *conditorium*. Este móvel ficava em espaço contíguo à igreja – normalmente situado no lado sul do altar-mor – conhecido no Oriente como *pastoforio* e no Ocidente como *secretarium* ou *sacrarium*.²⁷

No século IX o costume do armazenamento da reserva eucarística em casas particulares desapareceu por completo e a guarda do Santíssimo Sacramento tornou-se exclusividade da Igreja. Essa significativa mudança na prática eucarística deveu-se, sobretudo, à crescente preocupação com a segurança da reserva e a ascensão de grandes controvérsias sobre a presença real de Cristo na eucaristia. As questões teológicas levantadas primeiramente por Pascásio Radberto (em 859) e, depois, por Ratramno (em 868) – ambos monges da abadia beneditina de Corbie, norte da França – foram avaliadas e debatidas pelo clero. No fim, a fé na presença real foi reafirmada e a manifestação de atitudes de reverência ao Santíssimo

²⁶ A finalidade primordial do sacrário é a guarda da reserva eucarística para o provimento do viático. Contudo, sabe-se que em Roma, ao menos até o fim do V, guardava-se também no sacrário o *fermentum*: partículas eucarísticas que em dias festivos o papa (bispo de Roma) consagrava e separava para a prática da comunhão. Destas partículas, uma pequena parte era armazenada no *conditorium* para depois, em missa subsequente, ser colocada dentro de seu cálice. A outra parte, constituída pelo maior número, era enviada aos bispos suburbicários e sacerdotes titulares da Urbe para também ser incorporada ao cálice do sacrifício como sinal de comunhão eclesial. Ressalta-se que o *fermentum* foi mais comumente praticado na Itália, especialmente nas dioceses romanas, mas não esteve limitado a este território. Sua origem remonta ao século II e seu uso permaneceu por longo tempo na Igreja Ocidental: os bispos (a exemplo do papa) consagravam as partículas eucarísticas, guardavam uma parte exígua para uso posterior e remetiam a outra parte para as paróquias de seus respectivos bispados. Sobre o assunto cf. RIGHETTI, Mario. *Manuale di Storia Liturgica*. Volume III: La Messa. 3ª ed. Milano: Ancora, 1966. (2ª edição anastática, 2005). p. 490-91.

²⁷ cf. CORBLET, Jules. *Histoire dogmatique, liturgique et archéologique du sacrement de l'Eucharistie*. Tome Premier. Paris: Société Générale de Librairie Catholique, 1885. p. 549-50. DURET, Donatien. *Mobilier: Vases, objects et vêtements liturgiques: Étude historique*. Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1932. p. 114. RIGHETTI, Mario. *Manuale di Storia Liturgica*. Volume I: Introduzione generale. 3ª ed. Milano: Ancora, 1964. (2ª edição anastática, 2005). p. 546-547. MONTEVECCHI, Benedetta; ROCCA, Sandra Vasco. (Dir.). *Dizionario terminologici Suppellettile ecclesiastica I*. Firenze: Centro Di, 1988. p. 84.

Sacramento incentivada. A mesma postura foi tomada pela Igreja no século XI, quando Berengário de Tours novamente questionou a realidade da presença real.²⁸

Cabe ressaltar que o trancamento da reserva eucarística e a exclusividade de sua guarda nos templos já vinham se delineando desde o século IV. A Igreja exultava com a conversão de povos bárbaros, mas, ao mesmo tempo, preocupava-se com as inevitáveis superstições trazidas na bagagem cultural dos neófitos. Afinal, não raras vezes, partículas eucarísticas foram sepultadas junto a cadáveres, levadas em longas jornadas com o intuito de proteger o portador em circunstâncias de perigo mortal e enterradas nos campos para garantir boa colheita. Esse tipo de comportamento supersticioso ganhou tanto fôlego na Idade Média que algumas mulheres guardavam até depois da missa uma hóstia consagrada dentro de suas bocas com o intuito de ganhar o amor de alguém através de um beijo.²⁹ Certamente em virtude dessa acentuada proliferação de práticas mágicas envolvendo o Corpo de Cristo, o IV Concílio de Latrão ordenou em 1215 que a eucaristia fosse conservada nos templos atrás de portas fechadas:

Estabelecemos que, em todas as igrejas, o [óleo do] crisma **e a eucaristia sejam conservados sob guarda fiel com o emprego de chaves, para que uma mão temerária não possa se estender a eles [o crisma e a eucaristia] para realizar coisas horríveis e ímpias.** Se, porém, aquele a quem cabe a guarda, deixá-los descuidadamente, seja suspenso de suas funções por três meses, e se, por seu descuido, acontecer algo ímpio, seja submetido a uma pena mais severa.³⁰

²⁸ “Ora, é um fato histórico, que a fé na presença real do Corpo de Cristo na Eucaristia estava de tal sorte disseminada e arraigada na Igreja Universal, e gozava de tanta aceitação entre todos os fiéis que, atrevendo-se Berengário, há quinhentos anos atrás, a negá-la e atribuir-lhe apenas o caráter de simples emblema, o Concílio de Vercelli, convocado por Leão IX, logo o condenou por consenso unânime dos Padres, e fulminou sua heresia com a pena de excomunhão. Quando ele mais tarde recaiu na loucura da mesma impiedade foi [novamente] condenado por três outros Concílios, por um em Tours, e por dois em Roma, sendo o primeiro destes convocado pelo Papa Nicolau II, e o segundo pelo Papa Gregório VII. Esta mesma doutrina foi mais tarde confirmada por Inocêncio III no Concílio Ecumênico de Latrão. Depois, os Concílios de Florença e de Trento declararam e definiram, mais explicitamente, o sentido desta verdade revelada.” CATECISMO ROMANO... *op. cit.*, p. 286. Sobre as controvérsias a respeito da presença real de Cristo na eucaristia e o pensamento de Pascásio Radberto, Ratramno e Berengário de Tours leia: GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. Tradução de Francisco Taborda. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 415-432. Título original: *In unum corpus. Trattato mistagógico sull'eucaristia*.

²⁹ SNOEK, Godofrideus J. C. *Medieval piety from relics to the Eucharist: a process of mutual interaction*. Leiden: E. J. Brill, 1995. p. 49.

³⁰ No original: “*Statuimus ut in cunctis ecclesiis crisma et eucharistia sub fideli custodia clavibus adhibitis conserventur, ne possit ad illa temeraria manus extendi, ad aliqua horribilia vel nefaria exercenda. Si vero is ad quem spectat custodia, ea incaute reliquerit, tribus mensibus ab officiis suspendatur, et si per eius incuriam aliquid nefandum inde contigerit, graviiori subiaceat ultioni*”. Agradeço o teólogo Francisco Taborda, SJ, pela tradução (latim-português) do trecho supracitado.

Conforme mencionado em linhas anteriores, até o século IX a reserva eucarística, no caso dos templos, ficava trancada no *conditorium*. Entretanto, como não poderia deixar de ser, a crescente preocupação com a segurança da reserva, as controvérsias sobre a presença real e o conseqüente desenvolvimento do culto eucarístico recaíram sobre a casa do Santíssimo. De acordo com os estudos do teólogo e liturgista Mario Righetti, a partir do ano 1000 cinco sistemas de custódia do Santíssimo Sacramento foram usados em épocas e lugares distintos.³¹ Não obstante, o antigo costume de se conservar a reserva eucarística em armário localizado na sacristia persistiu por longo tempo. Em Milão, por exemplo, esse sistema foi usado até o século XVI. Contudo, em algumas igrejas da Itália e da França, o *propitiatorium* – pequeno sacrário móvel onde se trancava a píxide com as sagradas partículas – passou a ser usado sobre o altar-mor. Desta maneira, o cofre eucarístico que antes ficava escondido na sacristia começou a ocupar um lugar de destaque no templo. O que antes ficava oculto aos olhos dos fiéis, tornou-se ponto convergente de olhares e reverências.

No século XI, paralelamente ao uso do *conditorium* e do *propitiatorium*, utilizou-se no oeste e no norte da França, na Bélgica, na Inglaterra e nas igrejas do Oriente o tabernáculo suspenso. Este tipo de sacrário – de pequenas proporções e em formato de torre, taça, cofre ou pomba – ficava suspenso sobre o altar-mor por cordas (ou correntes) presas ao topo do baldaquino (quando havia), ou em hastes fixadas sobre uma pequena mesa ao lado do altar.³² Cabe dizer que o recipiente em forma de pomba já era usado nos batistérios desde o século V para conservar o óleo

Texto extraído da seguinte edição: ALBERIGO, Josepho et al. (ed.). *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*. 3ª edição. Bologna: Istituto per le Scienze Religiose, 1973. XXIV, 1135, p. 244, linhas 30-36. (grifos meus).

³¹ RIGHETTI, Mario. *Manuale di Storia Liturgica*. Volume I: Introduzione generale..., *op. cit.*, p. 546-553. Veja também: CORBLET, Jules. *Histoire dogmatique, liturgique et archéologique du sacrement de l'Eucharistie*. Tome Premier..., *op. cit.*, p. 549-569. DURET, Donatien. *Mobilier: Vases, objects et vêtements liturgiques...*, *op. cit.*, p. 114, 183-185, 274-280. MONTEVECCHI, Benedetta; ROCCA, Sandra Vasco. (Dir.). *Dizionario terminologici Suppellettile ecclesiastica I*. Firenze: Centro Di, 1988. p. 84-95. FOLSOM, Cassiano. Bene et Firmirter: a short history of reservation of the eucharist. *Sacred Architecture - Journal of the Institute for Sacred Architecture*. Notre Dame (Indiana-USA), v. 22, 2012. Disponível para download em: <http://www.sacredarchitecture.org/articles/ibene_et_firmiter/>. Acesso em 10/02/2013.

³² Sobre a ornamentação das hastes e o sistema de suspensão das pombas eucarísticas leia: CORBLET, Jules. *Histoire dogmatique, liturgique et archéologique du sacrement de l'Eucharistie...*, *op. cit.*, p. 554-559.

do crisma, entretanto, ao ser adotado e adaptado para guardar o Santíssimo Sacramento tornou-se o mais frequente dentre os tipos de tabernáculo suspenso. Nesta nova função, a pomba simbolizava a presença do Espírito Santo na Eucaristia; em seu dorso, ou sob suas asas, havia uma cavidade onde se depositava a píxide com uma ou duas hóstias consagradas, sendo tudo coberto por um véu ao modo de conopeu. (Veja FIG. 1, 2 e 3).



FIGURA 1: Pombas Eucarísticas, século XIII, Limoges, França.
Walters Art Museum, Baltimore.

Fotos disponíveis: <<http://art.thewalters.org/detail/521/eucharistic-dove/>>. Acesso: 28/06/2013.



FIGURA 2: Pombas Eucarísticas, século XIII, Limoges, França.
Museum of Fine Arts, Boston.

Fotos disponíveis: <<http://www.mfa.org/collections/object/eucharistic-dove-52318>>.
Acesso: 28/06/2013.

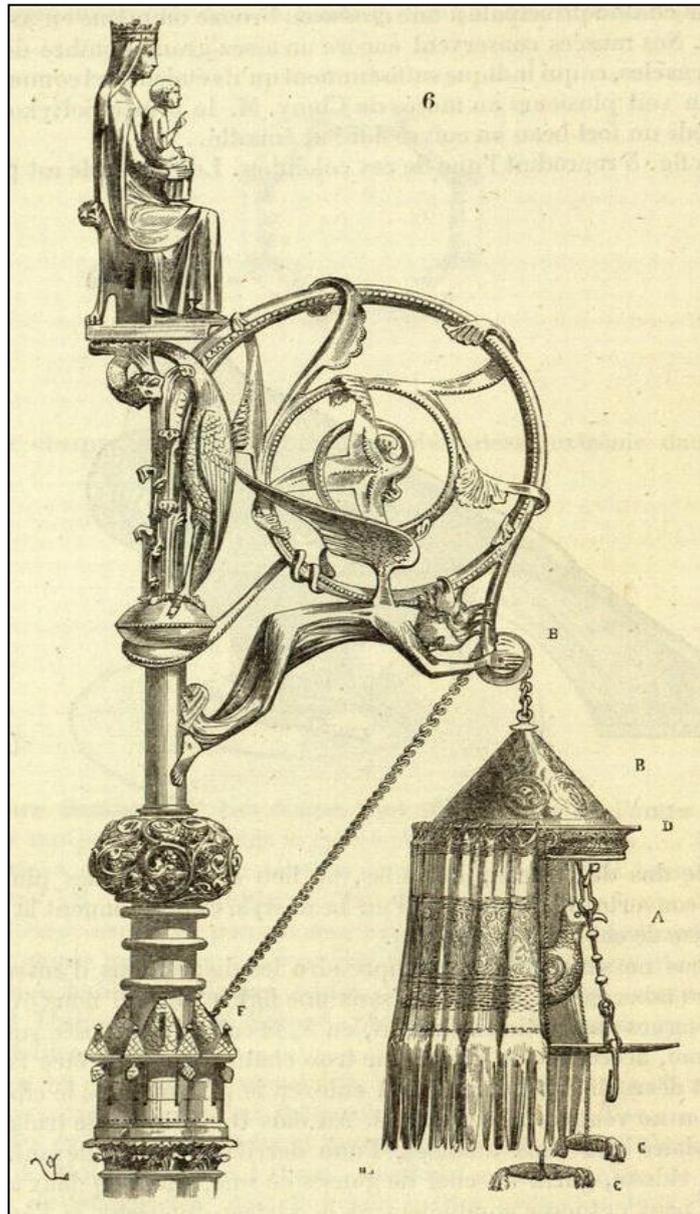


FIGURA 3: Haste ornamental em forma de báculo com pomba eucarística suspensa e coberta pelo conopeu.³³

Cabe dizer que o uso do tabernáculo suspenso foi comum na França até o setecentos. Atualmente, por concessão especial de Roma, a pomba eucarística ainda é usada nas catedrais de Reims e Amiens.³⁴

³³ A gravura reproduzida na FIGURA 3 ilustra o verbete TABERNACLE do dicionário escrito por VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel. *Dictionnaire raisonné du mobilier français de l'époque carlovingienne à la Renaissance*. Tome Premier. Paris: Bance Éditeur, 1858. p. 250. Disponível em: <<http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/viollet1858/0260?sid=1e0542fa7a2a18f345cdf0cd352e2d9f>>. Acesso em 10/02/2013.

³⁴ MONTEVECCHI, Benedetta; ROCCA, Sandra Vasco. (Dir.). *Dizionari terminologici Suppellettile ecclesiastica I...op. cit.*, p. 89.

A partir do século XII, sobretudo na península Itálica e na Germânia, outro tipo de sistema de conservação da reserva eucarística começou a ser usado: o tabernáculo mural. Sem dúvida, sua praticidade e segurança renderam-lhe a popularidade alcançada durante as centúrias seguintes. Os tabernáculos murais eram pequenos armários com porta e fechadura que incrustados na espessura da parede, ou de um pilar do templo, ficavam em um dos lados do altar (FIG. 4) – normalmente *in cornu Evangelii* (lado do evangelho) – ou em capelas localizadas no coro.

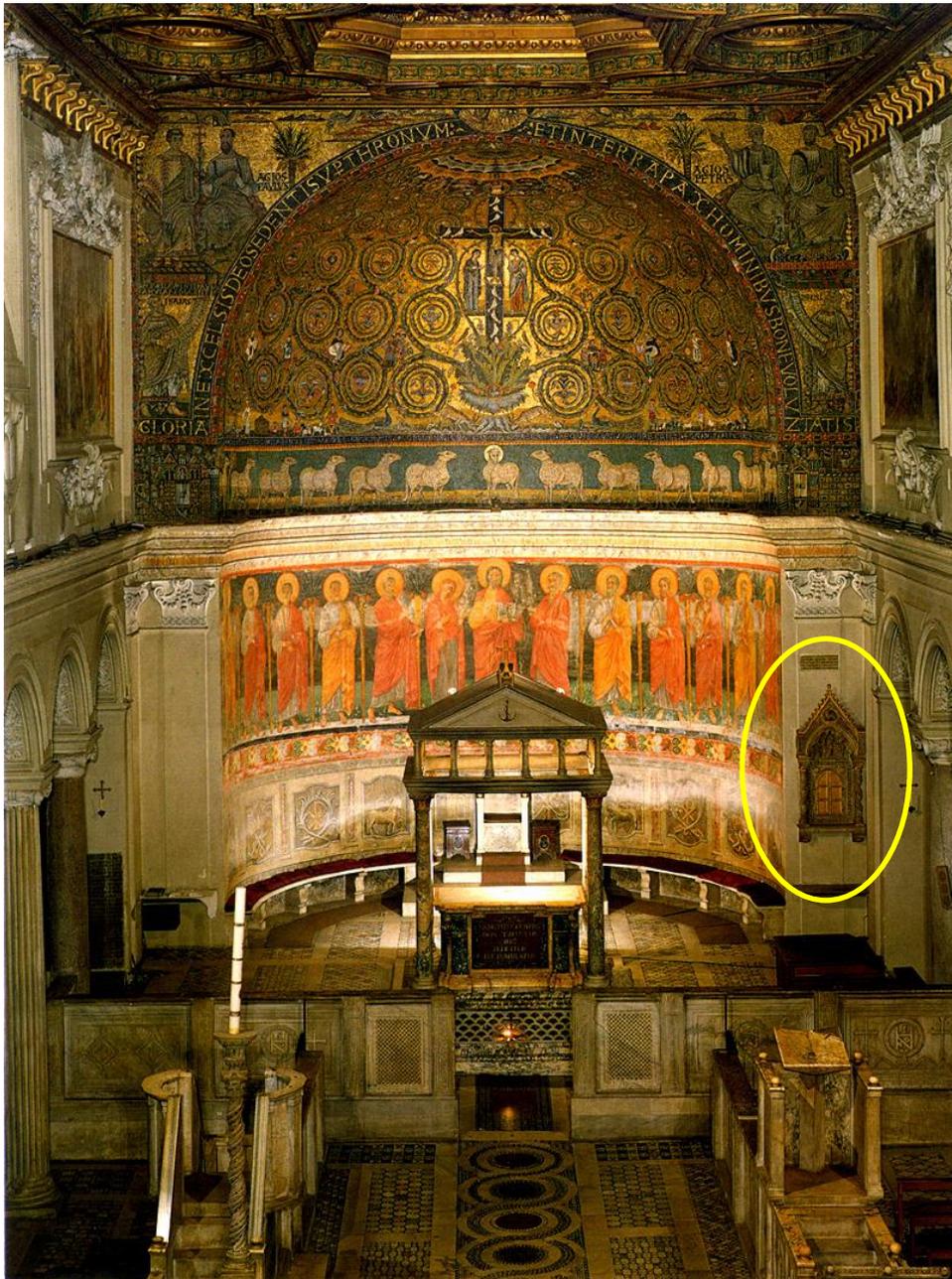


FIGURA 4: Tabernáculo mural atribuído a Arnolfo de Cambio, século XIV, Basílica de São Clemente, Roma, Itália.

Foto disponível: <<http://www.flickr.com/photos/viator-things-to-do/2073147333/>>. Acesso: 30/06/2013.

De acordo com Mário Righetti, os temas iconográficos mais recorrentemente representados na parte frontal dos tabernáculos murais do *quattrocento* italiano foram: Cristo Ressurreto saindo gloriosamente do sepulcro, Cristo Crucificado com o sangue da ferida feita pela lança do soldado escorrendo para dentro de um cálice e, mais raramente, imagens da Virgem Maria simbolizando “que o mistério eucarístico é um prolongamento da divina Encarnação”.³⁵ Cabe ressaltar que os temas cristológicos supracitados também foram recomendados no século XVI pelo bispo de Milão, Carlos Borromeu, e executados em larga escala nas portas dos sacrários feitos por artistas atuantes no universo tridentino, inclusive no interior da América Portuguesa.³⁶

Os tabernáculos murais, em sua grande maioria, foram desativados a partir do século XVII – quando o uso do sacrário fixo sobre o altar-mor ganhou força entre a comunidade cristã contrarreformada – e passaram a abrigar os santos óleos. Ainda hoje muitos podem ser vistos nas igrejas do Velho Mundo cumprindo exatamente esta função.

No final do século XIV – época em que as manifestações de adoração ao Corpo de Cristo haviam atingido patamares elevados na vivência religiosa cristã – surgiram, especificamente na Alemanha, Países Baixos e norte da França, as edículas eucarísticas (*Sakramentshäuschen*). Esse tipo de sacrário ficava nas proximidades do altar-mor, normalmente encostado em um pilar ou parede da igreja. As edículas eucarísticas eram construções monumentais que, feitas ao modo de torres, cujas pontas tocavam ou quase tocavam o teto dos templos (FIG. 5 e 6), permitiam a contemplação da hóstia consagrada permanentemente; o Santíssimo

³⁵ “...la Madre di Dio, ad indicare che il mistero eucaristico è un prolungamento della divina Incarnazione”. RIGHETTI, Mario. *Manuale di Storia Liturgica*. Volume I: Introduzione generale..., *op. cit.*, p. 551.

³⁶ Referindo-se ao sacrário, Carlos Borromeu – arcebispo de Milão – escreveu no décimo terceiro capítulo de seu *Instructionum Fabricae Ecclesiasticae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo*, obra publicada em 1577: “Seja ornamentado com a imagem sagrada do Cristo Senhor crucificado ou ressuscitado ou mostrando o peito ferido, ou outra piedosa efigie.” No original: “Sit vero ornatum, sacra Christi Domini crucifixi, aut resurgentis, aut vulneratum pectus exhibentis, imagine, aut alia pia effigie.” Agradeço o teólogo Francisco Taborda, SJ, pela tradução (latim-português) do trecho supracitado. Texto extraído da seguinte edição: “INSTRUCTIONUM FABRICAE ECCLESIASTICAE ET SUPELLECTILIS ECCLESIASTICAE LIBRI II. CAROLI S. R. E. Cardinalis tituli s. Praxedis, Archiepiscopi iussu, ex provinciali Decreto editi ad provinciae Mediolanensis usum. MEDIOLANI, Apud Pacificum Pontium, Typographu[m] Illustriss. Cardinalis S. Praxedis Archiepiscopi 1577.” p. 22b. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B9FIkc-gjRH0cDRfLWxvR2JZU3M/edit>>. Acesso em: 26/11/2013.

Sacramento, exposto em um vaso transparente guardado atrás de grades metálicas treliçadas, podia ser visto e cultuado com frequência.

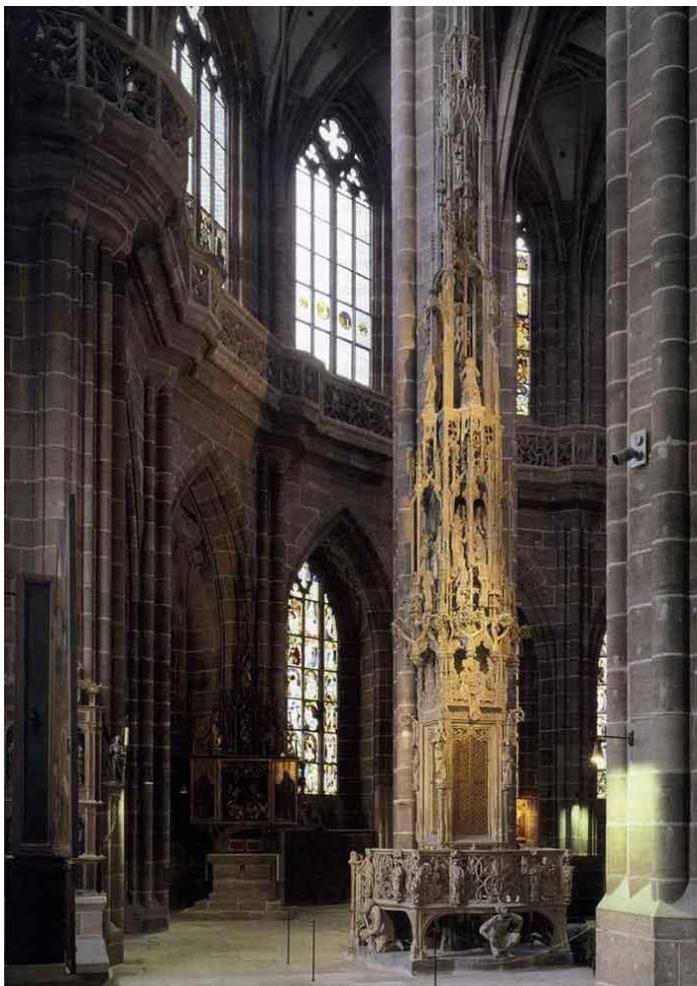


FIGURA 5: Edícula Eucarística, obra do escultor Adam Kraft, 1493, Igreja de São Lourenço, Nuremberg, Alemanha. Foto disponível: <<http://www.sabercultural.com/template/especiais/IgrejasSeculares2.html>>. Acesso 05/01/2015.

De acordo com Mário Righetti, as edículas eucarísticas surgiram exatamente para saciar o desejo exacerbado dos fiéis, e até mesmo supersticioso, de ver a hóstia consagrada. A elevação feita pelo sacerdote durante a missa e a exposição do Santíssimo em dias festivos já não eram mais suficientes para a piedade popular. A Igreja tentou intervir nesse assunto baixando medidas restritivas por meio de sínodos, mas não obteve sucesso. Nesse sentido então, as monumentais torres eucarísticas foram um meio termo entre a disciplina eclesiástica e a vontade exagerada dos fiéis de contemplar e adorar o Corpo de Cristo (sua presença real na eucaristia).³⁷

Este tipo de sacrário foi, portanto, uma invenção, ou uma engenhosa solução, artística piedosa que nasceu especificamente para atender o desenvolvimento da

³⁷ RIGHETTI, Mario. *Manuale di Storia Liturgica*. Volume I: Introduzione generale..., *op. cit.*, p. 551-52. Ressalta-se que a contemplação da hóstia consagrada tomou tanto vulto na Baixa Idade Média que se chegou a considerá-la no Ocidente como uma comunhão espiritual ou “manducação pelo olhar” (*manducatio per visum*). cf. GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo...*, *op. cit.*, p. 444-448. (Capítulo 11.II, § 1 “O surgir da devoção eucarística”). Paralelamente ao desenvolvimento do culto eucarístico – há que se acrescentar – houve uma progressiva diminuição na frequência da comunhão sacramental por parte dos fiéis. Sobre o assunto leia JUNGSMANN, Josef A. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. 2ª ed. (português). Tradução de Monika Ottermann (5ª ed. alemã corrigida, 1962). São Paulo: Paulus, 2010. p. 802-808. Título original: *Missarum Sollemnia*.

devoção ao Santíssimo Sacramento nas regiões da Germânia, Países Baixos e norte da França.



FIGURA 6: Edícula Eucarística, Igreja de St. Martin, Kortrijk, Bélgica.
Foto disponível: <<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/36/Sacramentstoren.jpg>>.
Acesso: 05/01/2015.

1.2 Fixo sobre o altar: o sacrário que se tornou convenção na era tridentina

Conforme se demonstrou na primeira parte deste capítulo, até o fim da Idade Média vários tipos de sacrário foram usados no Ocidente: *conditorium* (armário situado na sacristia, lado sul do altar-mor), *propitiatorium* (pequeno cofre móvel colocado sobre o altar-mor), tabernáculo suspenso (encontrado mais regularmente na forma de uma pequena pomba içada sobre o altar-mor, ou sobre uma mesa lateral a ele, por um sistema de correntes, ou cordas, e roldanas), tabernáculo mural (pequeno armário com porta e fechadura incrustado em parede ou pilar próxima ao altar-mor, normalmente no lado do evangelho ou no coro) e edícula eucarística (torre monumental localizada nos arredores do altar-mor). Não obstante, ainda na Baixa Idade Média mais um sistema de custódia da reserva eucarística se juntaria a esta lista: o sacrário fixo sobre o meio do altar. Normalmente os historiadores da arte sacra cristã referem-se a este último modelo chamando-o de “sacrário tridentino”. De fato, a expressão não está de todo incorreta, posto que o uso deste tipo de tabernáculo só se tornou convenção amplamente praticada depois do Concílio de Trento. Contudo, é preciso ponderar sobre este assunto para fazer jus à história da casa do Santíssimo.

Primeiramente deve-se levar em conta que a configuração do sacrário fixo sobre o altar já estava em uso na península Itálica desde o século XIV, embora não tenha alcançado popularidade nessa época. Como exemplo trecentista Mário Righetti cita o sacrário do retábulo de São Tarásio na igreja veneziana de São Zacarias; o estudioso Uwe Michael Lang, com o olhar voltado para o século XV, cita os casos da Catedral de Volterra (1471), da Catedral de Prato (1487) e da Catedral de Siena (que a partir de 1506 passou a ter sobre a mesa do altar-mor o tabernáculo de bronze feito por Vecchietta entre 1467 e 1472).³⁸ Com relação ao século XVI, os estudiosos que verticalizaram pesquisas sobre a península Itálica são unânimes: a referência é Verona e seu bispo Gian Matteo Giberti. Este membro do clero é destacado na história da casa do Santíssimo não só porque ordenou que o sacrário

³⁸ Cf. RIGHETTI, Mario. *Manuale di Storia Liturgica*. Volume I: Introduzione generale..., *op. cit.*, p. 552. LANG, Uwe Michael. Tamquam Cor in Pectore: The Eucharistic Tabernacle Before and After the Council of Trent. *Sacred Architecture - Journal of the Institute for Sacred Architecture*. Notre Dame (Indiana-USA), v. 15, 2009. p. 32-34. Publicação eletrônica disponível para download em: <http://www.sacredarchitecture.org/articles/tamquam_cor_in_pectore_the_eucharistic_tabernacle_before_and_after_the_coun/>. Acesso em 10/02/2013.

fosse fixado sobre o altar-mor da Catedral de Verona, mas, sobretudo, porque determinou que o mesmo fosse feito nas paróquias de sua diocese. O texto das Constituições publicadas pelo referido bispo em 1542 – três anos antes do início do Concílio de Trento (1545 a 1563) e com aprovação do papa Paulo III – deixa claro que tal prescrição já havia sido feita às igrejas paroquiais sob sua autoridade por ocasião das diligentes visitas pastorais:

Nas visitas de nossa cidade e diocese que tratamos de fazer, por nós e por outros por nós delegados, **nos anos anteriores**, observamos que o grande sacramento que é a eucaristia, em muitos lugares não se encontrava tão dignamente e **em lugar de honra**, como convém. **Mandamos, e assim de novo mandamos na presente constituição**, que em toda e qualquer igreja paroquial, em que a eucaristia não era conservada em lugar conveniente, **faça-se um belo tabernáculo de madeira com sua chave e coloque-se sobre o altar-mor e assim se fixe bem e firmemente, para que não possa de modo algum ser arrancado dali por mãos sacrílegas, para que assim a eucaristia seja conservada em lugar excepcional, aseado e fechado em seu tabernáculo**, não de vidro, ou de madeira, ou de marfim, mas digno de honra, em povoações e lugares abastados, de prata, em outros lugares de auricalco dourado, segundo a forma mostrada por nós, com seu corporal, com seu véu de seda.³⁹

Portanto, pode-se afirmar com certeza que o sacrário fixo sobre o altar-mor não foi uma novidade determinada pelo Concílio de Trento. Aliás, o texto oriundo de tal reunião conciliar não estabeleceu uma regra sobre a localização do tabernáculo no templo, embora tenha decretado que fosse mantido o antigo costume de se guardar nele o provimento do viático:

O costume de **conservar no sacrário a santa Eucaristia** é tão antigo que já era reconhecido no século do Concílio de Niceia. Levar a sagrada Eucaristia aos doentes e conservá-la diligentemente nas igrejas para este fim, além de ser muito justo e razoável, encontra-se prescrito por muitos

³⁹ No original: “Cvm in uisitationibus Civitatis & Dioc. Nostræ, quas & per nos, & per alios per nos delegatos superioribus annis faciendas curauimus, sacramentum magnum, quod est Eucharistia, in multis locis, non ita digne, atque in loco honorabili, prout decet, repertum est, Mandauimus, & ita denuo præsentì constitutione mandamus, quod in qualibet Parochiali ecclesia, in qua Eucharistia in conuenienti loco non tenebatur, tabernaculum ligneum pulchrum cum sua clavi fiat, & super altari magno collocetur, & ita bene, & firmiter stabiliatur, ut inde per sacrilegas manus auelli nullo modo possit, ut sic Eucharistia sit in loco singulari, mundo, & clauso, & conseruetur in suo tabernaculo, non ex uitro, aut ligno, aut ebore, sed honorabili, in plebibus ac locis pinguibus ex argento, in aliis vero, ex auricalco deaurato secundum formam per nos ostensam cum suo corporali, cum suo sericeo velo.” Agradeço o teólogo Francisco Taborda, SJ, pela tradução (latim-português) do trecho supracitado. Texto extraído da seguinte edição: “CONSTITUTIONES EDITÆ PER REVERENDISS. IN CHRISTO Patrem D. Io. Mattheum Gibertum Episcopum Veroneñ. ac in civitate & Dioc. Veroñ. Legatum Apostolicum, ex Sanctorum Patrum dictis, & Canonicis institutis, Ac variis negotiis quotidie occurrentibus, longo rerum usu collectæ, & in unum redactæ. Venetiis, Apud Franciscum Rampazetum MDLXIII”. p. 39. (DE SACRAMENTIS ECCLESIASTICIS, ET ILLORUM USU, ADMINISTRATIONE, ET SACRORUM VENERATIONE. TITULO QUINTO. De custodia, & loco Eucharistiæ. C.1. (Grifos meus).

concílios e é observado por um costume antiquíssimo da Igreja católica. Por isso, este **santo Sínodo estabeleceu que se deve conservar este costume** absolutamente salutar e necessário [cân. 7].⁴⁰

Assim sendo e sabendo-se que o Concílio de Trento não foi o pai do sacrário fixo sobre o altar e nem o responsável direto por sua divulgação, então o que deflagrou a popularização deste sistema de custódia eucarística na Época Moderna? A resposta para esta questão é a mesma que explica as mudanças ocorridas na forma e na localização do sacrário durante a Idade Média, ou seja, a preocupação com a segurança da reserva, as controvérsias acerca da presença real e o desenvolvimento de atitudes piedosas para com o Santíssimo Sacramento. No caso específico do século XVI, as críticas protestantes – em especial a que Martinho Lutero fez a respeito da doutrina da presença real – foram determinantes. Não por acaso, tais proposições coevas sobre a eucaristia, bem como a problemática levantada séculos antes por Pascásio Radberto, Ratramno e Berengário de Tours foram debatidas e refutadas em duas sessões do Concílio de Trento.⁴¹ Certamente o acirrado clima de embate teológico ocasionado pela Reforma Protestante inspirou a opção piedosa do bispo Gian Matteo Giberti pelo sacrário fixo sobre o altar. O texto de suas Constituições de 1542 revela claramente seu desejo de dignificar o Santíssimo Sacramento colocando-o em “lugar de honra” e zelando por sua segurança. A semelhante atitude do bispo de Milão, Carlos Borromeu, em 1565 – ano em que a fixação do tabernáculo eucarístico sobre o altar-mor foi decretada no Primeiro Concílio Provincial Milanês⁴² – e a publicação de seu tratado *Instructionum*

⁴⁰ DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica...* op. cit., nº 1645, p. 423. (Grifos meus).

⁴¹ Sobre o assunto cf. GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo...*, op. cit., p. 415-444. (Capítulo 11.I, § 1: “A controvérsia teológica pré-tridentina”; § 2 “As definições doutrinárias do Concílio de Trento (Sessões XIII e XXI”). MARTINS, Fausto Sanches. *Trono Eucarístico do Retábulo Barroco Português: origem, função, forma e simbolismo. Actas do I Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Universidade do Porto, 1991. vol. II, p. 17-58. MARTINS, Fausto Sanches. *Estudo iconográfico do retábulo-sacrário da capela do Santíssimo Sacramento da igreja Matriz de Caminha. Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Universidade do Porto, 1998. IIª série, vol. V, p. 337-364.

⁴² “ACTA ECCLESIAE MEDIOLANENSIS, A CAROLO CARDINALI S. PRAXEDIS ARCHIEPISCOPO CONDITA, FEDERICI CARD. BORROMAEI ARCHIEPISCOPI MEDIOLANI IUSSU Undique diligentius collecta, & edita. Cum privilegio Summi Pontificis. MEDIOLANI, Ex Officina Typographica quon. Pacifici Pontij. Impressoris Archiepiscopalis. M.D.XCIX. Superiorum permissu.” (Consultar especificamente: “CONCILIIUM PROVINCIALE MEDIOLANENSE I. Quod Pio Quarto Pontifice, Carolus Borromaeus. S.R.E. Presb. Cardinalis tit. S. Praxedis; Legatus ad universam Italiam, e Archiepiscopus Mediolani, habuit ANNO M.D.LXV.” p. 8, “Custodia Sanctiss. Sacraméti”). Disponível em: <https://openlibrary.org/books/OL25174628M/Acta_Ecclesiae_Mediolanensis> Acesso em:

Fabricae Ecclesiasticae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo em 1577 muito contribuíram para o fortalecimento e divulgação do uso deste tipo de tabernáculo na Época Moderna.

Carlos Borromeu é destacado na história da casa do Santíssimo por causa de suas recomendações técnicas e precisas sobre a forma, o material e os temas iconográficos convenientes para a fatura e decoração do sacrário fixo sobre o altar-mor. Suas diretivas sobre o assunto – em perfeita sintonia com o ideário contrarreformista – foram registradas no décimo terceiro capítulo de seu supracitado tratado eclesiástico e influenciaram gerações de comitentes e artistas/artífices atuantes em Milão e, posteriormente, em outros territórios do universo tridentino. Sobre o tabernáculo eucarístico o bispo escreveu:

Já que, por decreto provincial **convém que o tabernáculo da santíssima eucaristia seja colocado no altar-mor**, é oportuno fazer neste lugar uma instrução a respeito.

Em primeiro lugar é recomendável que, nas Igrejas mais importantes, onde for possível, seja feito de lâminas de prata ou de bronze douradas, ou do mármore mais precioso.

A arte do tabernáculo, elaborada com elegância, ligada entre si de forma apta e adequada, esculpida com piedosas imagens dos mistérios da paixão do Cristo Senhor, decorada com elementos dourados em determinados lugares segundo o parecer de homem perito, apresente uma configuração de adorno religioso e digno de veneração.

No interior deve ser recoberto de tábuas de álamo ou outras semelhantes, para que a santíssima eucaristia por este revestimento seja totalmente protegida da umidade que há por causa do metal ou do mármore.

Onde não se fizer tabernáculo desse gênero, então seja construído de tábuas não de nogueira ou outras que geram umidade, mas de álamo ou semelhantes, elegantemente elaboradas e ornadas com escultura de imagens religiosas, como foi dito acima, com douramento.

Seja amplo, segundo a importância, o tamanho ou o tipo de Igreja, **em cujo altar-mor deverá ser colocado.**

A forma [seja] ou octogonal ou hexagonal ou quadrada ou redonda, conforme parecer mais conveniente e devoto para a configuração da Igreja.

No alto do tabernáculo haja a imagem de Cristo ressurgindo glorioso ou mostrando suas sagradas chagas. Se, no altar de alguma Igreja de pequeno porte, devido à colocação do tabernáculo não possa haver um lugar adequado para a cruz (que, do contrário, se colocaria sobre ele), ponha-se a cruz com a sagrada imagem do Cristo crucificado artisticamente em lugar de outra imagem sagrada no alto do tabernáculo, seja fixando-a permanentemente, seja podendo ser às vezes movida por causa de procissões.

Além disso, o mesmo **tabernáculo esteja firmemente fixado, apoiado com firmeza sobre o altar** em base ornamentada, ou nos degraus firmes do altar confeccionados artisticamente, ou sustentado por estátuas de anjos ou outros apoios com ornato religioso; também seja bem munido de uma chave.

Esteja colocado longe do frontispício superior do altar, não menos que um côvado e dezesseis polegadas, de forma que o corporal possa ser estendido amplamente, e a píxide, quando for usada, possa ser posta comodamente sobre o altar. Nem, pelo contrário, diste tanto do frontispício do altar que para tirar a sagrada eucaristia o sacerdote precise de um degrau de madeira. [Tudo seja assim], a não ser que a localização e a lógica de sua estrutura peça necessariamente outra coisa.

Nas Igrejas mais importantes, principalmente onde o coro fica atrás do altar e pelo estilo de sua estrutura a largura do altar é bastante ampla, pode ser mais afastado, porque por aquela parte posterior do coro pode-se tirar do sacrário cômoda e convenientemente a santa eucaristia. Neste caso pelo lado do coro haja outra portinhola da forma prescrita.

Debaixo do tabernáculo não haja nenhum armarinho, nem seja aí lugar de guardar livros e alfaias da Igreja.

Onde não se possa colocar ou repousar o tabernáculo inteiro sobre o altar devido à estreiteza do altar, apoie-se, totalmente ou em parte, o tabernáculo por trás em bases acrescentadas ou em outros apoios bem firmes, de tal forma que o espaço interposto entre o altar e a parede (quando é pequeno) não impeça que se possa rodear o altar.

Por dentro seja recoberto completamente e ornamentado com um pano de seda de cor vermelha, se a Igreja é do rito ambrosiano; branca, se do rito romano.

Na parte da frente tenha uma portinhola tão ampla que outro tabernáculo pequeno que se coloque dentro dele possa ser introduzido e retirado fácil e comodamente. Além disso, deve ser tão apto para se abrir de forma que aderindo totalmente no frontispício e no lado, não impeça o braço ou a mão do sacerdote que retira dele a sagrada eucaristia.

Seja ornamentado com a imagem sagrada do Cristo Senhor crucificado ou ressuscitado ou mostrando o peito ferido, ou outra piedosa efígie.⁴³

O décimo terceiro capítulo do *Instructionum Fabricae* certamente auxiliou os padres de Milão a cumprirem o decreto provincial sobre o tabernáculo eucarístico sem terem que despender volumosos recursos financeiros para isto. Afinal, o bispo estabeleceu normas específicas para a construção da casa do Santíssimo em cada “tipo de igreja”. Nas “mais importantes” o sacrário deveria ser “feito de lâminas de prata ou de bronze douradas, ou do mármore mais precioso”, sendo sua arte “esculpida com piedosas imagens dos mistérios da paixão do Cristo Senhor, decorada com elementos dourados.” Naquelas onde não fosse possível assim fazer, o tabernáculo deveria ser “construído de tábuas” “de álamo ou semelhantes”

⁴³ INSTRUCTIONUM FABRICAE ECCLESIASTICAE ET SUPELLECTILIS ECCLESIASTICAE LIBRI II... *op. cit.*, p. 20b-22b. (CAP. XIII DE TABERNACULO SANTISSIMAE EUCHARISTIAE). Agradeço o teólogo Francisco Taborda, SJ, pela tradução (latim-português) do décimo terceiro capítulo do tratado de Borromeu. cf. texto em latim (ANEXO 1). A tradução para o espanhol pode ser conferida em: BORROMEO, Carlos. *Instrucciones de la fábrica y Del ajuar eclesiásticos (Instructiones fabricae et supellectilis ecclesiasticae, 1577)*. Introdução, tradução e notas de Bulmaro Reyes Coria; nota preliminar de Elena Isabel Estrada de Gerlero. Cidade do México, Universidad Nacional Autónoma do México; Imprensa Universitaria, 1985. Agradeço a amiga Mônica Farias por conceder-me cópia xerográfica desta publicação. Contudo, há que se registrar que esta obra apresenta incompletudes e por esta razão não foi usada como referência nesta pesquisa. No caso do capítulo XIII, por exemplo, as seguintes formas do sacrário foram suprimidas: em latim “sexangula” (hexagonal) e “quadrata” (quadrada).

“ornadas com escultura de imagens religiosas, como foi dito acima, com douramento”. As dimensões do sacrário seriam determinadas “segundo a importância, o tamanho e o tipo de Igreja” e o seu formato – octogonal, hexagonal, quadrado ou redondo – conforme fosse “mais conveniente e devoto para a configuração” do templo. Além disso, o bispo Carlos Borromeu pensou na possibilidade de adaptação dos altares já existentes e estabeleceu alternativas para a colocação do sacrário sobre altares amplos que possuíam coro na parte de trás e sobre altares estreitos, sempre considerando o decoro e a praticidade exigidos pela liturgia eucarística e zelando pela segurança e honra das sagradas espécies.

Salienta-se que a elaboração e a publicação do *Instructionum Fabricae* foram determinadas no III Concílio Provincial de Milão (1573), sendo a primeira edição da obra lançada em 1577. Isto significa que ela tinha autoridade oficial (força de lei) apenas sobre o território eclesiástico milanês. Não obstante, certamente em virtude do caráter pragmático e contrarreformista de suas diretrizes, a obra alcançou uso muito mais amplo. Quatro anos depois do falecimento de Carlos Borromeu (1538-1584) o *Instructionum Fabricae* foi traduzido para o italiano. Entre 1595 e 1855 foi publicado na língua original, o latim, em Veneza (1595), Milão (1599), Brécia (1603), Paris (1643), Lyon (1682), Bergamo (1738), Pádua (1754), mais duas vezes em Milão (1747 e 1844) e outra vez em Paris (1855). Em 1823 foi novamente traduzido para o italiano e publicado em meados do século XIX em francês e em inglês.⁴⁴ Sem sombra de dúvida, a popularidade do tratado de Borromeu na Época Moderna deveu-se ao fato de ser ele um código eclesiástico de arquitetura, arte e mobiliário sacro elaborado em consonância com os decretos do Concílio de Trento. Assim sendo, sua circulação entre a comunidade cristã contrarreformada não só contribuiu para o fortalecimento e divulgação do uso do sacrário fixo sobre o altar-mor a partir do final do século XVI, mas também, e, principalmente, para a difusão de princípios decorosos concernentes à configuração formal e iconográfica da casa do Santíssimo.

⁴⁴ Sobre a vida de Carlos Borromeu, as traduções, as edições e a importância do *Instructionum Fabricae* na Época Moderna confira os textos de Bulmaro Reyes Coria (Introdução) e Isabel Estrada de Gerlero (Nota Preliminar) publicados em: BORROMEIO, Carlos. *Instrucciones de la fábrica y Del ajuar eclesiásticos (Instructiones fabricae et supellectilis ecclesiasticae, 1577)*. Cidade do México, Universidad Nacional Autónoma do México; Imprensa Universitaria, 1985. p. IX-XLI.

Cabe destacar que a universalização do costume de se fixar o tabernáculo sobre o altar-mor ocorreu de maneira lenta e gradativa. Tal situação deveu-se ao fato da Igreja não ter uma regra unificada sobre o posicionamento e o aspecto formal da casa do Santíssimo; basta lembrar que o Concílio de Trento não se pronunciou a este respeito. Assim, cada província, ou diocese católica, vivenciou a desativação dos demais sistemas de conservação da reserva eucarística – *conditorium*, *propitiatorium*, tabernáculo suspenso, tabernáculo mural e edícula do sacramento – de modo particular e em tempo distinto. Por fim, vale dizer que a iniciativa de Gian Matteo Giberti (bispo de Verona entre 1524 e 1543) foi exemplar e importante no contexto católico italiano quinhentista, mas não foi a única e nem tampouco a primeira como generalizam alguns estudiosos. Conforme se explicitou em linhas anteriores, o movimento de fixação do tabernáculo sobre o meio do altar-mor começou na Baixa Idade Média e se intensificou no século XVI em decorrência do desenvolvimento do culto ao Santíssimo Sacramento, da preocupação com a segurança da reserva eucarística e das críticas protestantes à doutrina da presença real. Deste modo, vê-se que em Portugal, por exemplo, o altar-retábulo localizado na capela-mor da antiga Catedral do Funchal – sagrado no dia 18 de outubro de 1516, ou seja, oito anos antes de Gian Matteo Giberti ser nomeado bispo de Verona – foi erigido com sacrário trifacetado fixo ao centro.⁴⁵



FIGURA 7: Sacrário Eucarístico, Catedral do Funchal, Ilha da Madeira, Portugal. Foto disponível em: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5015>. Acesso em: 10/06/2014. Foto SIPA 00556166.

⁴⁵ Segundo Robert Smith, este retábulo foi alterado no século XVII “quando recebeu os frisos que dividem as zonas superiores da pintura”. Não obstante, “conserva ainda o dossel gótico, as molduras verticais que separam os treze quadros, os modestos dosséis e frisos da primeira zona e um rico sacrário de três faces, com reminiscências da ourivesaria contemporânea. Além deste elemento, o retábulo da sé do Funchal pouco sugere o grandioso estilo de Olivier de Gand, a quem esta obra tem sido atribuída.” cf. SMITH, Robert. *A talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizontes, 1962. p. 21.

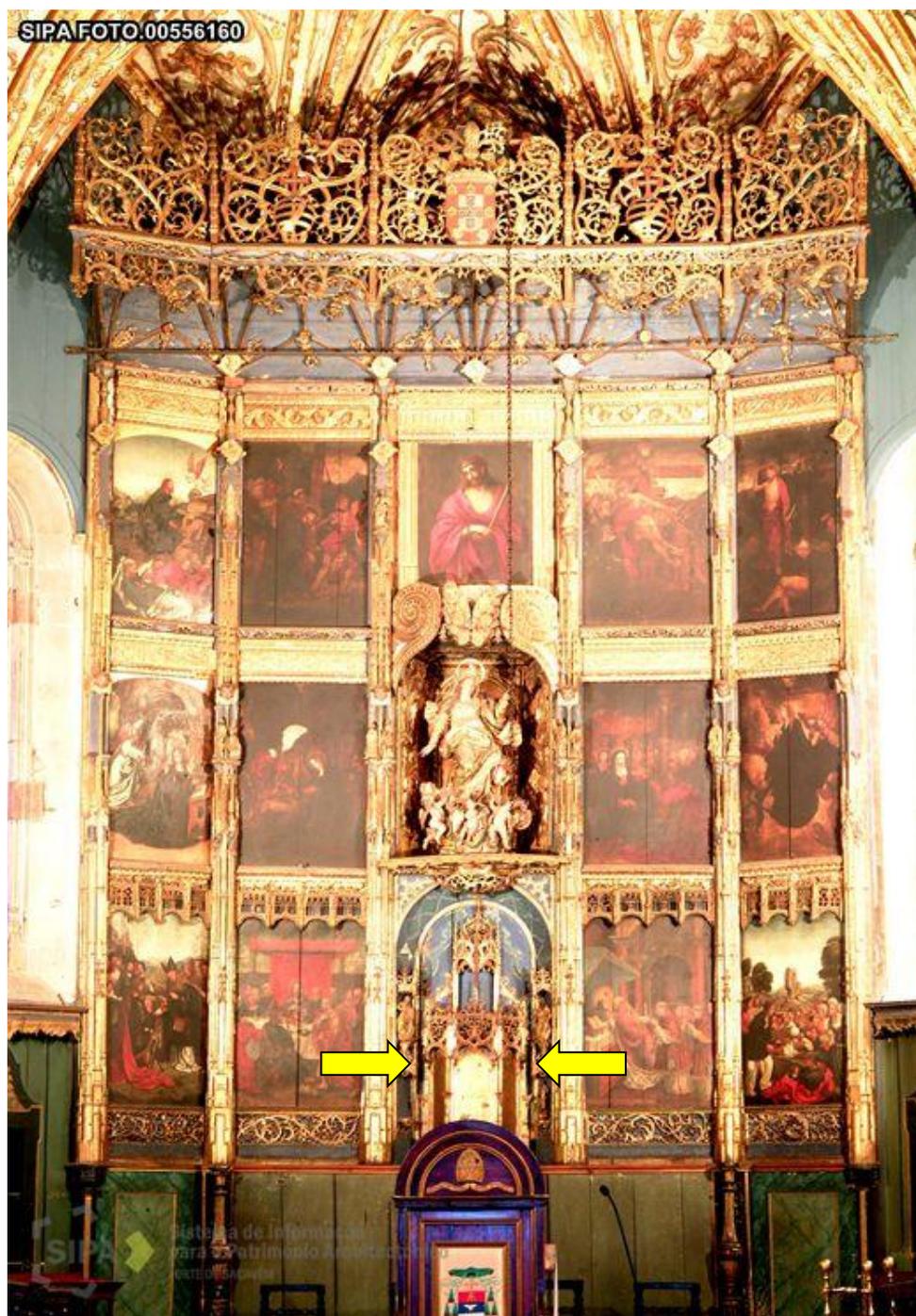


FIGURA 8: Altar-retábulo com sacrário fixo ao centro, Catedral do Funchal, Ilha da Madeira, Portugal.
Foto disponível em: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5015>.
Acesso em: 10/06/2014. Foto SIPA 00556160.

Portanto, no início do período quinhentista, antes da tão decantada iniciativa do bispo de Verona, o costume de se fixar o tabernáculo sobre o meio do altar-mor já estava em uso na península Itálica – como pontuou Mário Righetti e Uwe Michael Lang – e também em outras partes do Velho Mundo, como em Portugal, por exemplo.

Debruçando-se sobre as constituições sinodais portuguesas publicadas até a primeira metade do século XVI constata-se que na maioria delas não houve menção, ou determinação específica das autoridades eclesiásticas, sobre a localização do tabernáculo no templo. De maneira geral, os textos apenas exigiam a obrigação de haver sacrário nas igrejas para nele se guardar a reserva eucarística.⁴⁶ Não obstante, as *Constituições Sinodais do Bispado de Coimbra* (publicadas em 1521) estabeleceram:

(...) **façam homrados sacrarios** se as custas das taaes egrejas e moesteyros forem obrigados. Ou deem maneyra como se façam per quem pera isso tee obrigação: **no altar mayor ou em qualquer outro lugar da capella onde estee melhor: e mays honestamente onde estara o dicto sancto sacramento:** sob chaves beem fechado e com muyta reverençia guardado pera quando for necessareo se dar aos emfermos (...)⁴⁷

A flexibilidade contida no texto – “no altar mayor ou em qualquer outro lugar da capella onde estee melhor” – evidencia que a legislação sinodal de Coimbra considerava não só o uso do sacrário sobre o altar, mas também a utilização de outros sistemas de conservação da reserva eucarística como, por exemplo, o tabernáculo mural. De fato, durante o governo episcopal de Dom Jorge de Almeida (bispo entre 1483 e 1543) o tabernáculo eucarístico não foi fixado sobre o altar principal da Catedral de Coimbra. Isto aconteceu, provavelmente, porque o retábulo-mor – executado sob sua ordem pelo entalhador flamengo Olivier de Gand e seu compatriota o pintor Jean d’Ypres⁴⁸ – foi edificado anos antes da realização do sínodo que ele promulgou (FIG. 9).

⁴⁶ cf. COSTA, Avelino de Jesus da. A Santíssima Eucaristia nas constituições diocesanas portuguesas. *Lusitana Sacra*, Lisboa, 2ª série, t. 1, 1989. p. 197-243.

⁴⁷ CÕSTITUYÇOÕES DO BISPADO DE COIMBRA: Feytas polo muyto Reverendo e Magnifico Senhor o Senõr Dom Jorge Dalmeyda: Bispo de Coimbra Conde Darguanil. & c. Segunda Impressão editada pela Biblioteca da Universidade de Coimbra. Coimbra, Imprensa da Universidade, M.DCCCC.XIX. Constituiçam. XV. Em que ygrejas estara ho sacramento. (Obra publicada em 1521, mesmo ano em que se realizou o sínodo. A grafia original foi mantida. Grifos meus). Disponível em: <<https://archive.org/stream/cstituyoes00cath#page/n0/mode/2up>>. Acesso em: 30/05/2014.

⁴⁸ Olivier de Gand, “depois de passar algum tempo em Toledo, onde em 1499 trabalhava no retábulo da capela de S.^{to} Eugénio, na catedral, estava em Coimbra, no ano de 1501, com o seu auxiliar, o pintor dourador Jean d’Ypres. Ali receberam, em 12 de Novembro e 22 de Dezembro, pagamentos referentes à sua obra-prima, o retábulo da capela-mor da Sé Velha, que o bispo D. Jorge de Almeida mandou construir em 1498, terminando-se, como parece, nos fins de 1501 ou no início de 1502, embora recibos de 1508 ainda falem da pintura e do douramento da vasta obra.” SMITH, Robert. *A talha em Portugal... op. cit.*, p. 19-20. ARINTO, Agnès Anne Françoise Le Gac. *Le retable majeur de la Sé velha de Coimbra et la polychromie dans le diocèse de Coimbra à l’époque baroque: aspects techniques et esthétiques*. 2 vols. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciência e Tecnologia, 2009. (Tese de doutorado).

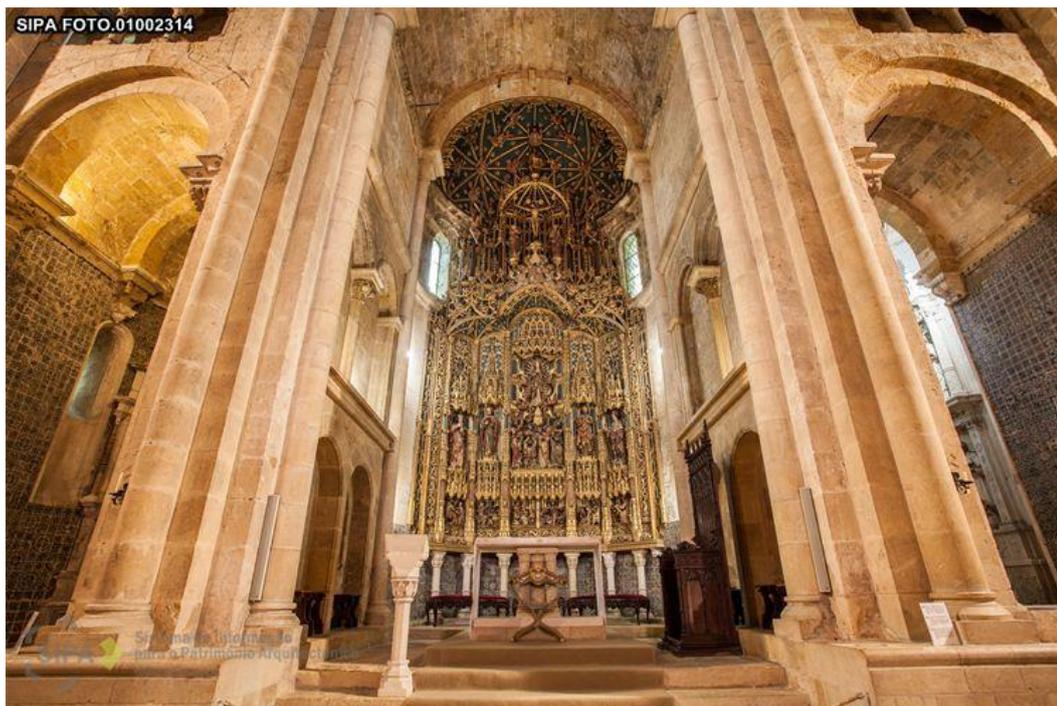


FIGURA 9: Capela-mor da Catedral de Coimbra sem sacrário fixo sobre o altar-retábulo, Portugal.
Foto disponível em: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2673>.
Acesso em: 10/06/2014. Foto SIPA 01002314.

Em 1548, sob o governo episcopal de Dom Frei João Soares, o sucessor de Dom Jorge de Almeida, as Constituições Sinodais conimbricenses continuaram flexíveis quanto à localização do sacrário no templo:

(...) **façam horrados sacrarios** a a custa das mesma igrejas ou mosteyros: **õde este ho Sanctissimo Sacramento (ho qual estara no altar moor se possivel for)** em que se ponham ao menos tres hostias consagradas/hua grande para levar aos enfermos ho sancto sacrameto: e duas pequenas pa elles comungare: e estarã fechados cõ boas fechaduras e chaves cõ todo acatamento e veneraçã segudo a facultade d cada igreja ou moesteyro (...)⁴⁹

Entretanto, sob a égide do novo bispo – participante das últimas sessões do Concílio de Trento (1562-1563) – a Catedral de Coimbra foi dotada de uma capela para o Santíssimo Sacramento com sacrário fixo sobre o meio do altar (FIG. 10). A obra foi encomendada a João de Ruão⁵⁰ no início da década de 1560, tendo ficado pronta em 1566.

⁴⁹ CONSTITUIÇÕES SYNODALES DO BISPADO DE COIMBRA. M.D.XLVIII. Titulo V Do Sacramento da Comunham. Constituiçam. V. Em que igrejas estara ho Sanctissimo Sacramento: e ho modo em que deve estar. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Disponível em: <<http://purl.pt/4066/3/#/46>>. Acesso em: 30/05/2014.

⁵⁰ O projeto do altar-retábulo com sacrário fixo ao centro da Catedral da Guarda, cuja obra foi executada na mesma época em que se fez a Capela do Santíssimo da Catedral de Coimbra, também



FIGURA 10: Capela do Santíssimo Sacramento, Catedral de Coimbra, Portugal. Foto disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2673>. Acesso em 10/06/2014.

Ressalta-se que neste mesmo período as *Constituições Sinodais do Bispado de Miranda* (publicadas em 1565) determinaram de maneira clara e sem flexibilidade o uso do sacrário fixo sobre o meio do altar:

(...) façã sacrários, se nã os houver muy bemfeitos & de bom tamanho, em meyo dos altares diãte dos retávolos, bé cravados nelles: de maneira que estem fixos & fortes, & sejão pintados a óleo, & dourados a partes, em que esté o Sanctissimo Sacrameto com toda a veneraçã que for possível, segundo a possibilidade das ygrejas (...)⁵¹

é atribuído a João de Ruão. Sobre a história, a arquitetura e a decoração interna da Sé da Guarda consulte o Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitectónico (SIPA) disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4717>. Acesso em: 10/06/2014.

⁵¹ CONSTITUIÇÕES SYNODAES DO BISPADO DE MIRANDA. Em Lisboa: em casa de Francisco Correa impressor do Cardeal Infante. Anno 1565. Titulo Octavo do Sanctissimo Sacramento da Comunham. Constituçam Quinta. Em que ygrejas ha de haver Sacrarios, e com que reverencia ha de estar nelles o Sanctissimo Sacrameto. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Disponível em: <http://purl.pt/14686/3/#/126>>. Acesso: 01/02/2014.

No século XVII, após a publicação do *Caeremoniale Episcoporum* em 1600 e do *Rituale Romanum* em 1614 nos papados de Clemente VIII e Paulo V, respectivamente, difundiu-se com grande êxito – especialmente no caso das catedrais, mosteiros e igrejas conventuais – o costume já vigente em algumas regiões de se fazer uma capela para o Santíssimo Sacramento e nela se colocar o sacrário. A recomendação visava a garantia do culto adequado ao Santíssimo Sacramento e uma maior praticidade para a realização de cerimônias litúrgicas, pois a presença da hóstia consagrada requeria o cumprimento de uma série de prescrições rituais de reverência.⁵² Em consonância com estas determinações as *Constituições portuguesas do Bispado da Guarda* (aprovadas em sínodo realizado em 1614 e impressas em 1621) estabeleceram:

Ordenamos, e mandamos, que o Sacrario se ponha sempre na Igreja em lugar publico, e patente com toda a decência, e ornato possível; **e havendo Capella particular para este efeito, se porá nella, e não a havendo, no altar principal da Capella môr.** Será o Sacrario dourado por fóra, e forrado por dentro de setim, ou tafetá carmesim: terá fechadura, e chave dourada (...)⁵³

⁵² De acordo com as determinações do *Rituale Romanum*: “Deve cuidar que perpetuamente se conservem em píxide de matéria sólida e decente, limpa e bem fechada com sua tampa, coberta com véu branco e, quanto convém, fechada a chave no tabernáculo ornamentado, algumas partículas consagradas num número que possa ser suficiente para a comunhão para o uso dos enfermos e de outros fiéis. Este tabernáculo, convenientemente coberto por um conopeu e não contendo qualquer outra coisa, seja colocado no altar-mor, ou em outro que pareça mais cômodo e mais apropriado para a veneração e o culto de tão grande Sacramento, de modo que não acarrete nenhum impedimento para outras funções sagradas ou ofícios eclesiásticos.” No original: “Curare porro debet, vt perpetuo aliquot particulae consecratae eo numero, qui vsui infirmorum, & aliorum fidelium communioni satis esse possit, conseruentur in pixide ex solida, decentiq; materia, eaq; munda, & suo operculo bene clausa, albo velo cooperta, & quantum res feret, ornato in tabernaculo clauae obserato. Hoc autem tabernaculum conopaeo decenter opertum, atque ab omni alia re vacuum in altari maiori, vel in alio, quod venerationi, & cultui tanti Sacramenti commodius, ac decentius videatur, sit collocatum; ita vt nullum aliis sacris functionibus, aut ecclesiasticis officiis impedimentum afferatur”. Agradeço o teólogo Francisco Taborda, SJ, pela tradução (latim-português) do trecho supracitado. Texto extraído da edição: RITUALE ROMANUM PAULI V. P.M. iussu editum. ROMÆI, Ex typographia Cameræ Apostolicæ. M.DCXVII. De Sanctissimo Eucharistiæ Sacramento. p. 62. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0ByY1ndAfoS5vby1GcVZKWHVIVjA/edit?pli=1>>. Acesso: 01/02/2014.

⁵³ CONSTITUIÇÕES SYNODAES DO BISPADO DA GUARDA, impressas por ordem do excellentissimo e reverendissimo senhor Bernardo Antonio de Mello Osorio, Bispo da Guarda, do Conselho de S. Magestade. Terceira Impressão. Lisboa, na Officina de Miguel Manescau da Costa, impressor do S. Officio. Anno M.DCC.LIX. Com todas as licenças necessarias. Titulo VII. Do Santissimo Sacramento da Eucharistia. Capitulo V. Em que Igrejas ha de haver Sacrarios, e da decencia, e guarda deles. (A grafia original foi mantida.) Documento digitalizado disponível em: <<http://almamater.uc.pt/wrapper.asp?t=Constitui%E7%F5es+sinodais+do+Bispado+da+Guarda&d=http%3A%2F%2Fbdigital%2Eisib%2Euc%2Ept%2Fbduc%2FBiblioteca%5FDigital%5FUCFD%2Fdigicult%2FUCFD%2DH%2DF%2D4%2D6%2FglobalItems%2Ehtml>>. Acesso em: 30/05/2014.

Da mesma maneira as *Constituições do Bispado de Portalegre* (aprovadas em sínodo realizado em 1622 e impressas em 1632) determinaram:

Ordenamos, & mandamos, que o Sacrario se ponha sempre na Igreja em lugar publico, & patente, com toda a decencia, & ornato possível, & **avendo cappela particular pera este effeito, se porà nella, & não a avendo, no altar principal da capella môr, em forma que senão possa tirar**, & será dourado por fora, & forrado por dentro de setim, ou de tafetá carmezim, terá fechadura e será de fecho mourisco, & chave dourada (...) ⁵⁴

Semelhantemente as *Constituições do Bispado de Lisboa*, cujo sínodo foi realizado em 1640, ordenaram:

Mandamos que haja Sacrario onde esteja guardado o Sanctissimo Sacramento; & naquellas aonde de presente o não ouver. Ordenamos se faça logo à custa das rendas das mesmas Igrejas, ou de qué direito for; & **estará o Sacrario no altar môr à vista do povo, ou em capella, & altar particular, deputado especialmente pera isso**. O Sacrario será lavrado ao menos de páo, e dourado todo por fora, podendo ser; ou ao menos pintado; & por dentro será forrado de setim, tafetá, ou outra seda carmesim, & terá porta com fechadura, & chave de fecho mourisco dourado (...) ⁵⁵

⁵⁴ CONSTITUIÇÕES SYNODAIS DO BISPADO DE PORTALEGRE. Ordenadas e feitas pelo illustrissimo e reverendis^o s.^{RO} D. Fr. Lopo de Sequeira Pereira Bispo de Portalegre do Conselho de sua Magestade. Em Portalegre por Jorge Roiz Impressor anno 1632. Titulo V. Do Santissimo Sacramento da Eucharistia. Capitulo VIII. Em que Igrejas ha de aver sacrarios para estar o Santissimo Sacramento da Eucharistia, e da decência, e guarda delles. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Disponível em: <<http://purl.pt/19856/3/#/106>>. Acesso em: 02/02/2014.

⁵⁵ CONSTITUIÇÕES SYNODAES DO ARCEBISPADO DE LISBOA. Novamente feitas no synodo diocesano, que celebrou na Sé Metropolitana de Lisboa o illustrissimo, & reverendissimo senhor D. Rodrigo da Cunha Arcebispo da mesma cidade, do Conselho d'Estado de S. Magestade, em os 30. dias de Mayo do ano 1640. Concordadas com o Sagrado Concilio Tridentino, e com o Direito Canonico, E com as Constituições antiga, e Extravagantes primeiras, e segundas deste Arcebispado. Anno 1656: acabadas de imprimir, e publicadas por mandado dos muito reverendos senhores Deão, & Cabido da Sancta Sè de Lisboa, Sede vacante, no anno de 1656. Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Na Officina de Paulo Craesbeeck. Taixado em oitocentos reis em papel. Lib I. Titulo IX. Do Sanctissimo Sacramento da Eucharistia. Decreto. VII. Das Igrejas em que por obrigação ha de haver Sacrario, em que esteja o Sanctissimo Sacramento, & do ornato dele. E daquellas em que pella Somana Sancta se deve expor, & desencerrar. S. I e S.II. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Agradeço ao historiador Leandro Gonçalves Rezende por disponibilizar-me cópia digital do documento. Por sua vez, as CONSTITUIÇOENS SYNODAES DO ARCEBISPADO DE BRAGA, ordenadas no anno de 1639 e impressas em 1697, determinaram a fixação do sacrário sobre o altar-mor das igrejas sem fazer menção à possibilidade de sua colocação sobre outro mais conveniente para o culto do Santissimo Sacramento. "Ordenamos, & mandamos, que em todos os Mosteiros Conventuaes de nossa obediencia, & nas Igrejas Collegiadas, & tambem nas Curadas, que tiverem trinta vizinhos pelo menos a ellas conjuntos, ou pouco distantes, se fação Sacrarios, se os não ouver, à custa das rendas da mesma Igreja, ou Mosteiros, ou de quem direito for, **mui bem feitos, & de bom tamanho no meyo dos altares diante dos retabolos, bem cravados nelles, de maneira que estem fixos, & fortes, & sejam pintados a óleo, & todos dourados, ou a partes, & forrados todos por dentro de seda carmezí, em que esteja o Santissimo Sacrameto com toda a veneração possível,...**" cf. CONSTITUIÇOENS SYNODAES DO ARCEBISPADO DE BRAGA, ordenadas no anno de 1639 pelo Illustrissimo Senhor Arcebispo D. Sebastião de Matos e Noronha; e mandadas imprimir a primeira vez pelo Illustrissimo Senhor D. João de Sousa, Arcebispo, & Senhor de Braga, Primaz das Espanhas, do Concelho de Sua Magestade, & seu Sumilher da Cortina, &c. Lisboa, Na officina de Miguel Deslandes, Impressor de sua Magestade. Com todas as licenças necessarias. Anno de 1697.

As *Constituições do Bispado do Porto* (aprovadas em sínodo realizado em 1687) também declararam:

Ordenamos, & mandamos, que em todas as Igrejas Parochiais desta Cidade do Porto, & das Villas, & lugares de grande povoação de nosso Bispado, & em todas as mais Igrejas curadas dele, que tiverem junto a si trinta vizinhos; & finalmente naquellas, em que já antes destas Constituições era costume, haja decentes Sacrarios, em que esteja o Santissimo Sacramento, & que naquelas, aonde de presente os não houver feitos, se façaõ logo à custa da Fabrica, ou de quem direito for, & que o tal **Sacrario se ponha no Altar Mayor, ou em outro, se o houver mais decente, e accommodado pera o culto de tão Divino Sacramento, de tal sorte, que não seja impedimento aos Divinos Officios, & mais funções Sagradas** (...)⁵⁶

Na América Portuguesa, as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (aprovadas em sínodo diocesano celebrado por D. Sebastião Monteiro da Vide em 12 de junho de 1707) também determinaram:

O uso dos Sacrarios, em que se guarda o Santissimo Sacramento da Eucharistia, é mui approvedo, e encommendado pelos Sagrados Canones, e Concilios Universaes, e de grande consolação espiritual, e muito importante para se acudir a necessidade dos enfermos. Pelo que ordenamos, que em todas as Parochias desta Cidade, e do Arcebispado, em que de presente ha Sacrarios, (ou por justa causa mandarmos o haja em outras) se conservem com todo a decencia possível, **estando sempre no Altar maior, ou em outro, se o houver mais accommodado para o culto de tão Divino Sacramento.**⁵⁷

Portanto, o costume de fixar o sacrário sobre o meio do altar começou na Baixa Idade Média, se intensificou no século XVI e tornou-se convenção amplamente

Titulo V. Do Santissimo Sacramento da Communhão. Constituição VII. Em que Igrejas averá Sacrarios em que esteja sempre o Santissimo Sacramento, & em que modo deve estar. p. 88. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Documento digitalizado e disponível para consulta em: <<http://summa.upsa.es/viewer.vm?id=0000031732&page=1&search=&lang=en&view=main>>. Acesso em 02/02/2014.

⁵⁶ CONSTITUIÇÕES SYNODAES DO BISPADO DO PORTO, novamente feitas, e ordenadas pelo illustrissimo, e reverendissimos senhor Dom João de Sousa Bispo do ditto Bispado, do Conselho de Sua Magestade, e seu Sumilher de Cortina. Propostas, e aceitas em o synodo diecesano, que o dito senhor celebrou em 18 de mayo do anno 1687. Coimbra: no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, anno 1735. Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real. Titulo V. Do Augustissimo Sacramento da Eucharistia. Constituição VII. Em que Igrejas há de haver Sacrario, em que esteja sempre o Santissimo Sacramento, e em que modo há de estar. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Documento digitalizado e disponível para consulta em: <<http://almamater.uc.pt/wrapper.asp?t=Constitui%E7%F5es+sinodais+do+Bispado+do+Porto&d=http%3A%2F%2Fbdigital%2Eesib%2Euc%2Ept%2Fbduc%2FBiblioteca%5FDigital%5FUCFD%2Fdigicult%2FUCFD%2DH%2DF%2D4%2D10%2FglobalItems%2Ehtml>>. Acesso em: 30/05/2014.

⁵⁷ CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA feitas, e ordenadas pelo illustrissimo, e vererendíssimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide..., *op. cit.*, Livro 1, Título XXVII, nº 94. (A grafia original foi mantida. Grifos meus).

praticada no universo católico reformado durante o século XVII. O estudioso Jules Corblet assinala que o uso deste tipo de tabernáculo se generalizou tanto desde o seiscentos que se passou a colocá-lo em altares onde a reserva eucarística jamais seria guardada.⁵⁸ Mais adiante, especificamente no capítulo quatro, quando se analisará a função dos sacrários fixos sobre altares-retábulos localizados na nave de igrejas matrizes erigidas na região centro-sul das Minas Gerais setecentistas – território americano-português, cujo processo de colonização iniciou-se no último quartel do século XVII – este assunto será abordado pormenorizadamente.

⁵⁸ “Cet usage se généralisa au XVII^e siècle, et parfois même fort inutilement, puisqu'on mit des tabernacles à des autels où l'on ne conservait jamais la réserve eucharistique.” CORBLET, Jules. *Histoire dogmatique, liturgique et archéologique du sacrement de l'Eucharistie*. Tome Premier..., *op. cit.*, p. 561.



PARTE II
OS SACRÁRIOS DAS IGREJAS MATRIZES ERIGIDAS NAS
PRINCIPAIS VILAS DA REGIÃO CENTRO-SUL DAS MINAS GERAIS
SETECENTISTAS



2. O REPERTÓRIO ICONOGRÁFICO DOS SACRÁRIOS EUCARÍSTICOS

De acordo com a concepção cristã vigente no setecentos, o sacrário (ou tabernáculo) eucarístico era a Casa do Santíssimo;⁵⁹ o Templo do Sacramento;⁶⁰ o Aposento de Jesus Cristo. As *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* estabeleciam sua localização sobre o altar-mor – ou sobre outro mais acomodado para o culto de latria – e exigiam cuidados específicos para com o seu decoro e segurança:

Serão os ditos Sacrarios dourados por fora, e muito melhor se também o forem por dentro: e quando não possa ser, serão por dentro forrados de setim, damasco, veludo raso carmesim, ou ao menos de tafetá da mesma côr, para que pareça **digno aposento, em que está encerrado JESUS Christo nosso Senhor**. E no cofre que se costuma ali ter, (que será forrado do modo sobredito) quando não sirva em seu lugar para o mesmo effeito alguma ambula de prata dourada por dentro, e por fóra, estará a Sagrada Hostia, e as particulas que parecerem bastantes, que hão de ser renovadas ao menos cada quinze dias, em corporaes de linho fino, ou de hollanda muito limpos. E para se levar o Senhor aos enfermos haverá outra ambula de prata, podendo ser, dourada assim por dentro, como por fora.

Estarão os ditos cofre, e ambula sobre uma pedra de Ara e o cofre estará fechado com chave particular, e distincta da chave, com que deve sempre estar fechado o Sacrário, e ambas serão douradas: as quaes o Parocho terá sempre em seu poder, trazendo-as com muito aceio, e não juntas com outras chaves; e nunca as entregará a pessoas leigas, como erradamente fazem alguns Parochos em Quinta-Feira maior até dia de Paschoa. E sempre estará uma alampada accesa de dia, e de noite diante do Sacrario, em que estiver o Santissimo Sacramento. E o Parocho terá muito cuidado em fazer observar tudo o que fica dito, sob pena de ser gravemente castigado.⁶¹

Analisando-se a legislação eclesiástica americana portuguesa logo percebe-se que nela não há indicações sobre o material adequado para a construção do tabernáculo eucarístico, nem sobre sua forma e temas iconográficos pertinentes para ornamentar sua portinhola. Basicamente, a Constituição de Dom Sebastião Monteiro da Vide ateu-se a questões práticas ligadas à dignidade da casa do Santíssimo (determinava que ela fosse dourada por fora e por dentro, ou forrada internamente com tecidos carmesim), à sua sacralidade (ordenava que se colocasse

⁵⁹ cf. o verbete SACRARIO. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...op. cit.*, v. 7, p. 422.

⁶⁰ cf. o verbete TABERNACULO. MARTÍNEZ, Francisco. *Introducción al conocimiento de las Bellas Artes, ó Dicciónario manual de pintura, escultura, arquitectura, grabado, etc... op. cit.*, p. p. 380.

⁶¹ CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA feitas, e ordenadas pelo illustrissimo, e reverendissimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide..., *op. cit.*, Livro 1, Título XXVII, nº 95 e 96. (A grafia original foi mantida. Grifos meus).

dentro dela uma pedra d'ara⁶² e sobre esta o cofre ou a âmbula contendo as hóstias consagradas), à sua segurança (as chaves do cofre e do sacrário tinham que ser douradas e guardadas em poder do pároco, sempre separadas das demais que trancavam outras partes da igreja) e à sua distinção (pois à frente do tabernáculo eucarístico, como sinal da presença real de Cristo, devia-se manter uma lâmpada acesa de dia e de noite). Ressalta-se que a ausência de regras artísticas pormenorizadas não foi uma particularidade da legislação religiosa americana portuguesa, mas, ao contrário, este foi um traço comum às constituições católicas (provinciais e sinodais) do período pré e pós-tridentino.⁶³ Não obstante, conforme se demonstrará nas páginas seguintes, houve uma tradição iconográfica recorrente nas casas do Santíssimo da Época Moderna.

Analisando-se os sacrários eucarísticos produzidos na região centro-sul das Minas Gerais setecentistas, de uma maneira geral, nota-se que os temas iconográficos representados em suas portinholas correspondem àqueles que foram usados nos tabernáculos murais da Itália desde o *quattrocento* – Cristo Ressurreto saindo do sepulcro ou crucificado com o sangue da incisão feita pela lança do soldado romano escorrendo para dentro de um cálice⁶⁴ – e aos que o bispo Carlos Borromeu prescreveu em 1577 para os sacrários fixos sobre o altar-mor das igrejas de Milão: “Seja ornamentado com a imagem sagrada do Cristo Senhor crucificado ou ressuscitado ou mostrando o peito ferido, ou outra piedosa efígie.”⁶⁵ Em Portugal, conforme apontam as pesquisas de Cristina Isabel Passos Ribeiro Fé Santos, os temas mais representados nas portinholas das casas do Santíssimo desde o século

⁶² “Em Portugal chamamos Pedra d'ara a pedra, que se poem no meyo do altar, consagrada, & ungida pelo Bispo, sobre a qual se poem o caliz, & a hóstia, & se offerece o Sacrificio da Missa. As pedras d'ara são de marmore, ou de outra pedra polida, regularmente tem de comprimento hua terca de vara, & de largura a quinta parte menos; são forradas de lona, fustão, ou panno de linho, & nellas pode estar commodamente o caliz, & hóstia, vaso sacramental, ou as partículas sem elle.” cf. o verbete ARA. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...* op. cit., v. 1, p. 463. (A grafia original foi mantida.)

⁶³ Sobre as constituições sinodais portuguesas consulte: COSTA, Avelino de Jesus da. A Santíssima Eucaristia nas constituições diocesanas portuguesas. *Lusitana Sacra...* op. cit. p. 197-243. MARTINS, Fausto Sanches. Normas artísticas das constituições sinodais de D. Frei Marcos de Lisboa. In: *Frei Marcos de Lisboa: cronista franciscano e Bispo do Porto*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2002, p. 297-309. Agradeço ao amigo Menderson Bulcão pela indicação destes textos.

⁶⁴ RIGHETTI, Mario. *Manuale di Storia Liturgica*. Volume I: Introduzione generale..., op. cit., p. 551.

⁶⁵ INSTRUCTIONUM FABRICAE ECCLESIASTICAE ET SUPELLECTILIS ECCLESIASTICAE LIBRI II..., op. cit., p. 22b. (CAPUT XIII DE TABERNACULO SANTISSIMAE EUCHARISTIAE).

XVII até meados do século XVIII foram a Ressurreição de Cristo e o Cordeiro sobre o Livro dos Sete Selos, tendo sido utilizadas no mesmo período, porém em escala menor, outras “piedosas efígies”, a saber: o pelicano alimentando três filhotes com seu sangue, ornamentos fitomorfos simbolizando a eucaristia (espigas de trigo, parras e cachos de uva), o anagrama de Jesus (IHS), a Árvore da Vida e querubins.⁶⁶ Segundo Maria de Fátima Eusébio:

“Na Diocese de Viseu, não obstante o inventário destas peças ainda não se encontrar concluído, podemos aferir que na generalidade dos espécimes, os esquemas figurativos mais comuns adoptados a nível das portas dos sacrários barrocos foram: Cristo Ressuscitado, a Cruz enlaçada pela Árvore da Vida, o Cordeiro Místico e figuras angélicas.”⁶⁷

Diante do exposto, pode-se dizer que o repertório imagético representado nas portinholas dos tabernáculos setecentistas da região centro-sul das Minas Gerais é oriundo de uma tradição artística cristã que há muito estava em voga nas igrejas da Itália e de Portugal.



FIGURA 11: Sacrário fixo sobre o altar-mor, Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito. Tema representado na portinhola: Cristo Ressurreto. Foto: Leandro Gonçalves de Rezende.

⁶⁶ SANTOS, Cristina Isabel Passos Ribeiro Fé. *Contributo para o estudo dos sacrários Barrocos em Portugal*. Faro: Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2012. (História da Arte, Dissertação de Mestrado). p. 31-32.

⁶⁷ EUSÉBIO, Maria de Fátima. A iconografia do sacrário da Capela da Via-Sacra de Viseu. *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*. Porto: DCTP-FLUP, 2003. p. 492.



FIGURA 12: Sacrário eucarístico, altar-mor da Matriz de Bom Jesus do Monte, Furquim.
Tema representado na portinhola: Cordeiro sobre o Livro dos Sete Selos.
Foto: Maria Clara Caldas Soares Ferreira.



FIGURA 13: Sacrário eucarístico, altar da Capela do Santíssimo da Matriz de Santo Antônio, Santa Bárbara. Tema representado na portinha: eucaristia. Foto: Juninho Motta.

Tomando-se como exemplo as casas do Santíssimo fixas sobre os altares-mores das sedes paroquiais erigidas nos núcleos urbanos mais destacados das Comarcas de Vila Rica, Rio das Velhas e Rio das Mortes durante o século XVIII tem-se o seguinte quadro:

Quadro 2 – A iconografia dos sacrários eucarísticos			
Templo/Vila	Iconografia representada na portinhola do sacrário	Invenção/Atribuição do risco e da talha	Procedência do riscador/entalhador⁶⁸
Matriz de Nossa Senhora da Conceição/Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará	Cachos de uva (eucaristia)	Não identificada	Não identificada
Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção)/Vila do Ribeirão do Carmo/Mariana	Cristo Ressurreto	Não identificada	Não identificada
Matriz de Nossa Senhora do Pilar/Vila Rica	Ressurreição de Cristo	Francisco Branco de Barros Barriga e Francisco Xavier de Brito	Lisboa
Matriz de Nossa Senhora da Conceição/Vila Rica	Batismo de Cristo	Antônio Pereira de Souza Calheiros, Felipe Vieira e Jerônimo Félix Teixeira	Braga
Matriz de Nossa Senhora do Pilar/Vila de São João d'El Rey	Cordeiro sobre o Livro dos Sete Selos	José Coelho de Noronha	Lisboa
Matriz de Santo Antônio/Vila de São José d'El Rey	Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo	João Ferreira Sampayo	Braga

⁶⁸ As origens de Francisco Branco de Barros Barriga, Francisco Xavier de Brito, Antônio Pereira de Souza Calheiros, Felipe Vieira e José Coelho de Noronha são comprovadas pela documentação. Não se tem notícias sobre a origem de Jerônimo Félix Teixeira, mas a historiografia da arte o tem considerado como um entalhador bracarense. Sobre João Ferreira Sampayo nada se sabe, contudo, segundo o pesquisador Olinto Rodrigues dos Santos Filho, é provável “que seja natural da região do Minho e tenha adotado, como era comum, o nome da localidade de onde veio, pois há no Conselho de Braga uma freguesia denominada S. Payo da Parada, que poderá ter sido sua terra natal.” cf. SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes*. Brasília: IPHAN, 2011. p. 95-96. PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofício nas Minas Gerais do século XVIII*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Arquitetura, 2012. (Arquitetura e Urbanismo, Dissertação de mestrado). p. 71-95. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Entalhadores bracarenses e lisboetas em Minas Gerais. Artistas e Artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa: Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007. p. 423-430. HILL, Marcos César de Senna. Francisco Xavier de Brito: Um Artista Português Desconhecido no Brasil e em Portugal. *Revista do Instituto de Filosofia Arte e Cultura. IFAC/UFOP*. Ouro Preto, n. 3, dez. 1996. p. 46-51.

Antes de se prosseguir com o assunto iconográfico propriamente dito, faz-se necessário esclarecer a questão da invenção dos retábulos e, conseqüentemente, dos sacrários listados no Quadro 2. Conforme os registros da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica, Francisco Xavier de Brito foi contratado em 13 de abril de 1746 para executar a talha da capela-mor segundo o risco feito por Francisco Branco de Barros Barriga. Entretanto, em junho de 1747 o entalhador arrematante do serviço apresentou outro desenho com modificações no “remate” do retábulo, “nichos das ilhargas” e “sacrário”, sendo o seu projeto considerado pelas confrarias contratantes mais elegante e perfeito do que o outrora feito por Barriga.⁶⁹ Como não se sabe que ideias do risco anterior foram aproveitadas, optou-se por considerar Francisco Branco de Barros Barriga e Francisco Xavier de Brito como os inventores do desenho do retábulo, incluindo o tabernáculo eucarístico. Situação parecida ocorreu na outra sede paroquial de Vila Rica, cuja talha do retábulo-mor foi executada entre 1760 e 1768.⁷⁰ De acordo com o registro feito em 1790 pelo capitão Joaquim José da Silva (o segundo vereador da câmara do senado de Mariana), os entalhadores “Jerônimo Félix e Felipe Vieira, êmulos de Noronha e Xavier; excederam na exaço do retábulo principal da matriz de Antônio Dias da mesma vila o confuso desenho do doutor Antônio de Souza Calheiros.”⁷¹ Como não se sabe exatamente quais foram as modificações que Felipe Vieira e Jerônimo Félix Teixeira fizeram no risco de Antônio Pereira de Souza Calheiros optou-se por atribuir a invenção do retábulo e do sacrário aos três oficiais. Já na Matriz de Nossa Senhora do Pilar da Vila de São João Del Rey, ao que tudo indica, a talha do retábulo-mor foi realizada por José

⁶⁹ Sobre o termo assinado por Francisco Xavier de Brito em 13 de abril de 1746 consulte: CC/CECO. Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Irmandade do Santíssimo Sacramento. TERMOS, ACÓRDÃOS E LEMBRANÇAS, Volume 224, Filme 011, fl.53. Sobre o novo risco feito por Francisco Xavier de Brito e a aprovação das irmandades contratantes que acharam “conveniente o fazer se od° Remate niçhos e Sacrario na forma que se acha no dito Rizco que fez o d° Franc° Xavier de Brito por ficar commaiz alegancia e perfeição p^a a dita obra como he da cupulla que no dito Rizco semostra (...)” consulte: *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.57-57v. (A grafia original foi mantida).

⁷⁰ A talha da capela-mor foi contrata em 26 de março de 1760. Conforme consta no Livro de Receita e Despesa da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição (1726-1805), Felipe Vieira recebeu pagamentos por conta da talha da capela-mor até 1767/1768. cf. AEPNSC/Ouro Preto: Livro da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição (1726–1805). Códice 5.3.1. Estante 05, prateleira 25. MENEZES, Ivo Porto. Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias em Ouro Preto. In: *Jornal O Arquidiocesano*. n° 1093, ano XXII, 24 de agosto de 1980. p. 2-3.

⁷¹ Trecho transcrito por BRETAS, Rodrigo José Ferreira. *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 50.

Coelho de Noronha. A análise estilística e as correlações entre os elementos ornamentais empregados neste retábulo e no da capela-mor da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Vila Nova da Rainha de Caeté – onde o citado entalhador trabalhou a partir de 1748, conforme fontes coevas⁷² – sustentam a atribuição aventada por Germain Bazin, Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira e Aziz José de Oliveira Pedrosa.⁷³ Além disso, as pesquisas arquivísticas recentemente realizadas por este último estudioso demonstram que José Coelho de Noronha estava na Vila de São João d’El Rei em dezembro de 1754, que se tornou membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento desta mesma localidade em três de abril de 1755 e que no seu Inventário (datado de 1765, ano do seu falecimento) foi feito o registro de um crédito a receber no valor de “duzentos e cinquenta mil setecentos e sessenta e três reis” pelas “obras da capela Mor da Igreja Matriz” da citada vila.⁷⁴ Sabendo-se das habilidades de José Coelho de Noronha como entalhador e arquiteto,⁷⁵ optou-se por atribuir o risco retabilístico (que inclui o sacrário) a ele também. No tocante ao retábulo principal da Matriz de Santo Antônio da Vila de São José d’El Rei, a documentação da Irmandade do Santíssimo Sacramento demonstra que o entalhador João Ferreira Sampayo foi o arrematante e o executante, juntamente com sua oficina, de todo o serviço de talha da capela-mor (retábulo,

⁷² APM, SC – Delegacia Fiscal, códice 1075, fl. 104 (Termo de lançamento da arrematação da obra de talha do retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, 10 de maio de 1758), fl. 127-130 (Termo de fiança da obra do retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, 4 de agosto de 1760). A transcrição destes documentos pode ser consultada em PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do século XVIII... op. cit.*, Anexos.

⁷³ BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983. vol. 1. p. 347. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Tipologia da Talha Rococó em Minas Gerais: retábulos de Capela-mor. *Barroco*. Belo Horizonte, n° 15, 2006. p. 145. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Entalhadores bracarenses e lisboetas em Minas Gerais. *Artistas e Artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa... op. cit.*, p. 423-430. PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do século XVIII... op. cit.*, p. 71-146.

⁷⁴ APNSP/Ouro Preto – Livro de Receita e despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1749-1810), vol. 218, fl. 46 v. AEDSJDR – Livro de Entrada de Irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Livro 18, Tomo II (1717-1790), fl. 115. Arquivo do Escritório Técnico II do IPHAN/São João del-Rei. Inventário, 1765 – Noronha, José Coelho de. Inventariante: Leitão, Sebastião Ferreira. Caixa: 345. fl. 31v. A transcrição destes documentos pode ser consultada em PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do século XVIII... op. cit.*, Anexos.

⁷⁵ “P ouro q. paguei a José Coelho pelo risco que se fez p^a a Igr.^a Nova. 50/8. (1762). AEAM – Livro de Receitas e Despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de São João Batista do Morro Grande (1735-1815), fl. 103. A transcrição deste documento pode ser consultada em PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do século XVIII... op. cit.*, Anexos.

sacrário, ilhargas e arco do cruzeiro), sendo a obra retabilística realizada entre os anos 1736 e 1747.⁷⁶ Sobre a invenção do risco, as fontes nada esclarecem, mas a homogeneidade do conjunto evidencia a existência de um projeto predeterminado que, provavelmente, foi elaborado pelo mesmo entalhador que arrematou a obra.⁷⁷ Lamentavelmente não se tem informações sobre os oficiais que idealizaram e executaram a talha dos altares principais das igrejas matrizes erigidas na Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, cuja parte central do retábulo foi produzida por volta de 1710 (acréscimos no coroamento e laterais foram feitos entre 1725 e 1735), e da Vila do Ribeirão do Carmo, cujo retábulo estava pronto em 1727 (época em que recebeu o douramento). Contudo, ressalta-se que a historiografia da arte os tem considerado como entalhadores lusitanos. Assim sendo, pode-se dizer que os seis tabernáculos eucarísticos selecionados para estudo possuem uma ligação direta (ou filiação) com a tradição artística portuguesa e, também, italiana. Cabe lembrar que durante o longo reinado de Dom João V (1707-1750), sobretudo na época da construção do Palácio-Convento de Mafra (iniciada em 1717), a importação de obras de arte e de artífices/artistas provenientes da Itália intensificou-se sobremaneira.⁷⁸ Além disso, sabe-se que a criação e a instalação da chamada Academia Portuguesa das Artes em Roma fortaleceu o intercâmbio cultural e a introdução do barroco romano em Portugal.⁷⁹

⁷⁶ APT – Livro de Receita e Despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1736-1761), fl. 31v, 36, 40v, 41v, 58, 83v.

⁷⁷ Nas palavras do pesquisador Olinto Rodrigues dos Santos Filho: “O conjunto da talha da capela-mor, ao que parece, foi projetado também por Sampaio, embora a documentação silencie sobre isso. Mas trata-se de um conjunto homogêneo que seguiu um projeto predeterminado de grande qualidade técnica e plástica.” “O retábulo do altar-mor constitui-se em peça única na história da evolução da talha no Brasil pelo inusitado da composição, pelo vigor da talha “gorda”, pela forma da decoração das colunas e pelo tratamento do trono, entre outros.” SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes... op. cit.*, p. 84 e 87.

⁷⁸ SMITH, Robert. *A talha em Portugal... op. cit.*, p. 95-121.

⁷⁹ “A Academia Portuguesa das Artes em Roma, fundada por D. João V, foi extinta em 1760 quando Portugal rompeu relações com a Santa Sé depois da expulsão dos jesuítas; e o Colégio Português de Belas-Artes em Roma, criado em 1791, foi extinto em 1797 quando da invasão dos Estados Pontifícios por Napoleão. Essas *academias* portuguesas na Itália, e o trânsito permanente de artistas que eram enviados à península para completar seus estudos em escolas ou ateliês locais, esvaziaram em certa medida a possibilidade de criação de instituições duradouras em Portugal. O que lá funcionou, foram escolas ligadas às grandes obras, como Mafra, ou depois o Paço da Ajuda; ou às manufaturas reais, a partir da época de Pombal.” GOMES JR., Guilherme Simões. *Vidas de artistas: Portugal e Brasil. Revista brasileira de Ciências Sociais*. 2007. vol. 22, n.64. p. 33-47.

De volta ao assunto iconográfico, interrompido por uma necessária digressão, nota-se que as composições figurativas escolhidas para ornamentar os sacrários eucarísticos registrados no Quadro 2 versam sobre importantes temas teológico-doutrinários: a Eucaristia, a vitória de Cristo sobre a morte e sua missão salvífica. A primeira temática foi desenvolvida no tabernáculo da Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Vila do Sabará. A segunda está explícita nos sacrários das matrizes de Nossa Senhora da Conceição da Vila do Ribeirão do Carmo (elevada à Catedral de Nossa Senhora da Assunção no fim da primeira metade do século XVIII) e de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica. A terceira, apresentando Jesus como o filho de Deus (Mateus 3, 16-17, Marcos 1, 10-11, Lucas 3, 21-22), como o único ser digno de abrir e desatar os sete selos do Livro que contém o sentido da história (Apocalipse 5) e como o Cordeiro que tira o pecado do mundo (João 1, 29) foi representada nas casas do Santíssimo das matrizes de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica, de Nossa Senhora do Pilar de São João d'El Rey e de Santo Antônio da Vila de São José d'El Rey.

2.1 Cachos de uva

Ao se observar detidamente o sacrário do altar-mor da matriz de Sabará, vê-se que o artista responsável pela obra representou em sua portinhola um ramo da videira com três cachos de uva (FIG. 14). Este ornamento fitomorfo (também presente nas colunas do retábulo) pode parecer, a princípio, apenas um elemento decorativo muito próprio da talha em estilo nacional-português.⁸⁰ Contudo, ao ser disposto no centro da portinhola do tabernáculo eucarístico, o símbolo e seu valor teológico-doutrinário ganharam destaque. O fruto da videira, sem sombra de dúvida, faz referência ao sacramento da eucaristia⁸¹ e, por conseguinte, à comunhão dos

⁸⁰ BOHRER, Alex Fernandes. O estilo Nacional Português em Minas Gerais e seus antecedentes luso-brasileiros. In: BOHRER, Alex Fernandes; PIRES, Maria do Carmo; ANDRADE, Francisco Eduardo de (Org.). *Poderes e Lugares de Minas Gerais: um quadro urbano do interior brasileiro, séculos XVIII-XX*. São Paulo: Scortecci/UFOP, 2013. p. 233-248.

⁸¹ A Eucaristia foi comumente representada na arte cristã pelo trigo (ou pão, ou hóstia) e pela uva (ou cálice de vinho) separadamente (Veja FIG. 13 e 14). Esta iconografia está de acordo com a doutrina católica vigente no período tridentino, pois “a presença de Cristo é total, quer na espécie de pão, quer na espécie de vinho: e de tal maneira, que nos acidentes do pão não se acha realmente presente só o Corpo, mas também o Sangue e Cristo todo; bem como na espécie de vinho está verdadeiramente presente, não só o Sangue, mas também o Corpo e Cristo todo inteiro. cf. CATECISMO ROMANO... *op. cit.*, p. 288.

justos com Cristo. As duas fênix (com as asas abertas e carregando em seus respectivos bicos um bago de uva) que simetricamente ladeiam a parte superior da portinhola do tabernáculo evocam a maior promessa do cristianismo: os justos, partícipes do corpo místico de Cristo (por meio do batismo, da fé em seu sacrifício/ressurreição e pela comunhão eucarística) serão salvos e gozarão da vida eterna na “Nova Jerusalém”.⁸² Ressalta-se que o pássaro mítico-pagão referenciado no sacrário é símbolo de imortalidade e ressurreição e, por isso mesmo, foi apropriado pela cultura cristã e usado em larga escala desde os tempos antigos como emblema de Cristo e também dos eleitos (que como Ele ressuscitarão para a vida eterna).⁸³ Deste modo, a inclusão da fênix na decoração da casa do Santíssimo e sua associação à eucaristia resultaram em uma “piedosa efígie”, cujo significado simbólico expressa as palavras proferidas pelo Messias (de acordo com o evangelho de João) em uma sinagoga de Cafarnaum: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem se alimenta com a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.” (João 6, 53-54).⁸⁴

⁸² De acordo com a doutrina tridentina: “a Eucaristia é o fim de todos os Sacramentos, é o emblema da mais estreita unidade da Igreja. E fora da Igreja ninguém pode conseguir a graça.” CATECISMO ROMANO... *op. cit.*, p. 296.

⁸³ cf. o verbete FÊNIX. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 421-422. Título original: *Dictionnaire des Symboles*.

⁸⁴ Ressalta-se que os simbolismos e as mensagens teológico-doutrinárias expressas na arte só eram reconhecidos e compreendidos por aqueles que já haviam sido iniciados na fé cristã-católica. É preciso ter em mente que as imagens emocionam e persuadem, mas o seu efeito evangelizador e doutrinador é limitado quando a palavra se ausenta. Daí a importância da catequese, da literatura piedosa, dos sermões e dos ritos litúrgicos.



FIG. 14: Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sabará.
Foto: Juninho Motta.

2.2 O triunfo de Cristo sobre a morte

O triunfo de Cristo sobre a morte foi alusivamente referenciado em todas as casas do Santíssimo selecionadas para estudo. De uma maneira, ou de outra, todos os sacrários listados no quadro 2 foram ornamentados com “piedosas efígies” que evocam o sacrifício e a ressurreição do Messias. Contudo, somente as portinholas dos tabernáculos das matrizes de Nossa Senhora da Conceição da Vila do Ribeirão do Carmo (FIG. 15) e de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica (FIG. 16) apresentam especificamente a iconografia do Cristo Ressurreto.⁸⁵ Na primeira delas a temática foi tratada da seguinte maneira: Cristo Triunfante, com cabelos compridos, barba e bigode – como tradicionalmente é retratado na arte cristã – está de pé sobre uma pequena plataforma com a perna esquerda na frente. A mão direita está erguida em posição abençoadora,⁸⁶ enquanto a esquerda sustenta um estandarte com bandeira desfraldada (símbolo de sua vitória sobre a morte). A nudez do Cristo está decorosamente coberta pelo perizônio e sobre o seu braço esquerdo pende um tecido que, levantado ao vento, passa atrás de seu corpo. Simetricamente dispostos, há nuvens e seis cabeças de anjos ladeando a portinhola e dois anjos esculpidos de corpo inteiro segurando o sacrário. (Observe composição semelhante na FIG. 11).

Na portinhola do tabernáculo eucarístico da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica, vê-se que o Cristo também foi representado com cabelos compridos, barba e bigode, mas sobre sua cabeça há um resplendor radioso (símbolo de santidade e glória). A composição é diferente da anterior: o Cristo triunfante, rodeado por quatro cabeças de anjos, paira sentado no ar sobre o jazigo aberto. Sua mão direita sustenta o estandarte crucífero com a bandeira desfraldada, enquanto a esquerda, erguida e espalmada, apresenta a marca do cravo que lhe feriu. No lado direito do seu peito está a incisão provocada pela lança do soldado. O pé direito, cruzado sobre o outro, também exhibe a chaga oriunda da crucificação. Sua nudez está coberta pelo perizônio, cuja longa ponta passa por suas costas e pende sobre

⁸⁵ A ressurreição de Cristo foi registrada nos evangelhos de Mateus (28, 1-10), Marcos (16, 1-8), Lucas (24, 1-10) e João (20, 1-18). As versões narrativas dos evangelistas, aliadas a outras tradições literárias popularizadas na Idade Média, ocasionaram o surgimento de diversos tipos iconográficos. Sobre o assunto cf. RÉAU, Louis. *Iconografia del arte Cristiano*: Iconografia de la Bíblia – Nuevo Testamento. 3ª ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008. Tomo 1, vol. 2. p. 560-572.

⁸⁶ O alto-relevo está danificado, mas é possível ver que os dedos indicador e médio estão esticados.

seu braço esquerdo. Abaixo do Cristo está o anjo que arrastou a pedra sepulcral e o túmulo vazio⁸⁷ sobre um grande pedregulho.



FIG. 15: Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção), Mariana.
Foto: Juninho Motta.

⁸⁷ À beira do jazigo vê-se dependurado o tecido que, segundo os textos bíblicos, José de Arimatéia comprou para envolver o cadáver de Cristo e sepultá-lo.



FIG. 16: Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto.
Foto: Juninho Motta.

Salienta-se que embora a composição figurativa representada nos sacrários das matrizes de Nossa Senhora da Conceição da Vila do Ribeirão do Carmo (FIG. 15) e de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica (FIG. 16) seja distinta – a primeira apresenta Cristo Ressurreto e a segunda o momento da Ressurreição (com clara alusão ao sacrifício na cruz) – ambas expressam a mesma mensagem anunciada pelo próprio Messias enquanto subia com seus discípulos para Jerusalém: “o Filho do Homem será entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte, e o entregarão aos pagãos. Vão zombar dele, cuspir nele, açoitá-lo e mata-lo, mas três dias depois, ele ressuscitará.” (Marcos 10, 33-34; veja também Marcos 8, 31 e 9, 31).

2.3 O batismo de Cristo

Inusitadamente o tabernáculo eucarístico da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica traz em sua portinhola a representação do batismo de Cristo. Este tema iconográfico, muito frequente na ornamentação de batistérios e pias batismais desde os tempos antigos do cristianismo, não faz parte do repertório comumente usado nas casas do Santíssimo. Contudo, como se verá a seguir, ele não é inapropriado e, certamente por isso, as autoridades eclesiais responsáveis pela consagração do altar-mor o aprovaram.

Primeiramente deve-se levar em conta que esta “piedosa efigie” evoca um momento teofânico: o Espírito Santo desce sobre Jesus como uma pomba e uma voz vinda do céu proclama: “este é meu filho amado; nele está o meu agrado.” (Mateus 3, 16-17, Marcos 1, 10-11, Lucas 3, 21-22). Além disso, de acordo com o evangelho de João (1, 29), Cristo é apresentado por seu batizador, João Batista, como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.⁸⁸ Portanto, este tema iconográfico expressa a divindade de Jesus; faz referência à sua missão redentora anunciada teofanicamente e profeticamente; ao seu sacrifício como Cordeiro Pascal e, de maneira análoga, à sua ressurreição. Provavelmente a escolha desta cena para ornamentar a portinhola do sacrário eucarístico deveu-se ao fato de ela destacar a importância do sacramento do batismo para a vivência da fé católica. Conforme as recomendações do *Catecismo Romano*:

⁸⁸ O evangelho de João não faz referência à voz que do céu proclama “este é meu filho amado, em quem me comprazo”, mas descreve o Espírito Santo descendo como uma pomba sobre o Cristo.

Desde que façam tenção de se converter a Deus Nosso Senhor, cumpre advertir-lhes não dilatam a recepção do Sacramento, além do tempo prescrito pela Igreja. Pois está escrito: "Não tardes em converter-te ao Senhor, e não deixes de dia para dia a tua conversão". Devemos, portanto, explicar-lhes que a perfeita conversão consiste na regeneração pelo Batismo. **Quanto mais demorarem o Batismo, tanto mais tempo ficarão privados do uso e do efeito dos outros Sacramentos, pelos quais se mantém a Religião Cristã. Sem o Batismo, ninguém está em condições de recebê-los.**⁸⁹

Portanto, o tema representado na portinhola da casa do Santíssimo da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica exorta e convida os fiéis a viverem o batismo que, na fé cristã, significa morrer com Cristo e ressuscitar com ele (Romanos 6, 3-4). De acordo com o *Catecismo Romano*:

Deus nada aborrece naqueles que foram regenerados, porque não existe nenhum motivo de condenação naqueles que, **em virtude do Batismo, foram verdadeiramente sepultados com Cristo para a morte; naqueles que não vivem segundo a carne, e se desapegaram do homem velho, para se revestirem do homem novo, criado à imagem de Deus**, e dessa maneira se tornaram inocentes, imaculados, puros, irrepreensíveis, e agradáveis a Deus.⁹⁰

Observando com atenção a portinhola do sacrário da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica (FIG. 17 e 18), nota-se que os entalhadores responsáveis pela obra de talha da capela-mor representaram a cena do batismo da seguinte maneira: em alto-relevo está o Cristo – com cabelos compridos, barba e bigode – de pé sobre um rochedo, com a perna direita na frente, e com as mãos postas sobre o peito (um sinal de contrição que não lhe cabe, mas que serve de exemplo para os batizados). Como nas cenas da ressurreição anteriormente descritas, sua nudez está decorosamente coberta pelo perizônio. À sua retaguarda, segurando o longo tecido que passa por trás de seu corpo e cuja ponta pende sobre seu braço esquerdo, há um anjo.⁹¹ Ao lado e um pouco atrás do Messias, João Batista – representado com cabelos compridos, barba e bigode – está de pé sobre

⁸⁹ CATECISMO ROMANO... *op. cit.*, p. 239. (Grifos meus).

⁹⁰ CATECISMO ROMANO... *op. cit.*, p. 243. (Grifos meus).

⁹¹ A presença do anjo no batismo de Cristo não é mencionada nos relatos bíblicos e também não consta nos textos apócrifos. De acordo com Louis Réau, a inclusão deste personagem na cena é bastante antiga e está associada ao rito litúrgico bizantino no qual um diácono, assistente do bispo, ajudava os neófitos a vestirem uma túnica branca após a imersão. Sobre a iconografia do batismo de Cristo e suas variantes na arte cristã desde o século II até o XIX consulte: RÉAU, Louis. *Iconografia del arte Cristiano: Iconografia de la Bíblia – Nuevo Testamento...* *op. cit.*, Tomo 1, vol. 2. p. 307-316.

uma rocha, com o peito desnudo e a mão direita sobre a cabeça do batizando.⁹² O rio Jordão não foi referenciado na cena por recurso escultórico, mas o fundo da composição está pintado de azul. Logo acima da portinhola, referindo-se ao momento teofânico relatado nos evangelhos canônicos, está o Espírito Santo representado como uma pomba radiosa. Arrematando o sacrário está o cordeiro deitado sobre um livro. Este emblema cristão faz alusão ao Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, mas baseia-se fundamentalmente no capítulo 5 do Apocalipse. Não se tem notícias sobre a autoria desta peça móvel que arremata o sacrário, nem tampouco sobre a época em que ela foi concebida e fixada, mas, ao que parece, trata-se de um acréscimo posterior à obra executada por Felipe Vieira e Jerônimo Félix Teixeira. (Veja FIG. 19).

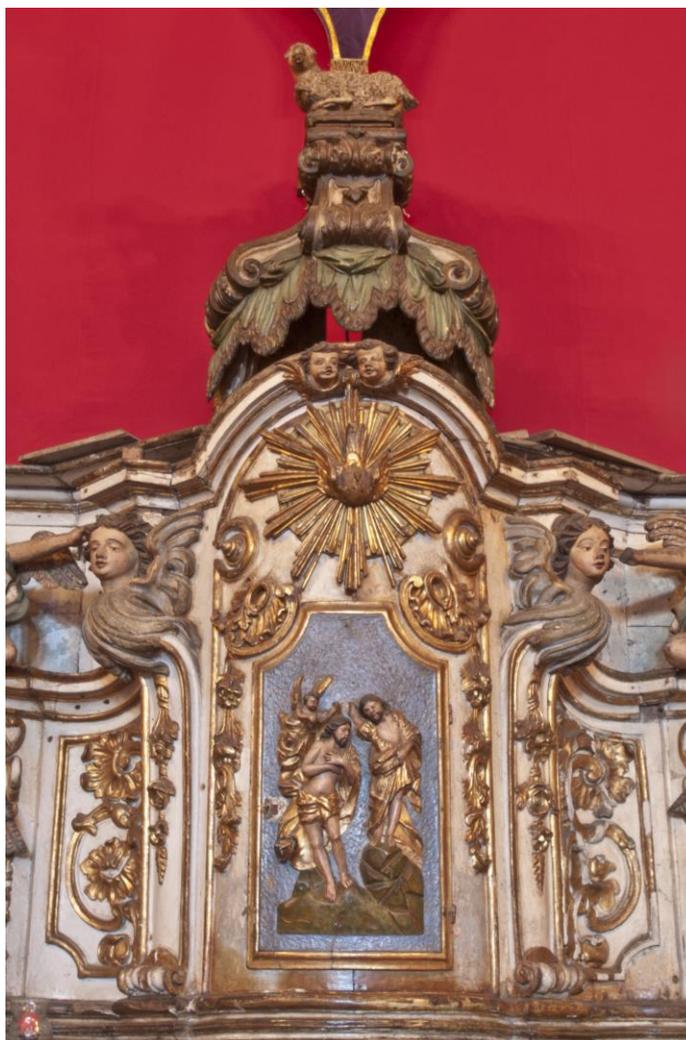


FIG. 17: Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Ouro Preto.
Foto: Juninho Motta.

⁹² O braço direito de João Batista está danificado, mas sua posição indica que a mão estaria sobre a cabeça de Jesus; provavelmente derramando água. (Veja FIG. 18).



FIG. 18: Detalhe da cena representada na portinhola do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Ouro Preto. Foto: Juninho Motta.



FIG. 19: Detalhe do arremate fixado sobre o sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Ouro Preto. Foto: João Henrique Sad Jr. e Sabrina Sant'Anna.

2.4 O Cordeiro sobre o Livro dos Sete Selos

De acordo com o Apocalipse – texto neotestamentário que relata as revelações (visões proféticas) que João recebeu na ilha de Patmos – o Cordeiro (Cristo morto e ressuscitado) é o único ser digno de desatar os sete selos do pergaminho escrito por dentro e por fora (livro que contém o sentido da História) que está na destra de Deus:⁹³

Então, vi um Cordeiro. Estava no centro do trono e dos quatro Seres vivos, no meio dos Anciãos. Estava de pé, como que imolado. O Cordeiro tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus, enviados por todas a terra. Então o Cordeiro veio receber o livro, da mão direita daquele que está sentado no trono. Quando ele recebeu o livro, os quatro Seres vivos e os vinte e quatro Anciãos prostraram-se diante do Cordeiro. Todos tinham harpas e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos. E entoaram um cântico novo: “Tu és digno de receber o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste imolado, e com o teu sangue adquiriste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação. Deles fizeste para o nosso Deus um reino de sacerdotes. E eles reinarão sobre a terra”. Eu vi – eu ouvi a voz de numerosos anjos, que rodeavam o trono, os Seres vivos e os Anciãos. Eram milhares de milhares, milhões de milhões, e proclamavam em alta voz: “O Cordeiro imolado é digno de receber o poder, a riqueza, a sabedoria e a força, a honra, a glória e o louvor”. E todas as criaturas que estão no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que aí se encontra, eu as ouvi dizer: “Ao que está sentado no trono e ao Cordeiro, o louvor e a honra, a glória e o poder para sempre”. Os quatro Seres vivos respondiam: “Amém”. E os Anciãos se prostraram e adoraram. (Apocalipse 5, 6-14).

Conforme se depreende do texto bíblico, o Cordeiro do Apocalipse⁹⁴ é uma “piedosa efigie” digna da casa do Santíssimo, pois exalta o sacrifício e o triunfo de Cristo sobre a morte, sua soberania, santidade, honra e glória. Não por acaso, depois da iconografia da ressurreição, este foi o emblema mais usado nas

⁹³ Segundo o capítulo 4 do Apocalipse, Deus (sob o aspecto de uma pedra jaspe e cornalina) está assentado em um trono envolvido pelo arco-íris.

⁹⁴ Na iconografia cristã há quatro tipologias do *Agnus Dei*: o Cordeiro Edênico, o Cordeiro Crucífero, o Cordeiro Vexilífero e o Cordeiro do Apocalipse. O primeiro é representado sobre um rochedo de onde partem os quatro braços do rio que rega o Jardim do Éden (Pisom, Giom, Tigre e Eufrates, conforme Gênesis 2, 10-14). O segundo, com a ferida em seu flanco jorrando sangue, é representado ajoelhado com uma cruz (alusão ao sacrifício de Cristo). O terceiro sempre aperta um estandarte crucífero contra o peito (alusão à ressurreição de Cristo). O quarto é comumente representado deitado sobre o Livro dos Sete Selos. Ressalta-se que as expressões “cordeiro edílico” e “cordeiro apocalíptico” usadas no texto de FALCÃO, José Antônio. O Mistério de Cristo na revelação Artística. *Exposição do Grande Jubileu do Ano 2000: Cristo Fonte de Esperança*. Porto, 2000, p. 31 foram respectivamente alteradas e registradas nesta pesquisa como “cordeiro edênico” e “cordeiro do Apocalipse” por sugestão do teólogo Francisco Taborda, SJ, que considera a terminologia empregada por José Antônio Falcão inadequada e ambígua.

portinholas dos tabernáculos eucarísticos produzidos em Portugal desde o século XVII.

Nas Minas Gerais setecentistas, dentre as matrizes selecionadas para estudo, a visão profética descrita nos capítulos 4 e 5 do Apocalipse foi representada no tabernáculo do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar da Vila de São João d'El Rey (FIG. 20). No centro da portinhola vê-se o *Agnus Dei* deitado sobre o livro lacrado com sete selos e portando estandarte crucífero com bandeira desfraldada (alusão à morte e ressurreição de Cristo). Ao redor do repositório eucarístico semiesférico, em sentido horário, estão simetricamente dispostos os quatro seres vivos descritos por João:⁹⁵ uma águia, um rosto de homem com asas, uma cabeça de leão e uma cabeça de boi (FIG. 20, 22 e 23). Estes seres, cuja aparência completa está registrada no capítulo 4 do Apocalipse,⁹⁶ circundam o Cordeiro que, por sua vez, como descrito no capítulo 5, está junto ao trono de Deus. No arremate da casa do Santíssimo, por meio da representação do pelicano que alimenta três filhotes com seu sangue (FIG. 21),⁹⁷ o artista deu relevo ao sacrifício de Cristo e ao amor misericordioso de Deus para com os homens: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3,16).

⁹⁵ Esclarece-se que a exegese atual não considera que o autor do Apocalipse seja o João Evangelista.

⁹⁶ Os quatro seres vivos, conforme se lê em Apocalipse 4, 6-8, eram cheios de olhos (por diante e por detrás). O primeiro era semelhante a um leão, o segundo a um bezerro, o terceiro tinha o rosto como de homem e o quarto era semelhante a uma águia voando. Todos eles eram alados e tinham seis asas cada. No período patrístico os quatro animais alados descritos em Apocalipse 4, 6-8 (e também os tetramorfos descritos em Ezequiel 1, 1-14 e 10, 1-22) foram associados aos quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João). O primeiro a fazer esta associação foi Irineu de Lião (ca.120-202 d.C). Segundo ele: o evangelho de Mateus corresponde ao ser vivente que tem rosto de Homem, o de João ao Leão, o de Lucas ao Boi e o de Marcos à Águia (*Adversus Haereses* 3.11.8; publicado em português: *Contra as Heresias*. São Paulo: Paulus, 2005.); de acordo com Santo Agostinho (354-430 d.C): o que tem rosto de Homem representa o evangelho de Marcos, o Leão o de Mateus, o Boi o de Lucas e a Águia o de João (*De Consensu Evangelistarum* 1.6.9); conforme São Jerônimo (ca. 347-420 d.C): o que tem rosto de Homem corresponde ao evangelho de Mateus, o Leão ao de Marcos, o Boi ao de Lucas e a Águia ao de João (*Prefácio ao Comentário sobre Mateus*). A partir do século V, sob a influência do pensamento de São Jerônimo, a arte cristã passou a representar os quatro seres viventes (ou animais) – com asas e também sem asas – como símbolo dos quatro evangelistas (ou dos evangelhos personificados por seus autores). Sobre esta iconografia confira os verbetes JUAN EVANGELISTA; LUCAS EVANGELISTA; MARCOS EVANGELISTA; MATEO, APÓSTOL Y EVANGELISTA em RÉAU, Louis. *Iconografía del arte Cristiano: Iconografía de los santos*. 2ª ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2000. Tomo 2, vol. 3. p. 186-199; 262-267; 321-327; 370-375.

⁹⁷ cf. o verbete PELICANO. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos... op. cit.*, p. 705.



FIG. 20: Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João Del Rei.
Foto: Sabrina Sant'Anna.



FIG. 21: Detalhe do pelicano alimentando três filhotes. Arremate do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar. São João del-Rei. Foto: Sabrina Sant'Anna.



FIG. 22: Detalhe dos símbolos de João (águia) e Mateus (homem alado). Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar. São João del-Rei. Foto: Sabrina Sant'Anna.

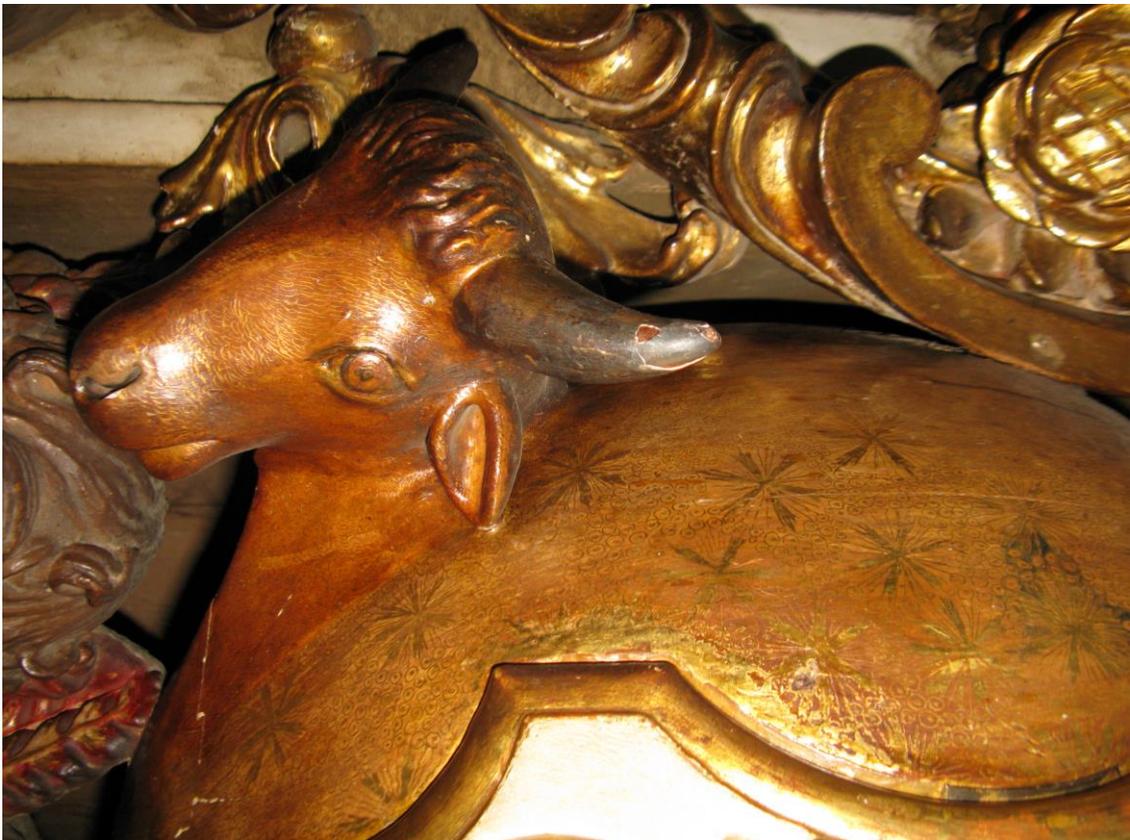


FIG. 23: Detalhe dos símbolos de Marcos (leão) e Lucas (boi). Sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar. São João del-Rei. Foto: Sabrina Sant'Anna.

2.5 O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo

O sacrário eucarístico da Matriz de Santo Antônio da Vila de São José d'El Rey também traz em sua portinhola a representação de um cordeiro (FIG. 24). Contudo, neste caso, a referência textual para a composição figurativa foi o evangelho de João 1, 28-29. De acordo com esta passagem bíblica, João Batista estava pregando e batizando em Betânia, às margens do rio Jordão, quando viu Jesus vindo ao seu encontro e disse: “eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo”. Assim, mais uma vez, o tema iconográfico escolhido para ornamentar a casa do Santíssimo destaca a santidade e a missão salvífica do Cristo. Observando com atenção a cena representada na portinhola do sacrário vê-se que o *Agnus Dei* está de pé sobre o tronco de uma árvore cortada, mas não desarraigada, com as patas dianteiras apoiadas no joelho de João Batista. Este – com cabelo comprido, barba e bigode, usando vestes de tecido com pele de animal no peitoral⁹⁸ – está apontando o cordeiro com a mão esquerda (o dedo indicador está esticado) e segurando com a mão direita o estandarte crucífero com bandeira desfraldada. Analisando a simbologia dos elementos figurativos que compõem esta cena tem-se a seguinte interpretação: a imagem do cordeiro de pé sobre a árvore cortada e não desarraigada evoca a profecia registrada em Isaías 11, 1 – “Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das raízes um renovo frutificará.”⁹⁹ Esta erudita associação entre a promessa veterotestamentária da vinda do Messias e o seu cumprimento no Novo Testamento expressa e enfatiza perfeitamente a missão do Cordeiro Pascal.¹⁰⁰ O estandarte crucífero com bandeira desfraldada, atributo do

⁹⁸ Sobre a representação de João Batista na arte cristã leia: RÉAU, Louis. *Iconografía del arte Cristiano: Iconografía de La Biblia – Antiguo testamento*. 2ª ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1999. Tomo 1, vol. 1. p.488-521.

⁹⁹ Veja a genealogia de Jesus conforme o evangelho de Mateus 1, 1-17. Ressalta-se que a árvore cortada e não desarraigada é uma alegoria da renovação.

¹⁰⁰ Há uma confluência entre a profecia de Isaías e a narrativa do evangelho de João. O versículo 2 do capítulo 11 de Isaías diz: “Sobre ele [o rebento que brotará do tronco de Jessé] há de pousar o espírito do Senhor, espírito de sabedoria e compreensão, espírito de prudência e valentia, espírito de conhecimento e temor do Senhor”. Ora, no evangelho de João, capítulo 1, 32 está escrito: “João [Batista] ainda testemunhou: Eu vi o Espírito descer do céu, como pomba, e permanecer sobre ele [o Cristo].” Portanto, a teofania testemunhada por João Batista confirma a profecia descrita em Isaías. Contudo, nota-se que a pomba não faz parte da composição figurativa representada na portinhola do sacrário da Matriz de Santo Antônio. Provavelmente isto aconteceu porque o objetivo era dar relevo ao anúncio de Cristo como Cordeiro Pascal e a presença da pomba na cena – tradicionalmente associada à iconografia do batismo de Cristo – podia confundir os observadores e dificultar a fruição da mensagem.

Ressurreto, foi representado na mão direita de João Batista porque ele é o precursor e o anunciador do Cristo, é a voz que clama no deserto e batiza com água (Mateus 3, 1-12 e 11, 7-19; Marcos 1, 1-8; Lucas 3, 1-17 e 7, 24-35; João 1, 6-31). Portanto, o tema iconográfico escolhido para ornamentar a portinhola deste tabernáculo eucarístico, embora não faça parte do repertório comumente usado na Época Moderna, faz alusão ao sacrifício do Messias e à sua ressurreição triunfante.



FIG. 24: Sacrário fixo sobre o altar-mor, Matriz de Santo Antônio, Tiradentes.
Foto: Sabrina Sant'Anna.

A análise do repertório iconográfico usado na ornamentação dos tabernáculos fixos sobre os altares-mores das matrizes erigidas nas principais Vilas da região centro-sul das Minas Gerais setecentistas evidencia o desejo, o esforço e o zelo que as irmandades encomendantes e os entalhadores tiveram para dignificar a casa do Santíssimo. Todas as cenas representadas, conforme se demonstrou neste capítulo, destacaram a missão redentora do Cristo apresentando-o como o filho de Deus (o Messias enviado), como o *Agnus Dei* (o Cordeiro Pascal e do Apocalipse) e como aquele que venceu a morte (o Ressurreto). Pode-se dizer, então, que as seis composições imagéticas analisadas estão de acordo com os princípios decorosos estabelecidos no décimo terceiro capítulo do tratado de Carlos Borromeu, posto que todas são “piedosas efígies” que evocam os mistérios da Paixão de Cristo.

3. A FORMA DAS PORTINHOLAS E DOS SACRÁRIOS EUCARÍSTICOS

Sabendo-se que o sacrário eucarístico era a casa do Santíssimo – o lugar destinado a guardar hóstias transubstanciadas no corpo de Cristo para o provimento do viático e adoração com culto de latria – não é de se admirar que os temas iconográficos usados em sua ornamentação exaltassem a santidade, o sacrifício e a ressurreição de Cristo. Mas o que dizer das formas das portinholas e dos sacrários eucarísticos das sedes paroquiais erigidas nas principais vilas da região centro-sul das Minas Gerais setecentistas? Seriam estas formas aleatórias e desprovidas de significado?

3.1 As Instruções de Carlos Borromeu, a tradição do simbolismo numérico e as formas usadas na composição nos sacrários eucarísticos produzidos nas Minas Gerais setecentistas

Conforme mencionado no capítulo anterior, as legislações eclesiásticas (sinodais e provinciais) redigidas antes e depois do Concílio de Trento, de uma maneira geral, prescreviam regras concernentes ao decoro, sacralidade e segurança dos sacrários, mas não estabeleciam normas, ou princípios norteadores pormenorizados, para a sua concepção artística. Justamente por este motivo, a elaboração e a circulação do *Instructionum Fabricae Ecclesiasticae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo* – código publicado em 1577 com o objetivo de normatizar o mobiliário sacro, a arte e a arquitetura dos edifícios religiosos de Milão – foi muito importante no contexto pós-tridentino (quando o sacrário fixo sobre o altar tornou-se convenção amplamente praticada na Igreja). No que diz respeito especificamente à localização, tamanho e forma dos tabernáculos eucarísticos, o bispo de Milão determinou:

Seja amplo, segundo a importância, o tamanho ou o tipo de Igreja, em cujo altar-mor deverá ser colocado.
A forma [seja] ou octogonal ou hexagonal ou quadrada ou redonda, conforme parecer mais conveniente e devoto para a configuração da Igreja.¹⁰¹

¹⁰¹ INSTRUCTIONUM FABRICAE ECCLESIASTICAE ET SUPELLECTILIS ECCLESIASTICAE LIBRI II... *op. cit.*, p. 21. (CAP. XIII DE TABERNACULO SANTISSIMAE EUCHARISTIAE).

Levando-se em conta o preparo intelectual e teológico de Carlos Borromeu e seu empenho em implementar as diretrizes da reforma católica em Milão (sua província eclesiástica), tem-se a certeza de que as formas que ele prescreveu para o tabernáculo eucarístico não foram determinadas de maneira leviana ou aleatória. Todas elas tinham significados e há muito vinham sendo usadas na arte cristã (seja na arquitetura, no mobiliário, ou na iconografia).¹⁰²

De acordo com os estudos de Émile Mâle, o simbolismo numérico ensinado pelos padres desde os primeiros séculos do cristianismo foi assimilado pela arte cristã medieval, sendo, portanto, uma de suas características.¹⁰³ Por esta razão, diz o estudioso, “a forma octogonal das pias batismais que vemos adotada desde os tempos mais antigos e que persiste durante toda a Idade Média, não é um capricho.”¹⁰⁴

A Idade Média, de fato, nunca duvidou de que eles [os números] eram dotados de um poder secreto. Esta doutrina veio dos padres da igreja que a tinham, sem dúvida, das escolas neoplatônicas, onde o gênio de Pitágoras revivia. É evidente que santo Agostinho considera os números como pensamentos de Deus. Ele sugere em muitas passagens que cada número tem seu significado providencial. “A Sabedoria divina, diz ele, se reconhece nos números impressos em todas as coisas.”¹⁰⁵ O mundo físico e moral são construídos sobre os números eternos. Nós sentimos que o encanto da dança reside em um ritmo, ou seja, em um número; mas temos que ir mais longe, a própria beleza é uma cadência, um número harmonioso.¹⁰⁶ A ciência dos números é, portanto, a ciência do universo; os números indicam o segredo do mundo. Também devemos considerar com atenção respeitosa os números que se encontram na Bíblia, pois eles são sagrados e cheios de

¹⁰² MÂLE, Émile. *L'art religieux du XIII^e siècle en France: étude sur l'iconographie du moyen age et sur ses sources d'inspiration*. Paris: Ernest Leroux, 1898. HANI, Jean. *O simbolismo do templo cristão*. Lisboa: Edições 70, 1998. GATTI, Vincenzo. *Liturgia e arte: i luoghi della celebrazione*. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2001. LIMA, Marco Antônio Morais. *Igreja, ícone da Trindade, espaço litúrgico, Imago Ecclesiae*. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2012. (Departamento de Teologia, Tese de doutorado). p. 216-223.

¹⁰³ MÂLE, Émile. *L'art religieux du XIII^e siècle en France...* *op. cit.*, p. 1-29.

¹⁰⁴ MÂLE, Émile. *L'art religieux du XIII^e siècle en France...* *op. cit.*, p. 17-18. No original: “La forme octogonale des fonts baptismaux, qu'on voit adoptée dès les temps les plus anciens et qui persiste pendant toute la durée du moyen âge, n'est pas un pur caprice.” (Tradução da autora).

¹⁰⁵ Émile Mâle cita em nota de rodapé (p. 12, nota n° 3): “S. August., *De libero arbitrio*, I.II, ch. XVI, Patrol. Tome 32, col. 1263.” Em português consulte SANTO AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. Tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira, revisão Honório Dalbosco. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1995. (Livro II, Terceira Parte, Cap. 16, 41-44: “A sabedoria manifesta-se aos que a procuram, graças aos números impressos em cada ser.”).

¹⁰⁶ Émile Mâle cita em nota de rodapé (p. 12, nota n° 4): “S. Aug., loc. cit.” Em português consulte: SANTO AGOSTINHO. *O livre-arbítrio...* *op. cit.*, (Livro II, Terceira Parte, Cap. 16, 41-44).

mistério.¹⁰⁷ Quem sabe compreendê-los entra no plano divino. Ideias idênticas se encontram em quase todos os doutores da Idade Média. Bastará, para marcar a filiação, citar o *Liber formularum* de Santo Euquério [de Lyon], para a quinta centúria, o *Liber numerorum* de Isidoro de Sevilha, para a sétima, o *De Universo* de Rabano Mauro, para a nona, a *Miscelanea* de Hugo de São Victor, para a décima segunda. Veremos que o mesmo ensinamento se transmitiu ao longo dos séculos nos mesmos termos. O valor simbólico de cada número é enunciado dogmaticamente e verificado, em seguida, pela análise de passagens das Escrituras onde esses números estão registrados. As explicações não variam, e sentimo-nos estar na presença de um corpo de doutrina.¹⁰⁸

Com toda certeza o simbolismo numérico cristão não foi suplantado pela cultura humanista da Época Moderna, nem tampouco desautorizado, ou refutado, pelo Concílio de Trento. Em Portugal esta assertiva se confirma com a publicação em 1601 da primeira edição dos *Commentarii Exegetici in Apocalypsim Joannis Apostoli*¹⁰⁹ do jesuíta eborense padre Brás Viegas (1553-1599).¹¹⁰ Nesta obra –

¹⁰⁷ Émile Mâle cita em nota de rodapé (p. 12, nota n° 5): “S. August. *Quaest. in Heptateuch*, col. 589, Patrol. t.36-37” e registra que é preciso ver também o tratado *De musica* de Santo Agostinho, capítulo *De numeris spiritualibus et aeternis*. VI, XII, Patr. tome 32, col. 1181.” O *De musica* pode ser consultado em italiano na seguinte obra: *Opere de Sant’Agostino*. Dialoghi/2. Roma: Città Nuova Editrice, 1976. p. 397-707 (o capítulo VI do *De Musica* começa na p. 623).

¹⁰⁸ MÂLE, Émile. *L’art religieux du XIII^e siècle en France... op. cit.*, p. 12-13. No original: “Le moyen âge, en effet, n’a jamais douté qu’ils ne fussent doués d’une force secrète. Cette doctrine venait des pères de l’Eglise qui la tenaient sans doute des écoles neo-platoniciennes, où revivait le genie de Pythagore. Il est évident que saint Augustin considère les nombres comme des pensées de Dieu. Il laisse entendre dans maint passages que chaque chiffre a sa signification providentielle. “La Sagesse divine, dit-il, se reconnaît aux nombres imprimés em toute chose”. Le monde physique et le monde moral sont construits sur des nombres éternels. Nous sentons que le charme de la danse reside dans un rythme, c’est-à-dire dans un nombre; mais il faut aller plus loin, la beauté elle-même est une cadence, un nombre harmonieux. La science des nombres est donc la science même de l’univers; les chiffres contiennent le secret du monde. Aussi devons-nous considérer avec une attention pleine de respect les nombres qui se rencontrent dans la Bible, car ils sont sacrés et pleins de mystère. Qui sait les comprendre entre dans le plan divin. Des idées identiques se retrouvent chez presque tous les docteurs du moyen âge. Il suffira, pour marquer la filiation, de renvoyer au *Liber formularum* de Saint Eucher, pour le V^e siècle, au *Liber numerorum* d’Isidore de Séville, pour le VII^e, au *De Universo* de Raban Maur, pour le IX^e, aux *Miscelanea* d’Hugues de Saint Victor, pour le XII^e. On y verra que le même enseignement se transmettait à travers les siècles dans les mêmes termes. La valeur symbolique de chaque nombre est énoncée dogmatiquement et vérifiée ensuite par l’examen des passages de l’Ecriture où figurent ces nombres. Les explications ne varient pas, et on sent qu’on se trouve en presence d’un corps de doctrine.” (Tradução da autora).

¹⁰⁹ COMMENTARII EXEGETICI IN APOCALYPSIM IOANNIS APOSTOLI. AUCTORE BLASIO VIEGAS LUSITANO, EBORENSI, Societatis Iesu, Doctore Theologo, & publico sacrarum literarum in Eborensi eiusdem Societatis Academia professore: in hac ultima editione recogniti, et multis in locis emendati. Cum índice gemino: altero insignium locorum Sacrae Scripturae, qui toto hoc aureo opere explicantur: Altero rerum & verborum notatu dignissimorum. Turnoni, Sumptibus Horatij Cardom. MDCXIV. Cum privilegio Regis. Obra digitalizada e disponível para consulta online: <https://play.google.com/store/books/details/Blas_Viegas_S_I_Commentarii_exegetici_in_Apocalyps?id=ZuzhcWnl22wC>. Acesso em 26/12/2014. Sobre o simbolismo numérico presente na obra do padre Brás Viegas consulte o estudo de MARTINS, Fausto Sanches. A simbologia numérica nos *Commentarii Exegetici in Apocalypsim* do Padre Brás Viegas, S. J. *Via Spiritus*: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, n.06, 1999. p.65-90.

também impressa em 1602, 1606, 1614 e 1617 – o jesuíta esquadrinhou o significado dos números encontrados nos 22 capítulos do livro do Apocalipse apresentando e emitindo parecer sobre a opinião de diversos exegetas que se debruçaram sobre o assunto desde o período patrístico.¹¹¹ Os *Commentarii* do padre Brás Viegas, SJ, tiveram grande repercussão nos séculos XVII e XVIII, sendo sua obra sistematicamente citada em outros estudos como o *Commentariorum in Apocalypsim B. Joannis Apostoli* do carmelita Frei João da Silveira (1592-1687).¹¹² Portanto, não se deve duvidar que as formas que Carlos Borromeu prescreveu para o tabernáculo eucarístico, para a pia batismal¹¹³ e para tantos outros móveis sacros, paramentos litúrgicos e elementos arquitetônicos do templo nos 34 capítulos do *Instructionum Fabricae Ecclesiasticae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo* tenham sido determinadas conforme a tradição e o *corpus* doutrinário que desde os tempos antigos reconhecia e legitimava o valor sagrado dos números.

¹¹⁰ O padre Brás Viegas nasceu em Évora, Portugal, em 1553 e morreu em 22 de agosto de 1599. Entrou para a Companhia de Jesus em 15 de fevereiro de 1569; foi professor em Coimbra e na Universidade de Évora (onde recebeu o grau de doutor em 1594).

¹¹¹ Brás de Viegas, SJ, recorreu aos escritos de Santo Agostinho (*Quaestiones in Apocalypsin*), Alcuino de Iorque (*Commentariorum in Apocalypsin libri quinque*), André de Cesareia (*Commentarii in Iohannes Theologi Apocalypsim*), Apríngio de Beja (*Tractatus in Apocalypsim*), Arethas de Cesaréia (Iohannis Theologi ac Dilecti Apocalypsis), Beato Amadeu (Apocalypsis Nova), Beato de Liébana (*In Apocalypsim libri duodecim*), Beda (*Explanatio Apocalypsis*), Haymo de Halberstadt (*Expositio in Apocalypsim*), Berengário (*Expositio super septem visiones libri Apocalypseos*), Hugo de San Caro (*Postillae in universa Biblia*) Jerônimo (*Apocalypsis*), Joaquim de Fiore (*Expositio in Apocalypsim*), Nicolau de Lira (*Postillae perpetuae sive brevia commentaria in universa Biblia*), São Pedro Damiano (*Collectanea ex Apocalypsi*) Primasio (*Commentarius in Apocalypsin*), Ricardo de S. Victor (*In Apocalypsim Iohannis libri septem*) Ruperto de Deutz (*Commentariorum libri duodecim in Apocalypsim*), Ticonio (*Commentarius in Apocalypsim*), Victorino de Pettau (*Scholia in Apocalypsin Beati Iohannis*), Walfredo Estrabão (*Glossa ordinaria*), dentre outros.

¹¹² R. P. D. F. JOANNIS DA SYLVEIRA Olyssip. Carmelitae Regularis Observantiae, Sacrae Theologiae Primarii Lectoris Jubilati, Commentariorum in Apocalypsim B. Joannis Apostoli. Tomus Primus et Secundus. Complectens a Capite primo usque ad Caput duodecimum. In quo multa tractantur de Sacrosancta Eucharistia, de Beatissima Virgine Maria; ac duodecim Apostolis. Cum Indice quadruplici, Primo Capitum & Quaestionum, Secundo Locorum Sacrae Scripturae, Tertio Concionum, Quarto denique Rerum memorabilium. Editio Tertia AB Auctore Recognita. Lugduni, Sumptibus ANISSON, & POSUEL. MDCC. Cum privilegio Regis. Disponível para consulta em: <http://books.google.com.br/books/about/Joannis_da_Sylveira_commentariorum_in_Ap.html?id=b4t3uSmMU4YC&redir_esc=y>. Acesso em: 28/12/2014. Ressalta-se que esta obra foi sucessivamente publicada desde 1667. Na internet há várias edições disponíveis para consulta, sendo a mais recente datada de 1728.

¹¹³ As mesmas formas que Carlos Borromeu prescreveu para o tabernáculo eucarístico – com exceção da quadrada – foram também recomendadas para a arquitetura da capela do batistério e para a pia batismal. Sem sombra de dúvida, estas diretrizes formais estão alicerçadas na tradição e no simbolismo numérico cristão. INSTRUCTIONUM FABRICAE ECCLESIASTICAE ET SUPELLECTILIS ECCLESIASTICAE LIBRI II... *op. cit.*, p. 20b-22b (CAP. XIII DE TABERNACULO SANTISSIMAE EUCHARISTIAE) e p. 48b. (CAP. XVIII. DE BAPTISTERIO).

Sabe-se que as igrejas erigidas nas Minas Gerais setecentistas não estavam submetidas às normas do *Instructionum Fabricae Ecclesiasticae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo*, posto que este código tinha força de lei apenas sobre a província eclesiástica de Carlos Borromeu. Não obstante, nota-se que os temas iconográficos e as formas recomendadas pelo bispo de Milão foram usados nas casas do Santíssimo das matrizes selecionadas para estudo (seja nas portinholas ou nos sacrários propriamente ditos). Observe o Quadro 3:

Quadro 3 – A iconografia, a forma das portinholas e dos sacrários

Templo/Vila	Iconografia	Forma da portinhola ¹¹⁴	Forma do sacrário ¹¹⁵
Matriz de Nossa Senhora da Conceição/Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará	Cachos de uva	polígono octogonal	semioctogonal
Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção)/Vila do Ribeirão do Carmo/Mariana	Cristo Ressurreto	polígono octogonal	Semiesférico
Matriz de Nossa Senhora do Pilar/Vila Rica	Ressurreição de Cristo	associada ao polígono octogonal	semi-hexagonal
Matriz de Nossa Senhora da Conceição/Vila Rica	Batismo de Cristo	associada ao polígono hexagonal	?
Matriz de Nossa Senhora do Pilar/Vila de São João d'El Rey	Cordeiro sobre o Livro dos Sete Selos	associada ao polígono dodecagonal	Semioctogonal
Matriz de Santo Antônio/Vila de São José d'El Rey	Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo	associada ao polígono dodecagonal	?

¹¹⁴ A expressão “forma associada ao polígono” hexagonal, octogonal, ou dodecagonal foi usada porque algumas portinholas de sacrário, embora apresentem seis, oito ou doze lados, possuem segmentos em curva. Agradeço ao Dr. Grey Ercole – professor do Instituto de Ciências Exatas (Departamento de Matemática) da Universidade Federal de Minas Gerais – pela indicação da expressão “forma associada”.

¹¹⁵ O prefixo “semi” foi usado porque o traçado da parte frontal das casas do Santíssimo não se prolonga na parte posterior – onde normalmente se localiza o camarim com o trono – em virtude dos retábulos terem sido edificados contra a parede dos templos. Em alguns casos não foi possível definir exatamente a forma do tabernáculo, mas sobre esta questão o leitor encontrará informações detalhadas no item 3.3 deste capítulo.

Ao que tudo indica, e conforme se demonstrará neste capítulo, os entalhadores responsáveis pelo risco e execução dos tabernáculos eucarísticos em análise não ignoravam as diretrizes do tratado de Carlos Borromeu (obra que teve várias edições até meados do século XIX e grande circulação desde o fim do século XVI); talvez eles não o tenham lido diretamente, mas assimilado o seu conteúdo por meio da tradição implementada por bispos e párocos portugueses empenhados na contrarreforma,¹¹⁶ ou, ainda, pela estreita relação entre a arte italiana e portuguesa, sobretudo durante o reinado de D. João V; afinal, o intercâmbio cultural e a circulação de estampas avulsas, livros ilustrados e tratados de pintura, escultura e arquitetura forneciam preciosas referências para as criações artísticas. Além disso, os entalhadores em questão certamente conheciam o significado sagrado dos números, pois, se assim não fosse, não teriam sido capazes de correlacionar adequadamente os temas iconográficos e o simbolismo das formas que riscaram para as portinholas dos sacrários.

3.2 A correlação entre a forma das portinholas e as mensagens expressas pelas iconografias nelas representadas

3.2.1 As portinholas com forma associada ao número oito

Dentre os tabernáculos eucarísticos selecionados para estudo, três apresentam portinhola com forma octogonal, ou associada a este mesmo polígono (FIG. 25, 26 e 27), a saber: o da Matriz da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará (o mais antigo do conjunto; executado por volta de 1710 e sem autoria identificada), o da Matriz da Vila do Ribeirão do Carmo (o segundo mais antigo, cuja talha estava pronta em 1727 e sem autoria identificada) e o da Matriz de

¹¹⁶ Embora o *Instructionum Fabricae Ecclesiasticae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo*, não tenha sido publicado em Portugal, certamente o clero lusitano contrarreformado o conheceu e, por conseguinte, os artistas/artífices que executaram serviços para a Igreja. Cabe dizer que na época das últimas sessões do Concílio de Trento Carlos Borromeu tornou-se amigo do arcebispo de Braga, Dom frei Bartolomeu dos Mártires, que muito se empenhou na implementação da contrarreforma em Portugal. cf. BORROMEU, Agostino. La figura e l'opera dell'arcivescovo di Braga Bartolomeu dos Mártires nell'Italia postridentina. In *Actas do Congresso Internacional sobre o IV centenário da Morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Fátima: Movimento Bartolomeano, 1994. p. 595-596. CASTRO, Maria de Fátima. De Braga a Roma. Relíquias no caminho de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires. *Via Spiritus*, nº 8. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2001. p. 31-51. BARBOSA, David Sampaio. Arquétipo de pároco na vida e na obra de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga (1559-1582): uma aproximação histórica. *Lusitania Sacra*. Lisboa. 2ª s. 23 (jan-jun), 2011. p. 59-76.

Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica (cujo segundo risco aprovado pelas irmandades contratantes foi apresentado pelo entalhador Francisco Xavier de Brito em 1747). Todos estes tabernáculos, conforme se demonstrou no capítulo 2, foram decorados com “piedosas efígies” que evocam a ressurreição de Cristo e a promessa de que os justos ressuscitarão para a vida eterna.

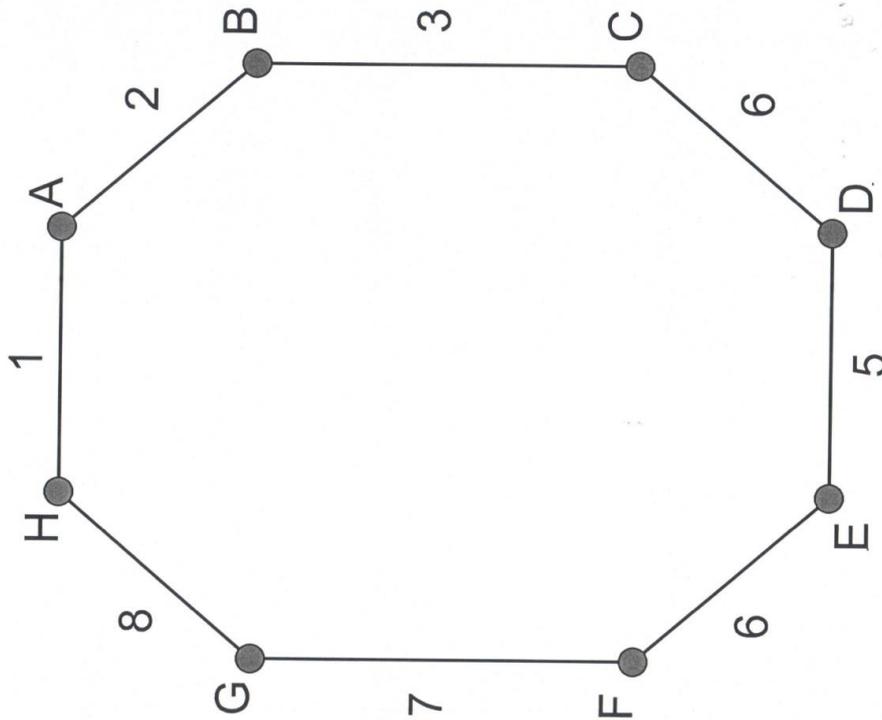


FIG. 25: Portinhola com forma octogonal. Sacrário da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sabará.

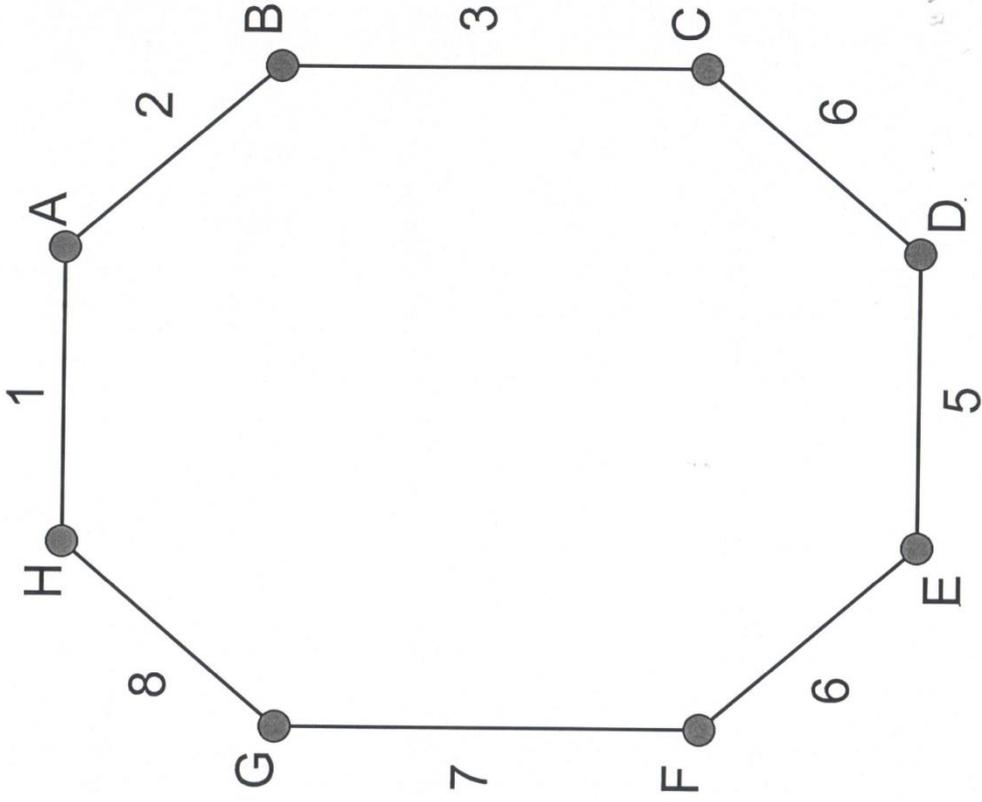


FIG. 26: Portinhola com forma octogonal. Sacrário da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção), Mariana.

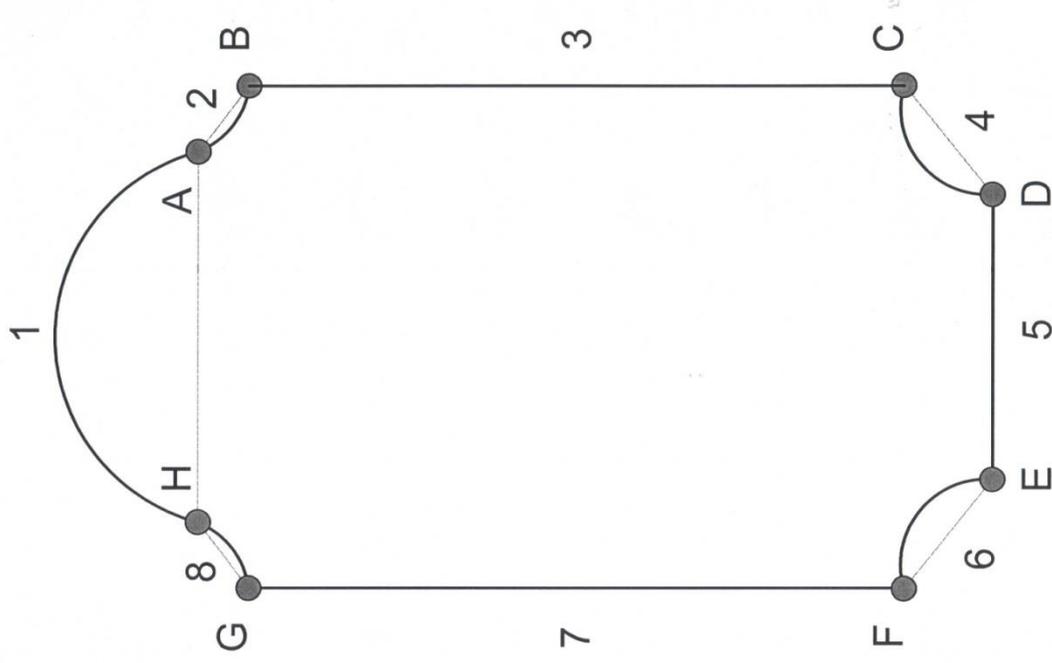


FIG. 27: Portinhola com forma associada ao polígono octogonal. Sacraio da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto.

Ora, de acordo com o simbolismo numérico vigente na Idade Média e Época Moderna, “o oito representa o dia da ressurreição do Senhor e também a futura ressurreição de todos os santos.”¹¹⁷ O oitavo dia, subsequente aos seis da criação e ao sétimo (o descanso do Criador), marca um novo ciclo: o escatológico (a consumação da criação) e, ao mesmo tempo, a eternidade da nova criação, ou seja, a beatitude do tempo futuro na “Nova Jerusalém”.¹¹⁸ Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana que, vindo depois do sétimo, é, concomitantemente, o primeiro (o dia da sua ressurreição; o “Dia do Senhor”) e o último (o dia do cumprimento de sua missão redentora; o dia da consumação da criação¹¹⁹ e da instauração do reino eterno).

Sabendo-se que o simbolismo numérico era assunto em pauta no universo religioso português dos séculos XVII e XVIII – cabe lembrar que a obra do jesuíta padre Brás Viegas e a do carmelita frei João da Silveira tiveram grande circulação neste período – torna-se plausível pensar que os entalhadores lusitanos que

¹¹⁷ Rabano Mauro, *De Universo*. Capítulo III do Livro XVIII: *De numero* (PL CXI, 489-495). Citação feita conforme tradução do professor LAUAND, Jean. Rábano Mauro e o significado místico dos números. *Videtur* (USP). Porto, n. 23, 2003. p. 43-44. Texto disponível para consulta online em: <<http://www.hottopos.com/videtur23/jean.htm>>. Acesso em: 29/12/2014. Segundo os estudos de Émile Mâle, o “oito é como a oitava na música; por ele tudo recomeça. Ele é o símbolo da vida nova, da ressurreição final e da ressurreição antecipada que é o batismo.” No original: “Huit est comme l’octave en musique; par lui tout recommence. Il est le symbole de la vie nouvelle, de la réurrection finale et de la réurrection anticipée qu’est le baptême.” (Tradução da autora). cf. MÂLE, Émile. *L’art religieux du XIII^e siècle en France...* op. cit., p. 18. Em nota de rodapé (p. 18, nota n° 1) o estudioso cita: “S. Ambroise dit: ‘Quis autem dubitet majus esse octavae munus, quae totum renovavit hominem.’ *Epist. class.* I, XLIV, *Patrol.* tome 16, col. 1140. Ailleurs, il remarque que le chiffre huit qui était attaché, sous l’Ancienne Loi, à la circoncision, est maintenant attaché au baptême et à la resurrection: In *Psal. David, CXVIII, Patrol.* Tome 15, col. 1198.”

¹¹⁸ Conforme aponta Fausto Sanches Martins, o jesuíta Padre Brás Viegas – quando discorre sobre o enigma do número 666 nos seus *Commentarii Exegetici in Apocalypsim* – argumenta que “o senário (seis) nunca atingirá o setenário (sete) que se identifica com o descanso do Senhor, *requievit enim die septimo*, dos trabalhos dos seis dias anteriores, enquanto que o octonário, consumado o descanso setenário, é símbolo da glória e da bem-aventurança. Por isso se atribuem três seis, 666, para designar a malícia e o trabalho penoso do Anticristo e três oitos, 888, para assinalar a felicidade absoluta do Messias, Jesus.” cf. MARTINS, Fausto Sanches. A simbologia numérica nos *Commentarii Exegetici in Apocalypsim* do Padre Brás Viegas, S. J..., op. cit., p. 83. GATTI, Vincenzo. *Liturgia e arte...* op. cit., p.174. DANIELOU, Jean. *Bible et liturgie: la théologie biblique des sacramento et des fêtes d’après les Pères de l’Église*. 2 ed. Paris: Cerf, 1958. O verbete OITO. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos...*, op. cit., p. 651-653. HANI, Jean. *O simbolismo do templo cristão...* op. cit., p. 73-74.

¹¹⁹ A parusia será precedida por grandes sinais e marcará o cumprimento da história da criação – quando o cosmo, segundo a perspectiva doutrinária embasada na visão apocalíptica de João, será consumido e dará lugar a um “*novo Céu*” e uma “*nova Terra*” (Ap. 20, 11 e 21, 1). cf. PARUSIA. COLLINS, John J. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004. p. 1345-1346. Título original: *Dictionnaire critique de théologie*. RESSURREIÇÃO DOS MORTOS. GILBERT, Maurice; DARTIGUES, André. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário Crítico de Teologia...* op. cit., p. 1530-1537.

produziram os tabernáculos supracitados conheciam o significado cristão do número oito, tendo, portanto, correlacionado intencionalmente a forma octogonal das portinholas com as iconografias nelas representadas. Do contrário, sendo esta possibilidade descartada, admitir-se-ia que a retórica cristã presente nos tabernáculos em análise foi obra do acaso, ou, então, que os oficiais contratados pelas confrarias do Santíssimo Sacramento e do orago do templo copiaram modelos prontos que viram em outros lugares sem saber exatamente o que estavam produzindo. Obviamente que esta visão reducionista não faz sentido, pois anula completamente o gesto criador, o conhecimento dos entalhadores e a cultura cristã na qual estavam inseridos.

3.2.2 A portinhola com forma associada ao número seis

A portinhola do sacrário eucarístico da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica é a única do conjunto selecionado para estudo que apresenta forma associada ao polígono hexagonal. Além disso, esta casa do Santíssimo apresenta outra particularidade: a iconografia do batismo de Cristo. (Veja FIG. 28). Conforme mencionado no capítulo 2, esse tema cristológico não faz parte do repertório imagético normalmente usado nos tabernáculos, entretanto, ele não se configura como inapropriado, pois exalta a santidade e a divindade do Cristo destacando-o como o Messias enviado para a remissão dos pecados da humanidade. Curiosamente, o simbolismo do número seis – quantidade de arestas (segmentos de retas) empregadas na portinhola do exemplar inventado pelos oficiais lusitanos Antônio Pereira de Souza Calheiros, Felipe Vieira e Jerônimo Félix Teixeira – também está relacionado com a missão redentora do Cristo.

Segundo a tradição cristã, o número seis representa “a perfeição das obras” de Deus. Nas palavras de Santo Agostinho (c. 354-430):

É por causa da perfeição do número seis que se narra (na Escritura), que as coisas ficaram perfeitas em seis dias, ou no mesmo dia repetido seis vezes. Não é porque a Deus fosse necessário algum intervalo de tempo, como se ele não pudesse criar duma só vez todos os seres que doravante por seus movimentos apropriados gerariam o tempo: **mas porque o número seis significa a perfeição das obras**. Efectivamente, ele é o primeiro a ser a soma exacta das suas partes, isto é, do seu sexto, do seu terço e da sua metade — que são, respectivamente, um, dois e três cuja soma faz seis. (...) Julguei que isto devia ser sumariamente rememorado para mostrar a perfeição do número seis que, como disse, é o primeiro a ser a soma exacta

das suas partes: **é neste número que Deus deixou perfeitas as suas obras.** Não se deve, pois, desprezar a teoria dos números de que as Sagradas Escrituras, em muitas passagens, desvendam o alto valor aos que as estudam com atenção.¹²⁰

Também associando o senário à obra de Deus, Rabano Mauro (c. 784-856), o abade de Fulda que recebeu o epíteto *Praeceptor Germaniae* (o mestre da Germânia), ensinou:

O número seis significa os seis dias nos quais Deus criou as criaturas, como diz o Êxodo (20, 11): "Em seis dias criou Deus o céu e a terra". **Significa também as etapas do tempo deste mundo, que comporta seis eras. Daí que Deus, que perfaz todas as suas obras, tenha vindo a este mundo na sexta era, tenha padecido na sexta-feira, no sábado tenha repousado no sepulcro, e no domingo ressuscitado dos mortos.**¹²¹

Portanto, na concepção de destacados doutores da Igreja, o número seis significa a perfeição das obras de Deus, mas também "sublinha o 'tempo', realidade durante a qual se cumpre o sacramento."¹²² Nessa perspectiva, então, o senário se relaciona com a missão redentora de Cristo e com a regeneração do homem (criatura de Deus), pois o Cordeiro Pascal (que com o Criador era antes da fundação do mundo) foi enviado para a remissão dos pecados e salvação da humanidade. Provavelmente por esta razão, desde os tempos antigos a forma hexagonal (ou sextavada) foi empregada na arquitetura de capelas do batistério e pias batismais, sendo depois, como se sabe, também autorizada por Carlos Borromeu para ser usada na casa do Santíssimo. Afinal, segundo a doutrina católica, pelo batismo e pela eucaristia o homem se regenera, participa da ressurreição de Cristo e recebe o penhor da vida eterna. Assim sendo, torna-se difícil presumir que o número de arestas que formam

¹²⁰ SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Livro XI, Capítulo XXX. 2ª ed. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 1063-1064. (Grifos meus).

¹²¹ Rabano Mauro, *De Universo*. Capítulo III do Livro XVIII: *De numero* (PL CXI, 489-495). Citação feita conforme tradução do professor LAUAND, Jean. Rábano Mauro e o significado místico dos números... *op. cit.*, p. 43-44. (Grifos meus). Há outras passagens bíblicas que reforçam o simbolismo apresentado por Rabano Mauro. Segundo o evangelho de Lucas (1, 26-38) **no sexto mês** o anjo Gabriel apareceu para Maria e anunciou: "Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus; E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de Jesus. E este será grande, e será chamado filho do Altíssimo." Também de acordo com o evangelho de João (12, 1-8), **seis dias antes da páscoa**, Maria, irmã de Lázaro, banhou os pés de Jesus com unguento de nardo puro. Nesta ocasião, rebatendo a crítica de Judas, o mestre disse: "Deixai-a; para o dia da minha sepultura guardou isto." O episódio narrado no evangelho de João, portanto, faz referência ao sacrifício de Cristo; é um prelúdio de sua morte; uma prefiguração.

¹²² GATTI, Vincenzo. *Liturgia e arte... op.cit.*, p. 176-177.

a portinhola do sacrário eucarístico da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica seja aleatória e desprovida de intenção simbólica.

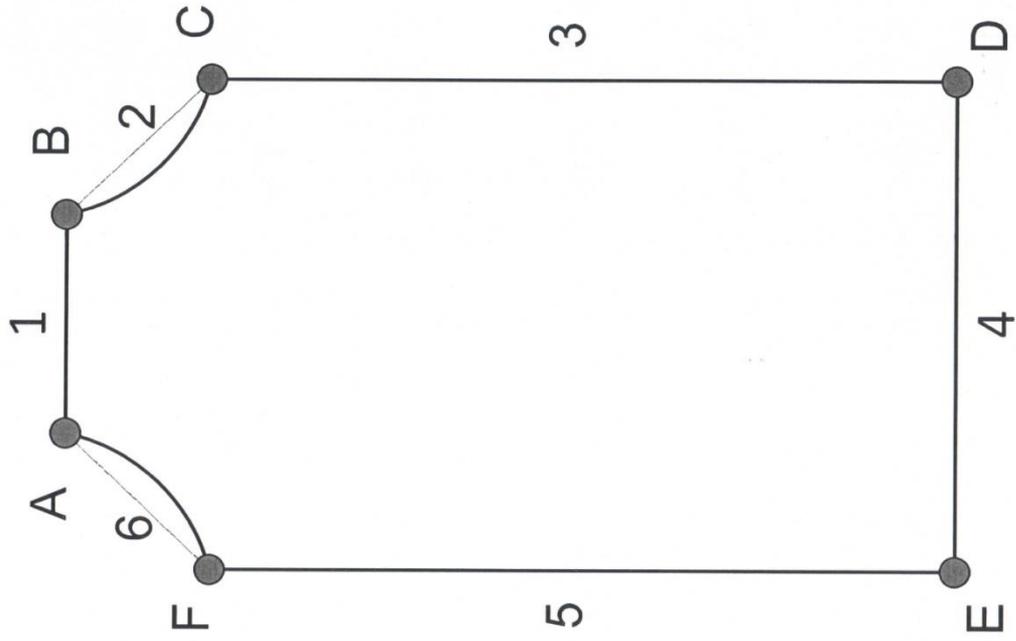


FIG. 28: Portinhola com forma associada ao polígono hexagonal. Sacrário da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Ouro Preto.

3.2.3 As portinholas com forma associada ao número doze

As portinholas dos sacrários eucarísticos das sedes paroquiais de São João d'El Rey e de São José d'El Rey foram concebidas com formas associadas ao polígono dodecagonal (FIG. 29 e 30) e nelas, respectivamente, os entalhadores José Coelho de Noronha e João Ferreira Sampayo representaram o Cordeiro sobre o Livro dos Sete Selos e o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Na tradição cristã, o número doze – quantidade de vértices presentes nas portinholas em análise – simboliza os eleitos do Senhor. Doze são as tribos de Israel, povo eleito de Deus; doze foram os apóstolos escolhidos por Cristo (aqueles que constituem o Novo Israel). A Cidade Celeste – a Nova Jerusalém descrita no Apocalipse 21, 9-27 e 22, 1-5 – tem doze portas (onde o nome das tribos de Israel estão escritos), um muro com doze fundamentos (onde o nome dos apóstolos do Cordeiro estão registrados) e uma praça, no meio da qual está a árvore da vida que produz doze frutos. Ainda segundo o Apocalipse (7, 4-8 e 14,1), o número dos eleitos de Deus são 144.000, sendo 12.000 de cada tribo de Israel. O doze, portanto, é o número da Igreja Universal e Triunfante.¹²³ Assim sendo, novamente verifica-se uma estreita conexão entre a forma dodecagonal das portinholas e os temas iconográficos nelas representados: o Cordeiro sobre o Livro dos Sete Selos carregando estandarte crucífero com bandeira desfraldada (personificação do Cristo Ressurreto na eternidade) e o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (personificação do Cristo em sua missão salvífica na terra). Ora, segundo a perspectiva cristã, o triunfo da Igreja Universal (ou dos eleitos) depende diretamente do cumprimento da missão do Cristo, ou seja, de sua morte na cruz, de sua ressurreição no terceiro dia e de sua volta no final dos tempos para julgar os vivos e os mortos e instaurar definitivamente a era eterna; a Nova Jerusalém.

¹²³ Segundo Rabano Mauro: "O número doze é próprio dos apóstolos, como se evidencia no Evangelho: "Os nomes dos doze apóstolos são..." (Mt 10,2) e o próprio Senhor diz a seus discípulos: "Não vos escolhi eu doze?" (Jo 6,70). **O número doze também representa a totalidade dos santos que, eleitos das quatro partes do mundo pela fé na Santíssima Trindade, formam uma só Igreja.** Esses eleitos são figurados por aquelas doze pedras preciosas com as quais, no Apocalipse, se descreve a construção da cidade do grande Rei. São as doze tribos de Israel, que vêem a Deus." Citação feita conforme tradução do professor LAUAND, Jean. Rábano Mauro e o significado místico dos números... *op. cit.*, p. 43-44. (Grifos meus). Os duodenários da Jerusalém Celeste foram destacados na obra do jesuíta Brás Viegas como representantes do conceito de universalidade. Sobre o assunto cf. MARTINS, Fausto Sanches. A simbologia numérica nos Commentarii Exegetici in Apocalypsim do Padre Brás Viegas, S. J... *op. cit.*, 85-90.

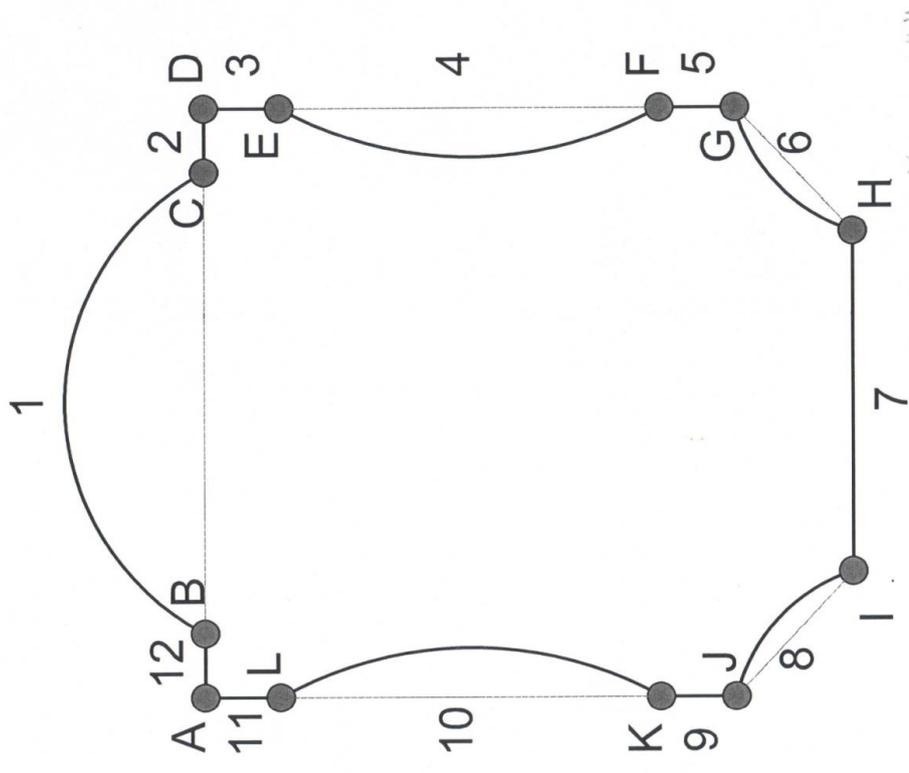


FIG. 29: Portinhola com forma associada ao polígono dodecagonal. Sacrário da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei.

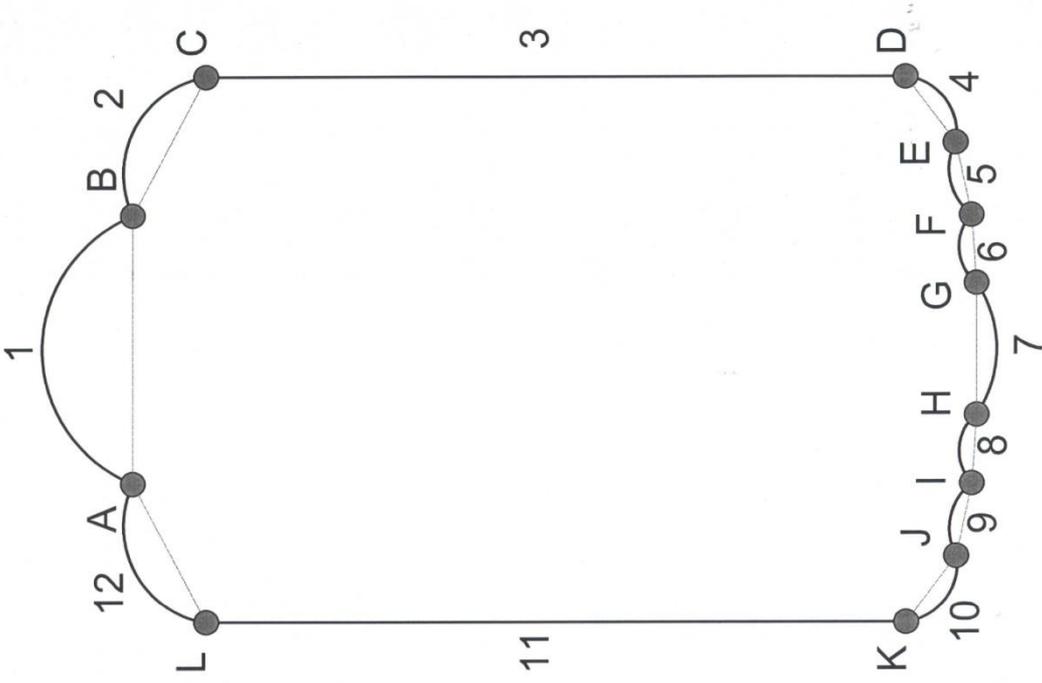


FIG. 30: Portinhola com forma associada ao polígono dodecagonal. Sacrário da Matriz de Santo Antônio, Tiradentes.

A forma das portinholas dos seis tabernáculos eucarísticos selecionados para estudo evidencia que os entalhadores que as riscaram e executaram conheciam a tradição do simbolismo numérico cristão. Isso não quer dizer que estes oficiais fossem versados em teologia, mas, sem sombra de dúvida, a criação de imagens e objetos decorosos para o serviço do culto requer o conhecimento dos códigos e princípios da religião. Cabe dizer que todos os entalhadores identificados nas fontes arquivísticas eram declaradamente católicos, ou seja, batizados e iniciados na doutrina da Igreja, sendo eles, inclusive, arrolados como membros de confrarias leigas fundadas no território das Minas Gerais. Portanto, não se deve desconsiderar o preparo técnico, intelectual e religioso dos artistas/artífices que executaram serviços por encomenda para as Irmandades do Santíssimo Sacramento (responsáveis pelo decoro da capela-mor juntamente com as associações devotadas ao orago dos templos). A composição decorativa dos seis tabernáculos analisados – cujos riscos foram aprovados pelos encomendantes e o resultado louvado por peritos – evidencia que os entalhadores contratados não só dominavam as regras estéticas vigentes no século XVIII (simetria, proporção, modismos estilísticos), como também a tradição iconográfica (atributos, emblemas e elementos figurativos imprescindíveis na representação de um determinado tema) e o simbolismo numérico assimilado pela arte cristã desde os tempos antigos. Se assim não fosse, certamente belas casas do Santíssimo teriam sido elaboradas, mas a composição artística delas não expressaria mensagens teológico-doutrinárias tão dignas do lugar destinado à guarda de partículas eucarísticas consagradas (o Corpo de Cristo segundo a doutrina da presença real).

3.3 A forma dos sacrários eucarísticos

De acordo com os dados registrados no Quadro 3, nas Minas Gerais setecentistas houve sacrários semioctogonais, semi-hexagonais e semiesféricos. Obviamente que estas três nomenclaturas não foram extraídas da documentação coeva, mas estão sendo usadas neste estudo para que o leitor tenha ciência de que a “figura” apresentada na fachada dos sacrários não se repete na face posterior, posto que eles foram concebidos como parte integrante de retábulos edificadas contra a parede dos templos. O fingimento das formas autorizadas no tratado de

Carlos Borromeu, portanto, era uma necessidade construtiva e não implicava no esvaziamento do simbolismo numérico.

3.3.1 A forma documentada

Dentre os tabernáculos eucarísticos selecionados para estudo, apenas o da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica teve a forma nomeada em documento escrito, sendo ela definida em 1754 como “em seistavo” (semi-hexagonal):

Termo que fas a Irmande do Santissimo Sacrm.^{to} a Jose Coelho de Noronha para concertar e compor o Trono Levantar a cupula e fazer o nicho de N. Snr.^a do Pillar (?).

Aos vinte e seis dias do mes (?) de 1754 sendo na casa do concistorio desta Matriz de Nossa Senhora do Pilar estando junto os officiais da mesa do Santissimo Sacramento a saber Provedor, Procurador, Thizr.^o comigo Escrivão abaixo nomeado em virtude do Tr.^o q. se acha visto em mesa neste L.^o afl. 83 em que nos dá orde os dittos Irmãos para a meza mandar concertar o Trono, e amaes obra que necessita a talha da capela mor aqual com effeito ajustamos a saber alargar a boca da Tribuna Levantar a muldura da capela e os quartoes misticos (?) pollos p.^r Sima da colluna Redonda, e no Lugar em q. estavão por hua quartelas com seus rapazes debaixo, o Trono desmanxa elhe todo, e pollo na figura de seistavo, e puxallo mais fora o possivel e a recualo atras meyo palmo, e por obancos com igualdade de sorte de sorteq. [*sic.*] se possa andar com facelid.^e por cima delles e asim maes duas cúpulas nos nichos com suas pianhas e tambem **hum nicho (?) para nossa Snr.^a seguindo a figura do banco ao sacrario em seistavo** as costas furadas de tavoado (?) e tudo sera Levadio, e o barrete desima e as quatro quartelas servirás de pillares tudo será em talhado na melhor forma q. na paraje se poder acomodar de sorte que não asombre aboca, e trono, **e que fique descobreta a Senhora para o que se lhe botará pra (?) os dous Serafins q. estão emsima do sacrario** e tudo o mais q. José coelho de Nor.^a offeicial de entalhador entender e no lhe dissemos ao fazer deste cuja obra ajustamos com o ditto José Coelho por preço e quantias de trezentas oitavas de ouro de mil e duzentos cuja quantia nos obrigações nos obrigamos a satisfazer pellos bens' desta Irmand.^e ev.^a a todo o tempo constar fizemos este tr.^o que todos asinamos e Miguel Lopes de Arayo [*sic*] Escrivão desta Irmd.^e q. esta mandey fazer e asinamos. /João de Souza Lx.^a /Manoel Mor.^a Trr.^a / Miguel Lopes de Ar.^o /Jose Coelho de Noronha /João Pinto de Mir.^{da}.¹²⁴

Conforme se depreende do termo transcrito na íntegra, a Irmandade do Santíssimo Sacramento e o entalhador José Coelho de Noronha ajustaram – dentre os vários serviços listados – uma pequena alteração no sacrário fabricado por Francisco Xavier de Brito (falecido em 1751). O oficial contratado em 1754 tinha a tarefa de modificar a localização dos serafins que encimavam a casa do Santíssimo

¹²⁴ CC/CECO. Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Irmandade do Santíssimo Sacramento. TERMOS, ACÓRDÃOS E LEMBRANÇAS, Volume 224, Filme 011, fl.85. (A grafia original foi mantida. Grifos meus).

para melhor acomodar o nicho que faria para a imagem da padroeira do templo (que deveria ficar visível) “seguinto a figura do banco ao sacrário em seistavo”.¹²⁵ Lamentavelmente não se conhece o paradeiro deste nicho, mas presume-se pelo teor do contrato que a composição formal de seu corpo repetia a “figura” “em seistavo” (semi-hexagonal) artificialmente fingida no sacrário por meio do movimento diagonal e curvilíneo das paredes laterais da caixa que reveste o repositório das partículas eucarísticas¹²⁶ e que ligam a face frontal da mesma às pilastras misuladas do retábulo sustentadas por atlantes (banco).¹²⁷ (FIG. 31 a 33).

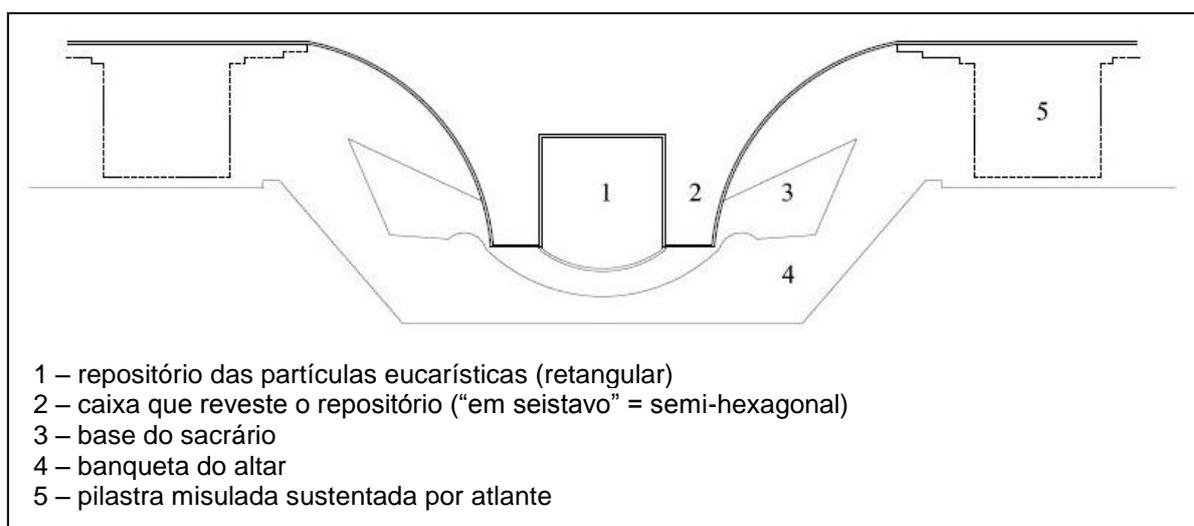


FIG. 31: Planta do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Ouro Preto.

¹²⁵ De acordo com João Henrique Grossi Sad Jr.: “o trecho [“hum nicho para nosso [sic.] Snr.^a seguinto a figura do banco ao sacrário em Seistavo (...) e o barrete desima e as quatro quartelas servirás de pillares”] sugere uma espécie de baldaquino formado por quatro pilares e encimado por uma cobertura em forma de barrete de clérigo, cobrindo a imagem da padroeira; tal estrutura ficaria sobre o sacrário. A redação do contrato cuidou para que o nicho não obstruísse a visão da tribuna (“de Sorte que não aSombre a boca, e tr[o]no”), vindo talvez daí a instrução para que o fundo do nicho deixasse passar a luz (“as costas furadas de tavoado”). É possível que houvesse um cortinado a ser aberto por serafins, como de costume no estilo joanino; em todo caso, a instrução era para que a santa ficasse claramente visível (“e que fique descoberta a Senhora”).” SAD JR., João Henrique Grossi. *O termo contratual de 1754 e as modificações no retábulo-mor da Matriz do Pilar, em Ouro Preto. Revista Temporalidades*. Belo Horizonte: Departamento de História, Faculdade de filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 6 (Suplemento), 2014. p. 408-409.

¹²⁶ A expressão repositório das partículas eucarísticas está sendo usada nesta pesquisa para designar a parte interna dos sacrários (normalmente concebida com formato retangular) onde se colocava a pedra d’ara e o cofre, ou a âmbula, contendo as hóstias consagradas.

¹²⁷ “Sotobanco e banco constituem os elementos horizontais de suporte ao corpo do retábulo. Na documentação setecentista encontra-se, por vezes, a designação de contrapedestais e pedestais. Os primeiros eram colocados junto ao solo e os segundos sobre os contrapedestais, correspondendo respectivamente ao sotobanco e ao banco. A utilização destes dois elementos é frequente, mas também é vulgar o uso exclusivo do banco. Os contrapedestais e os pedestais podem apresentar a forma de plintos rectangulares, podendo também surgir com enrolamentos acânticos, por vezes, suportados por atlantes.” LAMEIRA, Francisco Ildefonso. *A talha no Algarve durante o Antigo Regime*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 2000. p. 205.



FIG. 32: Face frontal do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar.
Ouro Preto. Foto: Juninho Motta



FIG. 33: Face lateral e posterior do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar.
Ouro Preto. Fotos: João Henrique Grossi Sad Jr.

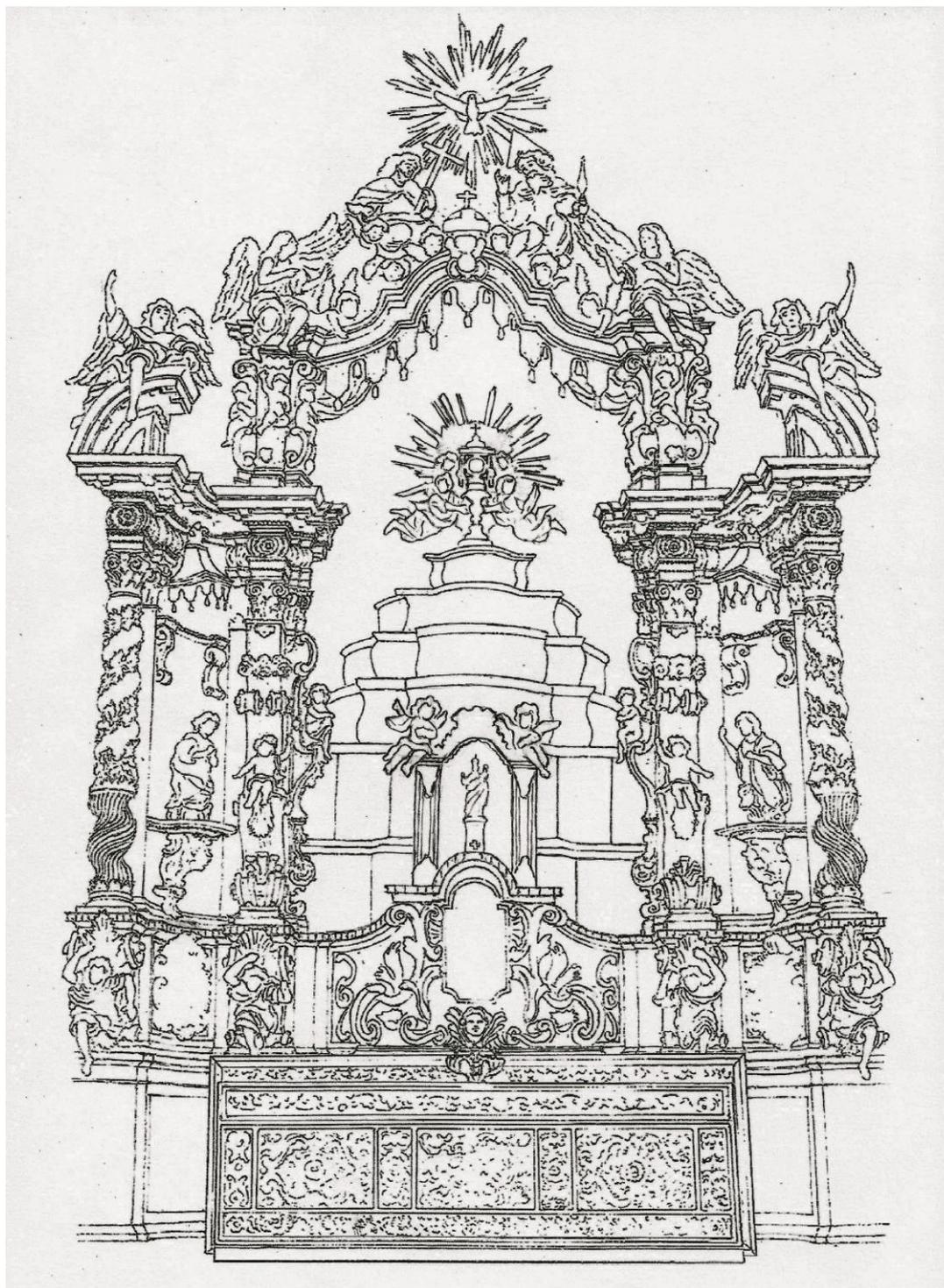


FIG.34: Retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica depois das modificações feitas por José Coelho de Noronha. Ilustração de João Henrique Grossi Sad Jr.¹²⁸

¹²⁸ Este desenho reconstitui a localização do nicho da padroeira encomendado a José Coelho de Noronha, mas não demonstra a repetição da forma do sacrário em seu corpo. Certamente o autor do desenho (e do artigo que o apresenta) não se apercebeu que a distância entre os dois pilares do fundo do nicho devia ser maior que a dos dois pilares da frente, pois só assim as paredes laterais côncavas e oblíquas seguiriam a “figura do banco ao sacrário em seistavo”. SAD JR., João Henrique Grossi. O termo contratual de 1754 e as modificações no retábulo-mor da Matriz do Pilar, em Ouro Preto. *Revista Temporalidades... op. cit.*, p. 410



FIG. 35: Retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto. Foto: Acervo da Paróquia

De acordo com o *Vocabulário Portuguez e Latino*, a palavra sextavado (ou seixtavado, grafia que também se encontra no mesmo dicionário) significava no século XVIII, como ainda hoje, “cousa que tem seis lados, seis angulos, cantos, ou quinas.”¹²⁹ Entretanto, quando se observa o sacrário do retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica não se vê exatamente “cousa que tem seis lados”. Isto indica que muito provavelmente a expressão “em seistavo” era utilizada pelos mestres da arquitetura e da talha para denominar a forma fingida (semi) da “figura” sextavada. Tal sutileza se verificada, por exemplo, quando se lê o contrato de José Coelho de Noronha (anteriormente transcrito) e o termo de reajuste da construção do zimbório da Matriz do Pilar de Vila Rica:¹³⁰

Ao primr.^o dia do mes de junho demil, e Sete centos, e quarenta, e nove annos estando em Meza o Provedor, emais off.es da Irm.de do Sm.^o Sacram.t^o desta Matriz de N.^a Sr.^a do Pillar desta V.^a Manoel Roíz Coelho, o then.e [tenente] Juaõ de Serqr.^a Domingos deSá Roíz e João Soares de Caru.^o, e por p.e [parte] da Irm.de de N. Sr.^a do Pillar o Procurador della Manoel da Costa Pontijo pellosmais off.es estarem empedidos por p.e das ditas irmandades Seachou tam bem Manoel Fr.c^o Lx.^a, e ventura Alz Carn.r^o, e os Rematantes da obra de talha da Capella mor Fran.c^o Xavier de Brito, e Antonio Henriques Cardozo para SeaSentar o Como se deve fazer a obra do zimborio da Capella Mayor no que Respeita aSeguranssa, e forma delle, grandeza, altura, eLargura, eaCentaraõ noque Se Segue, que sem embargo de estar detreminado pela aprovação do Risco Ser **aSua Figura otavada, e com quatro Janellas, e os quatro vanos ficavão tapadoz de parede**, eatendendosse aSer a ária [área] pequena, a não ficar aCapella Mayor Com tam boa Ley Se detreminou aSer **aSua figura Sextavada, ficando o d.^o zimborio comSeiz Luzes Sem empedim.t^o de parede alguma**, eAcentarão mais que a Seguranssa do Barrete da Cappella Mayor do Seu madeiram.t^o Seobservara na forma do modello, que tem feito Ventura Alz Carn.r^o, e com toda a mais Sigurança que se lhe puder fazer, e a bola do d.^o zimborio Se fará do mesmo tamanho, que se acha no d.^o modello, queSão dezaceis palmos [aproximadamente 3,5 m], eaabobeda que cobre ozimbório pella p.e dedentroSera a prumo à Sacada que tiver aSacada digo aSimalha (*sic*) que guarneçe ozimbório pella p.e dedentro, edesse prumo pegara avolta Redonda; aábobada pella p.e de fora Sera ffeita escapullada a lheCubrir toda aSacada daSimalha, e tera Seis piramadas emSima dosSeis pillares na forma, que mostra o Risco. E porque os Rematantes Requereraõ, que porque visto estava detreminado pelo Risco, que jáse lhe tinha aprovado Levar quatro culunas dequartelas, eagora [?] mais delas por **Ser Sextavado** contados os seus ornatos pertencentes as duas culunas Selhe divia pagar, eSeaSentou, que Selhe pagaria oSeu Vallor; e de como aSim se ajustou, edetreminou fiz este termo

¹²⁹ cf. o verbete SEXTAVADO e SEIXTAVADO. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino...op. cit.*, v.7, p. 635 e 558. (A grafia original foi mantida).

¹³⁰ Sobre a construção do zimbório, o seu simbolismo e a sua demolição em 1770 consulte BASTOS, Rodrigo Almeida. *A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822)*. São Paulo: Universidade de São Paulo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2009. (Arquitetura e Urbanismo, Tese de doutorado). p. 163-172.

em que todos a Signaraõ Comigo Escr.ªm Joaõ de Serq.ª Escr.ªm que o fiz escrever, ea Signey.¹³¹

Portanto, quando Francisco Xavier de Brito e seu sócio Antônio Henriques Cardoso (arrematantes de toda a obra de talha da capela-mor), os louvados Manoel Francisco Lisboa (arquiteto, mestre de obras e carpinteiro) e Ventura Alves Carneiro (entalhador) se reuniram com os representantes das irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Pilar (contratantes) para reajustarem a fatura do zimbório, as palavras oitavada e sextavada foram usadas no sentido literal. O elemento iluminador que se construiria sobre a capela-mor teria quatro janelas e quatro vãos “tapadoz de parede” (oito faces), mas por ser “a ária pequena” acordaram todos os envolvidos que melhor seria fazê-lo com seis janelas “sem impedim.tº de parede alguma” (seis faces). Assim sendo, é plausível considerar que o adjetivo sextavado era usado para designar a forma completa das “figuras” e a expressão “em seistavo” para nomear a forma fingida das mesmas.

O contrato de 1754 deixa claro que as irmandades contratantes desejaram e arbitraram a decorosa correspondência¹³² entre os elementos constitutivos do altar: sacrário e baqueta concebidos por Francisco Xavier de Brito; trono escalonado e nicho da Senhora do Pilar ajustados com José Coelho de Noronha (todos “em seistavo”). Cabe lembrar ainda que até 1770 o zimbório edificado banhava toda a capela-mor com “seiz luzes”.

Embora não se possa assegurar que os confrades e os arrematantes dos serviços de talha da capela-mor da Matriz do Pilar de Vila Rica tenham conhecido diretamente o texto do tratado de Carlos Borromeu, a “figura” do sacrário “em seistavo”, a sua correspondência com outros elementos do retábulo e da arquitetura

¹³¹CC/CECO. Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Irmandade do Santíssimo Sacramento. TERMOS, ACÓRDÃOS E LEMBRANÇAS, Volume 224, Filme 011, fl. 60v-61. Transcrição feita por BASTOS, Rodrigo Almeida. *A maravilhosa fábrica de virtudes... op. cit.*, p. 165-166. (Grifos meus).

¹³² De acordo com o arquiteto Rodrigo Almeida Bastos: “A ‘correspondência’ está na base da *forma mentis* seis e setecentista. Vale lembrar que, nesse tempo, é genericamente virtuosa a operação que estabelece ‘correspondência’ entre ideias, figuras, imagens ou conceitos. (...) No caso das artes visuais e da arquitetura, além do estabelecimento de relações simpáticas entre proporções e elementos, o efeito era também facilmente estabelecido pela imitação ou pela semelhança direta entre partes da arquitetura, pela similitude formal de elementos e ornatos. Com maior “mistério” e “dificuldade”, todavia, a correspondência também poderia estar inerente às metáforas visuais que davam corpo a essas artes, na complexidade dos programas alegóricos que poderiam ou não ser desempenhados pela recepção.” BASTOS, Rodrigo Almeida. *A maravilhosa fábrica de virtudes... op. cit.*, p. 138, nota nº 86.

do templo e o tema iconográfico representado em sua portinhola são indícios de que o cerne das diretrizes do décimo terceiro capítulo do *Instructionum Fabricae Ecclesiasticae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo* foi respeitado:

(...) A arte do tabernáculo, elaborada com elegância, ligada entre si de forma apta e adequada, esculpida com piedosas imagens dos mistérios da paixão do Cristo Senhor, decorada com elementos dourados em determinados lugares segundo o parecer de homem perito, apresente uma configuração de adorno religioso e digno de veneração.

(...) A forma [seja] ou octogonal ou hexagonal ou quadrada ou redonda, conforme parecer mais conveniente e devoto para a configuração da Igreja.

(...) Seja ornamentado com a imagem sagrada do Cristo Senhor crucificado ou ressuscitado ou mostrando o peito ferido, ou outra piedosa efígie.¹³³

Tal fato confirma, portanto, que os princípios decorosos concernentes à configuração formal e iconográfica do sacrário fixo sobre o meio do altar elaborados por Carlos Borromeu – a priori com um objetivo localista, isto é, somente para a província eclesiástica de Milão – tornaram-se tradição na Igreja, tendo sido aplicados, inclusive, em obras realizadas no interior da América Portuguesa.

3.3.2 As formas classificadas e as não identificadas

Apesar de não se ter encontrado registro escrito sobre a forma dos outros cinco sacrários listados no Quadro 3, a observação empírica, a elaboração de desenhos em planta¹³⁴ e a análise do artifício construtivo usado em cada um deles – sempre considerando o caso documentado da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica – possibilitou a identificação de quase todas as “figuras” fingidas. Diz-se quase todas, porque em alguns exemplares o rebuscamento das formas autorizadas no tratado de Carlos Borromeu (ou a profusão da talha) suscitou dúvidas e não permitiu uma classificação segura. Por esta razão, a quarta coluna do Quadro 3 apresenta pontos de interrogação. Ressalta-se que nesta parte do estudo os sacrários serão analisados fora da ordem cronológica e estilística. O primeiro caso

¹³³ INSTRUCTIONUM FABRICAE ECCLESIASTICAE ET SUPELLECTILIS ECCLESIASTICAE LIBRI II... *op. cit.*, p. 20b-22b. (CAP. XIII DE TABERNACULO SANTISSIMAE EUCHARISTIAE).

¹³⁴ Salienta-se que os riscos originais dos retábulos erigidos na capela-mor das seis matrizes selecionadas para estudo não chegaram até os dias atuais. Agradeço o artista plástico João Henrique Grossi Sad Jr. e a arquiteta e urbanista Samantha Úrsula Sant’Anna por terem me ajudado com a elaboração dos desenhos em planta dos sacrários listados no Quadro 3. Esclarece-se que em todos os casos somente a banqueta (quando existe), o tabernáculo e a parte central dos retábulos – limitada por colunas pares, ou pilastras, localizadas próximo à boca da tribuna – foram representados.

que se examinará é o da sede paroquial da Vila de São João d'El Rey, pois, ao que tudo indica, a invenção do risco e a execução da talha de sua capela-mor são obras do entalhador José Coelho de Noronha.

De acordo com as pesquisas de Aziz José de Oliveira Pedrosa, logo depois que as modificações no retábulo da matriz vilariquenha foram concluídas, Noronha iniciou os trabalhos na capela-mor da sede paroquial da Vila de São João d'El Rey (1755-1758).¹³⁵ Certamente o sacrário “em seistavo” de Francisco Xavier de Brito foi uma referência estética, ou fonte inspiradora, para seu novo trabalho. Basta observar atentamente os dois tabernáculos – comparar especialmente o coroamento em arco, os ornatos sinuosos que arrematam e ladeiam a face frontal de ambos e a concepção da caixa que reveste o repositório eucarístico – para perceber algumas semelhanças compositivas. (Veja as FIG. 32, 33, 37 e 38). Do ponto de vista construtivo, verifica-se que o mesmo artifício usado no sacrário da matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica foi também utilizado no tabernáculo da matriz homônima da Vila de São João d'El Rey. (Compare as FIG. 31 e 36). Observe que em ambos os casos a caixa que reveste o repositório das partículas eucarísticas foi concebida com paredes curvilíneas que diagonalmente se conectam ao retábulo na altura do banco.

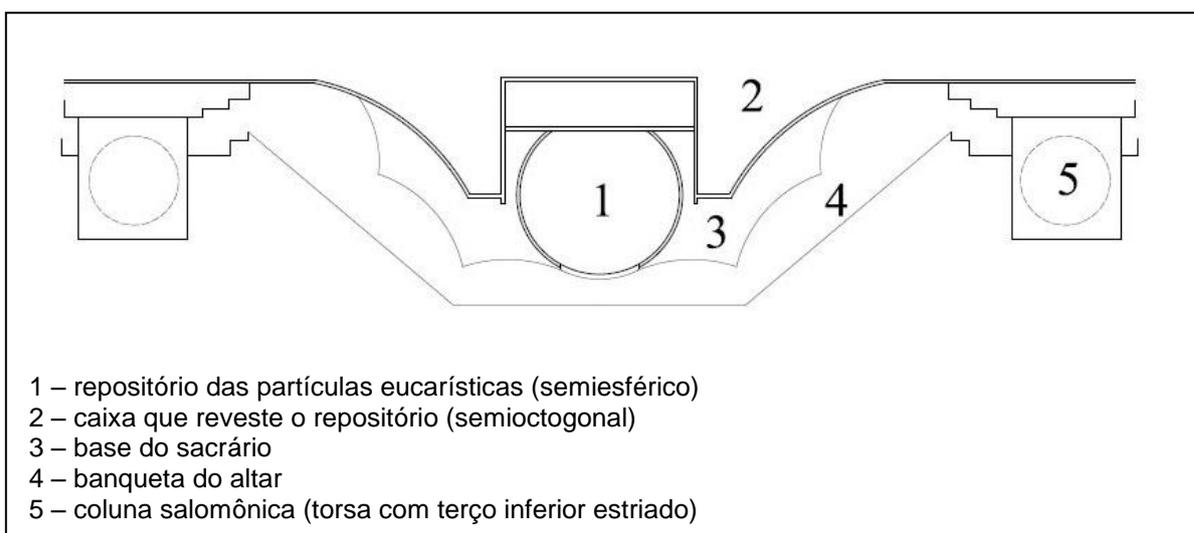


FIG. 36: Planta do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar. São João del-Rei.

¹³⁵ PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofício nas Minas Gerais do século XVIII...* *op. cit.*, p. 71-146.



FIG. 37: Face frontal do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei.
Foto: Sabrina Sant'Anna.



FIG. 38: Face lateral do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei.
Foto: Leandro Leandro Gonçalves de Rezende.



FIG. 39: Capela-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del Rei.
Foto: Halley Pacheco de Oliveira

Não obstante as semelhanças compositivas e construtivas, nota-se que as duas obras são distintas. Enquanto Francisco Xavier de Brito concebeu um sacrário em “seistavo” com repositório retangular embutido, José Coelho de Noronha criou um tabernáculo semioctogonal deixando parte do repositório semiesférico à mostra.



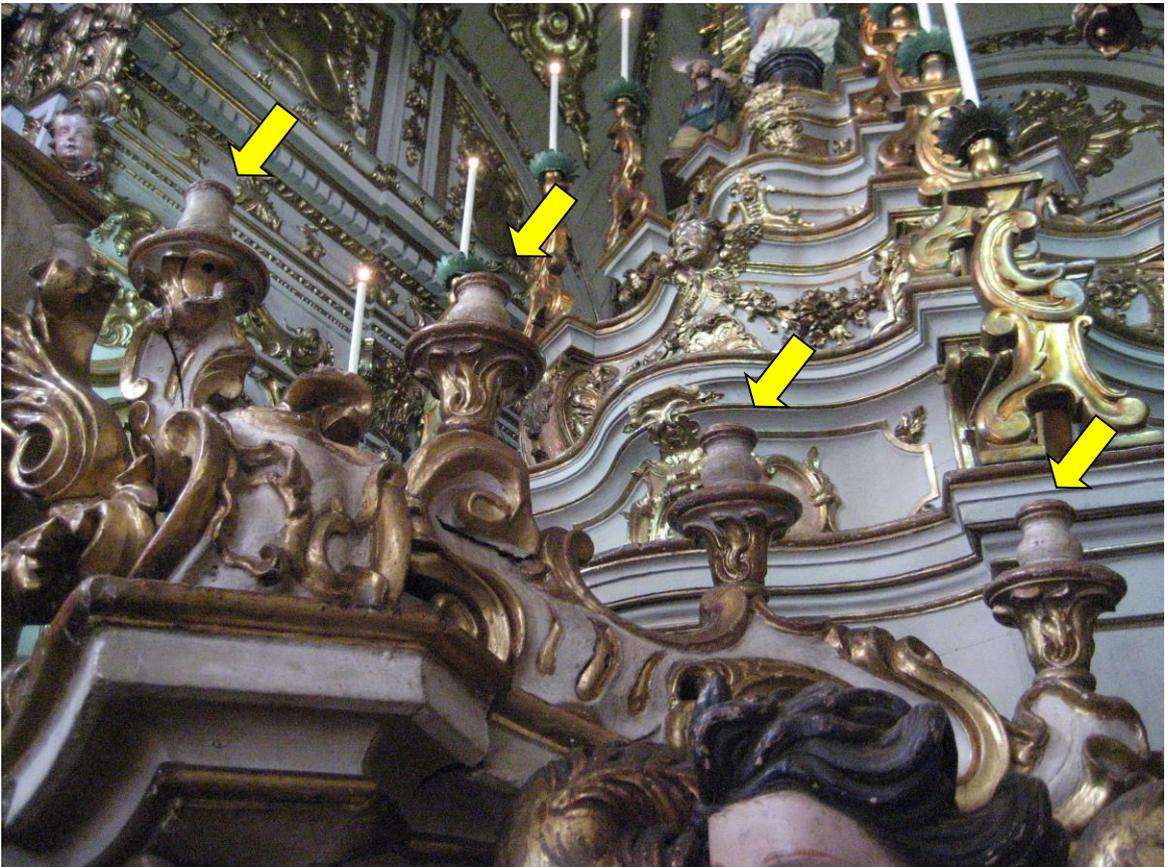
FIG. 40: Repositório das partículas eucarísticas do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei. Foto: Sabrina Sant’Anna.¹³⁶

O fingimento da forma octogonal fica evidente no sacrário trifacetado da Matriz da Vila de São João d’El Rey quando se observa que as paredes laterais da caixa criada por Noronha (assim como a banqueta do altar) foram concebidas com ângulo mais aberto que as do sacrário do altar-mor do Pilar de Vila Rica (compare os desenhos em planta FIG. 31 e 36). Além disso, provavelmente para dar ênfase à “figura” artificialmente construída em volta do repositório semiesférico – geometricamente pode-se dizer que o octógono está circunscrito –, José Coelho de Noronha dispôs oito castiçais no arremate das paredes que ligam a face frontal da casa do Santíssimo à boca da tribuna do retábulo. (Observe as FIG. 41 e 42).

¹³⁶ O círculo (ou a esfera) – justamente por não ter início nem fim e por seus pontos estarem à mesma distância do centro – é a figura que simboliza na tradição cristã a eternidade de Deus (o alfa e o ômega) e de suas alianças com o homem. Ressalta-se que desde os primeiros séculos do cristianismo o círculo e o semicírculo foram empregados na arquitetura de igrejas, mobiliário e objetos litúrgicos. cf. LIMA, Marco Antônio Moraes. *Igreja, ícone da Trindade, espaço litúrgico, Imago Ecclesiae...* op. cit., p. 195, 216-223. BALDOCK, John. *Simbolismo Cristiano*. Milano: Oscar Saggi Mandadori, 1997. p. 152. HANI, Jean. *O simbolismo do templo cristão...* op. cit., p. 29. O verbete CÍRCULO. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos...*, op. cit., p. 250-254.



FIG. 41: Vista superior do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei. Foto: Sabrina Sant'Anna



42: Face lateral do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei.

Neste caso, portanto, José Coelho de Noronha engenhosamente associou duas das quatro formas autorizadas no tratado de Carlos Borromeu. Ressalta-se que embora a composição formal do tabernáculo eucarístico da Matriz da Vila de São João d'El Rey não tenha precedentes no território aurífero, as formas “octogonal” e “redonda” já vinham sendo usadas separadamente em sacrários produzidos na região centro-sul das Minas Gerais setecentistas. É o que se verifica, por exemplo, nas sedes paroquiais da Vila Real do Sabará e da Vila do Ribeirão do Carmo.

Do ponto de vista construtivo, nota-se que o oficial responsável pela talha do retábulo-mor da Matriz do Sabará (cuja parte central foi realizada por volta de 1710)¹³⁷ usou um artifício muito simples – se comparado àquele empregado por José Coelho de Noronha – para fingir (ou sugerir) a “figura” octogonal em um tabernáculo trifacetado. Observe que o repositório das partículas eucarísticas (retangular, como na maioria dos exemplares analisados) foi embutido na plataforma que serve de base para o trono escalonado. A forma semioctogonal foi obtida por meio do posicionamento oblíquo das paredes retilíneas que ligam a face frontal do sacrário (onde se encontra a portinhola octogonal) ao banco do retábulo (FIG. 43 e 44).

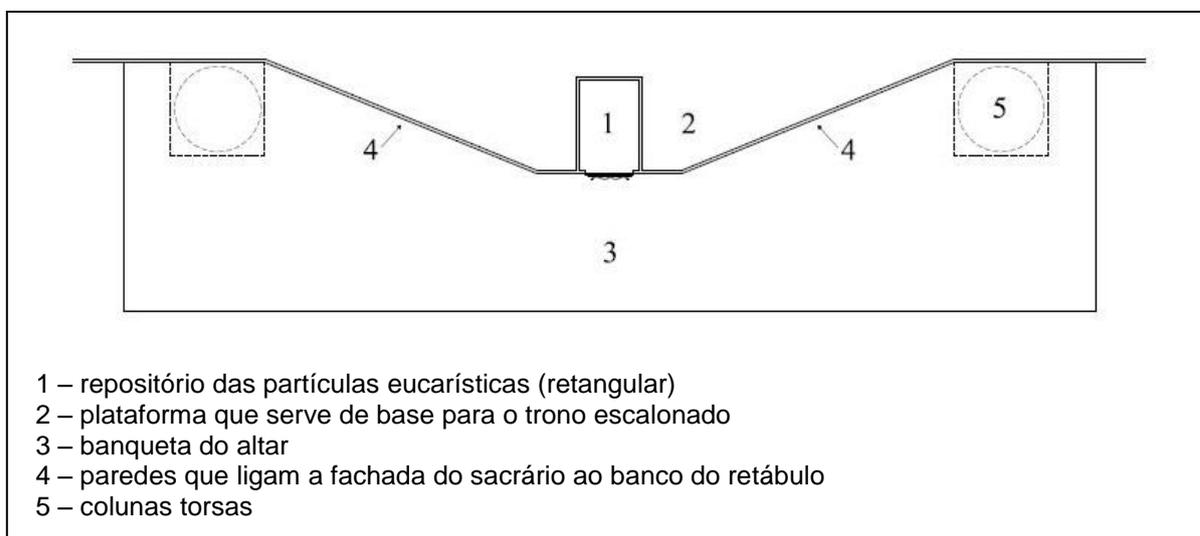


FIG. 43: Planta do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Sabará.

¹³⁷ Segundo o Inventário de Bens Móveis e Integrados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a talha extra colunas encimadas por arquivoltas concêntricas foi acrescentada entre 1725 e 1735. Consulte IPHAN. *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados. Sabará - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e Passo da Sapucaí*. Região Metropolitana de Belo Horizonte – Módulo 1, s/d.



FIG. 44: Face frontal do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sabará.
Foto: Juninho Motta.



FIG. 45: Retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sabará.
Foto: Juninho Motta.

O tabernáculo semiesférico do altar-mor da Matriz da Vila do Ribeirão do Carmo – diferente daquele concebido por José Coelho de Noronha – foi fabricado com repositório eucarístico retangular embutido.¹³⁸ Além disso, neste caso, o entalhador usou a predela do retábulo como suporte para a fixação do sacrário, do dossel que o encima e dos anjos que o ladeiam. As folhas de acanto e as pequenas flores aplicadas sobre a predela complementam a decoração retabilística preenchendo os espaços vazios conforme o gosto da época. (FIG 46, 47 e 48).

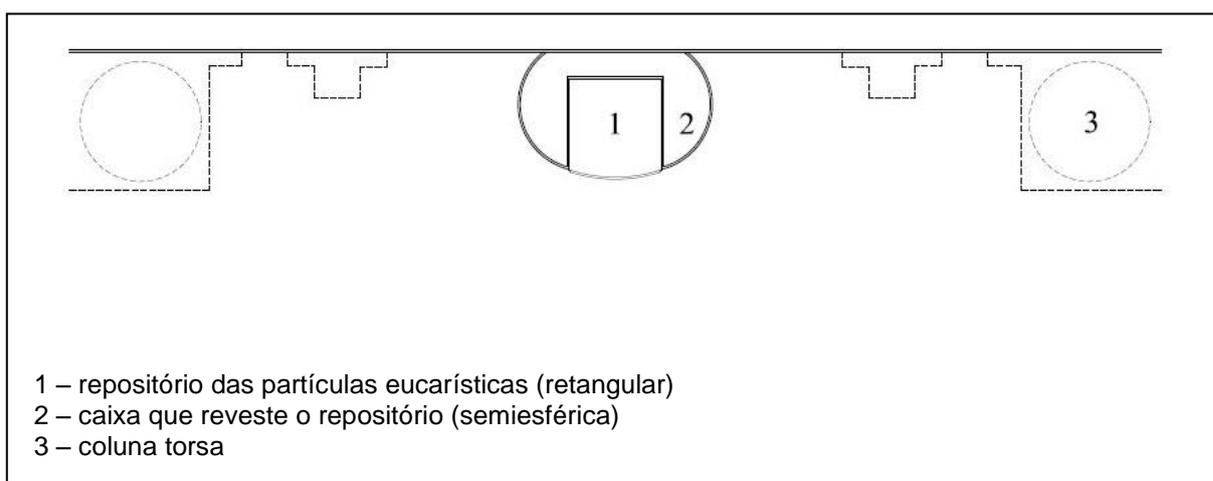


FIG. 46: Planta do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção), Mariana.



FIG. 47: Sacrário semiesférico do altar-mor da matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção), Mariana. Foto: Juninho Motta.

¹³⁸ Sacrários semiesféricos não foram incomuns na região centro-sul das Minas Gerais setecentistas. Exemplares produzidos durante a primeira metade do século XVIII ainda podem ser observados no altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito), no altar da Irmandade de São Miguel e Almas (lado da epístola) da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré (Cachoeira do Campo), no altar-mor da Matriz de Bom Jesus do Monte (Furquim) e no altar-mor da Matriz de Santo Antônio (Ouro Branco); este último dourado em 1755 (mesmo ano em que se iniciou a obra de talha da capela-mor da sede paroquial de São João del-Rei).



FIG. 48: Retábulo-mor da matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral de Nossa Senhora da Assunção), Mariana. Foto: Juninho Motta.

Voltando ao caso dos sacrários trifacetados das matrizes da Vila Real do Sabará e da Vila de São João d'El Rey, nota-se que a “figura” semioctogonal é mais evidente (mais facilmente percebida pelo observador) no primeiro – justamente o mais antigo do conjunto selecionado para estudo – do que no segundo. Para se compreender melhor a questão da legibilidade da “figura” dos tabernáculos supracitados é preciso ter em mente que eles foram concebidos como parte integrante de retábulos fabricados em estilos diferentes: o nacional português (vigente nas Minas Gerais até 1730) e o joanino (em voga no território aurífero até a sexta década do setecentos).¹³⁹ De maneira geral, o retábulo nacional português apresenta um plano arquitetônico simples (em relação ao estilo que o sucedeu) caracterizado por colunas torsas encimadas por arquivoltas concêntricas. Nesta tipologia retabilística, a decoração predominantemente fitomorfa (cachos de uvas, folhas de parreira e acantos) e zoomorfa (fênix e pelicanos) mantem-se subordinada à estrutura subjacente e, por esta razão, as paredes retilíneas e oblíquas que formam as laterais da caixa do sacrário da matriz do Sabará, mesmo cobertas por talha profusa, garantem a legibilidade da “figura” semioctogonal. No retábulo joanino, por sua vez, cujo plano arquitetônico é mais complexo – de modo sumário apresenta coluna salomônica (torsa com o terço inferior estriado), pilastra misulada (ou quartelão) e coroamento em dossel – o caráter escultórico (com proliferação de figuras antropomorfas) predomina sobre o ornamental. Assim sendo, nota-se que a caixa do sacrário da Matriz da Vila de São João d'El Rey – ao contrário do que ocorreu na Matriz do Sabará – foi concebida com paredes laterais curvilíneas e oblíquas guarnecidas por anjos esculpidos de corpo inteiro; a fachada, ornamentada com elementos em “c” e “s”, coroada por querubins e pelicano, expõe parte do

¹³⁹ Sobre o nacional português e o joanino (em Portugal e nas Minas Gerais) consulte: SMITH, Robert. *A talha em Portugal... op. cit.*, p. 69-128. BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil... op. cit.*, vol. 1, p. 255-280; 336-360. ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco mineiro glossário de arquitetura e ornamentação*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1979. (Nesta obra consultar especificamente o verbete RETÁBULO). p.171-173. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Barroco e rococó na arquitetura religiosa da Capitania de Minas Gerais. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). *História de Minas Gerais: As Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autentica; Companhia do Tempo, 2007. vol. 2, p. 365-382. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2012. vol. 1, p. 97-108. BOHRER, Alex Fernandes. O estilo Nacional Português em Minas Gerais e seus antecedentes luso-brasileiros. In: BOHRER, Alex Fernandes; PIRES, Maria do Carmo; ANDRADE, Francisco Eduardo de (Org.). *Poderes e Lugares de Minas Gerais... op. cit.*, p. 233-248. BOHRER, Alex Fernandes. *A Talha do Estilo Nacional Português em Minas Gerais: Contexto Sociocultural e Produção Artística*. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2015. (História, Tese de doutorado).

repositório eucarístico semiesférico no qual foram esculpidos os símbolos dos quatro evangelistas. Tal sofisticação formal resultou em uma “figura” semioctogonal menos evidente e, talvez por isso, o entalhador tenha enfatizado o número oito dispendo castiçais ao longo do arremate das paredes laterais da caixa do sacrário que fabricou. Diante do exposto e levando-se em conta o exemplo documentado da casa do Santíssimo da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica, cuja figura “em seistavo” também não é facilmente percebida pelo observador, pode-se dizer que nos tabernáculos trifacetados concebidos como parte integrante de retábulos joaninos o tratamento sofisticado e rebuscado das formas prescritas no tratado de Carlos Borromeu dificulta e, em alguns casos, até impossibilita a leitura exata da figura-base (ou subjacente) trabalhada pelos entalhadores.¹⁴⁰ Por esta razão, a forma do sacrário eucarístico da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica não pôde ser devidamente classificada nesta pesquisa.

Ao se observar com atenção o tabernáculo fixo sobre o altar-mor da sede paroquial supracitada – cujo retábulo foi fabricado em estilo joanino entre os anos 1760 e 1768 por entalhadores bracarenses – nota-se que sua fachada apresenta forma convexa (semicilíndrica) limitada por pilares arrematados por cabeças de anjos. (Veja FIG. 49). O movimento oblíquo e curvilíneo das paredes laterais de sua caixa, que não se prolonga até a boca da tribuna, na altura do banco – como se vê na casa do Santíssimo da outra sede paroquial de Vila Rica e também na da Matriz da Vila de São João d’El Rey, ambas riscadas e executadas por entalhadores lisboetas¹⁴¹ – é finalizado por pilares curvos¹⁴¹ que avançam em diagonal sustentando anjos esculpidos de corpo inteiro. (FIG. 50).

¹⁴⁰ O rebuscamento das formas pode ser observado também nas portinholas dos seis tabernáculos selecionados para estudo. Note que nos dois mais antigos – os das sedes paroquiais da Vila do Sabará e da Vila do Ribeirão do Carmo –, concebidos como parte integrante de retábulos nacional-português, as portinholas são octogonais. Já nos outros quatro sacrários fixos sobre altares-retábulos joaninos a forma das portinholas é associada aos polígonos octogonal (Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica), hexagonal (Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias, Vila Rica) e dodecagonal (matrizes da Vila de São João d’El Rey e da Vila de São José d’El Rey).

¹⁴¹ Sobre a diferença formal dos retábulos joaninos produzidos em Minas Gerais por entalhadores bracarenses e lisboetas consulte: OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Entalhadores bracarenses e lisboetas em Minas Gerais. *Artistas e Artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa... op. cit.*, p. 423-430. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Profissionais portugueses na arquitetura religiosa do Brasil setecentista. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 174, número 461, p. 263-265, Out./ Dez. 2013.



FIG. 49: Face frontal do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Ouro Preto. Foto: Juninho Motta.



FIG. 50: Detalhe dos anjos que ornamentam o sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Ouro Preto. Foto: Sabrina Sant' Anna

Considerando as curvas e contracurvas que compõem a caixa do sacrário trifacetado da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica e a ausência de fontes documentais que evidenciem o desejo das irmandades contratantes, ou a intenção dos entalhadores que a conceberam, esclarece-se que não foi possível classificar com segurança a sua figura-base.

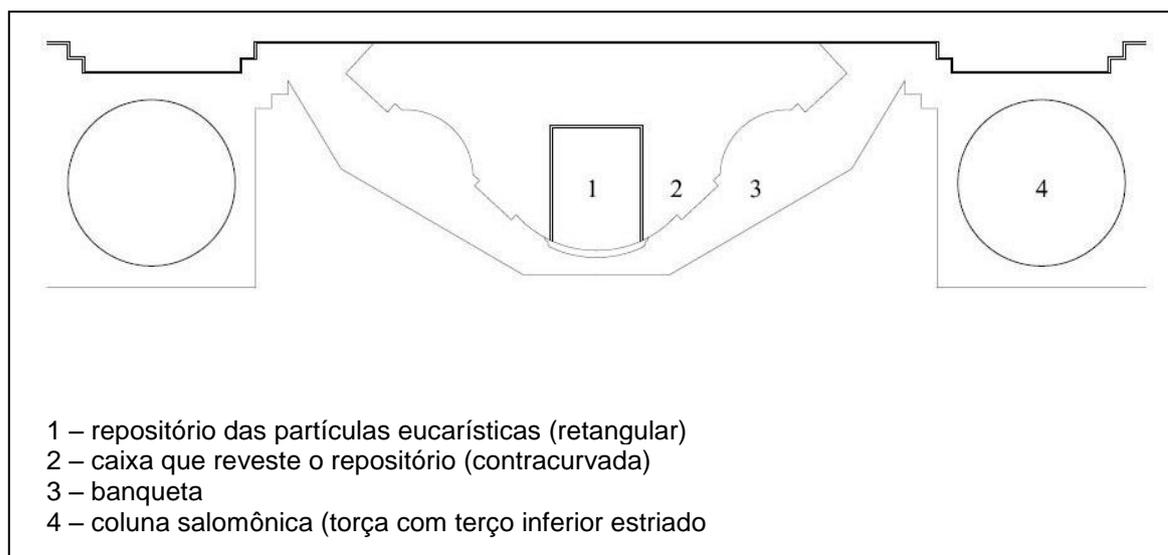


FIG. 51: Planta do sacrário do altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Ouro Preto.

Contudo, isto não significa que os oficiais bracarenses que a idealizaram ignorassem as formas autorizadas e tradicionalmente usadas desde a publicação e grande circulação do tratado de Carlos Borromeu. A forma semicilíndrica da fachada do sacrário em análise talvez seja uma referência à forma “redonda” prescrita pelo bispo de Milão. Não obstante, é fato que a iconografia representada em sua portinhola não faz parte do repertório comumente utilizado na Época Moderna e que o retábulo ao qual ele está integrado (FIG. 52) – um dos últimos em estilo joanino fabricado em Minas Gerais – é, segundo a especialista Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira,

um dos mais originais, não existindo similares na região ou até mesmo em Portugal. A introdução de possantes colunas salomônicas com fragmentos de frontão em volutas ladeando a tribuna central, acentua a monumentalidade do retábulo e tem forte apelo visual. Entretanto, o desenho do coroamento permanece confuso, com superposição de anjos adultos ladeando o dossel e a tarja acima destes e elementos ornamentais desnecessários, como as desgraciosas cabecinhas de querubins nos lambrequins das sanefas.

São típicos da talha barroca bracarense, entre outros, o desenho tortuoso do dossel com o supérfluo detalhe dos querubins, as mísulas trilobadas dos nichos laterais e o motivo dos enrolamentos de cartuchos acompanhando a

volta superior do arco. E também os efeitos teatrais grandiloquentes dos cortinados levantados por anjos nos nichos laterais e no coroamento. Estes efeitos, apesar de convincentes à distância, incomodam visualmente quando o retábulo é focalizado de perto, colocando em evidência as imperfeições anatômicas das representações de anjos adultos, nesta obra de entalhadores sem grande talento escultórico.¹⁴²



FIG. 52: Retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Ouro Preto.
Foto: Acervo da Paróquia, 2010.

¹⁴² OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Entalhadores bracarenses e lisboetas em Minas Gerais. *Artistas e Artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa... op. cit.*, p. 424.

Também o retábulo-mor da sede paroquial da Vila de São José d'El Rey – fabricado em estilo joanino pelo entalhador João Ferreira Sampayo entre 1736 e 1747 (FIG. 53) – é considerado “peça única na história da evolução da talha no Brasil pelo inusitado da composição, pelo vigor da talha ‘gorda’, pela forma da decoração das colunas e pelo tratamento do trono, entre outros.”¹⁴³



FIG.53: Retábulo-mor da Matriz de Santo Antônio, Tiradentes. Foto: Nelson Kon, 2009.¹⁴⁴

¹⁴³ SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes...* op. cit., p. 87.

¹⁴⁴ Foto publicada em SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes...* op. cit., p. 86.

Nas palavras da especialista Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira:

A estruturação arquitetônica deste grandioso retábulo de Tiradentes baseia-se em colunas de fuste reto e não torsas salomônicas como seria de esperar na época joanina, quatro delas recobertas de decoração plana com motivos inusuais na época barroca e duas inteiramente compostas de volutas e acantos vazados. A peça de maior impacto é, entretanto, o trono estruturado em concheados vazados decorados com enormes conchas tridacmas, no alto do qual figura atualmente a imagem do padroeiro Santo Antônio. Em suma, um apoteótico conjunto ornamental na tradição da chamada “talha gorda” do Minho, sem equivalentes em outras igrejas de Minas Gerais.¹⁴⁵

Aos elementos *sui generis* do retábulo-mor inventado por João Ferreira Sampaio deve-se acrescentar o sacrário, cuja exuberância da talha ornamental impressiona tanto os observadores leigos, quanto os especialistas. Contudo, há que se ressaltar que esta característica é exatamente o que impossibilita a leitura exata da “figura” subjacente. A talha que recobre as paredes laterais do tabernáculo – que se fundem com a predela do altar – é tão profusa que não se pode identificar com segurança qual foi a intenção do entalhador: se produzir um tabernáculo semi-hexagonal ou semioctogonal.



FIG. 54: Face frontal do sacrário do altar-mor da Matriz de Santo Antônio, Tiradentes. Detalhe da foto feita por Nelson Kon, 2009.

¹⁴⁵ OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Profissionais portugueses na arquitetura religiosa do Brasil setecentista. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro... op. cit.*, p. 264.



FIG. 55: Face lateral do sacrário do altar-mor da Matriz de Santo Antônio, Tiradentes.¹⁴⁶
Foto: Sabrina Sant'Anna

Sem dar lugar a generalizações, mas mantendo o foco nos quatro sacrários eucarísticos integrado a retábulos joaninos analisados nesta pesquisa, nota-se que os dois exemplares produzidos por entalhadores provenientes de Lisboa apresentam características afinadas com o padrão estabelecido no décimo terceiro capítulo do tratado de Carlos Borromeu. Em contrapartida, a composição artística dos dois tabernáculos concebidos por entalhadores oriundos de Braga extrapola as regras determinadas pelo bispo de Milão, sendo notável também a originalidade dos retábulos aos quais estão integrados. Assim sendo, faz-se necessário prosseguir com as pesquisas – não agora, pois o doutorado tem prazo limitado – para verificar se esta diferença se mantém em outros exemplares produzidos por entalhadores

¹⁴⁶ A banqueta do altar que se vê na foto acima não é um parâmetro seguro para definir a figura do sacrário, pois a abertura de seus ângulos está entre um hexágono e um octógono.

lisboetas e bracarenses nas Minas Gerais setecentistas e também em outras partes da América Portuguesa. Por ora, cabe destacar que os dois tabernáculos concebidos como parte integrante de retábulos fabricados em estilo nacional português demonstram que as formas e o repertório iconográfico autorizado no décimo terceiro capítulo do *Instructionum Fabricae* foram usados no território aurífero desde a primeira década do século XVIII. Certamente o estudo de exemplares mais antigos ocasionará o recuo desta data.

4. A FUNÇÃO DOS SACRÁRIOS FIXOS SOBRE OS ALTARES CONFRARIAIS DA NAVE

Na segunda metade do século XVIII as matrizes da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, da antiga Vila do Ribeirão do Carmo (Catedral da cidade de Mariana a partir de 1745), da Vila Rica, da Vila de São João d'El Rey e da Vila de São José d'El Rey apresentavam juntas no recinto da nave um total de 44 altares confrariais. Destes, nove foram concebidos sem sacrário fixo ao centro,¹⁴⁷ 20 foram dotados de sacrário decorativo (sem portinhola, ou com portinhola sem sistema de tranca) e 15 foram equipados com sacrário funcional (com portinhola e fechadura). Observe as informações sistematizadas no Quadro 4:

Quadro 4 – Os sacrários fixos sobre os altares confrariais da nave			
Templo/Localidade	Quantidade de altares-retábulos situados na nave	Quantidade de sacrários decorativos	Quantidade de sacrários funcionais
Matriz de Nossa Senhora da Conceição/Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará	8	0	1
Matriz de Nossa Senhora da Conceição/Vila do Ribeirão do Carmo - Catedral de Nossa Senhora da Assunção/Mariana	10	7	2
Matriz de Nossa Senhora do Pilar/Vila Rica	6	2	4
Matriz de Nossa Senhora da Conceição/Vila Rica	8	4	3
Matriz de Nossa Senhora do Pilar/Vila de São João d'El Rey	6	4	2
Matriz de Santo Antônio/Vila de São José d'El Rey	6	3	3
Total	44	20	15

¹⁴⁷ Na nave da Matriz do Sabará há sete altares sem sacrário; na Catedral de Mariana apenas o de Santa Bárbara; na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica conta-se somente o de Nossa Senhora da Boa Morte.

Sabendo-se que nas Minas Gerais setecentistas a casa do Santíssimo foi, por excelência, o tabernáculo fixo sobre o altar-retábulo da capela-mor, pergunta-se: qual a necessidade de se equipar os altares da nave com sacrários? Seria apenas um recurso de ordem composicional; um costume estético e sem função litúrgica que se iniciou a partir do século XVII como sugeriu o estudioso Jules Corblet?¹⁴⁸ Teriam os sacrários funcionais algum uso religioso, já que determinados exemplares, além de possuírem portinhola com fechadura, foram ornamentados internamente com tecidos, douramento e até espelho de prata?

Analisando-se a pequena produção bibliográfica dedicada ao sacrário fixo sobre o meio do altar – estudos publicados na Itália, na França e em Portugal desde o fim do século XIX até os dias atuais¹⁴⁹ – nota-se a falta de questionamentos e, conseqüentemente, de abordagens sobre a funcionalidade dos tabernáculos localizados na nave dos templos. Este capítulo, portanto, objetiva sanar um déficit historiográfico e apresentar um tema de estudo ainda carente de muitas pesquisas. Ressalta-se que as fontes consultadas – legislação eclesiástica, Visitas Pastorais, correspondências do bispo Dom frei Manoel da Cruz, livros confrariais e decoração interna e externa dos sacrários – evidenciam que nas Minas Gerais setecentistas os tabernáculos funcionais da nave foram usados como casa provisória do Santíssimo Sacramento¹⁵⁰ e como cofre de relíquias sagradas.¹⁵¹

¹⁴⁸ Discorrendo sobre o tabernáculo fixo sobre o meio do altar Jules Corblet escreveu: “Cet usage se généralisa au XVII^e siècle, et parfois même fort inutilement, puisqu’on mit des tabernacles à des autels où l’on ne conservait jamais la réserve eucharistique.” CORBLET, Jules. *Histoire dogmatique, liturgique et archéologique du sacrement de l’Eucharistie*. Tome Premier..., *op. cit.*, p. 561. “Este uso se generalizou no séc. XVII, e por vezes muito inutilmente, pois se colocavam tabernáculos em altares onde nunca se guardava a reserva eucarística.” (Tradução da autora).

¹⁴⁹ CORBLET, Jules. *Histoire dogmatique, liturgique et archéologique du sacrement de l’Eucharistie*. Tome Premier... *op. cit.*, p. 549-569. DURET, Donatien. *Mobilier: Vases, objects et vêtements liturgiques: Étude historique...* *op. cit.*, p. 273-280. RIGHETTI, Mario. *Manuale di Storia Liturgica*. Volume I: Introduzione generale... *op. cit.*, p. 546-553. MONTEVECCHI, Benedetta; ROCCA, Sandra Vasco. (Dir.). *Dizionari terminologici Supplettili ecclesiastica I.* *op. cit.*, p. 85-91. MARTINS, Fausto Sanches. Estudo iconográfico do retábulo-sacrário da capela do Santíssimo Sacramento da igreja Matriz de Caminha. *Revista da Faculdade de Letras...* *op. cit.*, p. 337-364. MARTINS, Fausto Sanches. *Speculum Humanae Salvationis: Estudo iconográfico e iconológico do sacrário de prata da Sé do Porto*. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Patrimônio...* *op. cit.*, p. 173-202. EUSÉBIO, Maria de Fátima. A iconografia do sacrário da Capela da Via-Sacra de Viseu. *Actas do II Congresso Internacional do Barroco...* *op. cit.*, p. 491-499. p. 25-85. SANTOS, Cristina Isabel Passos Ribeiro Fé. *Contributo para o estudo dos sacrários Barrocos em Portugal...* *op. cit.*, 117 p.

¹⁵⁰ A expressão casa provisória do Santíssimo Sacramento não faz parte do vocabulário usado no século XVIII e também não consta na bibliografia especializada. Assim sendo, explica-se que ela foi criada para designar nesta pesquisa os sacrários da nave que provisoriamente serviram de casa do

4.1 A conservação da reserva eucarística em sacrário diferente daquele fixo sobre o altar-mor

A legislação eclesiástica americana portuguesa permitia e recomendava a conservação da reserva eucarística em sacrário diferente daquele fixo sobre o altar-mor quando havia na igreja outro “mais accommodado para o culto de tão Divino Sacramento”,¹⁵² sendo este, normalmente, situado na capela do Santíssimo. Não obstante, verifica-se que este recinto foi raro nas Minas Gerais setecentistas¹⁵³ e que a guarda de hóstias consagradas em tabernáculos localizados na nave dos templos foi recomendada por autoridades eclesiásticas quando o retábulo-mor

Santíssimo quando o tabernáculo eucarístico (normalmente situado no altar-mor, no caso das Minas Gerais setecentistas) estava com algum impedimento.

¹⁵¹ “Assim se chamaõ os pedaços da Cruz, e outras cousas sagradas, das quaes usou nosso Senhor Jesu Christo na vida, ou as quaes regou com seu Divino Sangue no tempo da sua payxão, e o mesmo nome se dà ao corpo, ou a alguma parte do corpo, ou vestidura, ou outras cousas santificadas pelo contacto de algum Santo.” cf. o verbete RELÍQUIAS. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, & latino... op. cit.*, v 7. p. 223-224. (A grafia original foi mantida).

¹⁵² CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA..., *op. cit.*, Livro 1, Título XXVII, nº 94. (A grafia original foi mantida). Salienta-se que nesta mesma legislação sinodal – seguindo a tradição da Igreja – há uma recomendação específica sobre a guarda da reserva eucarística na quinta-feira da Semana Santa. Nesta data, após a comunhão eucarística, o Santíssimo Sacramento era solenemente retirado de sua casa (nas Minas Gerais setecentistas geralmente fixa sobre o altar-mor) e depositado em uma urna móvel (chamada sepulcro, ou sacrário do depósito, nas fontes coevas) armada sobre outro altar do templo. Salienta-se que não se encontrou na documentação pesquisada nenhum indício sobre a utilização dos tabernáculos funcionais da nave como sepulcro. Não obstante, este é um tema que merece estudo aprofundado. Sobre a cerimônia de transladação do Santíssimo Sacramento para o sepulcro na quinta-feira da Semana Santa e a obrigatoriedade da vigília realizada pelos párocos, fregueses e, principalmente, pelas Irmandades devotadas ao Santíssimo consulte: CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA..., *op. cit.*, Livro 1, Título XXXII, nº 115-121. A tradução latim-português da forma cerimonial prescrita no Missal de Urbano VIII pode ser consultada no ANEXO 3. Mais uma vez agradeço a gentileza da tradução ao teólogo Francisco Taborda, SJ. (MISSALE ROMANUM EX DECRETO SACROSANCTI CONCILII TRIDENTINI RESTITUTUM. PII V. PONT. MAX. IUSSU EDITUM, ET CLEMENTIS VIII. PRIMUM, NUNC DENVO URBANI PAPAE OCTAVI AUCTORITATE RECOGNITUM... PARISIIS, Impensis Societatis Typographicae librorum Officii Ecclesiastici iussu Regis constitutae. M.DC.XXXVI. Cum Privilegijs Pont. Max. & Franc. Regis Christianissimi. p. 189). Sobre a celebração da Semana Santa nas Minas Gerais consulte os estudos de CAMPOS, Adalgisa Arantes. Aspectos da Semana Santa através do estudo das irmandades do Santíssimo Sacramento: cultura artística e solenidades (Minas Gerais séculos XVIII ao XX). *Revista Barroco*, nº 19, 2005. p. 71-88. _____. Quaresma e Triduo Sacro nas Minas Setecentistas: cultura material e liturgia. *Revista Barroco... op. cit.*, p. 209-219. _____. Semana Santa na América Portuguesa: pompa, ritos e iconografia. *Actas III Congreso Internacional del Barroco Americano: Territorio, Arte, Espacio y Sociedad*. Sevilha: Universidad Pablo de Olavide, 2003. p. 1197-1212.

¹⁵³ O uso de Capelas do Santíssimo Sacramento tornou-se comum nas Minas Gerais a partir do século XIX. No período setecentista, salvo alguns raros casos como o da matriz do Arraial do Ribeirão de Santa Bárbara (leia o item 4.1.2) e o da matriz da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará (leia o item 4.1.3), a reserva eucarística era comumente armazenada no sacrário fixo sobre o altar-mor dos templos.

estava com algum impedimento, isto é, em obras, ou indecente e precisando de obras. Com o intuito de demonstrar a prática do armazenamento do Santíssimo Sacramento em casa provisória apresentam-se os casos documentados da Catedral de Mariana, da Matriz do Arraial de Santo Antônio do Ribeirão de Santa Bárbara (atual município de Santa Bárbara) e da Matriz de Nossa Senhora da Conceição das Congonhas do Campo (atual Congonhas).

4.1.1 O Santíssimo em casa provisória na Catedral de Mariana

Logo quando a Matriz da Vila do Ribeirão do Carmo foi escolhida para ser a Catedral de Mariana, as irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição (a antiga padroeira do templo) deixaram o recinto da capela-mor para que a cátedra do bispo e o cadeiral dos cônegos fossem convenientemente instalados e a imagem de Nossa Senhora da Assunção (o novo orago do templo) entronizada no altar principal. A confraria dedicada ao culto da Conceição erigiu um novo retábulo – disposto em chanfro no arco do cruzeiro, lado do evangelho –, tendo contratado José Coelho de Noronha para executar a talha do mesmo em 1744.¹⁵⁴ A associação devotada ao Santíssimo Sacramento, por sua vez, sem recursos financeiros para edificar outro altar, passou a ocupar um retábulo localizado na nave equipado com sacrário funcional.

Em 21 de agosto de 1747, data da visita pastoral presidida pelo cônego Dr. Henrique Moreira de Carvalho,¹⁵⁵ a reserva eucarística já estava armazenada no tabernáculo fixo sobre o altar da Irmandade de Nossa Senhora do Terço. Preocupado com a segurança “do Corpo de Jesus Christo”, o visitador registrou a seguinte ordem:

Mando que na noite em que sai a **Irmandade do Terço** com a devoção da Senhora pelas ruas logo que sahir se feixe a porta principal da Igreja e se abrirá quando de novo voltar por desrespeitar e vender cera [?] com que

¹⁵⁴ AEAM – Livro de Receitas e Despesas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição (1747-1810) da Catedral de Mariana, fl. 5v; (1747-1832), fl. 3. O sacrário deste altar, bem como o do outro a ele fronteiro (dedicado a São José), apresenta um puxador na portinhola e não tem fechadura. Por esta razão, ambos foram classificados no Quadro 4 como decorativos.

¹⁵⁵ O Bispado de Mariana foi criado em 1745 pela Bula *Candor Lucis Aeternae*, mas somente em 1748, quando Dom Frei Manuel da Cruz tomou posse do trono episcopal, a diocese tornou-se oficial. Por esta razão, a citada visita pastoral foi presidida por um cônego delegado pelo bispo Dom Antônio do Desterro Malheiros da Sé de São Sebastião do Rio de Janeiro.

estão muitos homens de capote no Adro da Igreja com chapéus na cabeça com ofensa [?] para a glória de Deos **nesta confraria em que está o sacrário do corpo de Jesus Christo Senhor Nosso**, havendo necessidade então de [?] fazer hua oração, entrará por huma das portas transversais, **havendo sempre cuidado e vigilância que não profane o sagrado.**¹⁵⁶

Em 1749, quando o primeiro bispo de Mariana redigiu um parecer sobre as condições do edifício escolhido para ser a Catedral, o Santíssimo Sacramento ainda permanecia em casa provisória. Consciente da grande despesa que os confrades tiveram para construir e reformar a igreja antes de sua chegada, Dom Frei Manuel da Cruz expôs ao rei que achava justo a Real Fazenda custear o aumento da capela e o douramento do retábulo onde a reserva eucarística estava armazenada. Segundo o prelado:

o retábulo para a capela-mor pode ficar o mesmo, que é bom, e está dourado; mas como este retábulo é da Irmandade do Santíssimo Sacramento, **que agora está colocado em uma capela do rosário no cruzeiro da parte do evangelho, cuja capela necessita de se acrescentar ao menos uma braça, e tem já retábulo perfeito, mas não dourado**, me parece justo, que se faça esta obra à custa da Fazenda Real, vista a grande despesa, que a Irmandade e o povo fez com a capela-mor, o seu retábulo, e toda a igreja.¹⁵⁷

Algum tempo depois, certamente insatisfeitos com a falta de um altar próprio, isto é, decoroso e conveniente para a veneração e guarda das partículas eucarísticas consagradas, o provedor e mais oficiais da irmandade solicitaram recursos à coroa portuguesa para construírem dentro da Catedral uma capela destinada exclusivamente ao Santíssimo Sacramento. Apoiando o pedido dos

¹⁵⁶ RODRIGUES, Flávio Carneiro (Org.). *Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana: As Visitas Pastorais do século XVIII no Bispado de Mariana*. vol. 1... op. cit., p. 83. (Grifos meus).

¹⁵⁷ *Copiador de algumas cartas particulares do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, Bispo do Maranhão e Mariana (1739-1762)*. Transcrição, revisão e notas por Aldo Luiz Leoni. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. Carta n° 130 (Outra para o mesmo senhor pelo Conselho Ultramarino – 1749), p. 239-241. (Grifos meus). O mesmo documento encontra-se disponível no AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx: 53, Doc: 30. Carta de D. fr. Manuel da Cruz, bispo de Mariana, para o D. João V, dando o seu parecer sobre se a Igreja Matriz de Mariana podia servir de Catedral, após algumas beneficiações e se havia casas que pudessem servir de Palácio Episcopal. Ressalta-se que o altar-retábulo localizado na “capela do rosário no cruzeiro da parte do evangelho” foi produzido entre 1748 e 1750 (consulte o Anexo 2b). O parecer de Dom Frei Manuel da Cruz não deixa dúvida que em 1749 o retábulo da Irmandade do Rosário já estava pronto, mas sem douramento, estando o Santíssimo Sacramento armazenado no seu tabernáculo funcional. Isto significa que o altar referenciado pelo primeiro bispo de Mariana não é o mesmo onde o Santíssimo Sacramento estava conservado em 1747. Nesta época, conforme o visitador cônego Henrique Moreira de Carvalho, a reserva eucarística estava no sacrário da Irmandade do Terço. Apesar de não se conhecer a localização exata deste altar confrarial na nave do templo, sabe-se que entre 1747 e 1749 o Santíssimo passou por duas casas provisórias na Catedral de Mariana.

confrades e respondendo a solicitação do rei, Dom Frei Manuel da Cruz escreveu o seguinte parecer em 1751:

Senhor,

Manda-me Vossa Majestade informar sobre o requerimento, que a Vossa Majestade fizeram o provedor e mais oficiais da mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja matriz desta cidade, ereta em catedral, para que Vossa Majestade seja servido **mandar fazer à custa da sua real fazenda uma capela na dita catedral em lugar que [parecer] mais conveniente para nela ser venerado, e conservado o Santíssimo Sacramento; e me parece ser conveniente mudar-se a capela de São Miguel e Almas que está no cruzeiro da igreja para outro lado, e em seu lugar fazer-se capela para o Santíssimo Sacramento, pois só ali fica com toda a decência;** a despesa, que se poderá fazer nesta obra, melhor poderá declarar o governador, e capitão-general destas Minas, que [tam]bem a viu, e tem mais experiência na despesa das obras deste país; mas sempre me parece que n[corroído 1 palavra] [alguma] [?] a dita despesa a [/] [fl. 125] quantia, que dizem o provedor, e mais oficiais da irmandade. Vossa Majestade mandará o que for servido. Mariana, etc.¹⁵⁸

Na segunda metade da década de 1770¹⁵⁹ – época em que o bispo Dom Frei Manuel da Cruz há muito tinha falecido (1764) – a referida confraria enviou mais uma petição à coroa informando que sua antiga demanda ainda não havia sido satisfeita e que o Santíssimo Sacramento estava sendo conservado na Catedral de Mariana “sem o culto e veneração devida”:

Senhora

Dizem o Provedor, e mais oficiais da Irmandade do Sanctissimo Sacramento da freguezia e Catedral de Marianna, que no ano de 1734, sendo entam Villa do Carmo, fez a mesma Irmandade pôr em praça, rematar-se, e fazer-se denovo a Matriz, pagando ella, e os habitadores da mesma Villa seu avultado [importe] de sessenta mil cruzados: depois de alguns annos foi Vossa Real Magestade servida elevar a Cidade de Marianna aquella Villa, **mandando, que a mesma Matriz fosse Catedral: o que sendo, se fez necessaria a mudança do Sanctissimo Sacramento da Capella Mor para hum altar do Senhor dos Passos, onde se tem conservado sem o culto, e veneração devida a tam Suprema Magestade pello aperto, escuridam, e indecencia da mesma Capella.** A

¹⁵⁸ *Copiador de algumas cartas particulares do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz... op. cit.*, Carta nº 156 (Outra para o mesmo senhor pelo Conselho Ultramarino – 1751), p. 286-287. Este documento esclarece que a Capela do Santíssimo Sacramento da Catedral de Mariana não foi construída em 1751, muito menos “fora da obra, à esquerda do santuário”, como afirmou o estudioso Germain Bazin em *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil... op. cit.*, vol. 2, p. 68. Salienta-se que a mesma informação equivocada está registrada no *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados: Mariana – Igreja Catedral de Nossa Senhora da Assunção*. Módulo 2, vol. 1. Belo Horizonte: Vitae/SPHAN/FNpM, 1988.

¹⁵⁹ Embora o conteúdo da petição não esclareça a data exata de sua redação, o cabeçalho endereçado a autoridade portuguesa denominada “Senhora” é indicativo de que o documento tenha sido redigido após 24 de fevereiro de 1777, data em que a Rainha D. Maria I assumiu oficialmente o trono português.

Vossa Magestade recorreu a suplicante, da qual regativa resultou dignar-se Vossa Magestade incumbir ao General naquelle tempo o Conde de Boubadela, Gomes Freire de Andrade a factura de Altar decente a dispendios da Real Fazenda, o qual nam pos outra açam, que nam fosse hum exame pessoal com os Capitulares para designarem lugar, passando-se logo para o Rio de Janeiro, onde entam rezidia, e governava Guoias, Sam Paulo, e Minas: **continuou a necessidade, que expõem a Vossa Magestade.**

Pedem a Vossa Magestade **se digne attendendo a verdade do exposto, a decadencia dos tempos, impossibilidade da suplicante mandar a custa de sua Real Fazenda se faça na mesma Cathedral Capella onde tenha ho devido culto o Sanctissimo Sacramento.**¹⁶⁰

Conforme consta no despacho registrado no cabeçalho do supracitado requerimento (veja o Anexo 4), as autoridades portuguesas determinaram em 13 de janeiro de 1779 que se juntasse “provisão a ordem”. Lamentavelmente no decorrer desta pesquisa não foram encontrados outros documentos que apontassem quando, quanto e se a Real Fazenda de fato doou recursos para a construção da capela do Santíssimo (localizada a esquerda do altar-mor da Catedral de Mariana). Sabe-se, contudo, que a decoração interna do tão desejado recinto – observe o retábulo, o sacrário e o forro na FIG. 56 – não corresponde ao estilo rococó vigente nas Minas Gerais a partir da sexta década do século XVIII e até as primeiras do XIX.¹⁶¹ Presume-se, portanto, que após o despacho de 1779 o Santíssimo Sacramento ainda ficou em casa provisória por muitos anos (FIG.57).

¹⁶⁰ AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 114, Doc: 8. Requerimento do Provedor e mais oficiais da Irmandade do Santíssimo Sacramento da freguesia e catedral de Mariana, pedindo que seja construída, as expensas da Fazenda, uma capela na referida catedral, dedicada ao dito Santo. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Provavelmente o altar referenciado neste documento como sendo do “Senhor dos Passos” é o mesmo que o bispo Dom Frei Manuel da Cruz registrou em 1749 como sendo do Rosário (localizado na capela próxima ao arco do cruzeiro, lado do evangelho). Observe que naquela ocasião o bispo informou à Coroa Portuguesa que a capela em que o Santíssimo Sacramento estava colocado necessitava “de se acrescentar ao menos uma braça”. Certamente pelo fato da primeira solicitação não ter sido atendida – mesmo com o parecer favorável do prelado marianense –, os confrades escreveram na petição enviada à Rainha D. Maria I que desde que a matriz foi elevada a catedral o Santíssimo Sacramento estava no “altar do Senhor dos Passos, onde se tem conservado sem o culto, e veneraçam devida a tam Suprema Magestade pello aperto, escuridam, e indecencia da mesma Capella”. A reclamação sobre a falta de espaço (aperto da capela) é um indício de que o altar referenciado como sendo do Senhor dos Passos é o mesmo que anteriormente foi registrado no relatório do bispo como sendo do Rosário.

¹⁶¹ Sobre as características da arquitetura, da talha e da pintura rococó nas igrejas de Minas Gerais, bem como o tempo de duração deste estilo no território aurífero leia: OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 213-293. Para uma síntese das características e do tempo de vigência do barroco e do rococó religioso no território das Minas Gerais leia: OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana...* op. cit., vol. 1, p. 91-126; OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João del-Rei e Tiradentes...* op. cit., vol. 1, p. 117-153. CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.



FIG. 56: Capela do Santíssimo Sacramento, Catedral de Mariana. Foto: Juninho Motta.



FIG. 57: Altar da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Catedral de Mariana. Foto: João Henrique Grossi Sad Jr.

4.1.2 O Santíssimo em casa provisória na Matriz do Arraial do Ribeirão de Santa Bárbara e na sede paroquial das Congonhas do Campo

Em cinco de janeiro de 1744 a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz do Arraial de Santo Antônio do Ribeirão de Santa Bárbara decidiu tomar “a incumbencia de mandar fazer” com as esmolos prometidas “o retabulo de talha p.^a o altar mor com paredes e tecto da d.^a capella mor apainellado.” Nesta época, conforme se depreende do termo abaixo transcrito, a capela do Santíssimo também precisava de talha e, certamente por esta razão, a reserva eucarística estava armazenada em um sacrário funcional da nave, onde, por ordem de um visitador, devia permanecer até que o altar-mor estivesse ornado:

Aos sinco dias do mez de Janr.^o de mil e sette centos equarenta equatro annos, estando em mesa oProvedor emais officiais, eirmans abaxo asinados que servem este presente anno nairmand.^e do Santissimo sacram.^{to} desta freg.^a de S. An.^{to} do Ribeirão de S. Barbara. p.^a eff.^o de determinarem omais util p.^a ad.^a irmand.^e uniformemente concordarão **Mandar fazer atalha dacapella que tem destinado p.^a o Santiss.^o, ecomo p.^a a sua colocassão he preciso satisfazer aclausula que Sua Ex.^{cia} R.^{ma} deixou em capitulo de Vizita, que sem estar ornado oaltar maior se não traslade o Santiss.^o Sacram.^{to} do altar emq.’ esta de presente colocado asentarão Provedor, emais off.^{es} eirmaons que presentes seachavão emque airmandade tomasse aincubencia de mandar fazer oRetabulo detalha p.^a o altar Mor com paredes etecto dad.^a capella Mor apainellado com asesmollas que p.^a esse eff. estão prometidas, ecom asmais que apiedade catholica socorrer, eas Mais irmand.^e da mesma freg.^a, attendendo aSer oaltar principal da Matriz, edeque todas necessitão p.^a as suas festivid.^{es}, p.^a evitarem adespeza das armações E decomo assim se determinou mandei escrever esse termo que comigo asinarão oProvedor emais off.^{es} eirmaos que Seachavão presentes.¹⁶²**

Em 22 de março de 1744 – antes de “pôr em praça a arrematação” do retábulo-mor, obra que dependia da satisfação das esmolos¹⁶³ – a irmandade

¹⁶² AEAM – Livro X 12: Eleições e Termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1741-1805), Santa Bárbara, fls. 13-13v. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Transcrição feita por Herinaldo Oliveira Alves, a quem muito agradeço.

¹⁶³ A arrematação da talha da capela-mor não consta no livro de Eleições e Termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1741-1805). Contudo, sabe-se que em 20 de junho de 1744 a Irmandade dedicada ao culto eucarístico prometeu doar quatrocentas oitavas de ouro para a fatura do retábulo-mor, sendo esta quantia satisfeita no dia primeiro de agosto de 1745; data em que parte do montante prometido foi usado para pagar o “m.^e [mestre] da d.^a [dita] obra”: o entalhador José Coelho de Noronha. “Em o primeiro dia do mês de Agosto de mil e sete centos e quarenta e sinco annos estando em meza oProvedor emais [o]fficiaes que servem na irmandade do Santissimo Sacram^{to}, determinarão se satizfizesse a esmolla das quatrocentas oitavas de ouro que, concignarão p.^a a obra da talha da capella mayor desta Matriz na forma, e maneyra seg^{te} asaber duas [8^{tas}] de ouro das mezadas de dous annos que ha de pagar o Provedor da d.^a irmandade o coronel Miguel Atz Per^a, e mais hua libra de ouro, q há de dar o Escrivão da d.^a irmand.^e dos Atz da Silva de mezada de dous

dedicada ao culto eucarístico contratou o mestre Francisco de Faria Xavier para executar a talha da capela do Santíssimo. As partes envolvidas no negócio ajustaram o preço de “mil e trezentas e sincoenta oytavas de ouro” e o prazo de um ano para a entrega do serviço. Caso o tempo estipulado no contrato não fosse cumprido, o entalhador arrematante e os seus fiadores João Gonçalves Linhares e Manoel Pereyra Bastos perderiam quinhentas oitavas de ouro; quantia que seria aplicada na obra da capela-mor:

Termo de Rematação da obra eRetabolo q se rematou a Fran.^{co} de Faria X.^{er}.

Aos vinte edois dias domez demarco de mil esetecentos equarenta equatro annos neste Arrayal de. S. Barbara, estando o Provedor, emais off.^{es} dameza que depresenteServem na Irmandade doSantissimo Sacram.^{to} [?]a casa da fabrica dadita Irmandade p.^a eff.^e de **Rematarem aobra detalha que determinarão mandar fazer na capella do Santissimo Sacram.^{to}** nesta Matriz de S. Antonio do d.^o arrayal; dondese achavão vários officiaes entalhadores para Rematar adita obra. Esendo ahi se achou tambem o **mestre Francisco de Faria X.^{er}**; que por ser oseu Lanso omais util p.^a airmandade por mais acomodado, **lhe foi rematada adita obra avista do Risco q' selhe apresentou com as condições expressadas nospapels que o Rematante aSignu com os seus fiadores João Gonçalves Linhares; eManoel Pereyra Bastos** asquais condiçoens seReporta ad.^a irmandade com acondição entre as mais deq' eles Rematante por si eseus fiadores **seobrigou afazer adita obra, easenta-La no tempo dehum anno, com acominção deperder quinhentas oytavas não ocumprindo nod.^o tempo, as quaes se applicarão p.^a aobra dacapellamor dadita Matriz;** acuja pena osd.^{os} fiadores se obrigarão cada hum per si e hu por ambos, eque não seriam ouvidos em juízo, nem fora delle, sem primeiro depositarem aReferida quantia dequinhentas oytavas deouro; **porem sendo feita adita obra com todas as condições, selha pagaria pela dita obra mil, etrezentas, esincoenta oytavas deouro pelos bens dadita irmandade do Santissimo Sacramento,** edecomo assim se ajustou, escrevi este termo a Rogo do Escrivão dad.^a irmandade Domingos Alz. daS.^a que assignou, eeu Jose Carlos deSouza que oescrevi. ¹⁶⁴

annos, da qual quantia de Cento, e vinte eoitto oitavas das meizadas do d^o Escrivão se deu por entregue od^o Provedor **p^a satisfazer ao m^e da d^a obra Joze Coelho de Noronha,** e dezaceis oytavas que faltão p^a completar a d^a coantia de quatro centas oytavas de ouro se concignou hu credo de que he devedor Miguel da Cunha Machado da mesma qtia quetudo faz a sobred^a qtia de quatro centas oytavas de ouro de que se deve por entregue o d^o Provedor, e por pago da d^a quantia e deste modo houve a irmandade por desobrigada da d^a esmolla, e p^a constar em todo otempo do referido mandou o d^o Provedor, emais offes fazer este termo, o qual eu Joze Carlos de Souza escrevi a rogo do Escrivão da d^a irmandade Dos Atz da S^a que aSignoui.” cf. AEAM – Livro X 12: Eleições e Termos da Irmandade do Santissimo Sacramento (1741-1805), Santa Bárbara, fl. 15v. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Transcrição feita por Adalgisa Arantes Campos, a quem muito agradeço.

¹⁶⁴ AEAM – Livro X 12: Eleições e Termos da Irmandade do Santissimo Sacramento (1741-1805), Santa Bárbara, fl. 15v. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Transcrição feita por Herinaldo Oliveira Alves. Este documento evidencia que Germain Bazin se equivocou ao registrar em *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil... op. cit.*, vol. 2, p. 97 que em “1744, 22 de março – o trabalho da capela-mor foi arrematado por Francisco de Faria Xavier, baseando-se na traça que lhe foi apresentada, por 1350 oitavas de ouro.” Cabe dizer que o altar-mor, executado por José Coelho de Noronha, conforme consta no documento transcrito na nota anterior, foi substituído no final do setecentos. Nesta mesma época, segundo Bazin, seus elementos “foram reagrupados para formar

Em 25 de janeiro de 1748 o douramento da capela do Santíssimo Sacramento foi ajustado com José Coreia de Aguiar. Nesta ocasião, por determinação da irmandade, o sacrário eucarístico já havia sido dourado por Thome Ribeiro:

Aos vinte esinco dias domes de janr.^o demil esete [centos] corenta e oito annos estando enmeza o provedor emais off.^{es} dairm.^{de} dosantissimo sacram.^{to} desta freg.^a de S. An.^{to} de Rib.^{am} de S. Br.^a p.^a eff.^o demandem **dourar acapella domesmo Senhor** a pareseu odourador Thomé Ribr.^o com oco al se ajusto atal obra por Mil oitavas deouro, **aconta das quais oitavas selhemandarao dar sem oitavas para que logo dourasse osacrario dad.^a capella afim desecolocar nelle oSantissimo sacram.^{to}** [sic] confirmando od.^o Thome Ribr.^o dehu estupor em estado denão poder dar satisfação dad.^a obra seajusto novamente aobra com Josecoreia de Aguiar por porpresso ecoantia deoito sent^{as} oitavas deouro que com asd.^{as} **cem oitavas que sehavian dado ao d.^o Thome Ribr.^o q tinha dourado oSacratio** fazem novecentas oitavas deouro q' vem aimportar ad.^a Irm deque mandarão fazer este termo q' asignarão ee u M^{el} Pr.^a daSilva q. servio deescrivão por falecim^{to} doescrivão aseito Dom.^{os} dacosta Laga (?) oSobreescrevi.¹⁶⁵

O conteúdo do termo acima transcrito demonstra que a irmandade se preocupou em dourar o sacrário – antes mesmo do retábulo – para que nele se pudesse conservar a reserva eucarística.¹⁶⁶ A atitude dos confrades da Matriz do Arraial de Santo Antônio do Ribeirão de Santa Bárbara não deixa dúvida que o decoro do tabernáculo eucarístico era assunto levado a sério nas Minas Gerais setecentistas; a hóstia consagrada (a presença real de Cristo) não podia ser mantida em lugar indecente,

um altar mais reduzido, que ainda é visto atualmente na capela do Santíssimo Sacramento.” *Idem, ibidem*. Ressalta-se que esta última informação não foi averiguada nesta pesquisa.

¹⁶⁵ AEAM – Livro X 12: Eleições e Termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1741-1805), Santa Bárbara, fl. 19v. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Transcrição feita por Herinaldo Oliveira Alves.

¹⁶⁶ Sem sombra de dúvida, a talha da capela do Santíssimo (realizada com recursos da Irmandade do Santíssimo Sacramento) ficou pronta muito antes da conclusão das obras na capela-mor (custeada pelas várias confrarias eretas na matriz). Observe que em setembro de 1750 o douramento do altar principal do templo ainda não havia sido ajustado: “Aos dose dias do mes de setembro de mil e sete centos e sincoenta annos estando em mesa o Provedor, emais Off^{es}, e os Irmaons que se puderão ajuntar desta Irmandade do Santissimo Sacramento, se determinarão uniforme^{te}, **que a d^a Irmande tomasse a seu cargo ajustar o douramento da talha, ou tribuna do altar mor, concorrendo porém, as mais Irmand^{ES} e confrarias**, com o que licitamente podessem, por ser util para todas a d^a obra, evitando nas suas festividades a despeza que se faz com armações e por ser o onus com que S E^x R^{ma} lhe fes a graça de conceder dez sepulturas livres a esta Irmandade, e nessa atenção sujeitão a mesma Irmadade a contribuir com o que mais puder despender p^a o d^o douram^{to} não obstante o que ordena o Cap 27 do Compromisso, p^a o que se impetrará Lica [licença] expressa de SE, **quando se houver de ajustar a tal obra que será logo que der lugar a obra da Igra**, de que mandarão fazer este termo que assignarão, e eu Joze Carlos de Sousa escrevão commissario, que o escrevi.” AEAM – Livro X 12: Eleições e Termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1741-1805), Santa Bárbara, fl. 28v. (A grafia original foi mantida). Transcrição feita por Adalgisa Arantes Campos.

isto é, sem douramento por fora e por dentro, ou forração com tecidos nobres (cetim, damasco, veludo raso ou tafetá carmesim).¹⁶⁷

No que diz respeito à indispensabilidade do decoro do sacrário eucarístico e também daqueles que provisoriamente cumpriam esta função, a visita pastoral realizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição das Congonhas do Campo é bastante esclarecedora. Em cinco de agosto de 1774, após constatar a falência da Irmandade do Santíssimo Sacramento e a indecência do retábulo-mor (que seria refeito com recursos da Real Fazenda), o visitador Francisco Ribeiro da Silva (cônego prebendado na Catedral de Mariana) ordenou que a reserva eucarística fosse armazenada no tabernáculo do altar da Irmandade de Nossa Senhora do Terço. Contudo, antes da transladação do Santíssimo, a casa provisória precisava ser dignificada. Apesar do documento conter palavras ilegíveis, nota-se que os paroquianos tinham a obrigação de fazer “um pavilhão para a porta do sacrário de Damasco, guarnecido de galam e franja de ouro”, adaptar algum elemento que deveria sair “fora da talha em proporsam de trez palmos pouco mais ou menos” e instalar uma cortina (certamente o conopeu) “para cobrir o Sacramento das indecências do pó e excrinio dos Off.es.” Se dentro de três meses as exigências prescritas não fossem cumpridas, o pároco deveria consumir o provimento do viático e prestar contas ao prelado. Este, por sua vez, tomaria as providências cabíveis:

(...) Porquanto pelo descuido e falência em que se acha a Irmandade do Ssmo. Sacramento **collocado no Altar Mor, o qual pelo pouco de sujo com que se acha está tão indecente que mais me provoca a lágrimas do que a devoção, por esta cauza tão notória e porque o dito Altar se há de brevemente desfazer para nelle se assentar o Retablo**, Sua Magestade Fidelíssima tem no dito fazer com todas as mais obras a custa da sua Real fazenda, como obra do Padroado Real: **mando que no termo de trez meses se mude o Ssmo. Sacramento para o Altar de Nossa Senhora do Terço da mesma Matriz, fazendo-se nelle primeiro um pavilhão para a porta do sacrário de Damasco, guarnecido de galam e franja de ouro por estar indecente o que de presente serve e humido [ilegível] saya fora da talha em proporsam de trez palmos pouco mais ou menos e huma cortina que [ilegível] no meyo do Altar para cobrir o Sacramento das indecências do pó e excrinio dos Off.es que só de manham estará aberta, estando ao mais tempo fechada. Não fazendo os Parochianos desta Freguezia a dita obra e mudança do Ssmo. Sacramento para o dito Altar determinado no dito termo de trez meses, mando ao R.do Parocho que o consuma e dê conta ao seu**

¹⁶⁷ Ressalta-se que o decoro dos tabernáculos eucarísticos só se completava com a colocação de uma pedra d'ara no seu interior (sobre a qual obrigatoriamente se depositava o cofre, ou a âmbula, contendo as hóstias consagradas). CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA..., *op. cit.*, Livro 1, Título XXVII, nº 95 e 96.

Prelado para [ilegível] colocar a Capella de N.Sra. da Ajuda do Rodondo que he Magestosa dos poucos applicados della tem zello para a sustentarem e darem o devido culto de Magestade de tam alto Mistério, remettendo com a mesma conta certidão destes dous Capítulos para informação sua do estado deplorável em que se acha a Matriz. O Prelado dará providencia que for mais justa. (...)¹⁶⁸

O caso da Matriz das Congonhas do Campo não deixa dúvida que os tabernáculos funcionais fixos sobre os altares da nave podiam ser usados como casa provisória do Santíssimo desde que apresentassem o decoro devido. A ausência de sacrários dignos e aptos a guardar a reserva eucarística no templo enquanto o tabernáculo da capela-mor estivesse impedido (em obras, ou indecente e precisando de obras) implicava, conforme advertiu o visitador Francisco Ribeiro da Silva, na suspensão do direito de se conservar naquela igreja o sacramento da presença real de Cristo. O decoro, portanto, era imprescindível.

4.1.3 Uma hipótese sobre o uso do único sacrário localizado na nave da Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Vila Real do Sabará

Embora a antiga documentação da Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Vila Real do Sabará tenha sido perdida (leia o ANEXO 2a), a ornamentação do altar-retábulo localizado próximo ao arco do cruzeiro, lado do evangelho – o único da nave equipado com sacrário, sendo este exatamente do tipo funcional (consulte o Quadro 4) – e o repertório iconográfico dos painéis parietais da capela que o abriga são indícios de que ele foi erigido para a guarda e veneração do Santíssimo Sacramento. Muito provavelmente a irmandade devotada à eucaristia deixou o altar-mor entre 1725 e 1735 (período em que os técnicos do IPHAN presumem que foram feitas alterações em seu coroamento e laterais extra colunas encimadas por arquivoltas concêntricas) para ocupar o altar erigido na nave entre os anos 1720 e 1730.¹⁶⁹ A hipótese, portanto, é que a matriz do Sabará tenha sido dotada de uma capela do Santíssimo Sacramento na segunda década do século XVIII, já que no

¹⁶⁸ RODRIGUES, Flávio Carneiro (Org.). *Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana: As Visitas Pastorais do século XVIII no Bispado de Mariana*. vol. 1, 1998. p. 134-135. (Grifos meus).

¹⁶⁹ Salienta-se que a datação do retábulo da capela-mor e do retábulo da capela localizada na nave do lado do evangelho, próxima ao arco do cruzeiro, foi registrada conforme consta no *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados. Sabará - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e Passo da Sapucaí*. Região Metropolitana de Belo Horizonte – Módulo 1, s/d.

coroamento do seu retábulo há uma cartela com símbolos eucarísticos: o cálice e a hóstia (FIG. 58) e na portinhola do seu tabernáculo funcional – o único presente na nave – há a representação do Cordeiro sobre o Livro dos Sete Selos portando o estandarte da ressurreição (iconografia recorrente nas casas do Santíssimo da Época Moderna FIG. 59).¹⁷⁰



FIG. 58: Emblema eucarístico: cálice e hóstia. Detalhe do coroamento do altar-retábulo próximo ao arco do cruzeiro, lado do evangelho. Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sabará.
Foto: Juninho Motta.

¹⁷⁰ Sobre a iconografia do Cordeiro sobre o Livro dos Sete Selos e a sua representação na portinhola de sacrários eucarísticos consulte o capítulo 2.



FIG. 59: Detalhe do sacrário com portinhola fechada e aberta. Altar-retábulo próximo ao arco do cruzeiro, lado do evangelho. Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sabará. Foto: Juninho Motta.

Além disso, na parede da referida capela há seis cenas pintadas que, em conjunto, fazem clara alusão à eucaristia. (Observe a FIG. 60, o esquema representado na FIG. 61 e a explicação do teólogo Francisco Taborda, SJ, logo em seguida).¹⁷¹

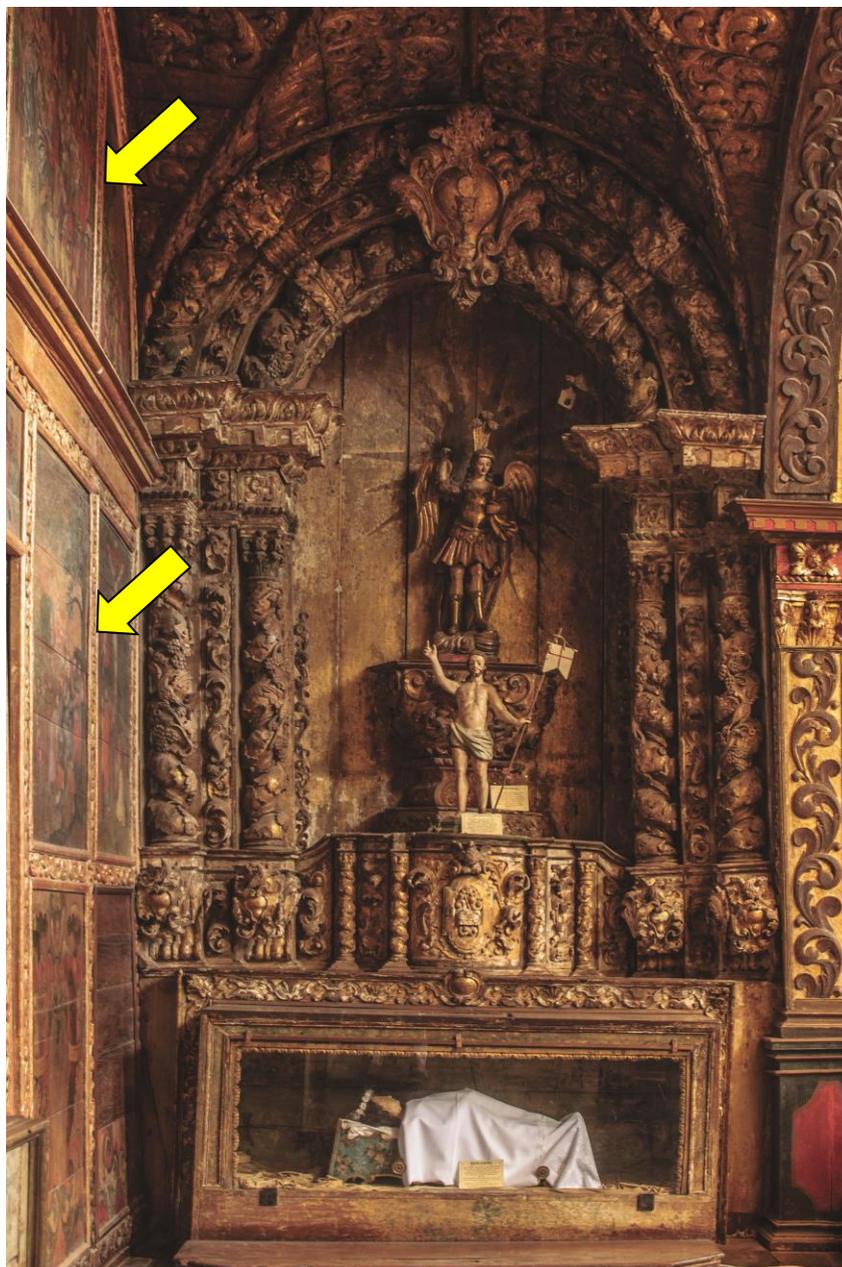


FIG. 60: Altar da capela próxima ao arco do cruzeiro, lado do evangelho. Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sabará. Foto: Juninho Motta.¹⁷²

¹⁷¹ Lamentavelmente não foi possível fotografar os painéis parietais de maneira detalhada. O produto aplicado sobre eles durante a última obra de restauração pela qual a igreja passou brilha tanto que não é mais possível observá-los frontalmente.

¹⁷² Não se sabe qual era a invocação que originalmente ocupava o trono do altar. No fundo da tribuna, atrás da imagem de São Miguel, há marcas que fazem supor a antiga presença de um Cristo glorioso ou crucificado (com resplendor). Esclarece-se que o Ressurreto que se encontra sobre o sacrário e a Nossa senhora da Boa Morte que está no nicho da mesa do altar datam do século XIX.

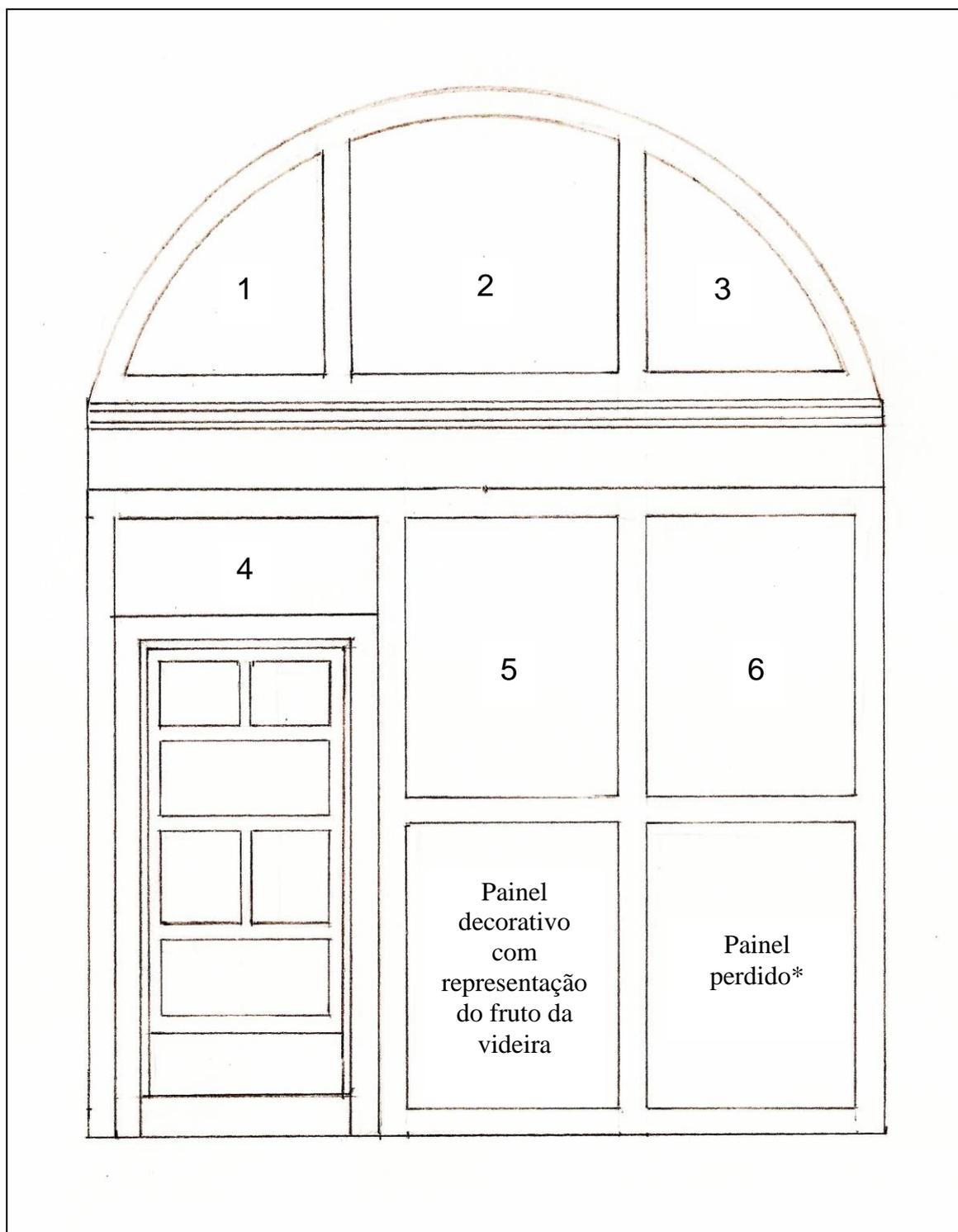


FIG. 61: Esquema da parede lateral da capela próxima ao arco do cruzeiro, lado do evangelho. Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sabará. Desenho de João Henrique Grossi Sad Jr.

Temas iconográficos representados: 1 – Ceia de Emaús, 2 – Bodas de Caná, 3 – Chuva de Maná, 4 – Última Ceia, 5 – Multiplicação dos pães, 6 – Crucificação de Cristo com um anjo recolhendo o seu sangue num cálice.

*A parte inferior deste painel ainda conserva um terço da pintura original, dado que possibilita perceber que ele seguia o mesmo padrão decorativo do painel à sua direita. Pela lógica do programa iconográfico deste conjunto de pinturas parietais, provavelmente havia nele a representação de trigos.

De acordo com o teólogo Francisco Taborda, SJ:

Na primeira coluna o pintor representou realizações da eucaristia (temas 1 e 4). No alto está a ceia de Emaús, que pode ser considerada a primeira celebração da eucaristia presidida pelo próprio Cristo Ressuscitado, e em baixo a última ceia, a instituição da eucaristia.

Na segunda coluna há dois “sinais” da eucaristia (temas 2 e 5): a “multiplicação”¹⁷³ do vinho em Caná e a multiplicação dos pães. O que há de comum em ambos os temas é a abundância. Observe que cada uma das duas cenas evoca a abundância de uma matéria usada na celebração da eucaristia: em cima o vinho (bodas de Caná), embaixo o pão (multiplicado para alimentar a multidão). A multiplicação dos pães sempre foi entendida como sinal da eucaristia; a narração dos evangelistas sugere esse paralelo. Os gestos de Jesus ao multiplicar os pães podem ser postos em paralelo com os gestos dele mesmo na última ceia: tomar o pão, dar graças (= abençoar), partir e dar. O paralelismo fica ainda mais claro nas duas narrações de Marcos (Mc 6,33-44 e Mc 8,1-9), pois ele primeiro fala do pão e depois menciona que o mesmo foi feito com os peixes. Normalmente não se considera o milagre de Caná (Jo 2,1-11) como sinal da eucaristia, mas interpretá-lo assim não é de todo descabido. Desta forma, na segunda coluna, o artista dispôs dois sinais que anunciavam a eucaristia. Mas não só: esse anúncio falava da “abundância” (seis talhas de 100 litros [Jo 2,6]; quatro mil [Mc 8,9], cinco mil pessoas [Mc 6,44] que se alimentaram e ainda sobrou). A “abundância” também tem um sentido simbólico em relação à eucaristia: ela é mais que essa abundância, é superabundância, pois não só sacia o corpo, mas a alma. Também é importante a ordem: em cima o vinho, em baixo o pão. Essa ordem muda na terceira coluna (temas 3 e 6): em cima o pão, em baixo o vinho, de forma que as duas colunas formam um quiasma. Assim, o conjunto salienta que o pão e o vinho são inseparáveis na eucaristia.

Na terceira coluna, a representação do maná enviado do céu (Ex 16,1-5) é uma prefiguração da eucaristia (Jo 6,32-33), isto é, um evento do Antigo Testamento que remete a uma realidade do Novo Testamento. Contudo, não existe no Antigo Testamento uma narração que se possa considerar como prefiguração do vinho eucarístico tomado isoladamente. O pintor poderia, por exemplo, ter representado o sacrifício de Melquisedec (Gn 14,18-20); tema muito frequentemente relacionado à eucaristia, inclusive no Cânon Romano. Lá se pede que Deus aceite o sacrifício eucarístico como aceitou “o que te ofereceu teu sumo sacerdote Melquisedec” (tradução literal do texto latino usado no século XVIII). Não obstante, essa cena certamente não produziria o efeito desejado, pois no texto do Gn 14 não se menciona só o vinho, mas a oferta de pão e vinho. Assim, na falta de uma prefiguração veterotestamentária, o pintor (ou a irmandade que o contratou) optou por uma alegoria: o anjo recolhendo o sangue de Cristo num cálice.¹⁷⁴

No século XIX, não se sabe exatamente quando e nem por qual motivo, a antiga sala mortuária – localizada à direita, fora da nave – passou a ser usada como Capela do Santíssimo Sacramento; sob a mesa do altar-retábulo setecentista deste recinto (que não tinha sacrário fixo) instalou-se um tabernáculo móvel de madeira.

¹⁷³ Não é propriamente “multiplicação”, pois é mudança da água em vinho, mas o resultado é uma “multiplicação”, isto é, uma produção de abundância de vinho. (Nota de Francisco Taborda, SJ).

¹⁷⁴ Explicação enviada por e-mail no dia 02 de abril de 2015. Agradeço o teólogo Francisco Taborda, SJ, a gentil e fiel orientação, a partilha de sua erudição e constante incentivo a esta pesquisa.

4.2 A guarda de relíquias sagradas nos sacrários da nave

Em consonância com as determinações do Concílio de Trento, a legislação sinodal vigente na América Portuguesa recomendava o culto às relíquias sagradas e determinava sua guarda em “lugares decentes”:

Nem-um Catholico póde duvidar, que as Relíquias dos Santos approvadas pela Igreja, ou sejam parte de seu corpo, ou outras cousas que em vida, ou depois da morte os tocassem, devem ser veneradas, porque assim o dispõem o Sagrado Concilio Tridentino, condemnando por erro afirmar-se o contrario. Por tanto mandamos, que assim se faça, e guarde, e que estejam postas em engastes, vasos, ou relicários, **e guardadas em lugares tão decentes, como convem**, e quando se mostrarem, e expuzerem, seja com velas acessas no Altar, estando o Ministro com a sobrepeliz vestida.¹⁷⁵

Embora o texto das Constituições promulgadas por Dom Sebastião Monteiro da Vide não tenha explicitado, ou sugerido, que as relíquias fossem guardadas nos tabernáculos fixos sobre os altares confrariais da nave, dois casos documentados atestam esta prática na Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica e na sede paroquial da Vila de São José d’El Rey.

Em 24 de janeiro de 1744 o tesoureiro Domingos João Ferreira fez o seguinte registro no *Livro de Receita e Despesa* da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica: “P[or] esmolla que o Provedor da d^a irm^{de} o Ex^o S^r Gomes Freire de Andrade deu huma crus de prata lavrada com a Relliquia do Sancto Lenho acoal se acha no sacrario do altar do Senhor dos Passos.”¹⁷⁶ Curiosamente a portinhola do referido tabernáculo – original do retábulo produzido entre 1733 e 1735 – foi ornamentada com a imagem de uma

¹⁷⁵ CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA..., *op. cit.*, Livro 1, Título VIII, nº 22. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Ressalta-se que a expressão “reliquias dos Santos aprovadas pela Igreja” não exclui as relíquias crísticas (relativas ao Cristo), ao contrário. O Santo Lenho (fragmento da cruz em que Cristo morreu para salvar a humanidade), por exemplo, devia ser venerado com culto de Latria conforme o Título VII, nº 19, do mesmo Livro 1: (...) “E com a mesma adoração de Latria, com que se adora a Santíssima Trindade, se deve adorar a Christo Redemptor nosso, por ser Unigenito Filho de Deos verdadeiro: e ao Santíssimo Sacramento da Eucharistia, porque nelle está realmente o mesmo Deos: **e ao sagrado Lenho da Cruz, em que o mesmo Christo padeceo por nós**: e as imagens do mesmo Christo em quanto o representam, e qualquer outra Cruz, como sinal que é representativo da verdadeira, em que o mesmo Senhor nos salvou.” (A grafia original foi mantida. Grifos meus).

¹⁷⁶ APNSP – *Livro de Receita e Despesa, Termos e Deliberações da Mesa da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos* (1737-1777). Receita de 24 de fevereiro de 1743 a 24 de janeiro de 1744, fl.19v. (A grafia original foi mantida). A cruz de prata com a relíquia do Santo Lenho citada no documento encontra-se hoje no Museu de Arte Sacra de Ouro Preto. Agradeço esta informação a profa. Adalgisa Arantes Campos.

cruz rústica (feita de tronco de árvore sem acabamento)¹⁷⁷ ladeada por trigos e frutos da videira (com os quais se fazem o pão e o vinho que, pela consagração, se tornarão o corpo e o sangue de Cristo). Guarnecendo a portinhola vê-se ainda duas figuras antropomorfas segurando os instrumentos da Paixão (coroa de espinhos, cravos, escada, coluna, etc).



FIG. 62: Sacrário do altar da Irmandade do Senhor dos Passos, nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto. Fotos: Juninho Motta.

¹⁷⁷ “A cruz como árvore é tema da lírica litúrgica, aludindo à ideia de que da ‘Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal’ veio a perdição; da ‘Árvore da Cruz’, a salvação.” Este conceito teológico, muito presente nas cerimônias realizadas na sexta-feira da Semana Santa, destaca o pecado do primeiro Adão e a missão salvífica do Cristo (o segundo Adão). SANT’ANNA, Sabrina Mara. A igreja de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica, matriz do bairro Ouro Preto: o mecenato confrarial e a ornamentação dos sacrários. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes (Org.). *De Vila Rica à Imperial Ouro Preto: aspectos históricos, artísticos e devocionais*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013. p. 31-53. Sobre a devoção à “Vera Cruz” e o papel das Irmandades do Senhor dos Passos nos ritos da quaresma e da Semana Santa leia CAMPOS, Adalgisa Arantes. Quaresma e Tríduo Sacro nas Minas Setecentistas: cultura material e liturgia. *Revista Barroco*, nº 17, 1996. p. 209-219.

Assim sendo, não se pode deixar de notar e frisar que uma década antes de receber a relíquia doada pelo provedor Gomes Freire de Andrade, a confraria devotada ao Senhor dos Passos edificou na nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica um altar com tabernáculo funcional fixo ao centro, sendo a portinhola do mesmo ornamentada com ícone alusivo à “Santa Cruz”. Tal fato faz pensar, embora seja apenas uma conjectura, que a irmandade almejava ter uma relíquia do Santo Lenho e que, por isso mesmo, o seu retábulo foi previamente equipado com um decoroso cofre. A observação do exemplar em análise demonstra ainda que o seu interior foi revestido com tecido estampado (FIG. 63), dado que faz supor que a decoração interna não era uma prerrogativa exclusiva dos tabernáculos eucarísticos, mas também daqueles destinados a guardar relíquias sagradas.



FIG. 63: Interior do sacrário do altar da Irmandade do Senhor dos Passos, nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto. Fotos: Juninho Motta.

Já na Matriz de Santo Antônio da Vila de São José d'El Rey, conforme apontam as pesquisas de Olinto Rodrigues dos Santos Filho, a Irmandade devotada ao Senhor Bom Jesus dos Passos recebeu em 1780 “um breve papal concedendo-lhe altar privilegiado¹⁷⁸ e a oferta de indulgências a quem rezasse nas sextas-feiras diante do Santo Lenho exposto no sacrário.”¹⁷⁹ Ressalta-se que em 1785 o entalhador Salvador de Oliveira foi contratado para refazer o camarim do retábulo do Senhor dos Passos e, por isso, nada se sabe sobre a decoração do antigo tabernáculo. Contudo, no que diz respeito ao mais recente, nota-se que a iconografia representada em sua portinhola exalta o sacrifício de Cristo: uma hóstia radiosa e um cálice (o corpo e o sangue do Cordeiro Pascal) pairam sobre nuvem.



FIG. 64: Sacrário do altar da Irmandade do Senhor dos Passos, nave da Matriz de Santo Antônio, Tiradentes. Foto: Sabrina Sant'Anna

¹⁷⁸ Segundo Raphael Bluteau: “Altar privilegiado he aquelle, em que as Missas que se dizem tem poder para livrar huma alma do Purgatório.” Em dicionário atual: “*Privilegiado* é o altar ao qual, por concessão do sumo pontífice, é anexa a indulgência plenária aplicável em favor da alma pela qual se celebra a missa naquele altar. A concessão de altares privilegiados remonta a Gregório XIII, em 1572”. cf. o verbete ALTAR PRIVILEGIADO. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, & latino... op. cit.*, v 6. p. 751. (A grafia original foi mantida). ACEVEDO QUIROS, Luis H., verbete “Altare (Altare)”¹⁷⁸, in *Nuovo Dizionario di Diritto Canonico*, a cura di Carlos CORRAL SALVADOR, Velasio DE PAOLIS, Gianfranco GHIRLANDA. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo, 1993, 13-15 (citação no original: “*Privilegiato* è l’altare al quale, per concessione del sommo pontefice, è annessa l’indulgenza plenaria applicabile in favore dell’anima per la quale si celebra la messa in quell’altare. La concessione di altari privilegiati risale a Gregorio XIII, nel 1572”. p. 14).

¹⁷⁹ SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes... op. cit.*, p. 155. Ressalta-se que esta irmandade celebrava a festa do Senhor dos Passos e promovia na Vila de São José d'El Rey “as comemoração da invenção de Santa Cruz, no dia 3 de maio, e da exaltação da Santa Cruz, em 14 de setembro, além da importante festa das ‘quarenta Horas’.” *Ibidem*, p. 154.

Lamentavelmente não foi possível verificar (observar e fotografar) se ainda há no interior deste exemplar algum indício de decoração coeva (forração com tecido, ou, douramento), pois na ocasião da pesquisa a portinhola estava trancada e o zelador não tinha autorização para abri-la e/ou fornecer qualquer tipo de informação.¹⁸⁰

Levando-se em conta os dois casos supracitados, os números registrados na quarta coluna do quadro 4 e a ornamentação interna que ainda hoje pode ser vista em sacrários funcionais localizados na nave de antigas sedes paroquiais mineiras (FIG. 65 e 66), é plausível considerar que outras confrarias – além daquelas devotadas ao Senhor dos Passos – também tenham usado seus tabernáculos como cofre de relíquias sagradas. Muito provavelmente este foi o caso do sacrário fixo



FIG. 65: Sacrário do altar da Irmandade de Santo Antônio, nave da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Ouro Preto. Foto: Juninho Motta.

¹⁸⁰ Normalmente a documentação produzida pelo IPHAN, especialmente o chamado “Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados”, não apresenta dados sobre a decoração interna dos sacrários (seja do eucarístico ou dos funcionais). O pesquisador Olinto Rodrigues dos Santos Filho também não registrou em seu livro *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes... op. cit.*, qualquer informação sobre o assunto.



FIG. 66: Sacrário do altar da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto. Foto: Juninho Motta.

sobre o altar privilegiado da Irmandade de Santo Antônio da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica (FIG. 67).¹⁸¹ Em 1801, conforme consta no livro de Receita e Despesa da referida confraria, o tesoureiro pagou a fatura de um sacrário novo equipado com fechadura e decorado internamente com espelho de prata:

22 de março de 1801 – “Por ouro que pagou o Irmão Tesoureiro João de Sousa Benavides ao entalhador Manoel Dias da Silva, ‘por mão’, de Jacintho Joseph Fagundes do **sacrário novo, que fez para o altar e conserto do mesmo**, e do feitio de dois bancos e uma grade do altar 28 ½”

8 de abril de 1801 – Por ouro que pagou a Manoel Rodrigues Roza de **uma fechadura para o sacrário** ¾

6 de maio de 1801 – Por ouro que pagou a Jacinto Joseph Fagundes de dous resplandores de prata para o Santo, e o Menino Jesus, os quais tem de peso cento e dezessete oitavas de prata, e uma cruz grande de prata para a mão do Santo, a qual pesa sessenta e quatro oitavas, e do conserto de quatro castiças grandes e quatro palmas de prata, e de **hum Espelho de prata para o Sacrário novo em que se gastou dezesseis oitavas de peso de prata** 23/8^a ¼ 4v.”¹⁸²

¹⁸¹ O breve apostólico que outorgou o título honorífico de Altar Privilegiado à Irmandade de Santo Antônio foi concedido em 17 de fevereiro de 1732 pelo Papa Clemente XII. cf. MENEZES, Joaquim Furtado de. *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Publicações do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1975. p. 79-80.

¹⁸² APNSP – Livro de Receita e Despesa da Irmandade de Santo Antônio (1799-1827). fl. 14 e 17. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Cabe dizer que a partir do alvorecer do século XIX o uso da prata na parte interna ou externa dos sacrários tornou-se modismo nas Minas Gerais. Essa assertiva se confirma no caso do sacrário novo do altar da Irmandade de Santo Antônio da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica e no libelo cível que o mestre Manoel da Costa Ataíde moveu contra a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana. No dia quatro de março de 1826 o pintor reclamou em justiça que não havia recebido o valor acertado pelo douramento e pintura do altar-mor da capela da confraria contratante. Esta, por sua vez, se justificou dizendo que o mestre Ataíde não havia cumprido as condições estabelecidas no termo de arrematação da obra. Por determinação judicial Francisco Xavier Carneiro e João Lopes Maciel realizaram o exame do retábulo-mor da capela da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana. A respeito do tabernáculo os louvados (peritos designados) informaram o seguinte: “o Sacrario não está segundo o tracto, por que nas Condiçoens não se falla em prata alguma, as nuvens do Sacrario se achão prateadas, e as tintas, flores, e nogueiras estão em costume ao gosto que ao Autor na ocasião lhe occorreo.” Defendendo-se e acusando os louvados ao mesmo tempo, Manoel da Costa Ataíde argumentou: “o Sacrario está dourado segundo a regra, e tracto, e que **só o Carneiro, e Nuvens está de prata, por ser uzo, e conforme, como bem se vê no altar das almas da Sé, e no do Rosario a elle fronteiro e correspondente**, que sendo todo elle doirado pelos mesmos Louvados Lopes e Carneiro, tanto forão agora sobornados pelo inimigo Capital do Autor, que reprovão agora nesta o uso de prata entre o oiro, muitas duvidas aos citados lugares, **quando elles fiserão o mesmo em todos os Anginhos, triangulo do Sacrario, e Cortinas de madeira do dito Altar do Rosario da Se da Cathedral desta Cidade de Mariana, dando por cima da prata o Regraxo de [?] vermelha; Cuja pratica de prateados nestes devidos lugares, apresentam patentes em muitas Igrejas, e em quatro altares do Carmo da Imperial Cidade do Ouro Preto (...).**” Salienta-se que o sacrário do altar do Rosário da Cathedral de Mariana mencionado por Ataíde foi usado como casa provisória do Santíssimo Sacramento por muitos anos. A transcrição completa deste documento pode ser consultada em: CAMPOS, Adalgisa Arantes Campos. (Org.). *Manoel da Costa Ataíde: aspectos históricos, estilísticos, iconográficos e técnicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 2005. p. 199-211. (Doc. n.º59. Anexo I: Pesquisa Documental. Transcrição feita por Ivo Porto de Menezes. Grifos meus).



FIG. 67: Sacrário do altar da Irmandade de Santo Antônio (atualmente sem o espelho de prata no interior), nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto. Foto: Juninho Motta.

No que tange à iconografia, nota-se que a portinhola do novo sacrário da Irmandade de Santo Antônio traz a representação de uma custódia, ou ostensório (= vaso sagrado usado para expor o Santíssimo Sacramento à adoração dos fiéis). Sem sombra de dúvida, o símbolo escolhido faz referência à presença real de Cristo, mas, neste caso específico, também evoca um dos famosos milagres narrados na hagiografia de Santo Antônio. Conta-se que durante uma pregação, cujo tema era a eucaristia, um homem desafiou o santo dizendo que só acreditaria que Cristo estava presente na hóstia consagrada se seu jumento ajoelhasse diante da custódia. Três dias depois, estando o animal em jejum durante esse período, Santo Antônio chegou ao lugar marcado pelo herege e empunhou o ostensório. O jumento, quase sem forças, imediatamente deixou a pastagem que seu dono lhe oferecia e ajoelhou-se diante do Santíssimo.¹⁸³ Portanto, ao que tudo indica, o símbolo representado na portinhola deste sacrário funcional está perfeitamente relacionado ao orago entronizado no altar. De toda maneira, o que efetivamente importa para a discussão

¹⁸³ ANTONIO DE PADUA. IN: ROIG, Juan Ferrando. *Iconografía de los Santos*. Barcelona: Ediciones Omega, 1991, p.47.

ora proposta é perceber que os confrades não dispenderiam recursos financeiros para fazer um tabernáculo novo equipado com fechadura e espelho de prata se não houvesse a possibilidade, ou a pretensão, de nele se guardar uma relíquia. Não faz sentido ornamentar o interior de um sacrário e se preocupar com a sua segurança se ele é apenas um elemento de composição do altar-retábulo.

Conforme anunciado no início deste capítulo, o estudo da função dos tabernáculos fixos sobre altares localizados na nave dos templos é uma novidade na história da arte e da religiosidade cristã. A observação da decoração interna e externa dos sacrários, aliada a uma vasta investigação documental – Termos e Deliberações da Mesa administrativa das irmandades, Receita e Despesa, livros de Provisão (onde eram registradas as autorizações do bispo para a exposição do Santíssimo), relatórios de Visitas Pastorais, dentre outros – certamente contribuirá para o avanço das análises e hipóteses apresentadas, bem como para o alargamento das questões ora formuladas. Eis que o caminho está aberto!

Considerações Finais

Nas Minas Gerais setecentistas não houve outro sistema de conservação do provimento do viático senão o sacrário fixo sobre o meio do altar-retábulo (seja do principal, do da capela do Santíssimo ou, em ocasiões extraordinárias, também daqueles localizados na nave dos templos).¹⁸⁴ Embora o tabernáculo eucarístico tenha se tornado a peça mais importante do retábulo vulgarmente chamado tridentino, os estudiosos da talha retabilística do seiscentos, do setecentos e do oitocentos, de uma maneira geral, não se debruçaram sobre a sua decorosa composição artística. Assim sendo, esclarece-se que esta pesquisa visou sanar em primeira instância um déficit historiográfico e contribuir para o avanço dos estudos nos campos da história da arte e da cultura religiosa cristã.

A análise da composição artística dos tabernáculos eucarísticos das sedes paroquiais erigidas na Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, na Vila de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo (cidade de Mariana e sede episcopal a partir de 1745), na Vila Rica, na Vila de São João d'El Rey e na Vila de São José d'El Rey demonstrou que o cerne das diretrizes do décimo terceiro capítulo do *Instructionum Fabricae Ecclesiasticae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo* chegou às Minas Gerais setecentistas por intermédio dos entalhadores portugueses que imigraram para a região e, certamente, também pelos irmãos das confrarias encomendantes. O conteúdo do contrato firmado entre a Irmandade do Santíssimo Sacramento, a Irmandade devotada à padroeira da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica e o entalhador José Coelho de Noronha em 1754¹⁸⁵ não deixa dúvida que os confrades arbitraram a decorosa correspondência entre os elementos “em seistavo” constitutivos do altar-mor – sacrário e banquetas fabricados por Francisco Xavier de Brito; trono escalonado e nicho para a imagem da Senhora do Pilar encomendados a José Coelho de Noronha. Considerando que nesta época o zimbório edificado ainda banhava a capela-mor com seis luzes e que a portinhola do decoroso sacrário “em seistavo” foi ornamentado com a iconografia da ressurreição

¹⁸⁴ Salvo na quinta-feira da Semana Santa, quando o Santíssimo Sacramento era depositado no sepulcro. Confira a nota 152.

¹⁸⁵ CC/CECO. Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Irmandade do Santíssimo Sacramento. TERMOS, ACÓRDÃOS E LEMBRANÇAS, Volume 224, Filme 011, fl.85.

de Cristo, fica claro que ao menos três princípios estabelecidos no tratado de Carlos Borromeu foram respeitados:

(...) A arte do tabernáculo, elaborada com elegância, ligada entre si de forma apta e adequada, esculpida com piedosas imagens dos mistérios da paixão do Cristo Senhor, decorada com elementos dourados em determinados lugares segundo o parecer de homem perito, apresente uma configuração de adorno religioso e digno de veneração.

(...) A forma [seja] ou octogonal ou hexagonal ou quadrada ou redonda, conforme parecer mais conveniente e devoto para a configuração da Igreja.

(...) Seja ornamentado com a imagem sagrada do Cristo Senhor crucificado ou ressuscitado ou mostrando o peito ferido, ou outra piedosa efígie.¹⁸⁶

Além disso, o sacrário semioctogonal com repositório semiesférico concebido por José Coelho de Noronha para a sede paroquial da Vila de São João d'El Rey corrobora a ideia de que os entalhadores lisboetas estavam mais afinados (ou foram mais fiéis) ao padrão estabelecido no tratado do bispo de Milão, já que os dois tabernáculos fabricados por oficiais oriundos de Braga o extrapolaram. Contudo, neste aspecto, deve-se levar em conta que os retábulos-mores das matrizes de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica e de Santo Antônio da Vila de São José d'El Rei também são obras ímpares. Cabe lembrar ainda que não se conhece o nome e a origem dos entalhadores que riscaram e executaram a talha dos altares-retábulos principais e, conseqüentemente, dos sacrários das matrizes da Vila Real do Sabará e da Vila do Ribeirão do Carmo, cujos exemplares – os mais antigos do conjunto estudado – também se enquadram no padrão estabelecido por Carlos Borromeu.

A análise minuciosa dos temas iconográficos e das formas das portinholas dos tabernáculos fixos sobre os altares-mores dos seis templos selecionados para estudo revelou também que o simbolismo numérico ensinado pelos padres desde os tempos antigos do cristianismo e assimilado pela arte cristã medieval continuou em voga na Época moderna. Afinal, os entalhadores portugueses que conceberam as casas do Santíssimo analisadas foram capazes de correlacionar adequadamente o simbolismo dos números 6, 8 e 12 (implícito no formato das portinholas) com o significado das efígies piedosas que representaram. Mesmo nos sacrários eucarísticos das matrizes de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica e de Santo

¹⁸⁶ INSTRUCTIONUM FABRICAE ECCLESIASTICAE ET SUPELLECTILIS ECCLESIASTICAE LIBRI II... *op. cit.*, p. 20b-22b. (CAP. XIII DE TABERNACULO SANTISSIMAE EUCHARISTIAE).

Antônio da Vila de São José d'El Rey, cujos temas iconográficos não fazem parte do repertório imagético comumente usado, o significado dos números foi adequadamente relacionado com as cenas do batismo de Cristo e do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

No que diz respeito aos tabernáculos dotados de portinhola, dobradiças e fechadura fixos sobre altares confrariais localizados na nave dos templos, a investigação apontou por meio da documentação coeva duas funções: a de casa provisória do Santíssimo – como ocorreu na Catedral de Mariana e nas sedes paroquiais dos arraiais do Ribeirão de Santa Bárbara e das Congonhas do Campo – e a de cofre de relíquias sagradas – conforme evidenciam os registros das irmandades do Senhor Bom Jesus dos Passos da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica e da Matriz de Santo Antônio da Vila de São José d'El Rey. Há que se ressaltar que a observação da decoração interna e externa de outros sacrários fixos sobre altares-retábulos confrariais erigidos na nave das igrejas pesquisadas é um indício de que a função cofre de relíquias sagradas não era uma prerrogativa das irmandades devotadas ao Senhor dos Passos. Muito provavelmente o sacrário novo que a confraria de Santo Antônio da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica mandou fazer em 1801 cumpria exatamente esta função. De toda maneira, sabe-se que a temática desenvolvida no capítulo 4 – e na tese como um todo – está longe de ser esgotada. Muitas questões ficaram em aberto, mas na medida em que esta pesquisa prosseguir e outros investigadores se interessarem pelo objeto de estudo ora apresentado, certamente mais avanços virão.



REFERÊNCIAS



Livros, dicionários, teses, dissertações e artigos

AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Negras Minas Gerais: uma história da diáspora africana no Brasil Colonial*. São Paulo: Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1999. (História, Tese de doutorado).

ALBERIGO, Josepho et al. (ed.). *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*. 3ª edição. Bologna: Istituto per le Scienze Religiose, 1973.

ALMEIDA, Lúcia Machado. *Passeio a Sabará*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

ALVARENGA, Luis de Melo. *Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar*. São João Del-Rei – Minas Gerais – Brasil. 2. ed. rev. e aum. Juiz de Fora: Impresso na Esdeva Empresa Gráfica Ltda, 1994.

ÂNGELO, Rosana de Figueiredo. Os Carmelitas de Sabará e as solenidades da Semana Santa (séculos XVIII-XIX). *MNEME Revista de Humanidades*, vol. 7, nº 16, jun./jul. 2005. p. 159-185.

ARAUJO, Jeaneth Xavier de. *Para a decência do culto de Deus: artes e ofícios na Vila Rica setecentista*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2003 (História, Dissertação de Mestrado).

ARAÚJO, Jeaneth Xavier de. *Os artífices do sagrado e arte religiosa nas Minas setecentistas: trabalho e vida cotidiana*. São Paulo: Annablume, 2013.

ARAÚJO, Marta Maria Lobo de. *A Confraria do Santíssimo Sacramento de Pico de Regalados (1731-1780)*. Coimbra: ATAHCA, 2001.

ARINTO, Agnès Anne Françoise Le Gac. *Le retable majeur de la Sé velha de Coimbra et la polychromie dans le diocèse de Coimbra à l'époque baroque: aspects techniques et esthétiques*. 2 vols. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciência e Tecnologia, 2009. (Tese de doutorado).

ÁVILA, Affonso (Org.). *Resíduos seiscentistas em Minas: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais / Arquivo Público Mineiro, 2006.

BALDOCK, John. *Simbolismo Cristiano*. Milano: Oscar Saggi Mandadori, 1997.

BARBOSA, David Sampaio. Arquétipo de pároco na vida e na obra de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga (1559-1582): uma aproximação histórica. *Lusitania Sacra*. Lisboa. 2ª s. 23 (jan-jun), 2011. p. 59-76.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995.

BASTOS, Rodrigo Almeida. *A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822)*. São Paulo: Universidade de São Paulo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2009. (Arquitetura e Urbanismo, Tese de doutorado).

BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983. 2 vols.

BETTENCOURT, Estêvão. *A vida que começa com a morte*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1955.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o Poder. Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). 14ª ed. Introdução, notas, linhas do tempo e glossário: Pe. Johan Konings. São Paulo: Editora Canção Nova, 2012.

BOHRER, Alex Fernandes. *Ouro Preto: um novo olhar*. São Paulo: Scortecci, 2011.

BOHRER, Alex Fernandes. O estilo Nacional Português em Minas Gerais e seus antecedentes luso-brasileiros. In: BOHRER, Alex Fernandes; PIRES, Maria do Carmo; ANDRADE, Francisco Eduardo de (Org.). *Poderes e Lugares de Minas Gerais. Um quadro urbano do interior brasileiro, séculos XVIII-XX*. São Paulo: Scortecci/UFOP, 2013. p. 233-248.

BOHRER, Alex Fernandes. *A Talha do Estilo Nacional Português em Minas Gerais: Contexto Sociocultural e Produção Artística*. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2015. (História, Tese de doutorado).

BORROMEO, Agostino. La figura e l'opera dell'arcivescovo di Braga Bartolomeu dos Mártires nell'Italia posttridentina. In *Actas do Congresso Internacional sobre o IV centenário da Morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Fátima: Movimento Bartolomeano, 1994. p. 595-596.

BRETAS, Rodrigo José Ferreira. *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CAETANO, Daniele Nunes. *Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. Theatrum Sacrum*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Arquitetura e Urbanismo, 1999. (Arquitetura e Urbanismo, Dissertação de Mestrado).

CAMPOS, Adalgisa Arantes. O Triunfo Eucarístico: hierarquias e Universalidade. *Revista Barroco*. nº 15. Belo Horizonte, 1992. p. 461-467.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Quaresma e Tríduo Sacro nas Minas Setecentistas: cultura material e liturgia. *Revista Barroco*. nº 17. Belo Horizonte, 1996. p. 209-219.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. A ideia do Barroco e os desígnios de uma nova mentalidade: a misericórdia através dos sepultamentos pelo amor de Deus na Paróquia do Pilar de Vila Rica (1712- 1750). *Revista Barroco*. n°18. Belo Horizonte, 2000. p. 45-68.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Roteiro Sagrado: Monumentos Religiosos de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Tratos Culturais/Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Semana Santa na América Portuguesa: pompa, ritos e iconografia. *Actas III Congreso Internacional del Barroco Americano: Territorio, Arte, Espacio y Sociedad*. Sevilha: Universidad Pablo de Olavide, 2003. p. 1197-1212.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Aspectos da Semana Santa através do estudo das Irmandades do Santíssimo Sacramento: cultura artística e solenidades (Minas Gerais séculos XVIII ao XIX). *Revista Barroco*. n° 19. Belo Horizonte, 2001/2004. p. 71-88.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Locais de sepultamento e escatologia através de registros de óbitos da época barroca: a freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. *Revista Varia História*. n° 31. Belo Horizonte, p. 159-184, Jan. 2004.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. FRANCO, Renato. Aspectos da visão hierárquica no barroco luso-brasileiro: disputas por precedência em confrarias mineiras. *Revista Tempo*. vol 9, n. 17, jul-dez, 2004. p. 193-215.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Piedade barroca, obras artísticas e armações efêmeras: as irmandades do Senhor dos Passos em Minas Gerais. *Anais do VI Colóquio Luso-brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro: CBHA/ PUC-Rio/UERJ/ UFRJ, 2004. v. I. p. 17-31.

CAMPOS, Adalgisa Arantes (Org.). *Introdução ao Barroco mineiro*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Escatologia, iconografia e práticas funerárias no barroco das Geraes. In: RESENDE, Maria Efigênci Lage de; VILLALTA, Luis Carlos (Org.). *História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas*. vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p. 383- 425.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Mecenato leigo e diocesano nas Minas Setecentistas. In: RESENDE, Maria Efigênci Lage de; VILLALTA, Luis Carlos (Org.). *História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas*. vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p. 77- 107.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Arte Sacra no Brasil Colonial*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

CAMPOS, Adalgisa Arantes (Org.). *De Vila Rica à Imperial Ouro Preto: aspectos históricos, artísticos e devocionais*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As irmandades de São Miguel e as Almas do Purgatório: culto e iconografia no setecentos Mineiro*. Belo Horizonte: C/Arte, 2014.

CARRATO, José Ferreira. *Igreja, Iluminismo e escolas mineiras coloniais*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968

CARR-GONN, Sarah. *Dicionário de símbolos na arte: guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais*. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de. *Da Oficina à Academia: a transição do ensino artístico no Brasil. Artistas e Artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa: Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

CASTRO, José Flávio Moraes. *Organização Espacial da Capitania de Minas Gerais no século XVIII. IV Simpósio Luso Brasileiro de Cartografia Histórica*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nov. 2011. p. 2-20.

CASTRO, Maria de Fátima. *De Braga a Roma. Relíquias no caminho de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires. Via Spiritus, n° 8*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2001. p. 31-51.

CORBLET, Jules. *Histoire dogmatique, liturgique et archéologique du sacrement de l'Eucharistie*. Tome Premier. Paris: Société Générale de Librairie Catholique, 1885.

COSTA, Avelino de Jesus da. *A Santíssima Eucaristia nas constituições diocesanas portuguesas. Lusitana Sacra, Lisboa, 2ª série, t. 1, 1989*.

COSTA, Luís Xavier da. *Quadro histórico das instituições académicas portuguesas. Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1932. v.1.

COSTA, Lygia Martins. *Importância da Capela-mor da Matriz de São João del-Rei. Revista Barroco*. Belo Horizonte, UFMG, 1990-1992, n° 15

DANIELOU, Jean. *Bible et liturgie: la théologie biblique des sacraments et des fêtes d'après les Pères de l'Église*. 2 ed. Paris: Cerf, 1958.

DEL NEGRO, Carlos. *Escultura ornamental barrôca do Brasil; portadas de igrejas de Minas Gerais*, Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1961. (Coleções Arquitetura).

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica*. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann, por José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2006.

DURET, Donatien. *Mobilier: Vases, objects et vêtements liturgiques: Étude historique*. Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1932.

ECO, Humberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EUSÉBIO, Maria de Fátima. A iconografia do sacrário da Capela da Via-Sacra de Viseu. *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*. Porto: DCTP-FLUP, 2003.

FALCÃO, José António. *O Mistério de Cristo na revelação Artística, Exposição do Grande Jubileu do Ano 2000: Cristo Fonte de Esperança*. Porto, 2000.

FEITLER, Bruno; SOUZA, Evergton Sales (Org.). *A Igreja no Brasil: normas e práticas durante a vigência das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2011.

FOLSOM, Cassiano. Bene et Firmiter: a short history of reservation of the eucharist. *Sacred Architecture - Journal of the Institute for Sacred Architecture*. Notre Dame (Indiana-USA), v. 22, 2012.

FONSECA, Cláudia Damasceno. *Arraiais e Vilas D'El Rei: espaço e poder nas Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GATTI, Vincenzo. *Liturgia e arte: i luoghi della celebrazione*. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2001.

GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. Tradução de Francisco Taborda. São Paulo: Edições Loyola, 2003. Título original: *In unum corpus. Trattato mistagógico sull'eucaristia*.

GOMES JR., Guilherme Simões. *Vidas de artistas: Portugal e Brasil*. *Revista brasileira de Ciências Sociais*. 2007. vol. 22, n.64. p. 33-47.

GOMES, Leonardo Magalhães; SILVA, Carla de Castro. *Matriz de Nossa Senhora da Conceição: história e preservação*. Belo Horizonte: [s. n.], 2009.

GOMES, Paulo Fernando Sequeira Varela. *Arquitetura, religião e política: igrejas de planta centralizada em Portugal no século XVII*. Coimbra: Universidade de Coimbra – Faculdade de Ciências e Tecnologia, 1998. (Teoria e História da Arquitetura, Tese de doutorado).

Hani, Jean. *O simbolismo do templo cristão*. Lisboa: Edições 70, 1998.

HILL, Marcos César de Senna. Francisco Xavier de Brito: Um Artista Português Desconhecido no Brasil e em Portugal. *Revista do Instituto de Filosofia Arte e Cultura. IFAC/UFOP*. Ouro Preto, n. 3, dez. 1996.

IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. São Paulo: Paulus, 2005. Título original: *Adversus Haereses*.

Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figures, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. Título original: *Dictionnaire des Symboles*.

JUNGMANN, Josef A. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2008.

LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004. Título original: *Dictionnaire critique de théologie*.

LAMEIRA, Francisco Ildefonso. *A talha no Algarve durante o Antigo Regime*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 2000.

LANG, Uwe Michael. Tamquam Cor in Pectore: The Eucharistic Tabernacle Before and After the Council of Trent. *Sacred Architecture - Journal of the Institute for Sacred Architecture*. Notre Dame (Indiana-USA), v. 15, 2009. Publicação eletrônica: <http://www.sacredarchitecture.org/articles/tamquam_cor_in_pectore_the_eucharistic_tabernacle_before_and_after_the_coun/>.

LIMA, Marco Antônio Morais. *Igreja, ícone da Trindade, espaço litúrgico, Imago Ecclesiae*. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2012. (Departamento de Teologia, Tese de doutorado).

MÂLE, Émile. *L'art religieux du XIII^e siècle en France: étude sur l'iconographie du moyen age et sur ses sources d'inspiration*. Paris: Ernest Leroux, 1898.

MARTINS, Fausto Sanches. Trono Eucarístico do Retábulo Barroco Português: origem, função, forma e simbolismo. *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Universidade do Porto, 1991. vol. II, p. 17-58.

MARTINS, Fausto Sanches. Estudo iconográfico do retábulo-sacrário da capela do Santíssimo Sacramento da igreja Matriz de Caminha. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Universidade do Porto, 1998. II^a série, vol. V, p. 337-364.

MARTINS, Fausto Sanches. A simbologia numérica nos Commentarii Exegetici in Apocalypsim do Padre Brás Viegas, S. J. *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1999. n.06, p.65-90.

MARTINS, Fausto Sanches. Normas artísticas das constituições sinodais de D. Frei Marcos de Lisboa. In: *Frei Marcos de Lisboa: cronista franciscano e Bispo do Porto*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2002. p. 297-309.

MARTINS, Fausto Sanches. Speculum Humanae Salvationis: Estudo iconográfico e iconológico do sacrário de prata da Sé do Porto. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Patrimônio*. Porto: Universidade do Porto, 2002. I série, vol. 1, p. 173-202.

MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974. 2 vols..

MATOS, Raimundo Jose da Cunha. *Corografia histórica da Província de Minas Gerais (1837)*. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1981. 2 vols.

MENEZES, Joaquim Furtado de. *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Publicações do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1975.

MONTEVECCHI, Benedetta; ROCCA, Sandra Vasco. (Dir.). *Dizionario terminologici Suppellettile ecclesiastica I*. Firenze: Centro Di, 1988.

OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. Passagem entre dois mundos, acesso ao sagrado: sentidos simbólicos da porta barroca no Brasil colonial. *ArtCultura – Revista de História, Cultura e Arte*. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, v. 13, n. 23, jul/dez 2011. p. 95-111.

OLIVEIRA, Jozeph Alvares de. História do Distrito do Rio das Mortes, sua descrição, descobrimento de suas minas, casos acontecidos entre paulistas e emboabas e criação de suas vilas. In: *Origens Históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006.

OLIVEIRA, Monalisa Pavonne. *Devoção e poder: a Irmandade do Santíssimo Sacramento do Ouro Preto (Vila Rica, 1732-1800)*. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2010. (História, Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Tipologia da Talha Rococó em Minas Gerais: retábulos de Capela-mor. *Barroco*. Belo Horizonte, nº 15, 2006.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Entalhadores bracarenses e lisboetas em Minas Gerais. *Artistas e Artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa: Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João del-Rei e Tiradentes*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010. 2 vols.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2012. 2 vols.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Profissionais portugueses na arquitetura religiosa do Brasil setecentista. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 174, número 461, p. 257-268, Out./ Dez. 2013.

OLIVEIRA, Pablo Menezes e. *Cartas, Pedras, Tintas e Coração: as casas de câmara e a prática política em Minas Gerais (1711-1798)*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013. (História, Tese de Doutorado).

O Museu da Inconfidência. São Paulo: Banco Safra, 1995.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PASSOS, Zoroastro Viana. *Em torno da História de Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942. 2 vol.

PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofício nas Minas Gerais do século XVIII*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Arquitetura, 2012. (Arquitetura e Urbanismo, Dissertação de mestrado).

PEDROSA, Aziz José de Oliveira. Uma oficina de talha na Sé de Mariana. O fazer artístico e o contrato de trabalho. *Revista Varia História*, Belo Horizonte, vol. 29, nº 50. mai/ago. 2013.

PONTES, Maria Leonor Cruz. *A Sé Velha de Coimbra: uma proposta de interpretação museológica*. Coimbra: Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras, 2009. (Dissertação de mestrado).

RAMOS, Adriano Reis. Francisco Vieira Servas – o grande artista português do barroco mineiro. *Revista Telas & Artes*, nº 7. Belo Horizonte, 1997.

RÉAU, Louis. *Iconografía del arte Cristiano: Iconografía de La Biblia – Antiguo testamento*. 2ª ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1999. Tomo 1, vol. 1.

RÉAU, Louis. *Iconografía del arte Cristiano: Iconografía de la Biblia – Nuevo Testamento*. 3ª ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008. Tomo 1, vol. 2.

RÉAU, Louis. *Iconografía del arte Cristiano: Iconografía de los santos*. 2ª ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2000. Tomo 2, vol. 3.

RIGHETTI, Mario. *Manuale di Storia Liturgica*. Volume I: Introduzione generale. 3ª ed. Milano: Àncora, 1964. (2ª edição anastática, 2005)

RIGHETTI, Mario. *Manuale di Storia Liturgica*. Volume III: La Messa. 3ª ed. Milano: Àncora, 1966. (2ª edição anastática, 2005).

ROIG, Juan Ferrando. *Iconografía de los Santos*. Barcelona: Ediciones Omega, 1991.

SAD JÚNIOR, João Henrique Grossi. O Termo Contratual de 1754 e as Modificações no Retábulo-mor da Matriz do Pilar, em Ouro Preto. *Revista Temporalidades*. Belo Horizonte: Departamento de História, Faculdade de filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. v. 6 (Suplemento: Anais do III Encontro de Pesquisa em História, UFMG), 2014. p. 401-411.

SALLES, Fritz Teixeira de. *Associações Religiosas no Ciclo do Ouro: introdução ao estudo do comportamento social das irmandades de Minas no século XVIII*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SANT'ANNA, Sabrina Mara. *A Boa Morte e o Bem Morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721-1822)*. Belo Horizonte: Universidade

Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006. (História, Dissertação de Mestrado).

SANT'ANNA, Sabrina Mara. A igreja de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica, matriz do bairro Ouro Preto: o mecenato confrarial e a ornamentação dos sacrários. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes (Org.). *De Vila Rica à Imperial Ouro Preto: aspectos históricos, artísticos e devocionais*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.

SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. *A vila em ricas festas: celebrações promovidas pela câmara de Vila Rica (1711-1744)*. Belo Horizonte: C/Arte, 2003.

SANTOS, Cristina Isabel Passos Ribeiro Fé. *Contributo para o estudo dos sacrários Barrocos em Portugal*. Faro: Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2012. (História da Arte, Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Danilo José dos. A Procissão de Corpus Christi na Vila de Santo Antonio do Recife no Século XVIII como Espaço de Devoção, Status e Manutenção do Prestígio Régio na América Portuguesa. *Mneme – Revista de Humanidades*. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes*. Brasília: IPHAN, 2011.

SEREJO, Carlos Manuel Robalo. *Igreja de Nossa Senhora do Rosário - Templo da Força Aérea*. Lisboa: Força Aérea Portuguesa, 2006.

SMITH, Robert. *A talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizontes, 1962.

SNOEK, Godofrideus J. C. *Medieval piety from relics to the Eucharist: a process of mutual interaction*. Leiden: E. J. Brill, 1995.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Archidiocese de Marianna: subsídios para a sua história*. São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1928.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Publicações do SPHAN, 1945.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Mariana e seus templos*. Belo Horizonte, 1938.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Breviário Histórico e Turístico da cidade de Mariana*. Belo Horizonte, 1947.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Cronologia das Igreja Mineiras. In: *Sylvio de Vasconcellos: arquitetura, arte e cidade: textos reunidos*. Organização de Celina Borges Lemos. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2004.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel. *Dictionnaire raisonné du mobilier français de l'époque carlovingienne à la Renaissance*. Paris: Bance Éditeur, 1858, 2 vol.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

IPHAN/BH. *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados. Sabará - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e Passo da Sapucaí.* Região Metropolitana de Belo Horizonte – Módulo 1, s/d.

IPHAN/BH. *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados: Mariana - Igreja Catedral de Nossa Senhora da Assunção/Sé de Mariana, Passo da Ladeira do Rosário e Passo da Ponte de Areia.* Módulo 2., s/d.

IPHAN/BH. *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados: Mariana – Igreja Catedral de Nossa Senhora da Assunção.* Módulo 2, vol. 1. Belo Horizonte: Vitae/SPHAN/FNpM, 1988.

IPHAN/BH – *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados – Museu Arquidiocesano de Arte Sacra.* Módulo 7. Belo Horizonte, 2002.

IPHAN/BH. *Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Antônio Dias), Ouro Preto.* Arquivo Permanente, série 1., 30 de março de 1949.

IPHAN/IEPHA. Dossier número OP/141 – *Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento.* Ouro Preto – Mariana, Fundação João Pinheiro, s.d.

IPHAN/IEPHA. Caderno de Restauração: *Relatório da Restauração da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.* Documento produzido pelo IEPHA, 1982.

Arquivo do Escritório Técnico II do IPHAN/São João del-Rei. Inventário, 1765 – Noronha, José Coelho de. Inventariante: Leitão, Sebastião Ferreira. Caixa: 345. Fl. 31v.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO ARQUITECTÓNICO (Portugal)

Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitectónico (SIPA). Catedral do Funchal/Sé do Funchal. Portugal, Ilha da Madeira. Documento disponível para consulta em <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5015>

Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitectónico (SIPA). Catedral da Guarda/Sé da Guarda. Portugal, Guarda. Documento disponível para consulta em <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4717>.

FONTES IMPRESSAS

ACTA ECCLESIAE MEDIOLANENSIS, A CAROLO CARDINALI S. PRAXEDIS ARCHIEPISCOPO CONDITA, FEDERICI CARD. BORROMAE I ARCHIEPISCOPI MEDIOLANI IUSSU Undique diligentius collecta, et edita. Cum privilegio Summi Pontificis. MEDIOLANI, Ex Officina Thypographica quon. Pacifici Pontij. Impressoris Archiepiscopalis. M.D.XCIX. Superiorum permissu.”(Consultar especificamente: “CONCILIIUM PROVINCIALE MEDIOLANENSE I. Quod Pio Quarto Pontifice,

Carolus Borromaeus. S.R.E. Presb. Cardinalis tit. S. Praxedis; Legatus ad universam Italiam, e Archiepiscopus Mediolani, habuit ANNO M.D.LXV.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico...* Autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal D. João V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular, doutor na Sagrada Theologia, prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, e calificador no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. Disponível para consulta em: <<http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

CATECISMO ROMANO. Tradução de Frei Leopoldo Pires Martins, O, F, M. Petrópolis: Editora Vozes, 1951. Título original: CATECHISMVS, Ex Decreto Concilii Tridentini, ad Parochos Pii Quinti Pont. Max. Iussu editusad, editionem Romae A. D. MDLXVI publici iurisfactam accuratissime expressus.

COMMENTARII EXEGETICI IN APOCALYPSIM IOANNIS APOSTOLI. AUCTORE BLASIO VIEGAS LUSITANO, EBORENSI, Societatis Iesu, Doctore Theologo, & publico sacrarum literarum in Eborensi eiusdem Societatis Academia professore: in hac ultima editione recogniti, et multis in locis emendati. Cum índice gemino: altero insignium locorum sacrae escripturae, qui toto hoc aureo opere explicantur: Altero rerum e verborum notatu dignissimorum. Turnoni, Sumptibus Horatij Cardom. MDCXIV. Cum privilegio Regis. Documento disponível em: <https://play.google.com/store/books/details/Blas_Viegas_S_I_Commentarii_exegetici_in_Apocalyps?id=ZuzhcWnl22wC>.

CONSTITUTIONES EDITÆ PER REVERENDISS. IN CHRISTO Patrem D. Io. Mattheum Gibertum Episcopum Veroneñ. ac in civitate & Dioc. Veroñ. Legatum Apostolicum, ex Sanctorum Patrum dictis, & Canonicis institutis, Ac variis negotiis quotidie occurrentibus, longo rerum usu collectæ, & in unum redactæ. Venetiis, Apud Franciscum Rampazetum MDLXIII.

CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA feitas, e ordenadas pelo illustrissimo, e reverendíssimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, 5º Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade: propostas, e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. Impressas em Lisboa no anno de 1719, e em Coimbra em 1720 com todas as licenças necessarias, e ora reimpressas nesta Capital. São Paulo. Na Typographia de Antonio Louzada Antunes. 2 de Dezembro. 1853.

CONSTITUIÇOENS SYNODAES DO ARCEBISPADO DE BRAGA, ordenadas no anno de 1639 pelo Illustrissimo Senhor Arcebispo D. Sebastião de Matos e Noronha; e mandadas imprimir a primeira vez pelo Illustrissimo Senhor D. João de Sousa, Arcebispo, & Senhor de Braga, Primaz das Espanhas, do Concelho de Sua Magestade, & seu Sumilher da Cortina, &c. Lisboa, Na officina de Miguel Deslandes, Impressor de sua Magestade. Com todas as licenças necessarias. Anno de 1697.

CONSTITUIÇÕES SYNODAES DO ARCEBISPADO DE LISBOA. Novamente feitas no synodo diocesano, que celebrou na Sé Metropolitana de Lisboa o illustrissimo, & reverendissimo senhor D. Rodrigo da Cunha Arcebispo da mesma cidade, do

Conselho d'Estado de S. Magestade, em os 30. dias de Mayo do ano 1640. Concordadas com o Sagrado Concilio Tridentino, e com o Direito Canonico, E com as Constituições antiga, e Extravagantes primeiras, e segundas deste Arcebispado. Anno 1656: acabadas de imprimir, e publicadas por mandado dos muito reverendos senhores Deão, & Cabido da Sancta Sè de Lisboa, Sede vacante, no anno de 1656. Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Na Officina de Paulo Craesbeeck. Taixado em oitocentos reis em papel.

CONSTITUIÇÕES SYNODAES DO BISPADO DE COIMBRA. M.D.XLVIII. Documento disponível para consulta em: <<http://purl.pt/4066/3/#/46>>.

CONSTITUIÇÕES SYNODAES DO BISPADO DA GUARDA, impressas por ordem do excellentissimo e reverndissimo senhor Bernardo Antonio de Mello Osorio, Bispo da Guarda, do Conselho de S. Magestade. Terceira Impressão. Lisboa, na Officina de Miguel Manescau da Costa, impressor do S. Officio. Anno M.DCC.LIX. Com todas as licenças necessarias. Documento disponível para consulta em: <<http://almamater.uc.pt/wrapper.asp?t=Constitui%E7%F5es+sinodais+do+Bispado+da+Guarda&d=http%3A%2F%2Fbdigital%2Eesib%2Euc%2Ept%2Fbduc%2FBiblioteca%5FDigital%5FUCFD%2Fdigicult%2FUCFD%2DH%2DF%2D4%2D6%2Fgloballtems%2Ehtml>>.

CONSTITUIÇÕES SYNODAES DO BISPADO DE MIRANDA. Em Lixboa: em casa de Francisco Correa impressor do Cardela Iffante. Anno 1565. Documento disponível para consulta em: <<http://purl.pt/14686/3/#/126>>.

CONSTITUIÇÕES SYNODAIS DO BISPADO DE PORTALEGRE. Ordenadas e feitas pelo illustrissimo e reverendis^o s.^{RO} D. Fr. Lopo de Sequeira Pereira Bispo de Portalegre do Conselho de sua Magestade. Em Portalegre por Jorge Roiz Impressor anno 1632. Documento disponível em: <<http://purl.pt/19856/3/#/106>>.

CONSTITUIÇÕES SYNODAES DO BISPADO DO PORTO, novamente feitas, e ordenadas pelo illustrissimo, e reverendissimos senhor Dom João de Sousa Bispo do ditto Bispado, do Conselho de Sua Magestade, e seu Sumilher de Cortina. Propostas, e aceitas em o synodo diecesano, que o dito senhor celebrou em 18 de mayo do anno1687. Coimbra: no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, anno 1735. Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real. Disponível em: <<http://almamater.uc.pt/wrapper.asp?t=Constitui%E7%F5es+sinodais+do+Bispado+do+Porto&d=http%3A%2F%2Fbdigital%2Eesib%2Euc%2Ept%2Fbduc%2FBiblioteca%5FDigital%5FUCFD%2Fdigicult%2FUCFD%2DH%2DF%2D4%2D10%2Fgloballtems%2Ehtml>>.

COPIADOR DE ALGUMAS CARTAS PARTICULARES DO EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR DOM FREI MANUEL DA CRUZ, BISPO DO MARANHÃO E MARIANA (1739-1762). Transcrição, revisão e notas por Aldo Luiz Leoni. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

CÕSTITUYÇOÕES DO BISPADO DE COIMBRA: Feytas polo muyto Reverendo e Magnifico Senhor o Senõr Dom Jorge Dalmeyda: Bispo de Coimbra Conde Darguanil. & c. Segunda Impressão editada pela Biblioteca da Universidade de

Coimbra. Coimbra, Imprensa da Universidade, M.DCCCC.XIX. Documento disponível em: <<https://archive.org/stream/cstituyoes00cath#page/n0/mode/2up>>.

INSTRUCTIONUM FABRICAE ECCLESIASTICAE ET SUPPLEMENTILIS ECCLESIASTICAE LIBRI II. CAROLI S. R. E. Cardinalis tituli s. Praxedis, Archiepiscopi iussu, ex provinciali Decreto editi ad provinciae Mediolanensis usum. MEDIOLANI, Apud Pacificum Pontium, Typographu[m] Illustriss. Cardinalis S. Praxedis Archiepiscopi 1577. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B9Flkc-gjRH0cDRfLWxvR2JZU3M/edit>>.

MISSALE ROMANUM EX DECRETO SACROSANCTI CONCILII TRIDENTINI RESTITUTUM. PII V. PONT. MAX. IUSSU EDITUM, ET CLEMENTIS VIII. PRIMUM, NUNC DENVO URBANI PPAE OCTAVI AUCTORITATE RECOGNITUM... PARISIIS, Impensis Societatis Typographicae librorum Officii Ecclesiastici iussu Regis constitutae. M.DC.XXXVI. Cum Privilegijs Pont. Max. & Franc. Regis Christianissimi. Documento disponível para download em: <<http://ars-the.blogspot.com.br/2012/03/tesouros-dos-seculos-passados-antigas.html>>.

MARTÍNEZ, Francisco. *Introducción al conocimiento de las Bellas Artes, ó Dicciónario manual de pintura, escultura, arquitectura, grabado, etc.* Con la descripción de sus más principales asuntos: Dispuesto y recogido de varios Autores, así Nacionales como Extranjeros, para uso de la juventud Española. Por el Doctor Don Francisco Martínez, Presbítero, Dignidad de la Santa Iglesia de Pamplona. Madrid, Imprenta de la Viuda de Escribano, 1788. Edição facsímile com introdução de Manuel Alvar Esquerre em Málaga, Real Academia España e Colegio de Aparejadores y Arquitectos Técnicos, 1989.

RITUALE ROMANUM PAULI V. P.M. iussu editum. ROMÆ, Ex typographia Cameræ Apostolicæ. M.DCXVII. Documento disponível para consulta em: <<https://docs.google.com/file/d/0ByY1ndAfoS5vby1GcVZKWHVIVjA/edit?pli=1>>.

RODRIGUES, Monsenhor Flávio Carneiro (Org.). *Cadernos Históricas do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana: As Visitas Pastorais do século XVIII no Bispado de Mariana.* vol. 1, 1998.

R. P. D. F. JOANNIS DA SYLVEIRA Olyssip. Carmelitæ Regularis Observantiae, Sacrae Theologiae Primarii Lectoris Jubilati, Commentariorum in Apocalypsim B. Joannis Apostoli. Tomus Primus et Secundus. Complectens a Capite primo usque ad Caput duodecesimum. In quo multa tractantur de Sacrosancta Eucharistia, de Beatissima Virgine Maria; ac duodecesim Apostolis. Cum Indice quadruplici, Primo Capitum & Quaestionum, Secundo Locorum Sacrae Scripturae, Tertio Concionum, Quarto denique Rerum memorabilium. Editio Tertia AB Auctore Recognita. Lugduni, Sumptibus ANISSON, & POSUEL. MDCC. Cum privilegio Regis. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Joannis_da_Sylveira_commentariorum_in_Ap.html?id=b4t3uSmMU4YC&redir_esc=y>.

SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus.* 2ª ed. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. Título original: De Civitate Dei.

FONTES MANUSCRITAS

ARQUIVO ECLESIAÍSTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA

Livro de Receitas e Despesas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Catedral de Mariana (1747-1810), fl. 5v; (1747-1832), fl. 3.

Livro de Receitas e Despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1735-1815) da Matriz de São João Batista do Morro Grande, fl. 103.

Livro de Eleições e Termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1741-1805) da Matriz de Santa Bárbara, fl. 13,13v, 15v, 19v e 28v.

ARQUIVO ECLESIAÍSTICO DA DIOCESE DE SÃO JOÃO DEL-REI

Livro de Entrada de Irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Livro 18, Tomo II (1717-1790), fl. 115.

ARQUIVO ECLESIAÍSTICO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (Ouro Preto)

Códice 5.3.1. Estante 05, prateleira 25 – Livro da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição (1726–1805) da Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx: 5, Doc: 67. Representação dos oficiais da Câmara de Vila Rica, dando conta do mau estado e perigo que corria a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica e solicitando ordem para a sua obra.

Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 21, Doc: 15. Requerimento da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz da Vila de São José do Rio das Mortes, solicitando a D. João V a concessão de ajuda de custo para poder ornar e aparamentar a referida Igreja. Em anexo 2 cartas; 2 provisões.

Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 21, Doc: 36. Requerimento dos irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz da freguesia da Vila de São José, solicitando a D. João V a atribuição de esmola para poder ornar e aparamentar a referida Igreja.

Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 26, Doc: 46. Carta de António Berquó Del Rio, provedor da Fazenda Real das Minas, informando, com o seu parecer, sobre a pretensão da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de São José do Rio das Mortes em se lhe conceder esmola para ornar e aparamentar a referida Igreja. A margem: 1 provisão (cópia).

Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 28, Doc: 58. Requerimento do provedor e mais irmãos da Mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento da freguesia de Nossa Senhora do Pilar, da Vila de São João Del Rei, pedindo a restituição do pagamento que fizeram na Casa dos Quintos, e que lhes seja arbitrada cônica anual para a

despesa do azeite da lâmpada do Santíssimo e ajudas de custo para as obras da capela-mor daquela Vila. Em anexo: 1 carta; 1 j.

Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 34, Doc: 67. Consulta do Conselho Ultramarino sobre o requerimento do provedor e mais irmãos da Mesa do Santíssimo Sacramento da freguesia de Nossa Senhora do Pilar, da Vila de São João Del Rei, Comarca do Rio das Mortes, no qual pedem a restituição dos quintos que pagaram na Casa da Moeda, que se lhes arbitre cômgrua anual e ajudas de custo para as obras da capela-mor e Igreja.

Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx: 53, Doc: 30. Carta de D. fr. Manuel da Cruz, bispo de Mariana, para o D. João V, dando o seu parecer sobre se a Igreja Matriz de Mariana podia servir de Catedral, após algumas beneficiações e se havia casas que pudessem servir de Palácio Episcopal.

Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 114, Doc: 8. Requerimento do Provedor e mais oficiais da Irmandade do Santíssimo Sacramento da freguesia e catedral de Mariana, pedindo que seja construída, às expensas da Fazenda, uma capela na referida catedral, dedicada ao dito Santo.

ARQUIVO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO PILAR (Ouro Preto)

Livro de Receita e despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1749-1810) da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, vol. 218, fl. 46 v.

Livro de Receita e Despesa, Termos e Deliberações da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos (1737-1777) da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, fl.19v.

Livro de Receita e Despesa da Irmandade de Santo Antônio (1799-1827) da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, fl. 14 e 17.

ARQUIVO PAROQUIAL DE TIRADENTES

Livro de Receita e Despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1736-1761), fl. 31v, 36, 40v, 41v, 58, 83v.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (Belo Horizonte)

Seção Colonial – 06, fl.20-21. (Termo de ereção de Vila Rica. 8 de julho de 1711).

Câmara Municipal de Ouro Preto (CMOP) – 06, fls.113-114. (Registro de hua promessa feita pelos oficiais da Camara desta Villa p^a. a fatura da nova Igreja Matriz de N. Sra do Pillar desta Villa).

Seção Colonial – Delegacia Fiscal, código 1075, fl. 104 (Termo de lançamento da arrematação da obra de talha do retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, 10 de maio de 1758), fl. 127-130 (Termo de fiança da obra do retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, 4 de agosto de 1760).

PROVISÃO para transladação do Santíssimo e imagens da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto para a Capela do Rosário da mesma freguesia. LIMA, Augusto de. (DIR.) Constr.^m da Matriz de Ouro Preto. *Revista do Archivo Publico Mineiro*. Belo Horizonte: Imprensa Official de Minas Geraes, Anno VII, Fascículos I e II, jan/jul 1902. p. 987-988.

CASA DOS CONTOS – Centro de Estudos do Ciclo do Ouro (Ouro Preto)

Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Irmandade do Santíssimo Sacramento. TERMOS, ACÓRDÃOS E LEMBRANÇAS, Volume 224, Filme 011.



ANEXO 1

INSTRUCTIONUM FABRICAE ECCLESIASTICAE ET SUPELLECTILIS
ECCLESIASTICAE LIBRI II. CAROLI S. R. E. Cardinalis tituli s. Praxedis,
Archiepiscopi iussu, ex provinciali Decreto editi ad provinciae Mediolanensis usum.
MEDIOLANI, Apud Pacificum Pontium, Typographu[m] Illustriss. Cardinalis S.
Praxedis Archiepiscopi 1577. (CAPUT XIII.)



Instruct. Fab. Eccl.

spatio potest, patere, etiam in hemicycli, vel in alterius forma, pro ratione cappella, ecclesiae, modum architecti iudicio debet, ut et amplitudine, et ornatu item decenti, ecclesia dignitati, cleriq. multitudini aptè respondeat.

DE TABERNACULO SANCTISSIMÆ Eucharistiæ. CAP. XIII.

Q*uoniam vero ex decreto provinciali tabernaculum sanctissime Eucharistiæ in altari maiori collocari oportet, de eo instructionem aliquam hoc loco fieri conuenit.*

Primo illud in ecclesiis insignioribus, ubi potest, e laminis argenteis, aut aeneis, ysdemq. inauratis, aut e marmore pretiosiori, fieri decēs est.

Quod tabernaculi opus, polite elaboratum, et apto, beneq. inter se compactum, pijs item mysteriorū passionis Christi Domini imaginibus exculptū, et inaurato artificio certis locis, periti uiri iudicio, decoratū, religiosi,

Liber . I . 21

ligiosi, et uenerādi ornatus formam exhibeat. Intrinsicus autem tabulis populeis circumamictum esse debet, uel alijs eiusmodi, ut ab humiditate, quæ ex metalli marmorisue genere existit, sanctissima Eucharistia illo amictu omnino defendatur.

Vbi tabernaculum eiusmodi nō fiat; tunc è tabulis non nuceis, uel alijs, quæ humiditatem gignunt, sed populeis, aut similibus polite elaboratis, et religiosarum, ut supra, imaginum sculptura ornatis, iisdemq. inauratis, extruatur.

Amplum pro dignitate, et magnitudine, rationeue ecclesie, in cuius altari maiori collocandum est.

Forma, uel octangula, uel sexangula, uel quadrata, uel rotunda, prout decentius, et religiosius accommodata uidebitur ad ecclesie formam.

In sūmo tabernaculo sit imago Christi, gloriose resurgēis, uel sacra uulnera exhibentis: uel si in altari exigua alicuius ecclesie p. tabernaculi

Instruct. Fab. Eccl.

Occupationem congruus locus cruci, quae alias super eo collocaretur, esse non potest, ea pro alia sacra imagine in tabernaculi summitate uel perpetuo affigatur: uel processionum causa aliquando amouenda, decore constituatur, affixa Christi crucifixi sacra effigie.

Bene praeterea idem tabernaculum, super altari basis ornata firmitudine suffultum, aut firmis altaris gradibus, decore confectis, aut angelorum statuis, alijsue suffulcimentis, religiosum ornatum exhibentibus, sustentatum, firmiter fixum habeat; tum bene etiam clauem munitum sit.

A summo fronte altaris procul collocatum extet, non minus cubito uno, et uncijis sexdecim, ita ut corpore late expandi, et pixis, cum aliquando usu uenit, commode in altari poni possit; neque rursus a fronte sic distet, ut ad sacram Eucharistiã deprimendam, sacerdoti gradu etiã ligneo opus sit; nisi situs, et illius
 stru-

Liber . I . 22

structura ratio aliud necessario postulet . In insignioribus porro ecclesiis , ubi praesertim à tergo altaris chorus est , proq. illarum structura ratione , eius altaris latitudo ampla admodum est , remotius esse potest : quoniam ab illa chori parte posteriori commode , et decenter ipsa sacra Eucharistia è tabernaculo sumi potest ; tuncq. ab eadem chori parte ostiolum alterum praescripta forma fiat .

Atque sub tabernaculo armariolum nullum sit ; ac ne asseruandis quidem libris , suppellectiline ecclesiae locus sit .

Vbi in altari ita , ut supra , collocari , suffulcirine pra illius angustia tabernaculum totum non potest : a tergo suppositis basibus , aut alijs suffulcimentis , bene firmis , illud , aut totum , aut pars nitatur , ea tamen forma , et ratione , ut neque spatium inter altare , et parietem interiectum , quando exiguum est , impediatur ;
quominus

Instruct. Fab. Eccl.

*quominus altare circumiri possit .
Panno serico rubri coloris, si ambro-
siani ritus ecclesia sit; aut albi, si Ro-
mani, intus ab omni parte acstitum,
atque ornatum sit .
Ostiolum habeat ab anteriori parte
ita patens, ut paruulum alterum
tabernaculum, quod intus in eo in-
cluditur, facile commodeq. intro-
ducatur, et expromatur: ita prae-
terea ad aperiendum accommodatū,
ut totum in frontispicio à latere pla-
ne haerens, sacerdotis, inde sacram
Eucharistiam depromentis, brachi-
um, manumue non impediat. Sit
uero ornatum, sacra Christi Domini
Crucifixi, aut resurgentis, aut uul-
neratum pectus exhibentis, imagi-
ne, aut alia pia effigie .*

DE CAPPELLIS, ET ALTARIBVS
minoribus. CAP. XIII.

H*Aec breuiter de altari, et cappella
maiori, deq. adiunctis dicta sint.
restat separatim alia instructio de
cappellis,*



ANEXO 2

Breve histórico do processo de construção e ornamentação interna das matrizes da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, da Vila de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo, da Vila Rica, da Vila de São João d'El Rey e da Vila de São José d'El Rey durante o século XVIII



A) A Matriz da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará

O processo de edificação da igreja matriz da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição, bem como a autoria do seu projeto arquitetônico e o nome dos artistas e artífices que trabalharam em sua construção e ornamentação interna, não pode ser registrado com a precisão histórica desejada. De acordo com a tradição oral de Sabará, os antigos documentos da matriz (livros paroquiais e confrarias) foram queimados em época incerta por um pároco que temia contrair a lepra de seu antecessor. Para livrar-se de qualquer risco de contaminação, ele teria incinerado tudo o que o padre doente tocou. Também contam os atuais moradores da cidade que na década de 1940 as fontes primárias utilizadas por Zoroastro Viana Passos para escrever o livro *Em torno da História de Sabará* foram consumidas em um incêndio acidental que atingiu o cômodo de sua casa onde a documentação estava guardada. Sinistros à parte, o edifício matricial e sua decoração sobreviveram como testemunho material dos tempos de outrora.¹⁸⁷

Segundo as pesquisas de Zoroastro Viana Passos, a “Igreja Nova” de Nossa Senhora da Conceição foi edificada em sítio próximo ao da “Igreja Velha” (primitiva capela erigida à direita do rio Sabará ainda no século XVII).¹⁸⁸ A construção do novo edifício teria sido iniciada por volta de 1700/1701 e sua solene inauguração se dado em 8 de dezembro de 1710.¹⁸⁹ Obviamente que nessa época a ornamentação do

¹⁸⁷ PASSOS, Zoroastro Viana. *Em torno da História de Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942. vol. 2. p. 55-150. ALMEIDA, Lúcia Machado. *Passeio a Sabará*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. p. 108-117. BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983. vol. 2, p. 94-95. GOMES, Leonardo Magalhães; SILVA, Carla de Castro. *Matriz de Nossa Senhora da Conceição: história e preservação*. Belo Horizonte: [s. n.], 2009. p. 13-77.

¹⁸⁸ Zoroastro Viana Passos afirma que a chamada “Igreja Velha” permaneceu de pé até 1766 e que coexistiu, portanto, com o edifício da “Igreja Nova” (chamada assim desde 1714 e denominada “Igreja Grande” ou “Igreja Matriz” na documentação consultada por ele a partir de 1720). PASSOS, Zoroastro Viana. *Em torno da História de Sabará... op.cit.*, vol. 2.p. 88, 55-150.

¹⁸⁹ Zoroastro Viana Passos registrou as datas do início da construção e inauguração da “Igreja Nova” com base na tradição oral de Sabará. Contudo, ponderando sobre o assunto, Germain Bazin escreveu: “deve-se observar que a inauguração solene em 1710 não indica que a igreja estivesse pronta. Pelo contrário, esta cerimônia tinha lugar na ocasião em que parte do templo, pela qual haviam sido iniciados os trabalhos – capela-mor ou corpo da igreja – pudesse ser utilizada, sem que fosse necessário esperar o final das obras.” BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil... op. cit.*, vol. 2, p. 94. Sylvio de Vasconcelos – sem indicar a fonte – afirma que a inauguração do templo se deu em 1713. VASCONCELLOS, Sylvio de. *Cronologia das Igrejas Mineiras*. In: *Sylvio de Vasconcellos: arquitetura, arte e cidade: textos reunidos*. Organização de Celina Borges Lemos. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2004. p. 61.

interior do templo – quase todo recoberto com talha dourada e pinturas decorativas – estava longe de ser concluída. De acordo com o Inventário de Bens Móveis e Integrados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a parte central do retábulo da capela-mor foi talhada, provavelmente, em 1710 e a parte lateral (onde estão os nichos), bem como o coroamento extra arquivoltas concêntricas, foi acrescentada entre os anos 1725 e 1735.¹⁹⁰

Salienta-se que a origem portuguesa da imagem de Nossa Senhora da Conceição que se encontra na tribuna do retábulo-mor desde meados do século XVIII foi recentemente contestada pela restauradora Carla de Castro Silva. Segundo ela:

Durante os trabalhos de restauração descobriu-se que a imagem foi, provavelmente, elaborada em Sabará e não em Portugal como se supunha anteriormente.

Executada em cedro brasileiro, a imagem apresenta seu interior oco. Este foi desbastado propositalmente pelo escultor, podendo este fato ser notado pelas marcas de goivas e formões existentes. Essa tecnologia era muito utilizada em esculturas de madeira de grandes dimensões pelos mestres do séc. XVIII e tinha o intuito de evitar que as peças se rachassem em ambientes de altos e variáveis índices de umidade relativa. A imagem de Nossa Senhora da Conceição mede 2,70 m de altura.

Na parte posterior da imagem, foram encontrados dois recortes, no manto e na base, fixados com cravos e camuflados com massa feita de gesso e cola sob as camadas de policromia e de douramento originais. Estando os cravos muito oxidados, foram removidas estas “tampas” posteriores da escultura para se ter acesso à área interna para a realização dos serviços de limpeza e de imunização preventiva. Foi grande a surpresa da equipe de restauração quando se observou que a tampa da parte posterior da base da imagem (em forma de nuvens) foi elaborada com uma peça de madeira de cedro que contém, por dentro, um entalhe inacabado de desenho similar ao de um dos pilares das arcadas da nave principal.¹⁹¹

O interior da “Igreja Nova”, diferentemente da maioria dos templos erigidos nas Minas Gerais setecentistas, – à exceção da Catedral de Mariana – apresenta três naves separadas por arcadas. No pseudotransepto¹⁹² e nas naves laterais, onde

¹⁹⁰ IPHAN/BH. *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados. Sabará - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e Passo da Sapucaí*. Região Metropolitana de Belo Horizonte – Módulo 1, s/d.

¹⁹¹ GOMES, Leonardo Magalhães; SILVA, Carla de Castro. *Matriz de Nossa Senhora da Conceição... op. cit.*, p. 63-64. (Ressalta-se que o trono do altar-mor foi originalmente confeccionado para abrigar uma escultura de pequenas dimensões. Por esta razão, a imagem de Nossa Senhora da Conceição – produzida em meados do século XVIII para substituir a anterior – foi instalada na tribuna do retábulo, à frente do trono).

¹⁹² A planta arquitetônica da matriz de Sabará – assim como a da maioria dos templos mineiros – é retangular e destituída, portanto, de braços e transepto que lhe conferiria a forma de cruz latina.

se localizam os altares das irmandades instituídas no âmbito paroquial,¹⁹³ foram instaladas oito capelas com forro em abóboda de aresta. Os retábulos próximos ao arco do cruzeiro e os primeiros e terceiros da nave (lado da epístola e do evangelho) foram produzidos entre 1710 e 1735. Os outros dois que compõem o conjunto foram confeccionados após 1750, sendo conhecida a autoria somente daquele situado no lado da epístola. A documentação compilada por Zoroastro Viana Passos demonstra que em 1766 a Irmandade de Nossa Senhora do Amparo resolveu fazer um novo altar para a sua padroeira seguindo o modelo do retábulo de Nossa Senhora do Carmo que se encontrava defronte.¹⁹⁴ A obra foi arrematada em 1768 pelo mestre carpinteiro Veríssimo Vieira da Mota, sendo ajustado em contrato o prazo de nove meses para a entrega do serviço.

B) A Matriz da Vila do Ribeirão do Carmo e a Catedral de Mariana

Em 1713, às expensas dos fregueses agremiados em irmandades,¹⁹⁵ iniciou-se na Vila do Ribeirão do Carmo a construção de um novo templo matricial dedicado

Contudo, ao longo do texto usar-se-á o termo transepto (ou mais adequadamente pseudotransepto) para descrever a disposição dos retábulos no templo.

¹⁹³ Irmandade do Santíssimo Sacramento (1711), de Nossa Senhora do Rosário (1713), de Nossa Senhora do Amparo (1740), de Nossa Senhora do Carmo (1761), de Nossa Senhora das Mercês (1778), de Nossa Senhora da Expectação do Parto (s.d), de Nossa Senhora da Conceição (s.d.), de São Miguel e Almas (s.d). Consulte: BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986. p. 218.

¹⁹⁴ “Termo que se determina entre os irmãos da Irmandade de N. Sra. do Amparo em que uniformemente em mesa Redonda acentarão para sefazer o Altar da dita Snra emcorrespondencia do outro de N. Snra do Monte do Carmo exceptuando o camarim o que for a grossura daparede que não poderá se tão grande quanto o outro. Aos seis dias do mez de Abril de mil sete centos e cesenta e seis annos nesta Igreja Matriz de Nossa Snr.^a da Conceyção do Sabará uniformemente acentarão os Irmaonz novos e velhos em que se fizesse a pintura do Altar de N. Snr.^a do Amparo e a talha que fosse perciza donde resolverão os ditos Irmaonz que sem embg^o do Capitulo do nosso Compromisio em que Somos obrigados afazer festa a oito de 7bro que hé dia da mesma Snr.^a acentarão em que Senão fizesse festa como Rendim^{to} deste prezente anno digo Como Rendim^{to} da Irmande. e porque estes se applicão p^a a d^a eeste se ajustara comque a melhor fizer e mais acomodada. Sendo primeyro atendidos aos Irmaonz dad^a Irmandade cada hum conforme os seus officios p^a descontar oque elles deverem ad^a Irmandade e por asim sedeterminar uniforme mente no acima referido no Empedim^{to} doescrivão Antonio Dias da Silva escrevy este termo que o d^o aSignou e Sobscrevo em dito dia era ut supra eeu Manoel Alves Pr^a Xavier que este fiz no empedimento do dito escrivão.” (Transcrição feita por PASSOS, Zoroastro Viana. *Em torno da História de Sabará... op. cit.*, p. 132). O contrato de arrematação da obra foi firmado com Virícimo Vieira da Mota em junho de 1768. (cf. transcrição feita por PASSOS, Zoroastro Viana. *Em torno da História de Sabará... op. cit.*, p. 133-134).

¹⁹⁵ Santíssimo Sacramento (cuja fundação é anterior a 1713), Nossa Senhora da Conceição (ant. a 1713), São Miguel e Almas (ant. a 1713), Rosário dos Pretos (ant. a 1715), Senhor dos Passos (ant. a

a Nossa Senhora da Conceição. Sob a responsabilidade do mestre Jacinto Barbosa Lopes a estrutura arquitetônica foi concluída em madeira e taipa por volta de 1718. Em 1720 comprou-se no Rio de Janeiro uma grande pintura com a representação de Nossa Senhora da Conceição para ser instalada como pano de boca do altar-mor que ficou pronto em 1727 (data em que José Martins e Manuel de Sousa e Silva terminaram o douramento da talha). Poucos anos depois, mais precisamente em 1734, o edifício passou por uma importante obra de reedificação arrematada pelo pedreiro Antônio Coelho da Fonseca. Nesta época o templo foi dividido em três naves, sendo o seu pseudotransepto formado a partir do alargamento e da duplicação da altura das arcadas próximas ao arco do cruzeiro.¹⁹⁶

Em 1749, quando Dom Frei Manuel da Cruz avaliou as condições da matriz escolhida para ser a Catedral de Nossa Senhora da Assunção, o entalhador José Coelho de Noronha estava trabalhando nos dois retábulos instalados em chanfro no arco do cruzeiro (um dedicado a Nossa Senhora da Conceição, a antiga padroeira do templo, e o outro a São José);¹⁹⁷ os altares situados no pseudotransepto também não estavam concluídos: a talha do retábulo do lado da epístola (pertencente a Irmandade de São Miguel e Almas), cujo arrematante do serviço era Félix Ferreira Jardim, estava atrasada¹⁹⁸ e a do retábulo do lado do evangelho (dedicado a Nossa

1720), São Pedro dos Clérigos (ant. a 1731), Nossa Senhora do Carmo (ant. a 1751), São Francisco de Assis (1748). cf. BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o Poder... op. cit.*, p. 215.

¹⁹⁶ Sobre a história da edificação e ornamentação da Matriz de Nossa Senhora da Conceição e posterior Catedral de Nossa Senhora da Assunção consulte: VASCONCELLOS, Salomão de. *Mariana e seus templos*. Belo Horizonte, 1938. VASCONCELLOS, Salomão de. *Breviário Histórico e Turístico da cidade de Mariana*. Belo Horizonte, 1947. *Mariana: arte para o céu*. Belo Horizonte: Comissão Pro-Restauração da Catedral e Orgão da Se de Mariana, 1985. IPHAN/BH. *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados: Mariana - Igreja Catedral de Nossa Senhora da Assunção/Sé de Mariana, Passo da Ladeira do Rosário e Passo da Ponte de Areia. Módulo 2., s/d*. BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil... op. cit.*, vol. 2, p. 67-70. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana... op. cit.*, vol. 2, p. 119-131.

¹⁹⁷ AEAM – Livro de Receitas e Despesas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição (1747-1810), fl. 5v; (1747-1832), fl. 3. Em virtude da semelhança estética, a talha do outro retábulo instalado em chanfro no arco do cruzeiro (lado da epístola) é atribuída a José Coelho de Noronha.

¹⁹⁸ No dia cinco de outubro de 1749 a Irmandade de São Miguel e Almas impetrou uma ação cível contra Félix Ferreira Jardim – arrematante da obra de talha do retábulo situado no pseudotransepto da Sé de Mariana (lado da epístola). A ação foi movida porque o réu não cumpriu o prazo contratual que estabelecia 385 dias para a conclusão do serviço. Expirado o prazo há 35 dias, a irmandade tomou as providências cabíveis para fazer valer as penalidades que estavam registradas no contrato de arrematação. Félix Ferreira Jardim argumentou que o atraso nas obras era decorrente de inovações feitas nas molduras do retábulo com vistas a deixá-lo mais moderno e condizente com o gosto estético em voga. Contudo, sua defesa não surtiu efeito, pois a justiça entendeu que as inovações não estavam previstas no risco inicial da obra e que não haviam sido acertadas

Senhora do Rosário) estava pronta, mas ainda não havia sido dourada.¹⁹⁹ Em 27 de fevereiro de 1749, de acordo com o parecer enviado pelo primeiro bispo de Mariana à coroa portuguesa, muitas obras ainda precisavam ser feitas no templo:

Senhor,

Foi vossa Majestade servido mandar me informar com o meu parecer, se a matriz desta cidade é capaz de ser catedral, fazendo-se-lhe alguma obra; se há algumas casas suficientes de serem palácio episcopal para a residência dos bispos. **Enquanto a matriz é templo capacíssimo de ser catedral;** porém como ainda não está totalmente acabado, quando chegou a notícia da ereção deste novo bispado; e desta cidade, se suspenderam as obras, e assim se faz preciso fazerem-se as seguintes: deve-se pagar o acrescentamento, que se fez à capela-mor antes de eu chegar a esta cidade, e ainda depois se continuou, e se fez este acrescentamento, e coro para os cônegos com aprovação do governador, e capitão-general, de que dará conta, a qual capela-mor ficou perfeítíssima, e só lhe faltam cancelos, que são precisos: deve-se fazer uma sacristia com os caixões necessários para os cônegos, uma casa capitular, que será de pouco custo; porque as paredes estão feitas, e cobertas: deve-se acabar de forrar alguma parte pequena da igreja, que ainda não tem forro; e tanto este, como o que está feito se deve pintar, e o da capela-mor com mais alguma perfeição. A igreja é de arcos, e tribunas por cima, e em uma delas se há de assentar o órgão,

posteriormente (isto é, incluídas no contrato firmado) com a contratante. Assim, ao final do processo, Félix Ferreira Jardim foi obrigado a ressarcir a irmandade conforme as cláusulas contratuais e terminar a talha do retábulo às suas expensas. cf. PEDROSA, Aziz José de Oliveira. Uma oficina de talha na Sé de Mariana. O fazer artístico e o contrato de trabalho. *Revista Varia História*, Belo Horizonte, vol. 29, n° 50. p. 597-631, mai/ago. 2013. Neste retábulo comprovadamente trabalharam os entalhadores José Coelho de Noronha, Manoel João e Amaro dos Santos; o pedreiro Manoel Gomes; os carpinteiros Antônio Pereira e Luiz Mendes; o carapina Simão Franco Monteiro. Sobre o assunto consulte: PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofício nas Minas Gerais do século XVIII*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Arquitetura, 2012. (Arquitetura e Urbanismo, Dissertação de mestrado). p.103.

¹⁹⁹ Os primeiros retábulos da nave, a partir da entrada principal do templo, dedicados a São Francisco de Assis e Santo Antônio (lado do evangelho e da epístola, respectivamente), são contemporâneos aos localizados no pseudotransepto (o de Nossa Senhora do Rosário e o de São Miguel e Almas, executados entre 1748 e 1750) e aos instalados em chanfro no arco do cruzeiro (o de Nossa Senhora da Conceição e o de São José, executados entre 1744 e 1750). Os dois seguintes, o de São Pedro e o de Santa Luzia (lado do evangelho e da epístola, respectivamente) foram executados, provavelmente, ente 1755 e 1760. O frontão em forma de balestra no coroamento do retábulo de São Pedro e a tipologia dos anjos do seu sacrário evidenciam, segundo Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira e Adalgisa Arantes Campos, a participação do entalhador Francisco Vieira Servas neste trabalho. Os dois retábulos seguintes, situados antes do pseudotransepto e dedicados a São João Evangelista e Santa Bárbara (lado do evangelho e da epístola, respectivamente), são os mais antigos do conjunto retabulístico da nave. O de São João Evangelista (lado do evangelho) é contemporâneo ao da capela-mor (cuja talha foi executada na segunda década do século XVIII) e o de Santa Bárbara (lado da epístola) “reduzido à ordenação arquitetônica da igreja e, portanto, inconcluso, pode ser tomado como testemunho da época em que se completou esta ordenação, composta de seis arcadas com tribunas na nave e duas de dupla altura para constituição do transepto”. cf. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana... op. cit.*, vol. 2, p.127-129. De acordo com os estudos de José de Oliveira Pedrosa Aziz, o entalhador José Coelho de Noronha – por comprovação documental – realizou trabalhos de talha nos retábulos de Nossa Senhora da Conceição, de São Miguel e Almas e de Santo Antônio. Por análise estilística, mas sem prova documental, o pesquisador demonstra que José Coelho de Noronha também trabalhou nos altares de São José, de Nossa Senhora do Rosário e de São Francisco. Sobre o assunto consulte: PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofício nas Minas Gerais do século XVIII... op. cit.*, p. 97-115.

para o que se deve fazer uma varanda: **o retábulo para a capela-mor pode ficar o mesmo, que é bom, e está dourado; mas como este retábulo é da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que agora está colocado em uma capela do rosário no cruzeiro da parte do evangelho, cuja capela necessita de se acrescentar ao menos uma braça, e tem já retábulo perfeito, mas não dourado, me parece justo, que se faça esta obra à custa da Fazenda Real, vista a grande despesa, que a Irmandade e o povo fez com a capela-mor, o seu retábulo, e toda a igreja.** Deve-se também fazer um pátio à porta principal da igreja com algumas escadas, para que fique mais levantado para evitar a passagem de cargas, carros e animais. Finalmente deve-se fazer as grades, e portas que faltam nas janelas da igreja, e juntamente rebocá-las, caiá-las, e retelhá-las; **e feitas estas obras, fica um templo tão majestoso, que dizem os práticos se não fará agora com menos de duzentos mil cruzados (...)** Vossa Magestade mandará o que for servido.²⁰⁰

As obras que o edifício carecia em 1749, conforme o parecer do bispo Dom Frei Manoel da Cruz, foram executadas ao longo da segunda metade do século XVIII, sendo algumas realizadas no século XIX. A instalação do órgão Arp Schnitger em 1753 – comprado pelo rei Dom João V e enviado de presente à recém-criada sede episcopal de Mariana pelo rei Dom José I – demandou a construção de uma varanda com piso mais baixo que o coro e uma pequena adaptação no forro. O douramento do conjunto dos retábulos laterais da nave e o serviço de pintura dos forros da capela-mor e nave foram arrematados em 1760 pelo pintor bracarense Manoel Rebelo e Souza. Neste mesmo ano Antônio José da Fonseca fez os balaústres da capela-mor e em 1761 as grades do coro. Em 1791 José de Meireles acrescentou dois nichos no altar-mor para colocação das imagens de São João Nepomuceno e São Francisco Borja, sendo estes nichos dourados no mesmo ano por João Lopes Maciel.

C) As duas sedes paroquiais de Vila Rica (Ouro Preto)

Vila Rica, diferentemente dos outros núcleos de povoamento da região aurífera, tinha duas paróquias: a de Nossa Senhora do Pilar, situada no antigo

²⁰⁰ *Copiador de algumas cartas particulares do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manoel da Cruz, Bispo do Maranhão e Mariana (1739-1762)... op.cit., Carta nº 130 (Outra para o mesmo senhor pelo Conselho Ultramarino – 1749), p. 239-241. (Grifos meus). O mesmo documento encontra-se disponível em: AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx: 53, Doc: 30. Carta de D. fr. Manoel da Cruz, bispo de Mariana, para o D. João V, dando o seu parecer sobre se a Igreja Matriz de Mariana podia servir de Catedral, após algumas beneficiações e se havia casas que pudessem servir de Palácio Episcopal.*

arraial do Ouro Preto, e a de Nossa Senhora da Conceição, no do Antônio Dias.²⁰¹ Durante a primeira década do século XVIII as primitivas capelas erigidas nestes sítios foram adaptadas para exercerem a função de matriz e já no final da segunda década foram demolidas para se edificar templos maiores e mais aptos a receberem o crescente número de fiéis.

C1) A Matriz de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto

A construção do novo templo matricial dedicado a Nossa Senhora do Pilar iniciou-se em 1728 sob o financiamento das confrarias fundadas no âmbito paroquial – em especial as irmandades do Santíssimo Sacramento (administradora das obras) e de Nossa Senhora do Pilar.²⁰² Em 1730 os oficiais do Senado da Câmara de Vila Rica prometeram doar “doze mil cruzados das rendas do Conselho” para a fatura e aperfeiçoamento da nova igreja:

M. Nobres Senhores do Senado
Diz o Prov^R. e mais Officiais e Irmãos da Meza e Irmand^e. do S. Smo. Sacram^{to}. da Igr^a. Matriz de N. Sra. do Pillar desta Villa Rica do Ouro Preto, **que por estar pequena, arruinada, e em termos de cahir a d^a. Igr.**, acordaram uniformemente todos os seus freguezes, com autoridade do Prelado, e do Parocho, **em demolila p. erigirem outra de novo com mais capacidade e sigurança, como com effeito a tem já principiado formando lhe alicerces de extraordinaria grandeza afim de a fazerem mais duravel e grande de que o estava a antiga** em razão de ser muito mais numerozo este povo e hirem sempre augmentaoce as Minas e especialmente esta Villa como cabessa de mas na coal de dia em dia se estabelecem e vão multiplicando as familias com casas q. edificam e fazem

²⁰¹ Vila Rica, cujo termo de ereção data de 8 de julho de 1711 (APM, SC – 06, fl.20-21), formou-se a partir da integração dos arraiais de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, Padre Faria e Antônio Dias.

²⁰² No início da segunda década do século XVIII cinco dos sodalícios nascidos na Matriz do Pilar redigiram compromissos e se oficializaram obtendo aprovação da Mesa de Consciência e Ordens, ou do Bispado mais próximo, a saber: Irmandade do Santíssimo Sacramento (1712), de Nossa Senhora do Pilar (1712), de São Miguel e Almas (1712), de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (1715) e do Senhor dos Passos (1715). Houve ainda quatro associações que não se oficializaram, ou seja, mantiveram-se como devoção e não submeteram estatutos para aprovação das autoridades competentes. São elas: Irmandade de Santo Antônio, de Nossa Senhora do Terço, de Nossa Senhora da Conceição e de Santana. cf. MENEZES, Joaquim Furtado de. *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto... op. cit.*, p.71-94. BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o Poder... op. cit.*, p. 217-218. CAMPOS, Adalgisa Arantes. Locais de sepultamento e escatologia através de registros de óbitos da época barroca: a freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. *Revista Varia História*, Belo Horizonte, n° 31, p. 159-184, Jan. 2004. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana... op. cit.*, vol. 2, p. 39-51. SANT'ANNA, Sabrina Mara. A igreja de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica, matriz do bairro Ouro Preto: o mecenato confrarial e a ornamentação dos sacrários. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes (Org.). *De Vila Rica à Imperial Ouro Preto... op. cit.*, p. 31-53. Ressalta-se que o Senado da Câmara também doou recursos para a edificação do templo, mas a maior parte da receita destinada ao financiamento das obras foi arrecadada pelos esforços simultâneos das irmandades leigas.

novamente sendo tudo em conservação e extenção da conquista e interesses Régios e do público e particular a que os templos servem de mais firme e fixo fundam^{to.}, como colunas q. são das Republicas pias e christaañs, e almas dellas o culto Divino, e serviço de Deos Nosso Sr. e **porq. p. a continuação da já começada, e mais que precisa fábrica, não bastão todas as esmolas dos fieis, e de pessoas particulares q. se tem prometido e tirado, nem as dos supp^{tes.} juntamente com elas, por ser os pagam^{tos.} que se devem fazer aos rematantes repetidos e grandes e não poder suprir a tudo a devoção e zelo do povo, e sem ajuda de brasso superior será impossível apreifeisoar a obra da d^a. Igr^e. p. com a devida descencia se celebrarem nella os officios Divinos** = em razão de serem os materiais carissimos e os jornaes dos obreiros precisamente violentos por grandes atendendo ao estado da terra onde tudo entra de fora e athé as Madeiras vem de distancias grandes com muito custo e despesa; e alem do referido he este o único templo q. como mais antigo da Villa, serve, e serviu sempre de Matriz, onde se celebram as festas de Corpo de Deos e Padroeiro da Terra, e todas mais q. no decurso do anno tem obrigação de celebrar o publico a q. deve assistir como [ilegível] em Corpo de Camara este nobre Senado sendo tambem a em que se dá e deu sempre posse e entrada aos Exmos. Governadores da Provincia e a em q. S. Mag. Q. Deus gde. manda porisso fazer anualmente as suas costumadas, e liberaes offertas, ou donativos pelo seu Superhintendente Gal. da Caza da Moeda, assim na função da festa de Corpus Christi, como na da Imaculada Conceição da Sra. no q. tudo, e sempre foy perferida por Matriz a d^a. Igr^a. de Ouro Preto, por cujos respeitos se faz digna de q. o público da Va. q. toda representa este grande Senado, concorra tambem p^a. sua facção com alguma esmola avantejada, pois sem ella não poderá ter fim nem subsistencia a obra.

P.a.V.M^{ces.} lhes façam m^{ce.} arbitrar p. a ereção do d^o. templo a esmola q. forem servidos nas rendas do Conc^o athé confirmação de Sua Mag^{de}. visto como tanto cede em beneficio commum e bem das almas e **consumação de obra** tão necessária e piissima p. nella melhor se poderem celebrar as funções da República com a devida solenidade, aparato e grandeza, e Recebera mercê. – **Despacho: Havendo S. Mag^{de}. q. Deos g^{de}. por bem, prometem doze mil cruzados das rendas do Concelho p. a d^a. Igr^a. Matriz de N. Sra. do Pillar de Ouro Preto.** Vila Rica em camara de trinta de mayo de setecentos e trinta.²⁰³

Com projeto arquitetônico do engenheiro Sargento-mor Pedro Gomes Chaves, a edificação começou pelo corpo da nave. A capela-mor foi demolida em 1731 e o Santíssimo Sacramento provisoriamente transladado para a Capela da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.²⁰⁴ Em 1733 a estrutura

²⁰³ APM, Câmara Municipal de Ouro Preto (CMOP) - 06, fls.113-114. Registro de hua promessa feita pelos officiais da Camara desta Villa p^a. a fatura da nova Igreja Matriz de N. Sra do Pillar desta Villa. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Agradeço a amiga historiadora Denise Duarte pela transcrição do documento na íntegra.

²⁰⁴ Em 1716 a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos deixou o recinto da Matriz do Pilar para erigir capela própria no Caquende (atuais bairros do Rosário, Água Limpa e parte das Cabeças). A Provisão que autorizou a transladação do Santíssimo Sacramento e imagens da Matriz de Nossa Senhora do Pilar para a Capela do Rosário, bem como a imagem do Senhor dos Passos para a Capela de São José da mesma freguesia, foi concedida pela Bispo do Rio de Janeiro em 8 de janeiro de 1731. “Constr.^m da Matriz de Ouro Preto ‘Ill^{mo} Sr. Diz o P.^e Francisco da Silva e Almeyda Vigr.^o Collado na matriz de N. S.^a do Pilar de Ouro Preto, que **os freguezes tem comessado a edificação da nova Matriz, e p.^a se findar querem lançar abaixo a Capella Mayor, e se faz**

arquitetônica da matriz já estava concluída, sendo realizada no dia 24 de maio a pomposa Procissão do Triunfo Eucarístico que marcou a reinauguração do edifício.²⁰⁵ Contudo, a ornamentação interna da nova sede paroquial, incluindo os serviços de talha, carpintaria, pintura e douramento – obras regidas por arrematações e contratos vários – só foi concluída em 1774.²⁰⁶ Salienta-se que o conjunto retabílistico da nave foi patrocinado pelas irmandades leigas instituídas na sede paroquial. O segundo altar-retábulo do lado do evangelho e os três localizados

preciso trasladar o Santissimo, e as Imagens p.^a a Capella de N. S.^a do Rozario, excepto a imagem do S. dos Passos, que a querem trasladar para a Capella de S. José, em que somente tem comodidade, e como a d.^a transladação ha de ser feita com prossição pública e para tudo necessita de Licença de V. Ill^{ma} Pede a V. Ill^{ma} Seja Servido mandar passar provisão p.^a a transladação e procissão na forma costumada. E. R. M. Passe Provisão na forma que pede. Rio 4 de Janr.^o de 1731.’ Com a Rubrica de S.Ill^{ma}.” “Provizão; ‘D. Fr. Antonio Guadalupe por mercê de Deos e da S.^a See Apostolica Bispo deste bispado de S. Sebastião do Rio de Janr.^o e do Conselho de S. Mag.^{de} q. D. g.^{de} &. ^{ra} Aos que esta nossa Provisão virem, Saude e paz em o S.; que de todos he verdadr.^o Remedio, e Salvação, Fazemos saber que attendendo nós ao que por sua petição retro nos enviou a dizer o R.^{do} Francisco da Silva e Almeida Vigr.^o de N. Sr.^a do Pilar, freg.^a do Ouropreto, e visto o que nella allega. Havemos por bem de lhe conceder Licença (como p.^{ta} presente nossa provisão lhe concedemos) p.^a que possa mudar o Santissimo, e as imagens da Igreja, qua se quer desfazer p.^a a Capella de N. S.^a do Rozr.^o sita na d.^a V.^a, e freg.^a. e ahi poderá o d.^o R.^{do} Parocho administrar a seus freguezes todos os Sacramentos, e fazer todas as mais funçoens parochiaes, como se estivera na sua propria Igreja; e tambem poderão mudar a Imagem do S. dos Passos p.^a a Capella de S. José, tudo em procissão com toda aquella decencia devida. Dada nesta Cid.^e de S. Sebastião do Rio de Janr.^o Sob nosso signal e sello da nossa Chancellaria aos 8 dias do mez de Janr.^o de mil setecentos trinta, e hum annos. E eu o P.^e José da Fonseca Lopes escrivão da Camara eclesiastica q, o subscrevi.’ Com a rubrica de S. Ill^{ma}. ‘Provizão porque V. Ill^{ma} ha por bem mandar passar ao R.^{do} Vigr.^o de Ouro Preto para fazer mudança do S.^{mo} e Imagens p.^a a Capella do Rozario, excepto a do S. dos Passos q he para a de S. José, tudo em procissão, e na forma a sima. P.^a V. Ill^{ma} ver.’” (Grifos meus). Transcrição feita por LIMA, Augusto de. (DIR.) Constr.^m da Matriz de Ouro Preto; Provisão. *Revista do Archivo Publico Mineiro*. Belo Horizonte: Imprensa Official de Minas Geraes, Anno VII, Fascículos I e II, jan/jul 1902. p. 987-988.

²⁰⁵ A Procissão do Triunfo Eucarístico – realizada para comemorar a reabertura da Matriz do Pilar e o retorno do Santíssimo Sacramento – bem como os vários dias de festa que precederam esta solenidade religiosa foram descritos por Simão Ferreira Machado em “Triumpho Eucharístico, exemplar da christandade lusitana em publica exaltação da fé na solemne transladação do Divinissimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, para um novo templo da Nossa Senhora do Pilar em Vila Rica corte da Capitania das Minas. Aos 24 de Mayo de 1733. Dedicado à soberana Senhora do Rosario pelos irmãos pretos da sua Irmandade, e à instancia dos mesmos exposto à publica noticia Por Siman Ferreira Machado natural de Lisboa, e morador nas Minas. Lisboa Occidental. Na Officina da Musica, debaixo da proteção dos Patriarchas São Domingos e São Francisco. M.DCC.XXXIV. com todas as licenças necessárias.” Edição fac-similada In: ÁVILA, Affonso (Org.). *Resíduos seiscentistas em Minas: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais / Arquivo Público Mineiro, 2006. vol. 1, p. 147- 299.

²⁰⁶ cf. BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil... op. cit.*, vol. 2, p. 78-82. MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974. vols. I e II. BASTOS, Rodrigo Almeida. *A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822)...*, *op. cit.*, p.102-205. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana... op.cit.*, vol. II, p. 39-51.

no lado da epístola foram executados entre 1733 e 1735 com a comprovada participação do mestre entalhador Manuel de Brito,²⁰⁷ sendo os outros dois – o primeiro (do altar-mor para a entrada do templo) e o terceiro do lado do evangelho – notadamente anteriores a esse período e oriundos, provavelmente, da capela primitiva.²⁰⁸

No dia 30 de abril de 1739, reunida em Mesa, a Irmandade do Santíssimo Sacramento decidiu lançar a arrematação “de todo o resto da obra” que faltava ser feita no templo.²⁰⁹ Contudo, sabe-se que “o resto da obra”, conforme se explicitou em linhas anteriores, só foi concluído trinta e cinco anos depois, em 1774, quando a capela-mor foi pintada e dourada. A demora na execução dos serviços deveu-se a alguns infortúnios ocorridos no período: falência do arrematante Antônio Francisco Pombal em 1744, falecimento do entalhador Francisco Xavier de Brito em 1751, infiltrações na capela-mor causadas por problemas técnicos na construção do zimbório (só demolido em 1770) e falta de recursos financeiros.

De acordo com o termo lavrado em dois de agosto de 1741, o arrematante Antônio Francisco Pombal já havia cortado as madeiras para forrar a capela-mor quando as irmandades de Nossa Senhora do Pilar e do Santíssimo Sacramento resolveram fazer um “acrescentamento” naquele espaço. Os contratantes prometeram pagar o prejuízo do material inutilizado depois que a obra fosse entregue e avaliada por quatro louvados.²¹⁰ Não obstante, em dezembro de 1744 Antônio Francisco Pombal declarou que “se via fallido de bens pellos contratempos que lhe havia acontecido” e que, em virtude disso, havia ajustado o término das

²⁰⁷ OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana...* op.cit., vol. II, p.40-41.

²⁰⁸ OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana...* op. cit., vol. II, p.42-45.

²⁰⁹ CC/CECO. Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Irmandade do Santíssimo Sacramento. TERMOS, ACÓRDÃOS E LEMBRANÇAS, Volume 224, Filme 011, fl.38.

²¹⁰ CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.41. De acordo com a tese de Rodrigo Almeida Bastos, o Sargento Mor engenheiro responsável pelo novo risco da capela-mor teria sido José Fernandes Pinto Alpoim e não Pedro Gomes Chaves, como havia suposto Carlos Del Negro e Germain Bazin. Sobre o assunto consulte: BASTOS, Rodrigo Almeida. *A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica...* op. cit., p.163,172-185.

obras com o mestre Antônio dos Santos Portugal.²¹¹ O arrematante substituto cumpriu com suas obrigações e recebeu em duas parcelas: a primeira foi paga em agosto de 1745 e a outra em março de 1746.²¹²

Trinta dias depois do último pagamento feito a Antônio dos Santos Portugal, o entalhador Francisco Xavier de Brito²¹³ e seu sócio, Antônio Henrique Cardoso, arremataram a talha e o zimbório da capela-mor. De acordo com o termo assinado em 13 de abril de 1746 tudo deveria ser feito “na forma do risco e condições” estabelecidas pelos procuradores das irmandades de Nossa Senhora do Pilar e do Santíssimo Sacramento.²¹⁴ Salieta-se que o risco mencionado no documento havia sido feito por Francisco Branco de Barros Barriga, mas em 1747 o entalhador Francisco Xavier de Brito apresentou novo risco com destacadas modificações no coroamento do retábulo, nichos das ilhargas e sacrário, sendo o seu projeto considerado pelas irmandades contratantes mais elegante e perfeito.²¹⁵

Após o início das obras de talha da capela-mor, duas avaliações foram feitas por peritos indicados pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e pelo próprio arrematante. Em dezembro de 1750 Francisco Xavier de Brito assinou o termo de consentimento, louvação e aprovação da obra. Na ocasião, o escrivão da irmandade precisou ir até a residência do entalhador para colher sua assinatura, visto que ele se encontrava em “perigo de vida p.^r cauza de molestia de doença grande”.²¹⁶ Em 1753, sob a administração de Domingos de Sá Rodrigues (fiador do falecido Brito), houve outra louvação e aprovação das obras. Contudo, em 1754 as irmandades financiadoras da capela-mor reuniram-se para deliberar sobre “erros e vícios de arquitetura” que se achavam no trono do retábulo e que deveriam ser “emendados”

²¹¹ CC/CECO. Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Irmandade do Santíssimo Sacramento. TERMOS, ACÓRDÃOS E LEMBRANÇAS, Volume 224, Filme 011, fl.74v-76.

²¹² CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.78 e 79v.

²¹³ HILL, Marcos César de Senna. Francisco Xavier de Brito: Um Artista Português Desconhecido no Brasil e em Portugal. *Revista do Instituto de Filosofia Arte e Cultura. IFAC/UFOP*. Ouro Preto, n. 3, dez. 1996. p.46-51.

²¹⁴ CC/CECO. Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Irmandade do Santíssimo Sacramento. TERMOS, ACÓRDÃOS E LEMBRANÇAS, Volume 224, Filme 011, fl.53.

²¹⁵ CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.57-57v.

²¹⁶ CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.66-66v.

para que ficasse com as “simetrias necessárias e o decoro devido a semelhante lugar”. Com o aceite de todos os presentes, concluiu-se “q se fizece a obra necessária p.^a a emmenda dos ditos erros como tambem o nicho ou lugar q. se inlleger maes comodam.^{te} p.^a a collocação da Imagem da ditta Snr.^a como padroeyra q. he desta matris.”²¹⁷ As obras requisitadas foram ajustadas no mesmo ano com o entalhador José Coelho de Noronha.²¹⁸

Terminados os serviços de conserto e melhorias do retábulo-mor, faltava ainda ser feita a decoração pictórica de toda a igreja. O assunto foi tratado em “mesa redonda” em 1755,²¹⁹ mas por falta de recursos financeiros a arrematação da pintura e douramento da nave só foi lançada em dezesseis de dezembro de 1767²²⁰ e ajustada com João de Carvalhais em fevereiro de 1768.²²¹ Os serviços foram louvados e entregues em duas etapas: a pintura do forro em 1769²²² e a da “simalha para baixo” em 1770.²²³ O termo de pintura e douramento da capela-mor foi assinado em agosto de 1771.²²⁴ Nessa ocasião o zimbório²²⁵ já havia sido demolido e o problema de infiltração de águas resolvido, o que permitiu a conclusão da ornamentação do templo em 1774²²⁶ – ano em que os serviços pictóricos foram aprovados e aceitos pelas irmandades contratantes.

²¹⁷ CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.83.

²¹⁸ CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.85.

²¹⁹ CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.92v-93-93v.

²²⁰ CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.126v-127.

²²¹ CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.127v-128.

²²² CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.130.

²²³ CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.132v-133.

²²⁴ CC/CECO. *Ibidem*, Volume 224, Filme 011, fl.137.

²²⁵ Sobre a construção, demolição e simbolismo do zimbório da capela-mor consulte BASTOS, Rodrigo Almeida. *A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica... op. cit.*, p.152-193.

²²⁶ CC/CECO. Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Irmandade do Santíssimo Sacramento. TERMOS, ACÓRDÃOS E LEMBRANÇAS, Volume 224, Filme 011, fl.139 v.

C2) A Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias

Em 1724, tendo em vista o péssimo estado do edifício da matriz de Nossa Senhora da Conceição, o Senado da Câmara de Vila Rica prometeu doar duas mil e quinhentas oitavas de ouro para a construção de outro templo:

Snor.

Reprezentandonos as Irmandades erigidas e fundadas em a Igreja de N. S.^a da Comceição desta Villa a incapassidade, perigo, e Ruina q ameassava a mesma Igreja por estarem suas madeiras podres, e com m.^{ta} indessencia aveneração do Culto devino com.^{ta} carença que havia de Reparos este damno por ser huma obra tão pia, como necessaria nos pedirão concorre este Sennado Como Cabeça desta Villa com huma porção suficiente p.^a se dar principio afazer huma nova Igreja visto se achar aq prezente exziste incapas não só de se conservar porem de todo o concerto; e porq.^e estes moradores se achão [ilegível]alcançados que com as suas esmollas não podião suprir a esta despeza tão neçessaria. Nos Rezolvemos por estas tão justas circunstançias a prometer lhe **Duas mil e quinhentas oitavas de ouro, com a clauzulla de darmos primeiro parte a V. Mag.^{de} p.^a que havendo^{as} asim por justo estarmos promptos p.^a sastisfação da dita promessa, e sendo esta menos asertada estamos sugeitos a não obrar couza alguma sem q. a Real ordem de V. Mag.^{de} a detremine por ser esta aq mais venera a nossa obdiênçia. A Real pessoa de V. Mag.^{de} g.^{de} D. m.^a a V.^a Rica em camara de 23 de Agosto de 1724.²²⁷**

Lamentavelmente o processo de edificação e ornamentação da nova Matriz do Antônio Dias não pode ser registrado em detalhes, pois grande parte da documentação paroquial e confrarial – em especial aquela produzida pela Irmandade do Santíssimo Sacramento (administradora das obras, como de costume) – foi perdida. Não obstante, com base no *Livro de Registros de Fatos Notáveis* – documento escrito em 1790 pelo capitão Joaquim José da Silva, o segundo vereador do Senado da Câmara de Mariana²²⁸ – tem-se a notícia de que a construção começou em 1727 (mesmo ano em que a coroa portuguesa autorizou a doação da quantia prometida pelo Senado da Câmara), sendo o mestre de obras reais Manuel Francisco Lisboa (o pai do Aleijadinho) o autor do risco do templo.

²²⁷ AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx: 5, Doc: 67. Representação dos oficiais da Câmara de Vila Rica, dando conta do mau estado e perigo que corria a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica e solicitando ordem para a sua obra.

²²⁸ Um trecho do *Livro de Registro de Fatos Notáveis* foi transcrito por Rodrigo José Ferreira Brêtas e publicado em 1858 no *Correio Oficial de Minas*. Apesar dos esforços dos pesquisadores do SPHAN, o referido documento escrito por Joaquim José da Silva em 1790 nunca foi encontrado nos arquivos de Minas Gerais. O trecho conhecido e transcrito pode ser consultado em: BRETAS, Rodrigo José Ferreira. *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 47-51.

A decoração interna da igreja, como de costume, foi realizada às expensas das agremiações religiosas de leigos fundadas no âmbito paroquial.²²⁹ Assim, oito altares-retábulos (confeccionados entre 1725 e 1745) foram instalados na nave. A talha da capela-mor foi executada entre 1760 e 1768 por Felipe Vieira e Jerônimo Félix Teixeira, os quais teriam substituído o risco feito anteriormente por Antônio Pereira de Souza Calheiros.²³⁰ A pintura e o douramento da talha da capela-mor foram realizados entre 1770 e 1772, sendo desconhecido o nome do executante deste serviço. Provavelmente por falta de recursos financeiros a decoração pictórica do forro deste recinto só foi executada na segunda metade do século XIX pelo italiano Lourenço Petriza.²³¹

²²⁹ Levando-se em consideração as datas mais recuadas encontradas nas fontes consultadas por Joaquim Furtado de Menezes, tem-se o seguinte quadro de confrarias fundadas na matriz: Irmandade de Nossa Senhora da Conceição (1717), do Santíssimo Sacramento (1717), de Nossa Senhora do Rosário (1719), de Nossa Senhora da Boa Morte (1721), de São Miguel e Almas (1725), de São José dos Bem Casados (1727), de Nossa Senhora do Terço (1736), de São Sebastião (1738), de São Gonçalo Garcia (1738), de Nossa Senhora das Mercês (1743) e de Nossa Senhora das Dores (1770), Santo Antônio (1786). cf. MENEZES, Joaquim Furtado de. *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto... op. cit.*, p. 95-111. BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o Poder... op. cit.*, p. 217. CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Roteiro Sagrado: Monumentos Religiosos de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Tratos Culturais/Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000. p. 55. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana... op. cit.*, vol. 2, p.30-33.

²³⁰ cf. BRETAS, Rodrigo José Ferreira. *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho... op. cit.*, p. 50. De acordo com Furtado de Menezes, a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição firmou contrato com Felipe Vieira em 26 de março de 1760, sendo o serviço de talha da capela-mor executado em parceria com Jerônimo Félix Teixeira em cinco anos. Contudo, no livro de Receita e Despesa da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição há o registro de pagamentos feitos à conta da talha até o ano de 1767/1768. Ivo Porto de Menezes considera que em “1768 – a talha da Capela Mor já estava pronta, necessitando de douramento.” cf. MENEZES, Ivo Porto. Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias em Ouro Preto. In: *Jornal O Arquidiocesano*. nº 1093, ano XXII, 24 de agosto de 1980. p. 2-3. MENEZES, Furtado de. A religião em Ouro Preto. In: *BI-CENTENÁRIO de Ouro Preto, 1711-1911; memória histórica*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1911. p. 292. MENEZES, Joaquim Furtado de. *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto... op. cit.*, p. 95, nota 66. Os pagamentos feitos a Felipe Vieira podem ser consultados no AEPNSC/Ouro Preto: Livro da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição (1726–1805). Códice 5.3.1. Estante 05, prateleira 25.

²³¹ Para mais informações sobre a edificação e a ornamentação interna da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica consulte: IPHAN/BH. *Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Antônio Dias)*, Ouro Preto. Arquivo Permanente, série 1., 30 de março de 1949. IPHAN/IEPHA. Dossier número OP/141 – *Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento*. Ouro Preto – Mariana, Fundação João Pinheiro, s.d. IPHAN. Caderno de Restauração: *Relatório da Restauração da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias*. Documento produzido pelo IEPHA, 1982. BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil... op. cit.*, vol. 2, p. 75-76. MENEZES, Joaquim Furtado de. *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto... op. cit.*, p. 95-96. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana... op. cit.*, vol. 2, p.27-37.

D) A Matriz da Vila de São João d'el Rey

A licença para se edificar na Vila de São João d'el Rey um novo templo matricial dedicado a Nossa Senhora do Pilar foi concedida pelo Bispo do Rio de Janeiro em 12 de setembro de 1721. Nessa ocasião, a primitiva capela que servia de sede paroquial – erguida no início do século XVIII à margem direita do córrego Lenheiro – encontrava-se “fora do corpo da Vila” e isso, segundo a Irmandade do Santíssimo Sacramento, dificultava a pronta administração do viático aos fregueses. Por esta razão, os confrades reunidos em Mesa solicitaram licença para demolir o antigo edifício e usar alguns de seus materiais para construir uma nova igreja em sítio mais conveniente e dentro do centro da vila.²³²

Provisão para fazerem a Igreja

O licenciado Gaspar Ribeiro Pereira, Tesoureiro-mor Dignidade na Sé Catedral desta Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, nela e em todo o seu Bispado Provisor e Juiz das Justificações de “genere” pelos Ilustríssimos Senhores do Cabido Sede Episcopal vacante. Aos que a presente minha provisão virem, saúde e paz para sempre e em Jesus Cristo Nosso Senhor que de todos é verdadeiro remédio, e salvação. Faço saber que por sua petição me enviaram a dizer o **Provedor, e mais Irmãos da Confraria do Santíssimo Sacramento da Matriz da Vila de São João Del-Rei, Minas do Rio das Mortes que eles suplicantes concorrem com uma graça esmola para erigir uma nova matriz**, obrigados não só do risco em que se acha a Igreja velha, **mas para poder-se remediar com prontidão a necessidade que padecem os moradores da dita Vila e seu termo na falta de Sacrário em que esteja o Santíssimo Sacramento para se administrar por viático aos enfermos, o que seria impossível não havendo igreja nova que esteja dentro do Corpo da Vila, e não tão fora como a antiga**, como tudo é notório, e porque lhes é necessário **Licença para poderem erigir a dita Igreja nova demolindo-se a antiga, para também poderem usar de alguns dos seus materiais em ajuda da dita obra** concedendo-se a dita graça costumada de que o Provedor, oficiais e Irmãos da Mesa em sua ordem possam ter suas sepulturas dentro

²³² Nos primeiríssimos anos do setecentos o arraial que outrora se formou às margens do Rio das Mortes estendeu-se pelo vale do córrego Lenheiro, onde foi construída a igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Em 1713, quando a Vila de São João d'el Rey foi instituída, o governador Dom Brás Baltasar da Silveira mandou levantar o pelourinho do outro lado do córrego – em sítio distante daquele em que se erigiu a sede paroquial – por considerar o local “mais capaz e conveniente para se continuar a dita vila”. Em 15 de abril de 1714, a mando do governador, publicou-se a seguinte ordem: “todas as pessoas que assistem no arraial novo se mudem para a parte que destinou para a fundação da vila, dentro de um ano, com cominação de que as que não obedecerem serão castigadas ao arbítrio de S. Ex^a.” Assim, em 1721 a Vila de São João d'el Rey estava plenamente estabelecida no lugar determinado pelas autoridades políticas e a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, como bem informou a Irmandade do Santíssimo Sacramento, encontrava-se fora do centro da urbe. cf. BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995. p. 317-319. (verbete São João Del-Rei). ALVARENGA, Luis de Melo. *Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar: São João Del-Rei – Minas Gerais – Brasil*. 2. ed. rev. e aum. Juiz de Fora: Impresso na Esdeva Empresa Gráfica Ltda, 1994. p. 11-13. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João del-Rei e Tiradentes*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010. vol. 1, p.23-43.

da Capela-mor até o Cruzeiro não só segundo o costume praticado em semelhantes confrarias, mas por se fazerem merecedores da dita graça no zelo, e dispêndio com que a mesma confraria se faz autora, e feitora da dita Igreja e se deve conceder se lhe que as covas que se derem aos defuntos fregueses sejam para a fábrica da dita Confraria que será Igreja feita à custa da sua fazenda, e as mais graças que como Padroeira deve merecer a dita confraria, pelo que nos pediam por fim de sua petição lhes fizéssemos mercê conceder **Licença para se fazer a dita igreja, em que assista contínuo o Santíssimo Sacramento, e poder-se também demolir a Igreja Velha para servirem na igreja nova alguns materiais, tudo com as clausulas pedidas, e receberiam mercê;** a qual petição sendo apresentada ao muito reverendíssimo cabido, ma remeteu por seu despacho; e atendendo eu ao referido na dita petição **Hei por bem pela presente minha Provisão de conceder Licença aos suplicantes para erigirem e fazerem esta Igreja e valerem-se de alguns materiais da velha, e lhe concedo todo o pedido na sua petição.** Dada nesta Cidade do Rio de Janeiro, sob meu sinal, e selo do muito reverendíssimo Cabido **aos doze dias do mês de setembro de mil sete centos e vinte e um anos** e eu o Cônego Álvaro de Matos Fulgueira. Escrivão da Câmara Eclesiástica que a subscrevi – Gaspar Ribeiro Pereira – Lugar do selo/Matos.²³³

A história do processo de construção da nova sede paroquial da Vila de São João d’el Rey e o nome dos artistas e artífices que realizaram serviços no edifício durante o século XVIII não pode ser contada em detalhes, pois, mais uma vez, fontes documentais foram perdidas. Contudo, sabe-se que em 1732 a estrutura arquitetônica e a ornamentação interna do templo erigido no alinhamento da rua Direita já estavam adiantadas, pois em petição enviada à coroa portuguesa o Provedor e mais irmãos do Santíssimo Sacramento informaram que já haviam despendido “consideravel fazenda” para fazer “a Igr^a. Matriz, e Capella-Mor da dita Villa tudo de paredes mestras, bons portais e grandesa”, “além de quinze mil cruzados q despenderão com a talha e Retabulo da Capella-mor”. Disseram também que gastaram “hum conto cento e quarenta e quatro mil quatro centos e trinta reis” para dourar e preparar a capela-mor “com o aceyo devido ao culto Divino” mandando vir de Lisboa “cem milheyros de ouro em folha, dois payneis hum da Mesa do S^{or} e outro do Senhor em Casa do Fariseu,²³⁴ gessos, oleos, tintas e mais prestos p a dita obra.” Ainda nesta mesma petição a Irmandade do Santíssimo Sacramento informou que faltava “forrar a dita Igr^a e paramenta-la de ornamentos,

²³³ Documento transcrito por ALVARENGA, Luis de Melo. *Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar... op. cit.*, p. 52-53. (grifos meus).

²³⁴ Estes dois painéis – a Última Ceia e Jesus em casa de Simão, o fariseu – foram instalados nas paredes laterais da capela-mor (esquerda e direita, respectivamente), sendo a autoria de ambos atribuída ao pintor português André Gonçalves. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João del-Rei e Tiradentes... op. cit.*, vol. 1, p.125, vol. 2, p.11.

alampadas, torre e sinos” para o que pediam ao Rei a restituição dos quintos que pagaram à Casa da Moeda de “1:144\$430 reis que mandarão p^a o gasto da dita Capella-mor”, uma “congrua annual p^a a dispesa do azeite da alampada do SS^{mo} Sacram^{to}” e “alguma ajuda de custo p^a as obras da dita Capella-mor e Igr^a”.²³⁵

Em 1750, de acordo com o relato coevo do português Jose Alvares de Oliveira – morador na Vila de São João d’el Rei – a nova matriz estava praticamente concluída. A fachada possuía duas torres com quatro sinos e adro elevado com cruzeiro. No interior do edifício quatro dos sete retábulos existentes (um na capela-mor e seis no corpo da igreja) já haviam sido dourados; as grades que guarneciam o arco do cruzeiro e formavam duas “coxias” para os altares laterais da nave estavam instaladas; o coro “com a sua talha assentada sobre três arcos” estava pronto; as paredes estavam circundadas pela cimalha real e as abóbodas da nave e capela-mor tinham “especiosas pinturas”.²³⁶

Entre a segunda metade do século XVIII e o início do XIX, conforme apontam os estudiosos, a igreja passou por reformas que modernizaram a decoração da capela-mor e da nave, mas sobre elas quase não há documentação escrita. A talha da capela-mor e do retábulo foram renovadas possivelmente entre os anos 1754 e 1758. Estudos estilísticos e comparativos realizados por especialistas apontam o entalhador José Coelho de Noronha como o autor do risco e o responsável pela execução desta obra, juntamente com sua oficina.²³⁷ Isso quer dizer que o retábulo que estava pronto em 1732 (data em que a Irmandade do Santíssimo requereu da

²³⁵ AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 28, Doc: 58. Requerimento do provedor e mais irmãos da Mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento da freguesia de Nossa Senhora do Pilar, da Vila de São João Del Rei, pedindo a restituição do pagamento que fizeram na Casa dos Quintos, e que lhes seja arbitrada cônica anual para a despesa do azeite da lâmpada do Santíssimo e ajudas de custo para as obras da capela-mor daquela Vila. Em anexo: 1 carta; 1 j. Ver também: AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 34, Doc: 67. Consulta do Conselho Ultramarino sobre o requerimento do provedor e mais irmãos da Mesa do Santíssimo Sacramento da freguesia de Nossa Senhora do Pilar, da Vila de São João Del Rei, Comarca do Rio das Mortes, no qual pedem a restituição dos quintos que pagaram na Casa da Moeda, que se lhes arbitre cônica anual e ajudas de custo para as obras da capela-mor e Igreja.

²³⁶ OLIVEIRA, Jozeph Alvares de. História do Distrito do Rio das Mortes, sua descrição, descobrimento de suas minas, casos acontecidos entre paulistas e emboabas e criação de suas vilas. In: *Origens Históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006.

²³⁷ cf. PEDROSA, Aziz José de Oliveira. *José Coelho de Noronha: artes e ofício nas Minas Gerais do século XVIII... op. cit.*, p. 120-135. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João del-Rei e Tiradentes... op. cit.*, vol. 2, p. 17-22.

Coroa Portuguesa “alguma ajuda de custo para as obras”) foi refeito na década de 1750 conforme o modismo e o gosto estético vigentes na época.²³⁸

A decoração da nave foi “modernizada” entre o final do século XVIII e o início do XIX. Nesta época o forro ganhou nova pintura atribuída ao pintor local Venâncio José do Espírito Santo e a talha dos seis retábulos erigidos a custas das irmandades leigas sediadas na matriz²³⁹ receberam complementos ornamentais. De acordo com Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira e Olinto Rodrigues dos Santos Filho, “uma observação mais atenta revela que todos os retábulos [da nave] passaram por adaptações sucessivas, podendo apresentar aspectos formais tanto do barroco inicial, quanto do joanino e do rococó.”²⁴⁰

E) A Matriz da Vila de São José d’el Rey (Tiradentes)

Conta a tradição que a Matriz de Santo Antônio começou a ser construída em 1710 no mesmo sítio onde oito anos antes havia sido erguida uma capela provisória também dedicada a Santo Antônio. Irremediavelmente o livro em que a Irmandade do Santíssimo Sacramento lançou as receitas e despesas de 1710 (ano de fundação

²³⁸ “Não subsistem em São João del-Rei e Tiradentes decorações do barroco nacional português, que sem dúvidas existiram nas capelas primitivas dos dois arraiais. É também provável que tenham sido desse estilo tanto a decoração da antiga Matriz de São João del-Rei no Morro da Forca quanto a da capela-mor da nova matriz, construída a partir de 1721, no alinhamento da rua Direita. No caso da nova matriz, seriam do barroco nacional português a talha e o retábulo, que já estavam prontos em 1732, quando a irmandade do Santíssimo mandou buscar em Lisboa cem milheiros de ouro em folha para o seu douramento, juntamente com dois painéis para a decoração das paredes laterais, representando a Mesa do Senhor e o Senhor em casa do fariseu. Não se trata evidentemente do atual retábulo, cujo vocabulário ornamental, incluindo ornamentos assimétricos, aponta já para o final da época joanina, a partir de 1750.” OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João del-Rei e Tiradentes...* op. cit., vol. 1, p. 123-125.

²³⁹ De acordo com Luis de Melo Alvarenga a Irmandade de Nossa Senhora do Pilar foi instituída pouco tempo depois das agremiações religiosas dedicadas ao Santíssimo Sacramento (1711) e a São Miguel e Almas (1716); a Ordem Terceira do Carmo foi ereta na matriz, tendo pedido autorização para erigir capela própria em 1732. ALVARENGA, Luis de Melo. *Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar...* op. cit., p. 45-46. A fundação da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, conforme consta em seu livro de compromisso reformado em 1786, é anterior a 1735. (AEDSJDR, Irmandade de N. Sra. da Boa Morte: Compromisso (1786), folha dois). Conforme Caio César Boschi a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário foi instituída em 1708 e a do Senhor dos Passos em 1733. BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder...* op. cit., p. 223-224. As Irmandades de Nossa Senhora da Conceição e a de Santana não foram referenciadas em nenhum dos estudos supracitadas, o que faz pensar que, provavelmente, elas não se instituíram oficialmente e permaneceram como devoção.

²⁴⁰ OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João del-Rei e Tiradentes...* op. cit., vol. 2, p. 27.

desta associação religiosa de leigos) até 1736 foi perdido e, por isso, não se tem notícias sobre as obras realizadas durante este período. Contudo, sabe-se que em 1732 a estrutura arquitetônica já estava adiantada, pois em requerimento enviado à coroa portuguesa – com parecer favorável do procurador da Real Fazenda – os irmãos do Santíssimo Sacramento pediram uma ajuda de custo de sessenta mil cruzados para forrar, assoalhar, fazer retábulos, dourá-los e prover o templo com os mais ornamentos necessários para o culto divino:

Diz a Irmandade do Ss^{mo} Sacram^{to} da Igreja Matris da V^a de S. Joseph Minas do Ryo das Mortes q os supp^{tes} com grave despeza das suas fazendas fizerão **hua Igreja Nova de paredez Mestras de Taipas de Pillão, pella antiga ser depau apique, pequena e seachar aruinada**, emq tem gasto perasima de sesenta mil cruz^{os} [cruzados] e seachão hoje impossibilitados p^a poderem continuar a ornar a d^a Igr^a **por seachar por forrar e assoalhar fazer retabollos dourallos e os ornam^{tos} precizos p^a o culto e veneração do Ss^{mo} Sacram^{to}, p^a oq necessita demais de outros sesenta mil cruz^{os}**, e como ad^a Igr^a seja do Padroado da Ordem de [Cristo], e os dizimos do seu districto estejam adjudicados ad^a Ordem q rendem o melhor de 4 arobaz de ouro V Mag^{de} como Padroeiro deve concorrer p^a a fabrica e ornato della.

Pa V Mag^{de} lhe faça m^{ce} com a sua Real Grandeza mandar hua esmolla p^a se poder acabar de ornar, e apartamentar a d^a Igreja doq necessita visto oq allegas.²⁴¹

De acordo com o pesquisador Olinto Rodrigues dos Santos Filho a partir de 1736 houve um acrescentamento longitudinalmente na nave, o que demandou a contratação de vários mestres pedreiros. Entre 1743 e 1744 o fundo da capela-mor foi aprofundado por Nicolau de Sousa Guedes, possibilitando o encaixe do camarim do retábulo principal executado pelo entalhador João Ferreira Sampayo. Em 1750 as paredes da sacristia foram apumadas e rebocadas, sendo este recinto equipado com um lavabo de pedra. Entre 1764 e 1765 Silvestre Barbosa e José Rodrigues arremataram o assoalhamento da capela-mor, tendo o corpo da igreja recebido campas numeradas em 1774 (serviço realizado pelo carpinteiro Manuel José de Oliveira). Ressalta-se que até a primeira década do oitocentos obras de

²⁴¹ AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 21, Doc: 15. Requerimento da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz da Vila de São José do Rio das Mortes, solicitando a D. João V a concessão de ajuda de custo para poder ornar e apartamentar a referida Igreja. Em anexo 2 cartas; 2 provisões. (A grafia original foi mantida. Grifos meus). Ver também: AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 21, Doc: 36. Requerimento dos irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz da freguesia da Vila de São José, solicitando a D. João V a atribuição de esmola para poder ornar e apartamentar a referida Igreja. AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 26, Doc: 46. Carta de António Berquó Del Rio, provedor da Fazenda Real das Minas, informando, com o seu parecer, sobre a pretensão da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de São José do Rio das Mortes em se lhe conceder esmola para ornar e apartamentar a referida Igreja. A margem: 1 provisão (cópia).

acabamento, ornamentação, reformas e acrescentamentos continuaram no interior do templo, nos consistórios das confrarias (cômodos laterais localizados atrás dos retábulos da nave), bem como na fachada, torres e adro da matriz.²⁴²

Olinto Rodrigues dos Santos Filho afirma que “a documentação contida no segundo livro [de receitas e despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento], que se inicia em 1736, nos dá a certeza de que o retábulo do altar-mor teve início nessa época, pois já no citado ano são recolhidas esmolos ‘que se prometeram para o retábulo’.”²⁴³ O pesquisador informa ainda que o entalhador português João Ferreira Sampaio, juntamente com sua oficina, executou primeiramente a talha do altar-retábulo – que ficou fechado por um painel pintado por João Batista da Rosa entre 1736 e 1737²⁴⁴ –, tendo concluído a parte referente ao camarim e ao trono somente em 1747 (depois do acrescentamento feito no fundo da capela-mor pelo mestre pedreiro Nicolau de Souza Guedes). Entre os anos 1740 e 1748 João Ferreira Sampaio executou a talha que revestiu o arco do cruzeiro e as ilhargas da capela-mor. Salienta-se que o forro deste recinto (em abóboda de aresta quadripartida) e o da nave foram pintados, possivelmente, por Antônio de Caldas entre 1750 e 1751, quando o mesmo arrematou o douramento e a pintura da igreja.²⁴⁵

O conjunto retabulístico da nave, como de costume, foi composto e custeado pelas irmandades leigas sediadas na matriz.²⁴⁶ Os mais antigos, cuja talha é anterior

²⁴² SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes... op. cit.*, p. 31-53. Este livro foi redigido com base em excelente pesquisa documental, tendo o seu autor descrito em detalhes as obras de edificação (a partir de 1736), acrescentamentos, reformas, reedificações e ornamentação interna da Matriz de Santo Antônio, bem como nome dos artistas e artífices que receberam pagamentos para a execução dos serviços.

²⁴³ SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes... op. cit.*, p. 81.

²⁴⁴ O painel da boca da tribuna pintado por João Batista da Rosa entre 1736 e 1737 foi restaurado e hoje está exposto na nave, logo à entrada do templo, no lado da epístola. Nele o pintor representou o milagre eucarístico narrado na hagiografia de Santo Antônio. Ressalta-se que João Batista da Rosa também pintou entre 1736 e 1737 as duas telas ovais da capela-mor: as bodas de Caná (no lado da epístola) e a Última Ceia (no lado do evangelho). SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes... op. cit.*, p. 95-96.

²⁴⁵ Sobre o retábulo e toda a obra de talha realizada por João Ferreira Sampaio e sua oficina na capela-mor, arco do cruzeiro e nave consulte: SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes... op. cit.*, p. 81-91. Sobre a pintura dos forros leia as páginas 91; 99-101. Sobre a talha da tribuna do coro leia as páginas 96-98.

²⁴⁶ Irmandade do Santíssimo Sacramento (fundada em 1710), do Senhor Bom Jesus dos Passos (1721 – data de sua fundação na antiga capela do arraial do córrego dedicada a Nossa Senhora do

a 1730, encontram-se próximos ao arco do cruzeiro (lado do evangelho e da epístola, respectivamente). Os dois seguintes foram executados pelo entalhador Pedro Monteiro de Souza entre 1730 e 1737, tendo sido concluído o do lado do evangelho em 1734. Os dois últimos foram executados entre 1730 e 1740, não se conhecendo a autoria dos mesmos.²⁴⁷

Bom Despacho; 1727 – data de sua transferência para a Matriz de Santo Antônio), do Bom Jesus do Descendimento (1727/1728), de São Miguel e Almas (1721), de São João Evangelista (1740), da Caridade dos Escravos de Nossa Senhora da Piedade (1746), de Nossa Senhora da Conceição dos Estudantes (irmandade de devoção criada por volta de 1756/1757) e de Nossa Senhora do Terço (1745). cf. SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes... op. cit.*, p. 151-162. BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder... op. cit.*, p. 224.

²⁴⁷ SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *A matriz de Santo Antônio em Tiradentes... op. cit.*, p. 103-120.



ANEXO 3

MISSALE ROMANUM EX DECRETO SACROSANCTI CONCILII TRIDENTINI RESTITUTUM. PII V. PONT. MAX. IUSSU EDITUM, ET CLEMENTIS VIII. PRIMUM, NUNC DENVO URBANI PAPAE OCTAVI AUCTORITATE RECOGNITUM... PARISIIS, Impensis Societatis Typographicae librorum Officii Ecclesiastici iussu Regis constitutae. M.DC.XXXVI. Cum Privilegijs Pont. Max. & Franc. Regis Christianissimi. p. 189. (A página digitalizada apresenta a cerimônia de transladação do Santíssimo Sacramento para o sepulcro após a celebração da missa na quinta-feira da Semana Santa. A tradução feita pelo teólogo Francisco Tabroda, SJ, está registrada logo a seguir).



¶ Hodie Sacerdos consecrat duas Hostias, quarum unam sumit, alteram reseruat pro die sequenti, in quo non conficitur Sacramentum: reseruat etiam aliquas particulas consecratas, si opus fuerit pro infirmis: sanguinem vero totum sumit: & ante ablutionem digitorum ponit Hostiam reseruatam in alio Calice, quem Diaconus palla & patena cooperit, & desuper velum expandit, & in medio Altaris collocat. Deinde fit Communio, & completur Missa. Sacerdos autem genuflectit, quando cumq; accedit, vel recedit à medio Altaris, vel transit ante Sacramentum in Calice reseruatum: & cum dicere debet **Dominus vobiscum**, non vertit se ad populum in medio Altaris, ne terga vertat Sacramento, sed à latere Euangelij: & in fine ibidem dat benedictionem, & non perficit circulum.

Communio. **Dominus Iesus**, postquam coenauit cum discipulis suis, lauit pedes eorum, & ait illis: Scitis quid fecerim vobis ego Dominus & Magister? exemplum dedi vobis, ut & vos ita faciatis. Postcomm.

Refecti vitalibus alimentis, quæsumus Domine Deus noster: ut, quod tempore nostræ mortalitatis exequimur, immortalitatis tuæ munere consequamur. Per Dominum. Dicitur, **Ite missa est**. & datur benedictio, & legitur Euangelium sancti Ioannis, in cuius initio Sacerdos non signat Al-

tare, sed seipsum tantum.

¶ Hodie paratur locus aptus in aliqua Capella Ecclesiæ, vel Altari, & decenter quoad fieri potest ornatur cum velis & luminibus, ubi Calix cum Hostia ut supra reseruata, reponatur. Finita autem Missa, accenduntur intorticia, & fit processio more solito, alio tamen Subdiacono parato Crucem ferente. Celebrans indutus pluuiali albo, stans ante Altare, imponit incensum in duobus thuribulis absque benedictione, deinde in medio genuflexus, cum altero incensat ter Sacramentum: & accepto Calice cum Sacramento de manu Diaconi stantis, & cooperto extremitatibus veli, quo eius humeri teguntur, procedit medius inter eundem Diaconum à dextris, & Subdiaconum à sinistris sub baldachino, duobus Acolythis Sacramentum continuè incensantibus usque ad locum præparatum, ubi pro crastino seruandum est. Interea dum fit processio, cantatur hymnus. **Pange lingua gloriosum Corporis mysterium**. Cum autem ventum fuerit ad locum paratum, Diaconus genuflexus à Sacerdote stante accipit Calicem cum Sacramento, & ponit illum primo super Altare, ubi à Sacerdote genuflexo incensatur, ut supra: deinde reponitur in capsula. Postea in Choro dicuntur Vesperæ sine cantu. Et Sacerdos cum ministris denudet Altaria,

“Diz-se **Ite, missa est**, e dá-se a bênção, e lê-se o Evangelho de São João, em cujo início o sacerdote não persigna o altar, mas só a si mesmo. Hoje, prepare-se um lugar apto em alguma capela ou altar da igreja, e, quanto seja possível, adorne-se como convém com velas e lamparinas, onde se coloque o cálice com a hóstia, reservada como acima [descrito]. Acabada, porém, a missa, acendem-se archotes e faz-se a procissão do modo costumeiro, com outro subdiácono paramentado, levando a cruz. O celebrante, revestido de capa de asperges branca, de pé diante do altar, põe incenso em dois turíbulos sem bênção. Depois, ajoelhado no centro, incensa com um deles [dos turíbulos] três vezes o sacramento. E, tendo recebido da mão do diácono o cálice com o sacramento, e coberto com as extremidades do véu com que estão cobertos seus ombros, caminha entre o mesmo diácono, à direita, e o subdiácono, à esquerda, sob o pálio (baldaquim), enquanto dois acólitos continuamente incensam o sacramento, até o lugar preparado, onde deve ser conservado para o dia seguinte. Nesse ínterim, enquanto se faz a procissão, canta-se o hino **Pange, língua, gloriosi Corporis mysterium**. Quando tiver chegado ao lugar preparado, o diácono, de joelhos, recebe do sacerdote que está de pé, o cálice com o sacramento e põe-no primeiro sobre o altar, onde é incensado pelo sacerdote, de joelhos, como acima: depois o coloca no cofrinho. Depois, no coro, dizem-se as vésperas sem canto.”



ANEXO 4

AHU – Cons. Ultram. – Brasil/MG – Cx.: 114, Doc: 8. Requerimento do Provedor e mais oficiais da Irmandade do Santíssimo Sacramento da freguesia e catedral de Mariana, pedindo que seja construída, às expensas da Fazenda, uma capela na referida catedral, dedicada ao dito Santo.





INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

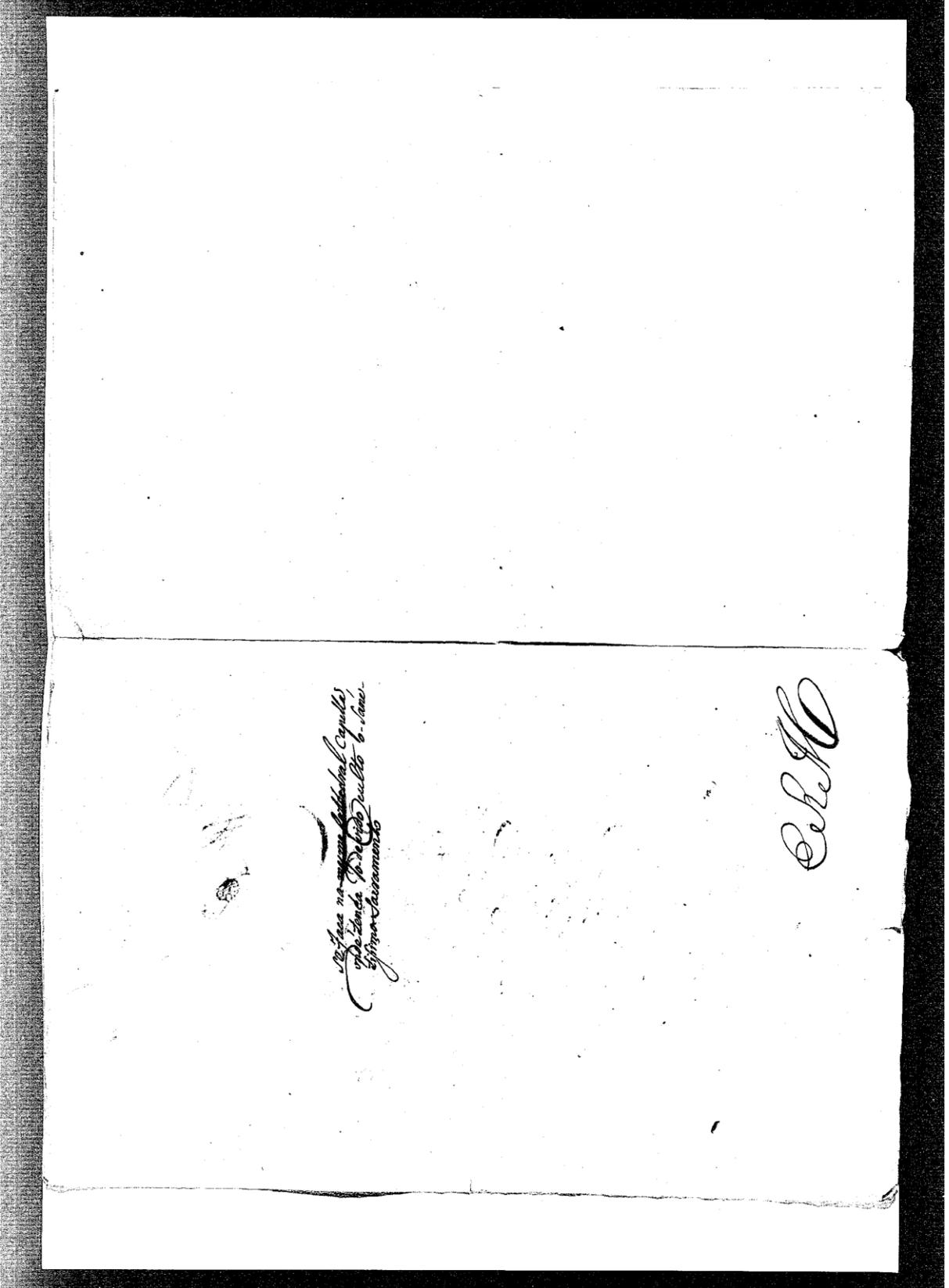
MINAS GERAIS

Jan 1779

Janeiro 13

caixa: 114 doc: 8
missão: ano: 1779 mês: 1 dia: 13 local: Sacramento de Espirito, e cidade de Mariana, pedindo que seja consultada, as expensas da Fazenda, uma capela na referida cidade, dedicada ao São Sebastião.
código: 9183

Caixa 114 Doc. N.º 8



*no se sabe no se sabe
no se sabe no se sabe
no se sabe no se sabe
no se sabe no se sabe*

Ch. H.